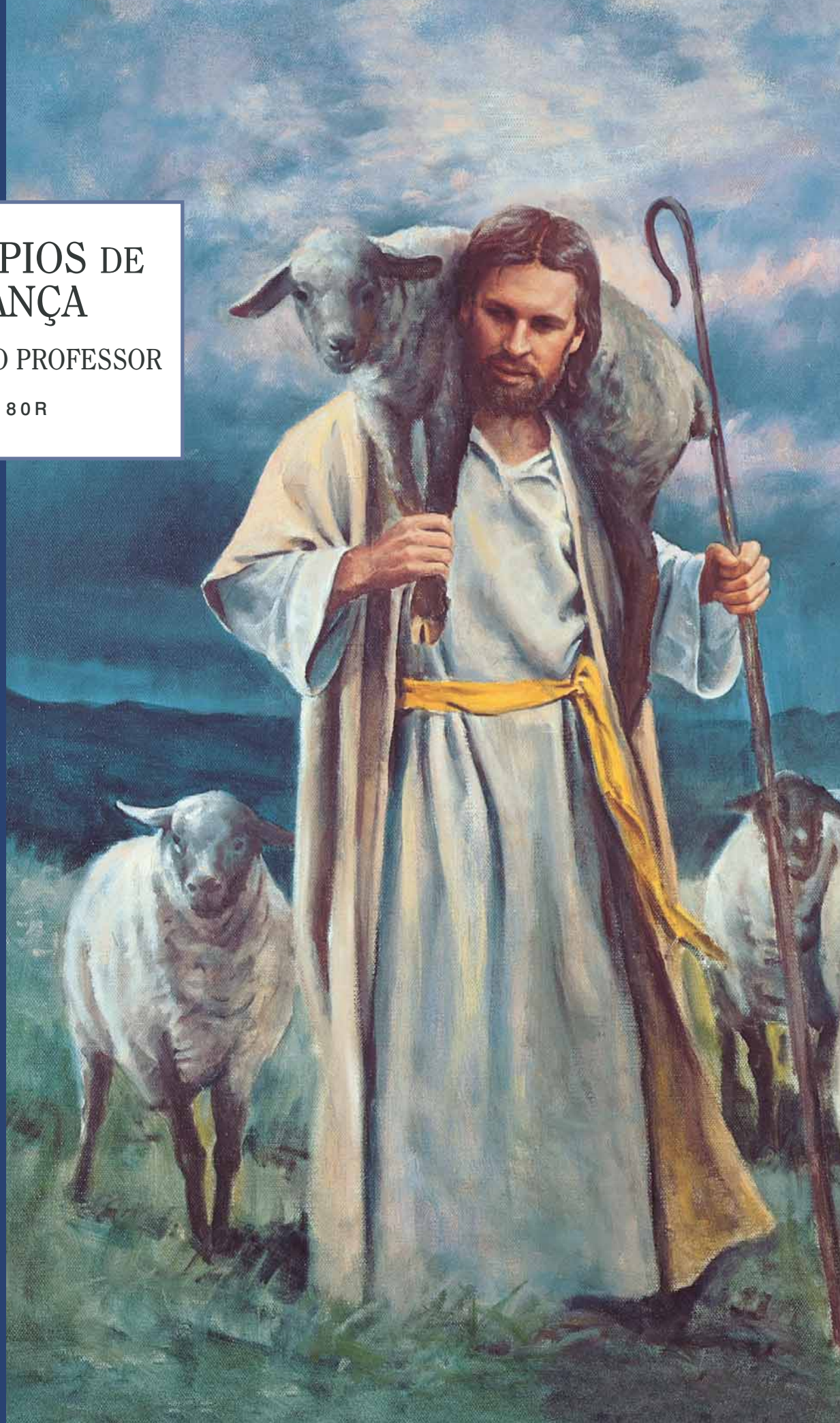


PRINCÍPIOS DE LIDERANÇA

MANUAL DO PROFESSOR

RELIGIÃO 180R



PRINCÍPIOS DE LIDERANÇA MANUAL DO PROFESSOR

Religião 180R

Preparado pelo
Sistema Educacional da Igreja

Publicado por
A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
Salt Lake City, Utah

Envie seus comentários e correções,
inclusive erros tipográficos para
CES Editing, 50 E. North Temple Street,
Floor 8, Salt Lake City, UT 84150-2722, USA.
E-mail: <ces-manuals@ldschurch.org>

© 2001, 2003 Intellectual Reserve, Inc.
Todos os direitos reservados
Impresso no Brasil

Aprovação do inglês: 5/99
Aprovação da tradução: 5/99
Tradução de Principles of Leadership Teacher Manual: Religion 180r
Portuguese

SUMÁRIO

Introduçãov
Lição 1	Líderes e Nosso Potencial Divino1
	Élder Vaughn J. Featherstone, Trechos de <i>The Incomparable Christ: Our Master and Model</i>3
Lição 2	Honrar o Arbítrio Daqueles Que Lideramos7
	Irmão Neal A. Maxwell, “Looking at Leadership”9
Lição 3	Tornar-se um Bom Pastor14
	Élder James E. Faust, “Destes Farei Meus Líderes”15
Lição 4	Dar um Bom Exemplo20
	Presidente Gordon B. Hinckley, “Conselhos e Oração do Profeta para os Jovens” ...21
Lição 5	Aprender Nossos Deveres como Líderes28
	Élder Dallin H. Oaks, “Parental Leadership in the Family”29
Lição 6	Servir as Pessoas a Quem Lideramos33
	Élder Vaughn J. Featherstone, Trechos de <i>More Purity Give Me</i>35
	Élder M. Russell Ballard, Trechos de “The Greater Priesthood: Giving a Lifetime of Service in the Kingdom”36
Lição 7	Aprender a Liderar com Caridade38
	Irmão Stephen D. Nadauld, Trechos de <i>Principles of Priesthood Leadership</i>40
Lição 8	A Liderança Frequentemente Requer Sacrifício44
	Élder Gordon B. Hinckley, <i>The Loneliness of Leadership</i>45
Lição 9	Abordar a Liderança com Alegria48
	Élder Joseph B. Wirthlin, “As Lições Aprendidas na Jornada da Vida”49
Lição 10	Estabelecer Prioridades57
	Élder M. Russell Ballard, “Manter em Equilíbrio as Exigências da Vida”60
Lição 11	Honrar o Sacerdócio e as Mulheres64
	Élder Russell M. Nelson, “Honoring the Priesthood”66
Lição 12	Ajudar as Pessoas a Ocuparem-se Zelosamente71
	Élder Hugh B. Brown, “O Pé de Groselha”73
	Irmã Margaret D. Nadauld, “A Alegria de Ser Mulher”74
Lição 13	O Trabalho de Liderança78
	Élder Mark E. Petersen, “The Image of a Church Leader”79
Lição 14	Liderança e Conselhos84
	Élder M. Russell Ballard, “Strength in Counsel”86
	Élder M. Russell Ballard, “Counseling with Our Councils”90

Lição 15	A Importância de Delegar93
	Presidente N. Eldon Tanner, “The Message: Leading as the Savior Led”95
Lição 16	Princípios Referentes ao Processo de Tomar Decisões99
	Presidente Ezra Taft Benson, “Suggestions on Making Decisions”99
Lição 17	Realizar Reuniões Bem-Sucedidas105
	Presidente Boyd K. Packer, <i>A Ordem Não Escrita das Coisas</i>106
Lição 18	Introspecção113
	Presidente Spencer W. Kimball, “Jesus: The Perfect Leader”114

INTRODUÇÃO

OBJETIVO DO CURSO RELIGIÃO 180R

O curso Religião 180R, *Princípios de Liderança*, apresenta aos alunos princípios de liderança e métodos que irão ajudá-los a liderar de modo satisfatório para Jesus Cristo, o líder perfeito. Conforme explicou o Presidente Spencer W. Kimball: “Será muito difícil sermos bons líderes a menos que reconheçamos a realidade do líder perfeito, Jesus Cristo, e deixemos que Ele seja a luz que nos mostre o caminho!” (“Jesus: The Perfect Leader”, *Ensign*, agosto de 1979, p. 7.)

À medida que a Igreja cresce, maior se torna a necessidade de prepararmos novos líderes. Os membros da Igreja podem aprender a ser líderes. O Presidente Gordon B. Hinckley citou esta declaração do General do Exército dos Estados Unidos Mark W. Clark: “Ao contrário do que diz o velho ditado, os líderes não nascem feitos. A arte de liderar pode ser ensinada e pode ser aprendida”. (*Teachings of Gordon B. Hinckley*, 1997, p. 306.)

Princípios de Liderança é um curso de um crédito, com uma aula por semana. Ele pode ser ministrado a todos os alunos ou adaptado para grupos específicos, como o de líderes de conselho estudantil do instituto de religião. Se o curso for ministrado para um grupo específico, não deixe de incluir um aviso depois do nome do curso na programação de aulas (por exemplo: “Para líderes do conselho estudantil”). Embora o curso *Princípios de Liderança* tenha sido planejado para ter a duração de um semestre, você pode complementar as aulas com material adicional a fim de atender às necessidades locais, de modo que haja material para um ano de curso para o conselho estudantil do instituto.

O *Manual do Professor de Princípios de Liderança* inclui mais lições do que seria possível ensinar num semestre de 15 semanas. As lições adicionais permitem que os professores tenham certa flexibilidade ao decidir os assuntos a serem apresentados em classe. Nas aulas com período letivo de 9 semanas, as lições podem ser arranjadas em dois grupos de nove para serem ministradas em dois períodos letivos consecutivos. O curso do primeiro período letivo, Religião 180R, e o curso do segundo período letivo, Religião 181R, podem ambos serem chamados de Princípios de Liderança.

MANUAL DO PROFESSOR DE PRINCÍPIOS DE LIDERANÇA

O *Manual do Professor de Princípios de Liderança* inclui uma lição sobre cada um de um conjunto de dezoito princípios de liderança tirados das escrituras. A ordem em que você irá apresentar as lições pode ser adaptada de acordo com a situação. Pode ser necessária mais de uma aula para se abordar adequadamente alguns dos princípios. Organize as lições de modo a poder discutir os princípios que considere mais importantes para seus alunos, ao prepararem-se para cargos de liderança na Igreja, escola, comunidade e no lar.

Cada lição começa com uma escritura da qual é extraído um princípio geral de liderança. Além disso, cada lição inclui:

- *Conceitos da Lição*—Princípios específicos para ajudar os alunos a colocar em prática o princípio geral de liderança.
- *Comentário*—Explicações dos conceitos da lição, incluindo escrituras adicionais e declarações das Autoridades Gerais.
- *Sugestões didáticas*—Métodos sugeridos para o ensino dos conceitos.
- *Recursos para o professor*—Discursos ou artigos escritos pelas Autoridades Gerais relacionados aos princípios de liderança. Seguem-se perguntas para estudo.

Os discursos da seção de recursos para o professor e as perguntas que os acompanham visam ajudar você, como professor, a preparar as aulas. Você também pode usar os discursos e perguntas em classe ou entregá-los aos alunos como apostila. Observe que alguns dos discursos estão diretamente relacionados à lição, enquanto que outros abordam temas gerais de liderança.

Esperamos que este manual do professor o ajude a preparar futuros líderes e a realizar a esperança do Presidente Ezra Taft Benson: “Amados jovens, vocês precisarão passar por dificuldades e tentações; mas há grandes momentos de eternidade adiante. Vocês têm o nosso amor e confiança. Oramos para que estejam preparados para assumir cargos de liderança. Dizemos a vocês: ‘Erguei-vos e brilhai’ (D&C 115:5), sendo uma luz para o mundo e um exemplo para as pessoas”. (“To ‘the Rising Generation’”, *New Era*, junho de 1986, p. 8.)

LÍDERES E NOSSO POTENCIAL DIVINO

“Lembrai-vos de que o valor das almas é grande à vista de Deus.” (D&C 18:10)

PRINCÍPIO DE LIDERANÇA

A compreensão de nosso potencial divino ajuda os líderes a guiarem as pessoas a Jesus Cristo.

CONCEITOS DA LIÇÃO

1. Temos potencial divino porque somos filhos do Pai Celestial.
2. Jesus Cristo é nosso Salvador.
3. Os líderes devem seguir a Regra de Ouro do evangelho. (Ver Mateus 7:12.)

CONCEITO 1. TEMOS POTENCIAL DIVINO PORQUE SOMOS FILHOS DO PAI CELESTIAL.

COMENTÁRIO

O salmista perguntou: “Que é o homem mortal para que te lembres dele?” (Salmos 8:4) Algumas pessoas acreditam que o homem é simplesmente um animal racional motivado por instintos, influências socioeconômicas ou sua agressividade natural. Alguns crêem que o comportamento do homem é controlado pela promessa de recompensas ou a ameaça de castigos. Algumas pessoas dizem que nossa existência não tem qualquer sentido.

Muito pelo contrário, os santos dos últimos dias sabem que todas as pessoas são filhas do Pai Celestial e têm o potencial de tornarem-se semelhantes a Ele. (Ver Atos 17:29; Efésios 4:6; Hebreus 12:9.) A admoestação do Salvador de que nos tornemos perfeitos como Ele é uma evidência de nosso potencial divino.

Creemos que todas as pessoas têm grande valor (ver D&C 18:10, 15), que são capazes de discernir o certo do errado (ver 2 Néfi 2:5), que graças à Expição de Jesus Cristo elas são livres para escolher o bem ou o mal (ver vv. 26–27) e que são, portanto, responsáveis por suas escolhas (ver v. 10). Declaramos que o propósito de Deus ao estabelecer o plano de salvação é o de que tenhamos alegria. (Ver v. 25.)

SUGESTÃO DIDÁTICA

Desenhe uma linha vertical bem no meio do quadro-negro. No lado esquerdo escreva o título *Algumas Visões do Mundo acerca da Natureza*

Humana. No lado direito escreva o título *Crenças SUD a respeito da Natureza Humana.* Discuta o comentário acima e escreva um resumo da visão do mundo e do conhecimento revelado acerca de nossa natureza e potencial, embaixo dos devidos títulos. Chame a atenção dos alunos para nosso conhecimento, como santos dos últimos dias, de que somos filhos do Pai Celestial com o potencial de tornar-nos semelhantes a Ele.

Discuta como nosso conhecimento de quem somos e do que podemos vir a ser nos ajuda a sermos melhores líderes. Incentive os alunos a desenvolver uma compreensão mais profunda da natureza humana e do plano de salvação. Diga aos alunos que isso irá aumentar seu desejo e capacidade de conduzir pessoas a Jesus Cristo.

Discuta como nosso entendimento de nossa natureza divina pode influenciar o planejamento de programas da Igreja e para a família.

Peça aos alunos que leiam Moisés 1:27–39. Discuta perguntas como estas:

- O que esses versículos nos ensinam sobre quem somos?
- O que esses versículos nos ensinam sobre nosso potencial?
- Acham que Moisés estava mais bem capacitado a liderar seu povo depois da visão descrita nesses versículos? Por quê?
- Que verdades vocês vêem nesses versículos que podem ajudá-los a serem um líder melhor?

Separe a classe em pequenos grupos. Diga a cada grupo que imagine que foram chamados para planejar uma conferência de jovens da estaca. Peça-lhes que façam um esboço da

conferência e planejem atividades que irão ajudar os jovens a saber que são filhos do Pai Celestial e que têm um potencial divino. Peça aos grupos que ponderem como os planos da conferência seriam diferentes se fossem feitos por uma organização secular para um grupo semelhante de jovens. Conceda-lhes algum tempo para concluírem seu planejamento e depois peça que façam um relato para a classe.

CONCEITO 2. JESUS CRISTO É NOSSO SALVADOR.

COMENTÁRIO

Nossa visão da natureza humana é influenciada pela nossa compreensão da natureza e missão de Jesus Cristo. O evangelho ensina que Jesus é o Messias, nosso Salvador, e o Filho Divino de Deus, o Pai.

Um anjo disse a Néfi: “Estes últimos registros [o Livro de Mórmon] (...) confirmarão a verdade dos primeiros [a Bíblia](...) e mostrarão a todas as tribos, línguas e povos que o Cordeiro de Deus é o Filho do Pai Eterno e o Salvador do mundo; e que todos os homens devem vir a ele, pois do contrário não poderão ser salvos”. (1 Néfi 13:40)

O Salvador sabia desde a Sua infância que Sua missão fazia parte do plano de Seu Pai Celestial. Conforme o Élder Neal A. Maxwell, do Quórum dos Doze, explicou: “Ele sabia muito, sendo extremamente jovem”. (*Men and Women of Christ*, 1991, p. 115.) O Apóstolo João escreveu que Jesus “a princípio não recebeu da plenitude, mas continuou de graça em graça, até receber a plenitude”. (Ver D&C 93:13.) À medida que prosseguiu o ministério de Cristo, Ele falou a outros acerca de Sua identidade e missão. Ele disse a Seus discípulos: “Eu e o Pai somos um”. (João 10:30) Para a mulher samaritana junto ao poço de Jacó Ele revelou que era o tão esperado Messias. (Ver João 4:19–26, 42.) O Élder Bruce R. McConkie, que foi membro do Quórum dos Doze, resumiu o testemunho que o Senhor prestou acerca de Si mesmo junto ao tanque de Betesda: “Ele agia pelo poder do Pai; levaria a efeito a ressurreição; seria honrado juntamente com o Pai; haveria de julgar todos os homens; pregaria aos espíritos em prisão e abriria as sepulturas dos que partiram da Terra; Ele tinha vida em Si mesmo, assim como o Pai; tudo isso e muito, muito mais. [Ver João 5.]” (*The Promised Messiah: The First Coming of Christ*, 1978, p. 154.)

Amuleque explicou aos zoramitas: “Pois é necessário que haja uma expiação; porque, de acordo com o grande plano do Deus Eterno, deverá haver uma expiação; do contrário, toda a humanidade inevitavelmente perecerá. (...)”

Porque é necessário que haja um grande e último sacrifício; sim, não um sacrifício de homem nem de animal nem de qualquer tipo de ave; pois não será um sacrifício humano; deverá, porém, ser um sacrifício infinito e eterno. (...)

E eis que este é o significado total da lei, cada ponto indicando aquele grande e último sacrifício; e aquele grande e último sacrifício será o Filho de Deus, sim, infinito e eterno.” (Alma 34:9–10, 14.)

SUGESTÃO DIDÁTICA

Peça aos alunos que encontrem passagens das escrituras que descrevam aspectos da personalidade divina ou propósito de Jesus Cristo. Peça a alguns que leiam uma passagem que encontraram para a classe. Discuta o que as escrituras e os profetas modernos ensinam sobre Jesus Cristo e o que Ele fez por nós por meio de Seu sacrifício expiatório.

Explique aos alunos que a Expiação é o ponto central do plano de salvação. Ela torna possível nossa ressurreição e nosso retorno a nosso lar celestial. Discuta por que é importante que a família e os líderes da Igreja compreendam o papel de Jesus Cristo no plano.

CONCEITO 3. OS LÍDERES DEVEM SEGUIR A REGRA DE OURO DO EVANGELHO.

COMENTÁRIO

Os líderes devem tratar as pessoas com bondade e respeito. Toda pessoa é um filho de Deus com potencial divino por quem o Salvador sofreu e morreu. É mais provável que as pessoas reajam positivamente a líderes que demonstrem amor e respeito por elas.

O Salvador ensinou “Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei e os profetas”. (Mateus 7:12) Esse ensinamento tornou-se conhecido como a Regra de Ouro.

Alma ensinou: “O Senhor concede a todas as nações que ensinem a sua palavra em sua própria nação e língua, sim, em sabedoria, tudo o que ele acha que devem receber”. (Alma 29:8) Não é de se admirar que haja pessoas a quem o evangelho não foi revelado mas que compreendem muitas verdades do evangelho.

Muitas religiões possuem preceitos semelhantes a esse ensinamento do Salvador. O quadro a seguir relaciona várias delas.

Judaísmo	“Não faça a seu semelhante aquilo que você detesta que lhe façam. Essa é toda a lei; tudo o mais são comentários.” Talmud, Shabbat, 31a.)
Budismo	“Não magoes os outros com algo que tu mesmo considerarias doloroso.” (Udana-Varga, 5, 18.)
Confucionismo	“Segura é a máxima da bondade amorosa: Não faça aos outros o que você não gostaria que lhe fizessem.” (Analects, 15, 23.)
Islã	“Nenhum de vocês será um crente até que deseje para seu irmão aquilo que ele próprio deseja para si mesmo.” (Sunnah)

Adaptado de David Wallechinsky e Irving Wallace, *The People's Almanac*, 1975, pp. 1314–1315.

SUGESTÃO DIDÁTICA

Pergunte se alguém saberia citar a Regra de Ouro. Se ninguém souber, peça aos alunos que leiam Mateus 7:12 e explique que esse ensinamento do Salvador é geralmente conhecido como a Regra de Ouro. Relembre aos alunos que o Senhor inspira mestres justos em todas as nações (ver Alma 29:8) e explique-lhes que existe uma versão dessa regra em muitas religiões. O Presidente Ezra Taft Benson ensinou que a Regra de Ouro é a “fórmula do sucesso no relacionamento entre as pessoas”. (*The Teachings of Ezra Taft Benson*, 1988, p. 447.)

Discuta com a classe as características dos líderes que vivem a Regra de Ouro e escreva suas sugestões no quadro-negro. Os seguintes exemplos podem ser úteis:

Os líderes que vivem a Regra de Ouro:

- Vêm as pessoas e tarefas num contexto mais amplo.
- São otimistas em relação às pessoas a quem servem e as tarefas que assumem.
- Desenvolvem maior capacidade e desejo de servir às pessoas.

(Ver também as listas do Élder Vaughn J. Featherstone na seção Recursos para o Professor, abaixo.)

Leia Lucas 10:25–37 e discuta o que essa parábola ensina sobre a Regra de Ouro. Você pode fazer perguntas como estas:

- O que custaria para uma pessoa ser um “bom samaritano”? Será que esse preço é alto demais para os líderes? Expliquem.
- Será que os líderes deveriam viver a Regra de Ouro mesmo que não esperem que os outros os tratem de modo semelhante? Por quê?
- Como acham que nosso país mudaria se os líderes e cidadãos vivessem a Regra de Ouro?

RECURSOS PARA O PROFESSOR



Élder Vaughn J. Featherstone

Dos Setenta

Trechos de The Incomparable Christ: Our Master and Model, 1995, pp. 106–108, 110–111, 113–116, 119–120, 123–125, 128–132

[O capitão Morôni terminou sua carta a Amoron, dizendo]: “Agora encerro minha epístola. Eu sou Morôni; *eu sou um chefe*”. [Alma 54:14; grifo do autor.]

Em meu Livro de Mórmon, escrevi o seguinte na margem da página: “Nunca foram proferidas palavras mais verdadeiras do que quando Morôni declarou: ‘Eu sou um chefe’”. Que grande líder ele foi!

Muitos anos depois, Morôni foi descrito assim: “Se todos os homens tivessem sido e fossem e pudessem sempre ser como Morôni, eis que os próprios poderes do inferno teriam sido abalados para sempre; sim, o diabo nunca teria poder sobre o coração dos filhos dos homens”. (Alma 48:17)

Quando Morôni era o comandante geral dos exércitos nefitas:

“Rasgou sua túnica e, pegando um pedaço dela, nele escreveu: Em lembrança de nosso Deus, nossa religião e nossa liberdade e nossa paz, nossas esposas e nossos filhos—e amarrou-o na ponta de um mastro.

E ele colocou seu capacete e sua couraça e seus escudos e cingiu os lombos com sua armadura; e pegou o mastro em cuja ponta se achava a túnica rasgada (a que ele chamou estandarte da liberdade); e inclinou-se até o solo e orou fervorosamente a seu Deus, a fim de que as bênçãos da liberdade repousassem sobre seus irmãos enquanto restasse um grupo de cristãos para habitar a terra.” (Alma 46:12–13)

Não havia dúvida alguma na mente de Morôni de que ele era o líder. Ele conhecia seu papel e estava determinado a cumpri-lo. Ele se colocou na direção certa com toda a sua alma. Ele pôs sua fé em prática por meio de ações e ajoelhando-se em oração, e não tinha vergonha de fazer essas coisas em público.

Morôni era um líder destemido com um espírito indômito. Seu coração e alma estavam dedicados a uma causa maior do que ele mesmo; e ele não tinha uma partícula sequer de medo. Sempre que lemos sobre o capitão Morôni, sinto um fogo arder na medula de meus ossos. O que vocês dariam para lutar lado a lado com um homem assim?

Sempre haverá homens, mulheres e jovens que serão atraídos para uma causa se tiverem um líder; contudo, é difícil para Deus ou qualquer organização usar um líder relutante. (...)

Estou certo de que Morôni não sabia realmente quão grandioso ele era. Duvido que tenha estudado princípios de liderança num livro popular ou num seminário muito dispendioso. Simplesmente havia uma grande necessidade, e Morôni, com toda a pureza e confiança, deu um passo à frente e permitiu que o Senhor o usasse.

Na Igreja, todos somos líderes e seguidores. A Igreja é organizada de tal forma que mesmo o menor dentre nós lidera durante sua vida. Essa liderança pode assumir a forma de algumas famílias para ensinar como mestre familiar, ou pode ser um chamado na estaca, região ou na mesma área; pode ser uma classe das Moças, ou pode abranger todas as moças da Igreja. (...)

O Presidente Harold B. Lee sugeriu que somente quando nos colocamos totalmente à disposição podemos tornar-nos discípulos dignos de Cristo. É interessante notar que a falta de confiança em si mesmo ou os sentimentos de indignidade não entram em conflito com esse pensamento. Tanto Moisés quanto Enoque eram “lentos no falar” e ficaram admirados com seu chamado. Podemos sentir-nos inadequados, mas quando temos um trabalho a fazer, alguém precisa dar um passo à frente e fazê-lo.

A quarta seção de Doutrina e Convênios declara: “Se tendes desejo de servir a Deus, sois chamados ao trabalho”. (Versículo 3) (...)

Todos os que se dispõem a trabalhar e têm desejo de servir são chamados para liderar. Isso faz parte do plano do evangelho. (...)

O líder precisa ser capaz de ter uma visão do trabalho. (...)

“Não havendo profecia [visão], o povo perece”, tampouco realiza o trabalho. (Provérbios 29:18) Não têm o desejo de trabalhar e inevitavelmente acabam atrapalhando em vez de ajudar. De modo semelhante, o líder sem visão limita drasticamente a sua eficácia. (...)

Já que a visão é tão importante, como é que a adquirimos? Aqueles que possuem visão têm muitas coisas em comum:

- Eles vêem o trabalho por inteiro.
- Eles visualizam o que precisa acontecer para alcançar os resultados desejados.
- Eles pensam em todos os seus recursos, potenciais e capacidade como um todo.
- Eles vêem dentro de sua mente que coisas maravilhosas e magníficas poderiam acontecer se toda a força de trabalho fosse mobilizada em conjunto.
- Eles se põem a trabalhar para atingirem seu objetivo.
- Eles têm a capacidade de transmitir sua visão aos que estão a seu redor de modo convincente, de modo que os outros também adotem essa visão.
- Eles vêem o que estão fazendo como uma causa, e não um projeto.
- Os líderes religiosos sentem a “mão divina” auxiliando seu trabalho. (...)

Imaginem comigo a magnitude da causa na qual estamos engajados. Recebemos as chaves, o sacerdócio e o programa da maior causa em toda a eternidade. Somente nós, de todos os filhos de Deus, possuímos as chaves do conhecimento da salvação e exaltação. (...)

A causa é maior do que os homens ou os profetas. É a causa do Salvador. É a causa de Deus, o Pai Eterno. Quando adotamos Sua causa e perseveramos fielmente, tornamo-nos portadores de tudo que ensinamos e compartilhamos. Um versículo que cito muito frequentemente, às vezes sem pensar muito, é: “Esta é minha obra e minha glória: Levar a efeito a imortalidade e vida eterna do homem”. (Moisés 1:39) Imaginem uma causa que tenha implicações e conseqüências eternas, uma causa tão grandiosa que toda a eternidade depende de nossa aceitação ou rejeição dela. Não compreendemos bem que magnífico privilégio é abraçar plenamente essa causa. (...)

Um quórum ou classe pode ter uma causa: o trabalho missionário, atividades de bem-estar,

ativação de todos os membros do quórum, a preparação para o templo, os laços de irmandade (união) e dezenas de outros. Quando estamos envolvidos de modo unido, alcançamos resultados com os quais mal ousamos sonhar.

As coisas que mais amo têm a capacidade de tornarem-se causas verdadeiramente grandiosas. A família, a religião, o país, os direitos, liberdade, arbítrio e trabalho—a maioria de nós considera essas coisas muito preciosas. (...)

A causa a que nos entregamos precisa ser real e de grande valor; não pode ser inventada. O Senhor nos oferece muitas causas individuais, como o batismo na única Igreja verdadeira, os selamentos no templo, o relacionamento familiar eterno, o trabalho missionário, o cuidado dos necessitados e nosso próprio senso de destino com o potencial de exaltação. (...)

(...)O líder precisa ser um exemplo. (...)

O exemplo está em tudo que fazemos. Nisso o líder é constante. Ele não pode ter um nível de caráter no campo de batalha e outro quando está sozinho. (...)

Esta é a obra do Senhor. Ela precisa seguir adiante. O Senhor concede talentos a homens e mulheres, e esses talentos e capacidade de liderança devem ser colocados em prática onde possam proporcionar os maiores resultados. (...)

Os líderes sempre concluem seu trabalho. Eles elevam as pessoas a seu redor. (...)

Devemos orar por líderes espirituais que elevem e motivem as pessoas, que aumentem o nível de atividade e desempenho. (...)

Descobriremos que aqueles que deixam a mais profunda impressão em nossa vida são os que usam seu papel de liderança para servir. Aqueles que são egoístas, arrogantes ou orgulhosos não gostam de servir mas são rápidos em tomar o poder. Adoram o controle, o domínio e a obediência compulsória. (...)

A liderança de serviço é baseada num profundo respeito pelos filhos dos homens. Exige um caráter de liderança que não despreza, avilta ou faz com que os liderados se sintam inferiores. A liderança de serviço eleva, abençoa e transforma vidas de maneira positiva. (...)

Os líderes-servos exercem as seguintes características e práticas no desempenho de seu papel. Eles:

- Compreendem o valor de cada alma humana.
- Têm um senso inato ou desenvolvido de preocupação pelas pessoas.
- São rápidos em apresentar-se como voluntários para aliviar a pressão sobre outras pessoas.
- Correm ao auxílio de alguém que está passando por uma situação embaraçosa ou humilhante.
- Tratam todas as pessoas em base de igualdade.
- Não consideram as tarefas que esperam que os outros façam rebaixantes para si mesmos.
- Não se ofendem com as perturbações causadas por pessoas que estão sofrendo traumas ou estresse emocionais.
- Esperam mais de si mesmos do que de qualquer outra pessoa.
- São rápidos em cumprimentar, dar crédito e edificar aqueles que realizam uma tarefa designada.
- Julgam as pessoas por seu potencial, e não necessariamente por uma única experiência negativa.
- Não tomam para si o crédito das realizações de outra pessoa e gostam de dividir o crédito de suas próprias realizações.
- Procuram conhecer os fatos antes de apontar defeitos ou criticar outras pessoas.
- Ajudam todas as pessoas a sentirem que fazem uma parte real no sucesso de um projeto.
- Detestam brincadeiras ou declarações que humilhem ou chamem a atenção para uma alma.
- Sempre criticam construtivamente em particular e cumprimentam em público.
- São absolutamente honestas em seu trabalho.
- São igualmente justos com todos os que estão sob sua direção.
- Estão sempre dispostos a ouvir os dois lados de uma questão, discussão ou disputa. Sabem que sempre existe o outro lado da moeda. (...)
- São acessíveis a todos, não apenas aos que ocupam um cargo importante ou detenham o poder.

Os verdadeiros líderes-servos não precisam de uma lista de verificação para suas qualidades de caráter, porque as vivem todos os dias. (...)

Os líderes servos também compreendem que cada pessoa é única e especial. Há vários anos, lembro-me de ter ouvido a lenda grega de Procrustes. A lenda é chamada de a “Cama de Procrustes”. Ela tinha 1,80 m de comprimento. Aqueles que não tinham essa estatura eram esticados para se adequarem ao tamanho da cama. Aqueles que tinham mais de 1,80 m sofriam a amputação dos centímetros excedentes. Todos precisavam se adequar à cama de Procrustes. Felizmente não é essa a maneira do Senhor ou de Seu reino. Ele sempre chamou homens e mulheres incomuns que tinham grande integridade, ambição, disciplina e fé em Cristo. Nem todos se encaixam ao mesmo tamanho de cama, e nem ao mesmo chamado.

Nem todos estarão, nem deveriam estar, ocupando o cargo mais elevado da ala, estaca ou da Igreja em geral, mas todos podem fazer suas contribuições máximas como líder servo num chamado ou situação particular. E isso é tudo que o Salvador espera de nós: o melhor de nós, sejamos quem formos.

AUXÍLIOS DIDÁTICOS

- Quem é o exemplo do líder ideal para o Élder Featherstone? Que qualidades O tornaram um líder assim?
- Além de um coração desejoso, o que mais precisamos ter para tornar-nos bons líderes?
- O que podemos fazer para desenvolver as características que os líderes com visão têm em comum?
- Em que causas podemos estar engajados ao liderarmos e servirmos em nossa família? Nossas organizações de ala e estaca?
- Por que é importante que o líder seja um bom exemplo?
- Que característica do líder servo vocês acham ser mais importante para desenvolver em seguida? Como vocês podem começar a desenvolver essa característica? (*Nota:* Se utilizar essa pergunta na sala de aula, peça aos alunos que pensem na resposta em silêncio.)
- O que a “cama de Procrustes” tem a ver com a liderança?

HONRAR O ARBÍTRIO DAQUELES QUE LIDERAMOS

“*Animai-vos, portanto, e lembrai-vos de que sois livres para agir por vós mesmos—para escolher o caminho da morte eterna ou o caminho da vida eterna.*” (2 Néfi 10:23)

PRINCÍPIO DE LIDERANÇA

Os líderes devem servir de maneiras que permitam que os outros exerçam seu arbítrio.

CONCEITOS DA LIÇÃO

1. Os líderes da Igreja e da família devem honrar o arbítrio dos que por eles são liderados.
2. Se for adequado, os líderes devem dar orientação e também permitir que as pessoas façam sua contribuição nas decisões tomadas.

CONCEITO 1. OS LÍDERES DA IGREJA E DA FAMÍLIA DEVEM HONRAR O ARBÍTRIO DOS QUE POR ELES SÃO LIDERADOS.

COMENTÁRIO

O Élder Boyd K. Packer, que na época era membro do Quórum dos Doze, disse: “O único arbítrio mencionado [nas escrituras] é o *arbítrio moral*”. (Conference Report, abril de 1992, p. 92; ou *Ensign*, maio de 1992, p. 67; ver D&C 101:78.) Esse arbítrio é a capacidade de escolher o bem ou o mal. Leí explicou que os homens são “livres para escolher a liberdade e a vida eterna por meio do grande Mediador de todos os homens, ou para escolherem o cativo e a morte, de acordo com o cativo e o poder do diabo”. (2 Néfi 2:27) Jesus Cristo sempre respeitou o arbítrio daqueles que Ele ensinou durante Seu ministério mortal. Ele nunca os forçou a obedecerem a Ele. (Ver Mateus 22:15–22; Lucas 18:18–30; João 6:28–71.)

O plano do Pai Eterno permite que tenhamos nosso arbítrio. O arbítrio é muito importante para tornar-nos semelhantes a Ele. É por isso que Lúcifer tentou destruir nosso arbítrio, e Deus “[fez] com que ele fosse expulso (...)

E ele tornou-se Satanás, sim, o próprio diabo”. (Moisés 4:3–4)

Leí ensinou que para exercermos nosso arbítrio, é preciso haver “oposição em todas as coisas”. (2 Néfi 2:11) Adão e Eva usaram seu arbítrio no Jardim do Éden para desencadear a Queda. Quando exercemos nosso arbítrio para

escolher o certo, tornamo-nos mais justos, e quando o usamos para escolher o errado, tornamo-nos mais iníquos. Somos responsáveis por nossas escolhas, na medida em que somos livres para fazê-las. Sem o arbítrio não poderia haver retidão nem iniquidade.

Os líderes devem liderar com retidão e incentivar as pessoas a usarem seu arbítrio na causa da justiça.

SUGESTÃO DIDÁTICA

Discuta o significado da palavra *arbítrio* conforme usada no contexto do evangelho. Ajude os alunos a compreenderem por que é importante que os líderes compreendam esse princípio.

Discuta Doutrina e Convênios 121:41 com os alunos e ajude-os a compreender os termos *persuasão*, *longanimidade*, *brandura*, *mansidão* e *amor não fingido*. Peça aos alunos que encontrem e relatem exemplos tirados das escrituras de pessoas que demonstraram essas qualidades em sua liderança.

Pergunte como os líderes podem ser tentados a não respeitar o arbítrio dos outros. Você pode usar perguntas como estas:

- Se um líder usar a culpa para motivar uma pessoa a fazer algo, será que esse líder está honrando o arbítrio daquela pessoa? Expliquem sua resposta.
- Como a utilização da competição para motivar as pessoas se relaciona com o respeito pelo arbítrio? Por exemplo: Vocês acham que seria

uma boa idéia fazer os élderes e os sumos sacerdotes competirem entre si para ver quem consegue o percentual mais alto de ensino familiar? Por que sim ou por que não?

- Como a oferta de prêmios para fazer o bem se relaciona com o respeito pelo arbítrio da pessoa? (Um exemplo seria um pai oferecer dinheiro ao filho para que tire boas notas.)

CONCEITO 2. SE FOR ADEQUADO, OS LÍDERES DEVEM DAR ORIENTAÇÃO E TAMBÉM PERMITIR QUE AS PESSOAS PARTICIPEM NAS DECISÕES A SEREM TOMADAS

COMENTÁRIO

As escrituras nos ensinam como devemos nos comportar sem violar o arbítrio dos outros. O Profeta Joseph Smith, quando estava na cadeia de Liberty, foi inspirado a escrever estas palavras: “Quando nos propomos a encobrir nossos pecados ou satisfazer nosso orgulho, nossa vã ambição ou exercer controle ou domínio ou coação sobre a alma dos filhos dos homens, em qualquer grau de iniquidade, eis que os céus se afastam; o Espírito do Senhor se magoa e, quando se afasta, amém para o sacerdócio ou a autoridade desse homem. (...)”

Nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido em virtude do sacerdócio, a não ser com persuasão, com longanimidade, com brandura e mansidão e com amor não fingido; com bondade e conhecimento puro”. (D&C 121:37, 41)

O Élder Vaugh J. Featherstone, membro dos Setenta, disse o seguinte sobre esses versículos das escrituras: “Quando analisamos os princípios desse maravilhoso conselho, vemos um grande contraste em relação ao ponto de vista do mundo sobre a liderança. Liderar as pessoas pela persuasão é uma santa ordem de Deus. A persuasão sugere regeneração, mudança de coração, convicção ou renovação. A persuasão traz as pessoas que lideramos ao mesmo nível de compreensão que temos. Ela não força as pessoas contra a sua vontade, mas ajuda os discípulos dispostos a mudar; desse modo, a vontade daquele que persuade e do que é persuadido se torna uma só.

A longanimidade sugere que Deus deseja que nos demos conta de que Seu caminho de liderança não é um jeito rápido de resolver problemas. Ensinamos, treinamos e treinamos novamente, e depois esperamos pacientemente pelos resultados desejados. A longanimidade é

algo mais profundo do que a simples paciência. Exige um sentimento de empatia e a compreensão de que cada pessoa é diferente das outras. Alguns talvez não consigam compreender um conceito ou princípio; outros talvez não concordem e por isso necessitem de persuasão; e outros, por sua vez, talvez tenham falta de motivação. O líder longânimo está mais interessado em desenvolver e treinar almas do que em terminar mais rapidamente um trabalho ou de alguma outra maneira, ou por meio de outras pessoas.

“O Presidente Harold B. Lee freqüentemente chamava nossa atenção para uma palavra implícita nesta admoestação do Senhor: ‘Que todo homem aprenda seu dever’. (D&C 107:99) A palavra é *deixai*. (“Deixai” que todo homem aprenda seu dever.) Uma vida semelhante à de Cristo exige que estejamos constantemente buscando e crescendo”. (*The Incomparable Christ: Our Master and Model*, 1995, pp. 125–126.)

Neal A. Maxwell, que posteriormente foi chamado ao Quórum dos Doze, escreveu que os líderes basicamente seguem três estilos de liderança: *manipulativo*, *diretivo* e *participativo*. Na liderança manipulativa, o líder manipula as pessoas e as situações para alcançar as metas do grupo. Na liderança diretiva, o líder toma as decisões, com ou sem participação do grupo. Na liderança participativa, o grupo divide a responsabilidade nas decisões tomadas. Leia o comentário do irmão Maxwell acerca desses princípios na seção Recursos para o Professor, abaixo. Observe que o irmão Maxwell recomenda uma mistura dos estilos diretivo e participativo de liderança.

SUGESTÃO DIDÁTICA

Discuta os três estilos de liderança identificados por Neal A. Maxwell (manipulativo, diretivo e participativo) e escreva-os no quadro-negro. Embaixo de cada estilo, relacione seus pontos fortes e fracos. Leia o seguinte trecho da declaração do irmão Maxwell:

“Tanto a experiência quanto as escrituras sugerem a necessidade de uma mistura de estilos de liderança—*diretivo* e *participativo*—em que esses estilos sejam usados nas situações mais adequadas a cada um deles. Temos uma mistura especial na Igreja da liderança diretiva e da liderança participativa, na qual todos crescem e progredem em relação a suas metas eternas.” (“... *A More Excellent Way: Essays on Leadership for Latter-day Saints*”, 1967, p. 26.)

Peça aos alunos que pensem em líderes da Igreja ou da família bem-sucedidos e pergunte qual o motivo de seu sucesso. Discuta como esses líderes misturam os estilos de liderança definidos pelo irmão Maxwell.

RECURSOS PARA O PROFESSOR



Irmão Neal A. Maxwell

Posteriormente do Quórum dos Doze Apóstolos

“*Looking at Leadership*”,
“(…) A More Excellent Way”:
Essays on Leadership for
Latter-day Saints, 1967, pp.
15–29

(…) Liderança [envolve cooperação]. Também envolve risco. O mistério da liderança está contido na complexidade de uma personalidade humana multiplicada pelas complexidades de todos os envolvidos. Tentar descrever a liderança é como ter vários observadores tentando comparar o que vêem num caleidoscópio quando o simples ato de passar o caleidoscópio para outro altera seu desenho.

Procurando-se descrever o mistério da liderança, diversas tentativas foram feitas por estudiosos e pesquisadores no sentido de identificar certas características importantes que presumivelmente tornariam seus portadores mais eficazes graças a esses dons superiores.

Embora a maioria de nós possa reconhecer a boa liderança quando a sentimos ou observamos, é muito difícil isolarmos claramente as características que a determinam. (…)

Talvez seja melhor sair do meio das árvores para podermos ver a floresta. Uma característica é uma “árvore” que claramente tem um significado individual, mas todas as árvores formam uma floresta ou padrão na personalidade do líder, mesmo que não consigamos distinguir claramente todas as árvores ou perceber o significado de seu inter-relacionamento.

O estilo de liderança adotado por uma pessoa (embora não necessariamente de forma consciente) desenvolve-se a partir de seus conceitos e sentimentos acerca da natureza do homem. Thomas Jefferson disse a um correspondente: “Ambos consideramos as pessoas como nossos filhos e as amamos com afeição paterna, mas você as ama como crianças em quem tem medo de confiar sem as suas babás, e eu como adultos a quem permito livremente que

governem a si mesmos”. Para alguns, o ponto de vista de Jefferson é considerado excessivamente otimista. O Profeta Joseph Smith, falando sobre o governo dos membros da Igreja disse: “Ensino-lhes princípios corretos, e eles governam-se a si mesmos”. Mas o espírito é necessário para ajudar-nos no governo de nós mesmos.

Evidentemente, os modelos mais importantes para nós são Deus, o Pai, e Jesus Cristo. Joseph Smith nos adverte, em suas *Lectures on Faith*, que Deus aperfeiçoou cada um dos atributos que O tornam Deus. Ou seja, Ele é perfeito em conhecimento, poder ou fé, justiça, julgamento, misericórdia, verdade e amor. Quando o profeta descreve Sua perfeição em cada um desses atributos, podemos prontamente ver que se Ele não tivesse aperfeiçoado cada um deles, não poderia ser Deus. O perfeito conhecimento sem o perfeito amor pode ser uma condição perigosa. Ter poder absoluto sem misericórdia perfeita seria insuportável, e ser perfeito em amor sem ser perfeito na verdade poderia tornar-nos irremediavelmente sentimentais. Todo líder do nível terreno e mortal que não procura desenvolver em si esses mesmos atributos não pode ser completamente eficaz ou plenamente seguro em termos do poder que possui para influenciar e dirigir a vida das outras pessoas. (…)

É difícil que grupos e organizações se elevem acima do nível de sua liderança, e embora nossa liderança final seja divina, nossa liderança mais próxima é composta de humanos imperfeitos cujas fraquezas pessoais têm uma repercussão inevitável sobre a família, grupo e igreja e sobre os indivíduos que os compõem.

Parece haver três estilos básicos de liderança, cada qual com suas próprias limitações, vantagens, variações e repercussões. Primeiro de todos é o *estilo manipulativo de liderança*, que vai desde a forma mais sinistra, do tipo maquiavélico, até aquela discreta manipulação que todos exercemos, consciente ou inconscientemente, sobre as pessoas que nos rodeiam.

A liderança manipulativa tem certas vantagens: Às vezes ela pode dar resultados a curto prazo, resolver um problema ou superar uma crise por meio da manipulação das pessoas, sentimentos e causas. Ela pode, às vezes, dar aos seguidores um senso de ação e realização, mas não exige que o líder leve em consideração os sentimentos e pensamentos dos membros de seu grupo, uma vez que ele está livre para manipulá-los, passar por cima deles ou aproveitar-se de sua ingenuidade.

As desvantagens desse tipo de liderança pode, e geralmente é, extremamente condescendente; ela procura levar a efeito os desejos do líder e atender a suas necessidades, mas não necessariamente as do grupo. Ela pode desencaminhar-se terrivelmente por causa de um líder mau ou terminar em caos, com um líder que não seja sofisticado em sua manipulação, sendo, portanto, mais propenso a ser desmascarado mais cedo. Ela usa ou ignora as pessoas e seus sentimentos, sem visar o crescimento delas.

Um segundo padrão básico de liderança é a *liderança diretiva*, na qual o líder procura preservar sua “superioridade psicológica” em relação aos membros do grupo. Ele é a figura dominante, e embora seja muito sincero e dedicado, ele claramente dita as regras e toma as decisões mais importantes.

Esse tipo de liderança tem as seguintes vantagens: Ela geralmente consegue resultados com considerável rapidez. Dá aos seguidores um senso de ação e realização. Dá-lhes uma sensação de segurança, especialmente com um líder que seja um ponto de aglutinação ao qual possam recorrer. Ela evita algumas limitações causadas pelas incapacidades do grupo, pois o líder pode pedir a ajuda de membros do grupo quando for adequado, mas não está obrigado a dividir com eles a tarefa de tomar decisões.

Todos já vimos exemplos desse tipo de liderança numa crise. Atualmente não é uma forma de liderança muito popular, em certos lugares, mas precisamos lembrar que ela tem algumas vantagens reais. [O ex-presidente dos Estados Unidos] Herbert Hoover observou que embora o povo americano goste do “homem comum”, quando está passando por uma crise, como uma guerra, eles desejam o “general incomum”. (...)

Mas existem desvantagens na liderança diretiva: ela pode criar seguidores muito dependentes que confiam excessivamente no líder em muitas coisas e em muitas situações, durante grande parte do tempo. Não admira que Brigham Young tenha citado essa preocupação ao lamentar-se, dizendo:

“Tenho mais medo de que este povo tenha tanta confiança em seus líderes que deixe de perguntar por si mesmos a Deus se são ou não liderados por Ele. Tenho medo de que se acomodem num estado de cega segurança pessoal, confiando seu destino nas mãos de seus líderes com uma confiança descuidada que por si

só pode frustrar os propósitos de Deus em sua salvação e enfraquecer aquela influência que poderiam dar a seus líderes se soubessem por si mesmos, por revelação de Jesus, que estão sendo conduzidos no caminho certo.” (*Discourses of Brigham Young*, sel. John A. Widtsoe, 1941, p. 135.) (...)

O Presidente Young estava procurando explicar um princípio essencial de discipulado e liderança nesse caso em particular. Não apenas é importante para o crescimento dos membros envolvidos que eles roguem pessoalmente a Deus a certeza sobre a direção do reino, mas também é importante que os seguidores se preparem para seguir de modo que sua influência possa ser mais útil para que os líderes alcancem suas metas em comum. Os seguidores que agem, como Brigham Young disse, “com uma confiança descuidada”, não apenas deixam de desenvolver em si mesmos suas próprias capacidades e recursos, como também privam os líderes do tipo de apoio que merecem e de que necessitam muitas vezes, proveniente de seguidores que estejam eles próprios desenvolvendo as aptidões necessárias. A seção 58 de Doutrina e Convênios indica que o Senhor espera que os membros da Igreja façam muito de sua própria vontade, sem que a Igreja precise insistir ou instar incessantemente para que o façam. Não é realista nem sábio esperar que os líderes forneçam todas as respostas o tempo todo, que ofereçam soluções para todos os problemas que venham a aparecer. Isso exigiria que os líderes fossem oniscientes; além disso, exigiria deles um tipo de energia constante e tempo que simplesmente não é humanamente possível oferecer por um período muito longo.

O conselho de Brigham Young é tão adequado para os nossos dias quanto para a época em que foi proferido. Ele é particularmente necessário para uma Igreja que está crescendo em tamanho, abrangência e situação estratégica no mundo atual.

Existe outro princípio sutil envolvido aqui. Ele tem relação com o conselho dado por Jetro a Moisés, quando sugeriu maneiras pelas quais Moisés poderia liderar seu povo de modo mais eficaz. Jetro instou Moisés a delegar, não apenas pelo bem do povo, mas para seu próprio bem, pois, como Jetro observou: “Totalmente desfalecerás, assim tu como este povo que está contigo; porque este negócio é mui difícil para ti; tu só não o podes fazer”. (Êxodo 18:18)

Mesmo com suas aptidões superiores e divinas, havia ocasiões em que Jesus precisava retirar-se do meio do ambiente estressante em que se

encontrava para conversar diretamente com o Pai Celestial. Ele precisava ser capaz de receber, especialmente porque estava doando de si o tempo todo. Há um legítimo cansaço das pessoas que pode acometer os líderes em certas situações. São nessas situações que eles necessitam desesperadamente de seguidores eficazes, não seguidores que dependam de seus conselhos a cada curva do caminho.

O excesso de dependência pode frustrar os propósitos de Deus, que deseja nosso crescimento e desenvolvimento individual, e deseja também seguidores que possam ser muito mais eficazes e que possam dar um apoio muito melhor a seus líderes compartilhando seu compromisso para com o trabalho.

A liderança diretiva também tem a desvantagem potencial de fazer com que o líder freqüentemente não esteja ciente de todos os fatos e sentimentos presentes entre seus seguidores. Os talentos dos seguidores e dos membros do grupo não podem ser plenamente desenvolvidos a menos que participem mais nas decisões a serem tomadas e em sua implementação. Esse tipo de liderança pode desencaminhar-se, mesmo com um líder diretivo sincero e dedicado, porque ele não se empenha em mobilizar todos os recursos de seu grupo, e nem sempre ele é suficientemente onisciente para evitar os erros.

A liderança diretiva, com todas as suas vantagens, pode incentivar em certos líderes uma atitude em relação a seus liderados quando estiverem procurando energicamente transmitir instruções e informações a eles. É quase como se esses líderes, nessas situações, quisessem transmitir rapidamente tudo o que tivessem para dizer, tanto instruções quanto informações, e se livrassem do encargo! Há situações em que podemos sinceramente transferir a responsabilidade espiritual simplesmente dizendo algo a alguém, mas isso não deve constituir a totalidade do estilo de liderança. Em vez de expressarem um amor que seja “longânimo e paciente”, alguns só estão dispostos a sacrificarem-se pela humanidade, como escreveu Dostoiévsky, se “a tarefa não durar muito, mas terminar logo, com todos olhando e aplaudindo”.

Muito freqüentemente uma pessoa talentosa e diretiva fica muito impaciente com a inépcia e mediocridade de outras pessoas. A pessoa talentosa pode também irritar-se quando estiver sob a supervisão de alguém que considere inferior a si mesma. Abraham Maslow disse: “Quando o

pombo manda na águia, a águia sofre”. Mas numa Igreja de águias e pombos, as pessoas precisam aprender a seguir bem como liderar, e há ocasiões em que os pombos temporariamente lideram as águias, e a águia tem a responsabilidade de aprender com essa experiência, da mesma forma que o pombo. Mas as pessoas talentosas também têm outros fardos a carregar, como Maslow também observou. Elas ficam demasiadamente ansiosas em relação a sua superioridade, a ponto de esconderem a plenitude de seus talentos, por receio de que sejam vistas como demasiadamente dominantes e capazes pelas outras. O que geralmente acontece nessas situações é um tipo de falsa manifestação de humildade. Contudo, se os “pombos e as águias” estiverem comprometidos uns com os outros e com o bem-estar mútuo, existe um modo de se beneficiarem adequadamente dos talentos, habilidades e capacidades de cada um, mas isso exige um modo de agir aberto e confiante. (...)

O terceiro tipo de liderança é o *participativo*, no qual os membros do grupo participam bastante nas decisões, no qual o grupo é dirigido democraticamente, no qual são adotados procedimentos e criadas tradições para assegurar que isso aconteça. Esse tipo de liderança tem as seguintes vantagens: Geralmente ele usa os talentos, sentimentos e capacidades dos membros do grupo de modo muito eficaz. Ele proporciona aos membros do grupo a chance de investirem nas metas e na resolução de problemas, de modo que haja maior adesão do grupo e trabalho de equipe para se alcançar esses objetivos. Geralmente ele cria excelentes condições para o crescimento pessoal.

A liderança participativa procura utilizar ao máximo os recursos dos membros do grupo. Quando isso é conseguido, esse tipo de liderança alcança maiores realizações do que um indivíduo sozinho produziria. A liderança participativa parte do pressuposto que todos têm algo para oferecer, que não está em desacordo com o ensinamento de que “Pois a todos não são dados todos os dons; pois há muitos dons e a cada homem é dado um dom pelo Espírito de Deus”. (D&C 46:11)

A liderança baseia-se em grande parte num processo decisório que se utiliza de um feedback eficaz (fornecimento de informações a um grupo ou pessoa sobre como ela afetou outras e qual é a sua situação em relação a suas metas e intenções). A liderança participativa permite que os interessados forneçam livremente um feedback útil, ao passo que a liderança diretiva

freqüentemente tem a desvantagem de que à medida que o líder adquire maior prestígio e poder, torna-se menos provável que os liderados se abram com ele, mesmo que ele não tenha a intenção de que as coisas aconteçam dessa forma.

As desvantagens da liderança participativa são que, às vezes, o grupo se concentra demais nos sentimentos e fica imobilizado para efetuar as ações necessárias. O grupo pode ouvir e escutar apenas o toque de uma “trombeta hesitante”. O processo de resolução de problemas pelo grupo, quando ele não funciona bem, acaba restringindo a criatividade individual e pode resultar em boa dose de mediocridade.

Relembrando seu trabalho na teoria da relatividade, Albert Einstein observou “um senso de direção, seguindo diretamente a algo concreto”. Esse tipo de discernimento criativo—“seguir diretamente a algo concreto”—poderia, sob certas circunstâncias, ser abafado pela liderança participativa. Embora os debates com os colegas possam ter sido úteis a Einstein, os discernimentos criativos freqüentemente acontecem quando se está sozinho.

Um crítico da liderança participativa perguntou: “Será que a Mona Lisa poderia ter sido pintada por um comitê?” Essa mesma crítica do processo em grupo disse que isso freqüentemente leva ao “cancelamento das certezas internas de cada um do grupo”. A liderança participativa também tem a desvantagem, às vezes, de terminar em uma manipulação inconsciente e involuntária dos membros do grupo por uma figura dominante, embora todos ingenuamente suponham que estão participando do processo decisório, embora não seja esse o caso.

Cada um desses estilos de liderança se chocam com os problemas centrais e recorrentes da liderança, como o equilíbrio entre a necessidade de concluir a tarefa e a necessidade de se preocupar com os sentimentos dos colegas e seguidores. Todos já participamos de grupos em que o líder estava tão concentrado nas tarefas, tão ansioso para concluir o trabalho que, quando finalmente o trabalho foi completado, à custa de grande sofrimento emocional, ele não se susteve, porque a falta de apoio do grupo acabou cancelando o que aparentemente tinha sido um trabalho bem-sucedido. Todos já vimos também como os membros do grupo podem se ofender ou se retirar do grupo porque os líderes se concentravam demasiadamente nas tarefas.

Temos visto também líderes que ficam imobilizados por sua preocupação com os sentimentos dos membros do grupo. O grupo pode realmente ser prejudicado por esse vácuo na liderança. Existem certas situações em que é preciso tomar uma atitude. (...)

A leitura de versículos do Livro de Mórmon que descrevem o verdadeiro livre-árbitro como agir por si mesmo em vez de “receber a ação” (2 Néfi 2:26) mostra que esta última opção é equiparada à infelicidade. (...)

Tanto a experiência quanto as escrituras sugerem a necessidade de uma mistura de estilos de liderança—*diretivo* e *participativo*—em que esses estilos sejam usados nas situações mais adequadas a cada um deles. Na Igreja temos uma mistura incomparável da liderança diretiva com a liderança participativa, na qual todos crescem e prosperam em relação às suas metas eternas.

Um presidente de quórum de élder que esteja desenvolvendo o apoio do quórum para um projeto de bem-estar e que não tenha certeza se o grupo deveria plantar milho ou ervilhas bem faria em ouvir os membros do quórum que poderiam aconselhá-lo quanto ao produto que melhor se adequaria ao solo, particularmente se ele não tiver conhecimento de agricultura. Seria aconselhável também que ele envolvesse os membros do grupo nas decisões a serem tomadas, porque ainda seria preciso que eles arassem o campo de milho ou plantassem as ervilhas—a menos que o presidente queira fazer tudo sozinho! A liderança participativa realmente nos ajuda a chegarmos aos fatos e sentimentos, que são outra forma dos fatos, com os quais precisamos preocupar-nos profundamente.

Existem ocasiões, porém, em que a liderança diretiva é claramente a forma mais adequada de liderança. Brigham Young provavelmente poderia ter passado anos trabalhando com alguns membros mornos da Igreja, após o martírio do Profeta Joseph Smith, encorajando-os a segui-lo para o oeste. Mas os santos finalmente tiveram que cruzar o rio Mississippi, tiveram que sair de Nauvoo. Havia chegado o momento de agir. Sob certas condições, os líderes precisam “cruzar o rio”.

O líder estará mais apto a mesclar a liderança diretiva e a participativa se estiver pessoal e seriamente engajado no processo que Deus espera dele de melhorar seus atributos de conhecimento, fé, retidão, julgamento, misericórdia, verdade e amor. Então, ele será mais eficaz e Ihe serão

confiados mais poder e influência. Se ele amar mais perfeitamente, terá maior sensibilidade em relação aos sentimentos dos membros do grupo e saberá qual o momento mais adequado para salientar a liderança participativa. Se estiver constantemente aumentando sua bagagem de conhecimento e verdade, terá mais sabedoria quando precisar agir de modo diretivo. Os membros do grupo estarão mais propensos a ter confiança num líder se o virem esforçar-se ativamente para desenvolver esses tipos de atributos. O líder que é descuidado com o poder, insensível para com os sentimentos dos membros do grupo ou que esteja demasiadamente seguro de seus próprios pontos de vista, sem ter o conhecimento ou as informações adequadas, não pode inspirar seus seguidores por muito tempo. O líder que usa seu status ou sua autoridade para esconder seus pecados, satisfazer seu orgulho ou ambição, ou para exercer controle ou domínio fracassará em termos organizacionais, bem como espirituais.

A doutrina que temos na Igreja é divina. Todos nós temos a vantagem de fazer parte de um reino estruturado em que Jesus Cristo é o Rei dos reis e o legislador, tendo um profeta vivo como Seu porta-voz terreno. Isso nos garante o benefício de abrangente propósito divino, visão e instrução, bem como os de uma autoridade que pode traduzir-se em ação nas situações que exijam velocidade e pronta resposta. Mas a Igreja também é participativa no sentido de que o trabalho de

Deus é verdadeiramente o nosso próprio trabalho. Existem amplas oportunidades—muito mais do que utilizamos—para envolver-nos como líderes e seguidores nas atividades que edificarão o reino e também nos ajudarão a crescer. Temos mais oportunidades do que reconhecemos para usar nossos talentos e dedicar nossos sentimentos e fatos no processo de tomar decisões na Igreja, naquelas ocasiões em que seja adequada a liderança participativa. (...)

Se quisermos honrar Deus em nosso estilo particular de liderança, melhor o faremos imitando-O no desenvolvimento dos atributos que garantem uma liderança sábia, eficaz e segura. (...)

AUXÍLIOS DIDÁTICOS

- De acordo com o irmão Maxwell, em que sentido a liderança é um mistério, ao menos em parte?
- Quais são os três estilos básicos de liderança identificados pelo Irmão Maxwell? Quais são os pontos fortes e fracos de cada um?
- Que estilo o irmão Maxwell recomenda para os líderes da Igreja?
- Você acha que os líderes poderiam melhorar mais a sua liderança se desenvolvessem suas aptidões de organização ou o conhecimento e a aplicação de princípios básicos de liderança? Expliquem.

TORNAR-SE UM BOM PASTOR

“Eu sou o bom Pastor, e conheço as minhas ovelhas, e das minhas sou conhecido.

Assim como o Pai me conhece a mim, também eu conheço o Pai, e dou a minha vida pelas ovelhas.” (João 10:14–15)

PRINCÍPIO DE LIDERANÇA

Os líderes devem demonstrar amor e preocupação por seus liderados.

CONCEITOS DA LIÇÃO

1. Jesus Cristo é o Bom Pastor.
2. Os líderes da família e da Igreja devem esforçar-se para seguir o padrão de liderança estabelecido pelo Senhor.

CONCEITO 1. JESUS CRISTO É O BOM PASTOR.

COMENTÁRIO

Na Bíblia, os pastores são usados para representar os líderes do povo de Deus. (Ver Isaías 63:11; Jeremias 23:2.) Os pastores vigiam contra inimigos que possam atacar as ovelhas, e eles as defendem quando necessário. Eles cuidam da ovelha ferida ou doente e procuram e salvam as ovelhas perdidas ou que caíram em alguma armadilha. Nos ensinamentos de Cristo, os pastores amam suas ovelhas e procuram conquistar sua confiança. As ovelhas conhecem e amam seus pastores e confiam neles acima de todos os outros. O bom pastor até morre por suas ovelhas. Cristo mostra o contraste existente entre o pastor e o mercenário, que abandona as ovelhas nos momentos de perigo porque não as ama. [Ver João 10:11–13; *Vida e Ensinamentos de Jesus e Seus Apóstolos* (manual do aluno do curso Religião 211 e 212, 1979), pp. 112–113.]

Jesus Cristo é o Bom Pastor. Em João 10:14–15, Jesus explica que Ele e Suas ovelhas se conhecem, tal como Ele e Seu Pai se conhecem. Esse tipo de relacionamento se desenvolve com o tempo e exige experiência pessoal. (Para outras referências de Cristo como pastor, ver Gênesis 49:24; Salmos 23; 80:1; João 10:1–30; Hebreus 13:20; I Pedro 2:25; 5:4; Alma 5:37–38, 58–60; Helamã 7:18; 15:13; Mórmon 5:17; D&C 50:44.)

O Élder Henry B. Eyring, do Quórum dos Doze, comentou: “Um pastor cuida das ovelhas.

Nas histórias das escrituras, as ovelhas estão em perigo e precisam de proteção e alimento. O Salvador adverte-nos que precisamos cuidar das ovelhas tal como Ele, que deu a vida por elas. Elas são Suas. Não podemos aproximar-nos do padrão que Ele estabeleceu, como mercenários, cuidarmos das ovelhas apenas quando isso for conveniente e recebermos uma recompensa. (...)

Os membros da Igreja são as ovelhas. Elas são Dele, e fomos chamados por Ele para cuidarmos delas. Temos que fazer mais do que apenas avisá-las do perigo. Precisamos alimentá-las”. (*Liahona*, julho de 2001, pp. 44–45.)

SUGESTÃO DIDÁTICA

Peça a vários alunos que leiam para a classe as escrituras citadas no segundo parágrafo do comentário, prestando atenção aos títulos de Jesus Cristo nessas passagens.

Faça perguntas como as que se seguem. Use as informações contidas no comentário para ajudar no debate.

- Por que os pastores são tão importantes?
- O que fazem os pastores?
- Como os mercenários diferem dos pastores?
- Qual a diferença entre a reação de uma ovelha que esteja sob os cuidados de um pastor e a que está sob os cuidados de um mercenário?
- O que fez Jesus durante Seu ministério mortal que nos ensina o que significa ser um pastor?

CONCEITO 2. OS LÍDERES DA FAMÍLIA E DA IGREJA DEVEM ESFORÇAR-SE PARA SEGUIR O PADRÃO DE LIDERANÇA ESTABELECIDO PELO SENHOR.

COMENTÁRIO

O Senhor ordena que os líderes da família e da Igreja sejam pastores. O Presidente James E. Faust ensinou: “Esta noite, quero falar ao sacerdócio de Deus em sua atribuição de pastores do Senhor. O Élder Bruce R. McConkie declarou: ‘Qualquer um que sirva em alguma posição na Igreja na qual seja responsável pelo bem-estar espiritual ou físico de qualquer dos filhos do Senhor é um pastor dessas ovelhas. O Senhor responsabiliza Seus pastores pela segurança [significando salvação] de Suas ovelhas’. [Mormon Doctrine, 2.a ed., 1966, p. 710.] Um portador do sacerdócio tem esta grande responsabilidade, seja pai, avô, mestre familiar, presidente do quórum de élderes, bispo, presidente de estaca, ou tenha outro chamado na Igreja”. (A *Liahona*, julho de 1995, p. 48.)

Só poderemos tornar-nos bons pastores se nos achegarmos ao Senhor. O Élder Henry B. Eyring explicou: “Ele, que vê todas as coisas, tem amor infinito e nunca dorme, vigia conosco. Ele sabe do que as ovelhas necessitam a cada momento. Pelo poder do Espírito Santo, Ele pode dizer-nos onde estão as ovelhas e levar-nos até elas. (...)”

É o amor que precisa motivar os pastores de Israel. Isso pode parecer difícil, a princípio, porque talvez nem conheçamos o Senhor muito bem. Contudo, se começarmos ainda que com um grãozinho de fé Nele, nosso serviço às ovelhas fará aumentar nosso amor por Ele e por elas. Isso virá das coisas simples que todo pastor precisa fazer. Oramos pelas ovelhas, por todas que estão sob nossa responsabilidade. Quando perguntarmos: ‘Diz-me, Senhor, quem precisa de mim?’ teremos respostas. Uma face ou nome virá à nossa mente. Ou talvez encontraremos alguém e sentiremos que não foi por acaso. Nesses momentos, sentiremos o amor do Salvador por essas pessoas e por nós. Ao cuidarmos de Suas ovelhas, nosso amor por Ele crescerá. E isso aumentará nossa confiança e coragem”. (A *Liahona*, julho de 2001, p. 47.)

SUGESTÃO DIDÁTICA

Mostre as gravuras do final desta lição. De qual delas o Salvador foi um exemplo? Por quê?

Leia Morôni 7:47 com a classe. Troque idéias sobre a caridade e saliente que como a caridade é o puro amor de Cristo, quando temos caridade pelas pessoas, nós as amamos como Ele as ama. Discuta por que essa atitude é importante para os líderes da família e da Igreja.

Discuta por que os líderes da família e da Igreja devem ser pastores de seus liderados. (Ver o comentário.)

Leia a declaração do Élder Eyring que se encontra no comentário. Você pode fazer perguntas como estas:

- De acordo com o Élder Eyring, o que pode aumentar nossa confiança e coragem como líderes?
- Como o serviço se relaciona com o amor?
- Que condições do mundo exigem que nossos líderes sejam bons pastores?
- Como podemos determinar que expressões de amor e preocupação são adequados em nosso papel como líderes?

Peça aos alunos que leiam Alma 56:3–11, 17, 43–49, 55–56 e discuta esses versículos em classe. Você pode fazer perguntas como estas:

- Acham que Helamã foi um bom pastor? Por quê?
- Como os dois mil jovens liderados por Helamã reagiram à sua liderança?
- Acham que esses dois mil jovens teriam tido menos sucesso sob outro estilo de liderança? Por quê?

Incentive os alunos a desenvolverem um amor semelhante ao de Cristo por todas as pessoas para que estejam preparados para serem bons pastores quando surgir a oportunidade.

RECURSOS PARA O PROFESSOR



Élder James E. Faust

Do Quórum dos Doze Apóstolos
 “These I Will Make My Leaders” (Destes Farei Meus Líderes), *Conference Report*, outubro de 1980, pp. 50–54; ou *Ensign*, novembro de 1980, pp. 34–37

É com humildade que aproveito a ocasião para falar ao sacerdócio hoje à noite. Gostaria de dirigir-me aos líderes da Igreja, e principalmente aos futuros líderes, os jovens do Sacerdócio Aarônico. Muitos de vocês receberão responsabilidades muito antes do que esperam. Não parece ter passado muito tempo desde que fui presidente de um quórum de diáconos. No que diz respeito ao crescimento rápido e mundial da Igreja, a liderança é um de seus maiores desafios.

Os líderes recebem e dão designações

Há mais ou menos um ano, assisti a uma reunião de um quórum de élderes. Os membros da presidência eram jovens bons e capazes, mas quando chegou a hora de partilhar as responsabilidades do quórum e fazer com que o trabalho fosse feito, limitaram-se a escolher os que estavam presentes e se voluntariavam. Nenhuma designação foi feita.

Um dos primeiros princípios que devemos ter em mente é que o trabalho do Senhor progride por meio de designações. Os líderes recebem e dão designações. Esta é uma parte básica do importante princípio de delegação. Ninguém aprecia um voluntário bem disposto mais do que eu, mas o trabalho total não pode ser feito como o Senhor deseja que seja meramente por aqueles que se apresentam nas reuniões. Muitas vezes fico imaginando como seria a Terra, se o Senhor, durante a Criação, tivesse deixado que o trabalho fosse feito somente por voluntários.

Se considerarmos o cumprimento de designações assim como a honra de edificarmos o reino de Deus, uma oportunidade e privilégio, certamente daremos a cada membro do quórum, designações e desafios. Tal envolvimento deve incluir, com discrição e sabedoria, aqueles que talvez mais necessitem disso—os irmãos inativos ou parcialmente ativos. As designações sempre devem ser feitas com o maior amor, consideração e bondade. As pessoas chamadas devem ser tratadas com respeito e apreço.

As Autoridades Gerais regularmente recebem designações da Primeira Presidência e do Presidente do Conselho dos Doze. Quer sejam elas feitas por escrito, como acontece na maioria dos casos, ou pessoalmente, vêm sempre acompanhadas de frases como: “se for do seu agrado” ou “se lhe for conveniente” ou “será que o irmão poderia fazer isto ou aquilo?” Elas nunca são apresentadas como se fossem uma ordem ou mandamento.

Seguir o exemplo do Salvador

Desde que estive no Egito, durante a Segunda Guerra Mundial, tenho-me interessado por ruínas antigas. É fascinante observar a razão por que algumas colunas ainda estão em pé, enquanto outras já caíram. As que ainda não caíram, geralmente permaneceram porque têm que agüentar um peso em cima. Acredito que existe um princípio paralelo na liderança. Aqueles que permanecem fiéis ao seu sacerdócio são, freqüentemente, os que têm de agüentar o peso da responsabilidade. Os que se envolvem são aqueles que se mostram mais prontos a se comprometer. Portanto, o líder de quórum bem-sucedido sentirá o desejo de ter e dar aos membros do seu quórum a oportunidade de servir em algum tipo de chamado adequado às circunstâncias.

O curso de liderança mais completo foi dado pelo próprio Salvador: “E disse-lhes: Vinde após mim (...)”. (Mateus 4:19) O líder não pode pedir a outros que façam o que ele não está disposto a fazer. O curso mais certo é seguir o exemplo do Salvador, e estamos seguros quando escutamos e seguimos as instruções de Seu profeta, o Presidente da Igreja.

O bom líder “muito espera, muito inspira”

Há alguns anos, eu estava viajando na Missão Rosario Argentina, na parte norte daquele país. Quando viajávamos pela estrada, passamos por uma grande boiada. O gado se movimentava pacificamente e sem dificuldade. Os animais estavam quietos. Não havia cachorro. Na frente, conduzindo a boiada, estavam três vaqueiros a cavalo, cada um deles uns quinze ou vinte metros de distância um do outro. Os três vaqueiros estavam afundados na sela, completamente à vontade, certos de que o gado haveria de segui-los. Na parte de trás da boiada, via-se um único vaqueiro. Ele também estava afundado na sela, como se estivesse dormindo. A boiada toda se movimentava calma e pacificamente, completamente dominada. Essa experiência me mostrou ser óbvio que a liderança consiste três quartos em mostrar o caminho, e um quarto em seguir.

O líder em si, quando dirigir, não tem que ser bombástico e barulhento. Aqueles que são chamados para dirigir no ministério do Mestre, não são chamados para ser chefes ou ditadores. São chamados para serem pastores. Devem estar constantemente treinando outros para tomar o

seu lugar e se tornarem maiores líderes que seus mestres. O bom líder muito espera, muito inspira e muito incentiva aqueles que lidera.

O líder tem que fazer com que as coisas aconteçam e que as vidas sejam afetadas. Algo deve movimentar-se e mudar. Ele deve ver que aqueles que estão abaixo de si não falhem. Mas isto deve ser feito à maneira do Senhor. Ele deve ser o instrumento nas mãos do Altíssimo para modificar vidas. Precisa saber onde está agora. Aonde está indo e como vai chegar lá.

Escutar

O líder deve ser um bom ouvinte. Deve estar disposto a ouvir conselhos. Precisa mostrar um interesse e amor genuínos por aqueles que estão sob sua mordomia. Nenhum líder do sacerdócio jamais pode ser eficiente, a menos que tenha sempre em mente as insuperáveis chaves de liderança encontradas na seção 121 de Doutrina e Convênios:

“Nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido em virtude do sacerdócio, a não ser com persuasão, com longanimidade, com brandura e mansidão e com amor não fingido;

Com bondade e conhecimento puro, que grandemente expandirão a alma, sem hipocrisia e sem dolo—

Reprovando prontamente com firmeza, quando movido pelo Espírito Santo; e depois, mostrando então um amor maior por aquele que repreendeste, para que ele não te julgue seu inimigo.” (D&C 121:41–43)

De acordo com minha experiência, o Espírito Santo raramente reprova com firmeza. Toda a reprovação deve ser feita gentilmente, no esforço de convencer a pessoa reprovada de que aquilo é feito em seu próprio interesse. (...)

Auxílio Divino

Tendo fé no Senhor e humildade, o líder do sacerdócio pode esperar confiante a assistência divina na solução de seus problemas. Esforço e meditação podem ser necessários, mas a recompensa é certa. A resposta pode vir como veio a Enos: “(...) A voz do Senhor me veio outra vez à mente (...)”, disse ele. (Enos 1:10) Ou, pode ser por meio de um sentimento no peito, de acordo com a seção 9 de Doutrina e Convênios.

Depois de receber essa certeza divina e por meio do poder do Espírito Santo, o líder humilde pode então prosseguir num curso inabalável, com a convicção absoluta em mente e no coração de que aquilo que está sendo feito está certo e é aquilo que o próprio Salvador haveria de fazer. (...)

A maioria das pessoas chamadas para liderar a Igreja sentem-se inadequadas, por falta de experiência, de habilidade, de aprendizado e educação. Eis uma das muitas descrições de Moisés: “E era o homem Moisés mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra”. (Números 12:3)

Lembro de que anos atrás, o Presidente John Kelly, que presidia a Estaca de Fort Worth Texas, chamou o Irmão Felix Velasquez para ser o presidente do ramo espanhol. Este bom homem trabalhava, se me recordo bem, como inspetor da estrada de ferro. Quando o Presidente Kelly o chamou para o trabalho, ele respondeu: “Irmão, eu não posso ser presidente do ramo espanhol. Eu não sei ler”. O Presidente Kelly então lhe prometeu que, se aceitasse o chamado e trabalhasse diligentemente para magnificá-lo, seria apoiado e abençoado. Com a ajuda do Senhor, esse homem humilde, por meio de seus esforços diligentes, conseguiu aprender a ler. Serviu bem como presidente de ramo e durante muitos anos subseqüentes e até a época atual, está trabalhando no sumo conselho daquela estaca. O Senhor abençoa Seus servos de muitas formas. (...)

Conselhos: “Uma característica marcante”

Quero referir-me agora a uma característica marcante da liderança por meio do sacerdócio, no governo da Igreja. Quero citar o Presidente Stephen L. Richards, que disse:

“De acordo com meu entendimento, uma característica marcante do governo da Igreja são os *conselhos*. (...) Difícilmente se passa um dia em que eu não veja a sabedoria de Deus na criação de conselhos para governar o Seu Reino. No espírito em que trabalhamos, os homens podem reunir-se com pontos de vista aparentemente divergentes e antecedentes completamente diversos, e, sob a operação daquele espírito, aconselhando-se juntos, podem chegar a um acordo.” (Conference Report, outubro de 1953, p. 86; grifo do autor.)

Aconselhem-se uns aos outros como líderes é a chave para o funcionamento bem-sucedido de uma presidência ou bispado. Mas, o que acontece, se for difícil ou não houver união ao se decidir algo? O Presidente Joseph F. Smith deu o seguinte conselho:

“Quando os bispos e seus conselheiros não concordam entre si, ou quando os presidentes e seus conselheiros têm alguma dificuldade quanto a sentimentos ou medidas que devem tomar, é seu dever reunir-se e em humildade orar ao Senhor até que Ele lhes revele o que deve ser feito, e possam enxergar a verdade de uma mesma forma, a fim de poderem dirigir-se unidos ao povo.” (*Doutrina do Evangelho*, p. 140)

Ser um exemplo de retidão pessoal

As pessoas que lideram nesta Igreja precisam dar um bom exemplo de retidão pessoal. Devem buscar a orientação constante do Santo Espírito. Devem ter a sua vida e sua casa em ordem. Devem ser honestos e rápidos no pagamento de suas contas. Devem ser exemplares em toda a sua conduta. Devem ser homens de honra e integridade. Quando procuramos a direção constante do Espírito Santo, o Senhor nos responde.

Ao servir como supervisor de área na América do Sul, uma experiência inesquecível aconteceu em Montevidéu, Uruguai. Eu queria trocar algum dinheiro porque morava no Brasil na época; portanto, o Irmão Carlos Pratt me levou a uma casa de câmbio no centro de Montevidéu. Apresentou-me a um dos empregados, que me disse que poderiam trocar mil dólares para mim. Eu não possuía mil dólares em mão, mas sim um cheque emitido por um banco de Salt Lake City. A casa de câmbio nunca havia feito qualquer negócio comigo antes. Aliás, eles nunca me haviam visto antes e não podiam esperar ver-me novamente. Não tinham meios de verificar se eu possuía mil dólares em depósito no banco que havia emitido o cheque, mas aceitaram o meu cheque sem hesitação, baseados tão somente no fato de eu ser mórmon e terem feito negócios anteriores com outros mórmons. Mostrei-me agradecido e feliz por merecer sua confiança. (...)

“Confirma teus irmãos”

Ao dar a Pedro algum treinamento como líder, o Salvador lhe disse: “(...) Quando te converteres, confirma teus irmãos”. (Lucas 22:32)

É interessante o fato de Ele ter usado a palavra *confirma*. É muito difícil *confirmar* sem ser bom em comunicação. Os problemas surgem, muitas vezes, não porque o plano seja falho, mas porque a comunicação é inadequada. (...)

Os líderes do sacerdócio recebem a rara oportunidade de fazer entrevistas. Especificamente, por meio de contatos pessoais e entrevistas, o líder pode realizar o seguinte:

1. Inspirar e motivar.
2. Delegar e confiar.
3. Cobrar relatos e dar acompanhamento.
4. Ensinar por meio do exemplo e de preceitos.
5. Mostrar sua apreciação com generosidade.

Às vezes os líderes seguram muito forte as rédeas, limitando, freqüentemente, os talentos naturais e dons daqueles que foram chamados para trabalhar ao seu lado.

A liderança nem sempre produz uma sinfonia harmoniosa de fé, habilidade e talento em grupo, produzindo o máximo de eficiência e poder. Às vezes, ela se torna um solo bastante audível. O Presidente Lee ensinou um significado mais amplo da escritura “Portanto agora todo homem aprenda seu dever e a agir no ofício para o qual for designado com toda diligência”. (D&C 107:99) Além de fazer com que todos nós aprendamos nossos deveres, os líderes devem deixar, ou permitir, que seus associados sejam inteiramente eficientes em seus próprios ofícios e chamados, e que seus assistentes sejam completamente investidos da devida autoridade. (...)

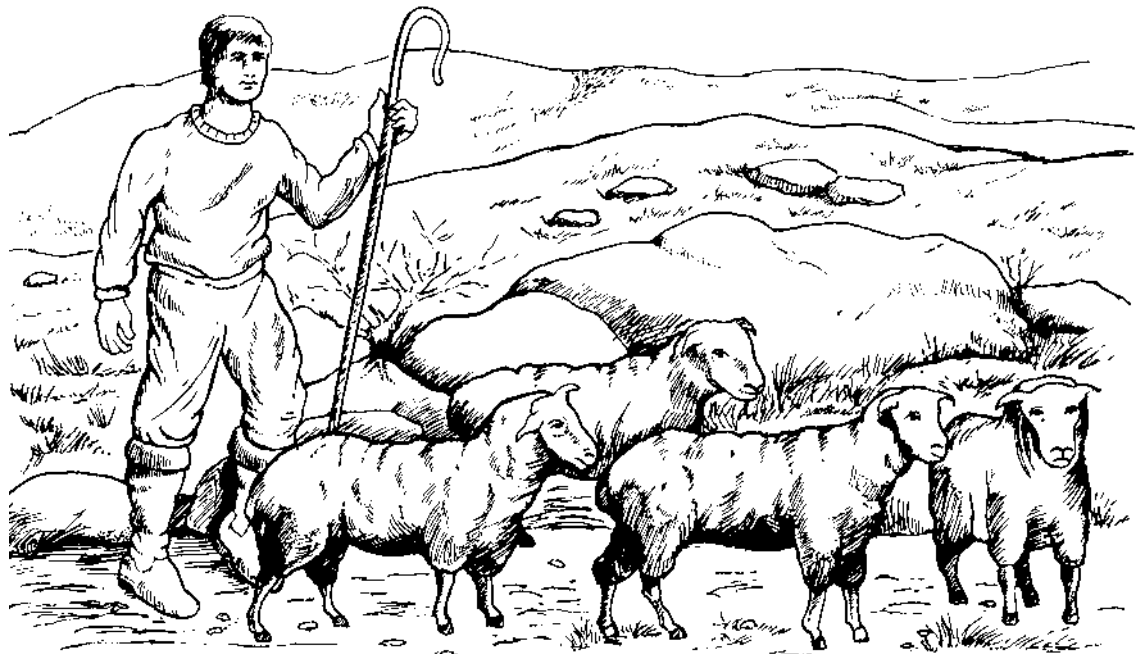
Oro para que, ao trabalharem diligentemente, sob a direção do Espírito Santo, aqueles que foram e serão chamados como líderes possam ter uma visão mais clara do seu dever, que possam estabelecer metas mais objetivas e seguir um curso mais reto.

Meu testemunho é que esta Igreja cresce e é bem-sucedida, porque estamos sob a influência guiadora do santo sacerdócio de Deus. Acredito que nossos líderes podem gerar o grande poder espiritual necessário para guiar o trabalho de Deus por meio de revelação pessoal à qual fazem jus devido à sua retidão. O conselho do Senhor a Josué é inestimável: “Não to mandei eu? Esforça-te, e tem bom ânimo; não pases nem te espantes; porque o Senhor teu Deus é contigo, por onde quer que andares”. (Josué 1:9)

Que possa ser assim é o que eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

AUXÍLIOS DIDÁTICOS

- Por que é importante que os líderes dêem designações às pessoas que eles presidem?
- Que princípios governam o processo de dar uma designação?
- Que princípio de liderança está implícito na admoestação do Salvador, ao dizer: “Vinde após mim?”
- Como os líderes podem saber se estão liderando da maneira que o Senhor deseja que façam?
- Além de tornarem-se dignos de ter a companhia do Espírito, o que os líderes podem fazer para cumprirem suas responsabilidades em relação a seus liderados?
- Qual é a “característica marcante da liderança”?
- O que pode acontecer quando os líderes “seguram muito forte as rédeas”?



DAR UM BOM EXEMPLO

“Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte;

Nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas no velador, e dá luz a todos que estão na casa.

Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus.” (Mateus 5:14–16)

PRINCÍPIO DE LIDERANÇA

Os líderes devem dar um bom exemplo de discipulado para as pessoas a quem eles servem.

CONCEITOS DA LIÇÃO

1. Quando os líderes se empenham para desenvolver os atributos de Jesus Cristo, eles dão um bom exemplo para as pessoas a quem eles servem.

CONCEITO 1. QUANDO OS LÍDERES SE EMPENHAM PARA DESENVOLVER OS ATRIBUTOS DE JESUS CRISTO, ELES DÃO UM BOM EXEMPLO PARA AS PESSOAS A QUEM ELES SERVEM.

COMENTÁRIO

Quando o Senhor ressurreto visitou as Américas, Ele explicou a Seus discípulos que deixar sua luz brilhar significava seguir o exemplo Dele. (Ver 3 Néfi 18:24.)

Falando sobre a liderança na Igreja, o Élder James E. Faust, quando era membro do Quórum dos Doze, comentou: “As pessoas que lideram nesta Igreja precisam dar um bom exemplo de retidão pessoal. Devem buscar a orientação constante do Santo Espírito. Devem ter a sua vida e sua casa em ordem. Devem ser honestos e rápidos no pagamento de suas contas. Precisam ser um bom exemplo em todos aspectos de sua conduta”. (Conference Report, outubro de 1980, p. 53; ou *Ensign*, novembro de 1980, p. 36.)

O Élder Dean L. Larsen, que na época era membro da Presidência dos Setenta, explicou: “Espera-se que aqueles que receberam o evangelho manifestem seus frutos em sua vida, não apenas para seu próprio benefício e bênção, mas para atrair outras pessoas para a verdade. (...)

(...) De modo significativo em sua vida, eles devem manifestar os frutos do evangelho e tornar-se um raio de luz para os que estão buscando a luz e a verdade”. (Conference Report,

outubro de 1985, p. 85; ou *Ensign*, novembro de 1985, p. 68.)

O Presidente Gordon B. Hinckley escreveu: “Por sua própria natureza, a verdadeira liderança carrega consigo o fardo de ser um exemplo. (...) Se os valores não estiverem estabelecidos e sendo seguidos entre os líderes, o comportamento dos liderados fica seriamente comprometido e abalado. De fato, em qualquer organização onde isso aconteça, seja uma família, uma empresa, uma sociedade ou nação, os valores negligenciados acabarão desaparecendo com o tempo”. (*Standing for Something: Ten Neglected Virtues That Will Heal Our Hearts and Homes*, 2000, p. 170.)

Os líderes serão mais capazes de ajudar as pessoas se procurarem ser um exemplo da vida e ensinamentos do Salvador. O Senhor “continuou de graça em graça” até Se tornar perfeito. (D&C 93:13) Seus atributos incluíam conhecimento, poder, justiça, julgamento, bondade, misericórdia, paciência, verdade, humildade, mansidão, submissão, gentileza, amabilidade, sabedoria, abnegação, obediência, o compromisso de honrar nosso arbítrio, compaixão, destemor, integridade e alegria. (*Nota*: Qualquer desses atributos pode tornar-se o assunto de uma lição.)

Os líderes que desenvolvem esses atributos saberão como comunicar-se claramente com seus liderados, amá-los sem tentar controlá-los, regozijar-se em suas qualidades e realizações e resistir às tentações de Satanás. Se não seguirmos

o exemplo de Jesus Cristo, correremos o risco de desencorajar as pessoas a achegarem-se a Cristo. Conforme Alma explicou a seu filho rebelde: “Eis que, meu filho, quanta iniquidade trouxeste sobre os zoramitas; pois quando viram teu procedimento, não acreditaram em minhas palavras”. (Alma 39:11)

SUGESTÃO DIDÁTICA

Peça aos alunos que analisem o significado da declaração do Salvador: “Eu sou a luz do mundo” (João 8:12) e discuta-o em classe (ver também João 9:5; 3 Néfi 9:18; 11:11; Éter 4:12; D&C 11:28; 12:9; 45:7; 88:5–13.)

Por que os líderes da família e da Igreja devem viver eles próprios os princípios do evangelho, e não apenas encorajar os outros a fazê-lo?

Discuta em classe as qualidades de caráter citadas do Salvador e aliste-as no quadro-negro. Pergunte como o desenvolvimento dessas qualidades em nossa vida nos ajudará a sermos melhores líderes. Discuta o que Mateus 16:24 e Alma 39:11 ensinam sobre a importância do exemplo.

Testifique aos alunos que se seguirmos o exemplo do Salvador, refletiremos Sua luz para outras pessoas seguirem. Lembre aos alunos que precisamos crescer, tal como Ele, “de graça em graça”. (Ver D&C 93:13; ver também 2 Néfi 28:30.)

RECURSOS PARA O PROFESSOR



Presidente Gordon B. Hinckley

Presidente da Igreja

“*Conselhos e Oração do Profeta para os Jovens*”, A Liahona, abril de 2001, pp. 30–41.

Acho que nunca houve reunião semelhante a esta na Igreja antes. Vocês são muito numerosos aqui hoje à noite. Como são bonitos.

Alguns de vocês vieram com dúvidas. Outros, com altas expectativas. Quero que saibam que passei muito tempo ajoelhado pedindo ao Senhor que me abençoasse com as forças, a capacidade e as palavras que viessem a penetrar-lhes o coração.

Além das pessoas que estão neste prédio, há outras centenas de milhares participando conosco. A cada uma de vocês dou as boas-vindas. Fico feliz por esta inigualável

oportunidade de dirigir-lhes a palavra e tenho plena consciência da enorme importância disso.

Estou com a idade avançada: mais de 90 anos. Já vivi bastante e sempre tive grande amor pelos rapazes e moças da Igreja. Que grupo extraordinário vocês constituem. Vocês falam os mais diferentes idiomas. São todos parte de uma grande família. Mas também são indivíduos, cada um com os próprios problemas, cada qual desejando respostas para as coisas que os inquietam e preocupam. Como nós os amamos e oramos constantemente para poder ajudá-los. Sua vida está repleta de decisões difíceis e de sonhos, esperanças e o desejo de encontrar o que lhes trará paz e felicidade.

Muitíssimo tempo atrás eu tinha a sua idade. Eu não me preocupava com as drogas ou a pornografia porque naquela época elas ainda não estavam disseminadas como hoje. Preocupava-me com os estudos e o futuro que eles me proporcionariam. Era o período da terrível depressão econômica. Preocupava-me com a forma de ganhar a vida. Entrei no campo missionário depois de terminar a faculdade. Fui para a Inglaterra. Viajamos de trem até Chicago. Lá, atravessamos a cidade de ônibus a fim de tomar outra linha e seguimos para Nova York, onde pegamos um navio a vapor rumo às ilhas Britânicas. Durante a viagem de ônibus em Chicago, uma senhora perguntou ao motorista: “Que prédio é esse logo à frente?” Ele respondeu: “É a sede da Junta Comercial de Chicago. Todas as semanas, alguém que perdeu todos os bens atira-se de uma dessas janelas. São pessoas que não têm mais motivo para viver”.

Essa era a época em que vivíamos, tão difícil e cruel. Ninguém que não tenha vivenciado aquele período é capaz de compreendê-lo plenamente. Espero de todo o coração que nunca voltemos a passar por algo semelhante.

Agora vocês estão no limiar da maturidade. Vocês também se preocupam com os estudos. Preocupam-se com o casamento. Preocupam-se com muitas coisas. Prometo-lhes que Deus não os abandonará caso andem nos caminhos Dele, guiados por Seus mandamentos.

Esta é uma época de grandiosas oportunidades. Vocês têm muita sorte de estarem vivos hoje. Nunca na história da humanidade a vida apresentou tantas oportunidades e desafios. Quando nasci, a expectativa de vida média de um homem ou mulher nos Estados Unidos e em outros países ocidentais era de 50 anos; agora,

passa dos 75. Já pararam para pensar nisso? Na média, vocês podem esperar viver pelo menos 25 anos a mais do que alguém em 1910.

Em nossa época vemos uma explosão de conhecimentos. Por exemplo, quando eu tinha a idade de vocês, não havia antibióticos. Esses remédios prodigiosos só foram descobertos e aperfeiçoados recentemente. Alguns dos grandes flagelos da Terra não mais existem. Antigamente, a varíola dizimava populações inteiras. Isso certamente é coisa do passado. É um milagre. A poliomielite causava pavor a todas as mães. Lembro-me de visitar um homem com poliomielite no hospital municipal. Ele estava num enorme pulmão de aço que movimentava os pulmões dele, bombeando para cima e para baixo. Não havia esperança para ele, pois nem respirava mais sozinho. Ele veio a falecer, deixando esposa e filhos. Essa terrível enfermidade não nos aflige mais. Isso também é um milagre. E o mesmo se dá em outros campos.

É claro que vocês enfrentam dificuldades, assim como todas as gerações que já passaram pela Terra. Poderíamos ficar a noite inteira falando sobre elas. Mas em comparação aos desafios do passado, creio que os de hoje sejam muito mais fáceis de enfrentar. Digo isso porque são contornáveis. Em grande parte, envolvem decisões individuais relativas ao comportamento, mas tais escolhas podem ser feitas e mantidas. E quando isso acontece, transpomos o obstáculo.

Suponho que a maioria de vocês esteja na escola. Fico feliz que tenham esse desejo e oportunidade. Espero que estejam estudando com afinco e que sua grande ambição seja tirar a nota máxima nas várias disciplinas. Espero que seus professores sejam generosos com vocês e que seus estudos rendam notas altas e uma educação excelente. Eu não poderia desejar nada melhor para vocês em sua instrução.

Espero que os professores lhes dêem as notas altas que vocês merecem. Mas hoje quero passar-lhes algumas lições de casa adicionais. Escutem bem:

1. *Sejam gratos;*
2. *Sejam inteligentes;*
3. *Sejam puros;*
4. *Sejam fiéis;*
5. *Sejam humildes;*
6. *Orem sempre. (...)*

Sejam gratos. Existe uma palavrinha que talvez tenha mais significado do que todas as outras: é a palavra “obrigado”. Encontramos termos comparáveis em todas as línguas, como *gracias, merci, danke, thank you, domo.*

O hábito de agradecer é uma característica dos homens e mulheres nobres. Com quem o Senhor está descontente? Ele menciona “os que não confessam Sua mão em todas as coisas”. (D&C 59:21) Ou seja, aqueles que não expressam gratidão. Tenham o coração grato, meus caros amigos. Agradeçam pelas bênçãos maravilhosas que possuem. Sejam gratos pelas formidáveis oportunidades que têm. Sejam gratos aos pais que se importam tanto com vocês e que tanto já trabalharam para sustentá-los. Externem-lhes sua gratidão. Agradeçam à sua mãe e a seu pai. Agradeçam a seus amigos. Agradeçam a seus professores. Demonstrem gratidão a todos que lhes prestarem algum favor ou os ajudarem de qualquer maneira.

Agradeçam ao Senhor por Sua bondade para com vocês. Agradeçam ao Todo-Poderoso por Seu Filho Amado, Jesus Cristo, que fez por vocês o que ninguém mais em todo o mundo poderia. Agradeçam-Lhe por Seu grande exemplo, Seus extraordinários ensinamentos e por Sua mão que está sempre estendida para erguer e amparar. Pensem no significado de Sua Expição infinita. Leiam sobre Ele e leiam as palavras Dele no Novo Testamento e em 3 Néfi, no Livro de Mórmon. Leiam-nas em silêncio e ponderem-nas. Abram o coração para Ele agradecendo pelo dom de Seu Filho Amado.

Agradeçam ao Senhor por Sua Igreja maravilhosa que foi restaurada neste período excepcional da história. Agradeçam a Ele por tudo o que lhes oferece. Agradeçam pelos amigos e entes queridos, pelos pais e irmãos, pela família. Que um espírito de gratidão guie e abençoe seus dias e noites. Empenhem-se por isso e presenciarão resultados notáveis.

Segundo conselho: *Sejam inteligentes.*

Vocês estão entrando na época mais competitiva que o mundo já conheceu. A concorrência é generalizada. Vocês precisarão de toda a instrução que puderem obter. Sacrifiquem um carro ou tudo o que for necessário para qualificarem-se para o trabalho profissional. O mundo, em geral, os remunerará de acordo com o que julgar que merecerem. E seu valor aumentará à medida que vocês adquirirem mais instrução e competência em sua área de atuação.

Vocês pertencem a uma Igreja que prega a importância da educação. Vocês receberam o mandamento do Senhor de educar a mente, o coração e as mãos. O Senhor declarou: “Ensinaí diligentemente (...) tanto as coisas do céu como da Terra e de debaixo da Terra; coisas que foram, coisas que são, coisas que logo hão de suceder; coisas que estão em casa, coisas que estão no estrangeiro; as guerras e complexidades das nações e os julgamentos que estão sobre a terra; e também um conhecimento de países e reinos— para que estejais preparados em todas as coisas”. (D&C 88:78–80)

Prestem atenção, essas palavras não são minhas, mas do Senhor, que os ama. Ele deseja que vocês treinem a mente e as mãos para que sejam uma influência positiva ao longo da vida. E ao fazerem isso, ao agirem com honradez e excelência, trarão honra para a Igreja, pois serão respeitados como homens ou mulheres de integridade, capacidade e competência. Sejam inteligentes. Não sejam tolos. Vocês não podem enganar nem iludir as pessoas nem a si mesmos.

Muitos anos atrás, trabalhei para uma companhia ferroviária em seu escritório central em Denver, Colorado. Eu era responsável pelo transporte de bagagens. Isso foi na época em que quase todos usavam o trem como meio de transporte. Certa manhã, recebi o telefonema de um colega em Newark, Nova Jersey, que disse: “O trem nº tal chegou sem o vagão das bagagens. 300 passageiros perderam as malas e estão indignados”.

Imediatamente, esforcei-me para saber onde as bagagens poderiam estar. Descobri que o vagão havia sido carregado normalmente em Oakland, Califórnia, encaminhado para nossa ferrovia em Salt Lake City, depois para Denver e Pueblo, no Colorado, e depois seguiu outra rota, até chegar a Saint Louis. Lá, deveria ter sido direcionado para outra via férrea, que o levaria até Newark. Mas algum manobreiro descuidado em Saint Louis deslocou um pequeno pedaço de aço de menos de 7,5 centímetros, a agulha de desvio, e depois puxou a alavanca para desconectar o vagão. Descobrimos que aquele vagão de bagagens, que deveria estar em Newark, Nova Jersey, de fato fora parar em Nova Orleans, Louisiana—a 2.400 quilômetros do destino. O mero movimento de 7,5 centímetros na agulha de desvio da ferrovia em Saint Louis por um funcionário desatento fez

com que o vagão iniciasse no caminho errado e que a distância do destino correto aumentasse enormemente. E o mesmo ocorre em nossa vida. Em vez de seguirmos um curso constante, por vezes somos influenciados por alguma idéia errada para irmos em outra direção. O desvio de nosso destino original pode ser muito pequeno, mas se continuarmos, essa curva insignificante se tornará um enorme fosso e nos levará para muito longe de onde pretendíamos chegar.

Já observaram alguma vez uma porteira de fazenda de 5 metros de largura? Quando ela se abre, o movimento é algo impressionante. Embora a extremidade perto das dobradiças não se mexa muito, em termos de perímetro, o movimento total é enorme. São as pequenas coisas em torno das quais a vida gira que fazem a grande diferença em nossa jornada eterna, queridos e jovens amigos.

Sejam inteligentes. O Senhor deseja que vocês eduquem a mente e as mãos seja qual for sua área de atuação. Quer consertando geladeiras ou realizando cirurgias delicadas, vocês precisam receber treinamento. Procurem a melhor instrução a seu alcance. Tornem-se trabalhadores íntegros no mundo que os aguarda. Repito, vocês trarão honra para a Igreja e serão ricamente abençoados por causa desse empenho.

Não há dúvida nenhuma de que a instrução vale a pena. Não se contentem com menos do que seu potencial. Se fizerem isso, sofrerão as conseqüências no decorrer de toda a sua vida.

Terceiro conselho: *Sejam puros*. Vivemos num mundo cheio de imundície e sordidez, um mundo que chafurda na perversão. Estamos cercados por ela. Está na televisão, no cinema, nos livros populares, na Internet. Vocês não podem dar-se ao luxo de envolver-se com isso, queridos e jovens amigos. Não podem permitir que essa peçonha suja os contamine. Mantenham distância. Abstenham-se disso. Vocês não podem alugar vídeos que mostrem cenas degradantes. Vocês que possuem o sacerdócio de Deus não podem misturar essa baixaza com o santo sacerdócio.

Não usem linguagem inadequada. Não tomem o nome do Senhor em vão. Em meio aos trovões do Sinai, o dedo do Senhor escreveu nas tábuas de pedra: “Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão”. (Êxodo 20:7)

Não é prova de masculinidade usar o nome do Todo-Poderoso ou de Seu Filho Amado de modo vão e trivial, como muitos tendem a achar.

Escolham suas amizades com cuidado. Elas é que os conduzirão em uma direção ou outra. Todos querem amigos. Todos precisam de amigos. Ninguém quer ficar só. Mas nunca percam de vista o fato de que são seus amigos que os levarão pelos caminhos que vocês trilharão.

Embora devamos tratar bem todas as pessoas, escolham com grande cuidado quem vocês desejam ter a seu lado. Essas pessoas serão seu apoio quando vocês estiverem indecisos entre duas escolhas e vocês, por sua vez, também poderão salvá-las.

Sejam puros. Não desperdicem seu tempo com diversões destrutivas. Recentemente, realizou-se em Salt Lake o show de um grupo de outra cidade. Disseram-me que foi algo imundo, lascivo e abominável em todos os aspectos. Os jovens pagaram entrada de U\$ 25 a U\$ 35. E o que receberam em troca? Só uma voz sedutora convidando-os para as coisas desprezíveis da vida. Suplico-lhes, jovens amigos, que fiquem longe disso. Isso não vai ajudá-los. Só poderá prejudicá-los.

Há pouco tempo, discursi para seus pais. Entre outras coisas, falei sobre as tatuagens.

Que criação é mais grandiosa que o corpo humano? É uma coisa maravilhosa, o supra-sumo da obra do Todo-Poderoso.

Paulo, ao escrever para os coríntios, declarou: “Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?

Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo”. (I Coríntios 3:16–17)

Já pararam para pensar que seu corpo é santo? Vocês são filhos de Deus. Seu corpo é criação Dele. Vocês desfigurariam essa criação gravando na pele desenhos de pessoas, animais e palavras?

Prometo-lhes que dia virá em que, se vocês tiverem tatuagens, se lamentarão por isso. E não há como retirá-las, são permanentes. Só por meio de um processo caro e doloroso é que podem ser removidas. Se vocês tiverem tatuagens, então é bem provável que, pelo restante da vida, vocês as levem na pele. Creio que um dia se envergonharão delas. Não se tatuem. Nós, como

Autoridades Gerais que os amam, rogamos que não desrespeitem o corpo que o Senhor lhes concedeu.

Vou mencionar também os brincos colocados nas orelhas e em outras partes do corpo. Eles não são viris. Não são atraentes. Os rapazes ficam com a aparência muito melhor sem eles e acredito que também se sentirão melhor sem eles. E vocês moças não precisam colocar vários brincos em cada orelha. Um simples par de brincos já é o suficiente.

Falo sobre essas coisas porque, mais uma vez, elas dizem respeito a seu corpo.

Como é verdadeiramente bela uma jovem bem vestida que é pura em corpo e espírito. Ela é uma filha de Deus de quem seu Pai Eterno pode orgulhar-Se. Como é bonito um rapaz bem vestido. Ele é um filho de Deus, digno de possuir Seu santo sacerdócio. Ele não precisa de tatuagens nem brincos na orelha ou em outras partes do corpo. A Primeira Presidência e o Quórum dos Doze são todos da mesma opinião quanto a isso.

E ao tocar nesse assunto, gostaria de voltar a ressaltar a questão da pornografia. Ela tornou-se uma indústria de dez bilhões de dólares nos Estados Unidos, uma atividade em que algumas pessoas enriquecem à custa de centenas de milhares de vítimas. Mantenham distância disso. É algo estimulante, mas que vai destruí-los. Embotará seus sentidos. Suscitará em vocês apetites que os levarão a fazer qualquer coisa para satisfazer. E não tentem criar relacionamentos por meio da Internet e das salas de chat. Eles podem arrastá-los ao abismo do pesar e da amargura.

Gostaria também de falar um pouco sobre as drogas ilegais. Vocês sabem quais são meus sentimentos em relação a elas. Nem conheço todos os tipos existentes, mas sei que elas vão arruiná-los se as usarem. Vão escravizá-los. Quando estiverem sob o poder delas, farão qualquer coisa para conseguir dinheiro para comprar mais.

Fiquei estupefato quando, por meio de um programa de televisão, tomei conhecimento de que, em 20 por cento dos casos, os próprios pais apresentam as drogas aos filhos. Não consigo entender a insensatez e insânia desses pais. Que futuro, além da escravidão, eles podem esperar para os filhos? As drogas ilícitas destruirão completamente quem nelas se viciar.

Meu conselho e súplica a vocês, rapazes e moças maravilhosos, é: mantenham total distância delas. Vocês não precisam experimentá-las. Olhem em volta de si mesmos e vejam seus efeitos sobre os usuários. Não há necessidade alguma para qualquer menino ou menina, rapaz ou moça da Igreja mesmo prová-las. Mantenham-se limpos desses vícios que deformam a mente e criam hábitos maléficis.

Agora, apenas algumas palavras sobre o mais comum e mais difícil de todos os problemas que os rapazes e moças enfrentam. É o relacionamento que mantêm uns com os outros. Vocês estão lidando com o mais forte dos instintos humanos. Apenas o instinto de sobrevivência talvez seja maior.

O Senhor fez-nos atraentes uns para os outros com um propósito grandioso. Mas, essa própria atração torna-se um barril de pólvora se não for mantida sob controle. É algo belo quando exercido da maneira correta, mas letal quando extrapola os limites estabelecidos pelo Senhor.

É por isso que a Igreja opõe-se ao namoro precoce. Essa regra não tem o intuito de prejudicá-los de modo algum. Ela visa a ajudá-los e o fará, caso a observem.

O namoro firme entre pessoas de pouca idade costuma acabar em tragédia. Há estudos que mostram que quanto mais tempo um menino e menina namoram, maior é a probabilidade de fazerem coisas que não deveriam fazer.

É melhor, meus amigos, sair com várias pessoas diferentes até vocês estarem prontos para casar. Divirtam-se, mas mantenham a devida distância. Não se precipitem. Talvez não seja fácil, mas é possível.

Os rapazes que pretenderem servir como missionários precisam reconhecer que o pecado sexual pode privá-los dessa oportunidade. Talvez vocês achem que poderão ocultá-lo. Nossa longa experiência mostra que não. Para terem sucesso no campo missionário, vocês necessitam do Espírito do Senhor, e transgressões não confessadas afugentam-No. Mais cedo ou mais tarde, vocês se sentirão compelidos a confessar seus pecados do passado. Como bem disse o Sir Galahad: ‘Minha força é como a de dez homens, pois meu coração é puro’. (Alfred, Lord Tennyson, *Sir Galahad*, 1842, primeira estrofe.)

Caros e jovens amigos, no que tange ao sexo vocês sabem o que é certo. Sabem quando estão pisando em terreno perigoso, quando é muito fácil tropeçar e escorregar rumo ao abismo da

transgressão. Suplico-lhes que tenham cuidado, que fiquem longe do desfiladeiro do pecado, no qual é tão fácil cair. Mantenham-se puros do tenebroso e decepcionante mal da transgressão sexual. Caminhem sob a luz da paz advinda da obediência aos mandamentos do Senhor.

E se algum de vocês tiver transposto os limites e transgredido, haveria esperança? É evidente que sim. Quando o arrependimento é verdadeiro, há perdão. Esse processo inicia-se na oração. O Senhor declarou: “Eis que aquele que se arrependeu de seus pecados é perdoado e eu, o Senhor, deles não mais me lembro”. (D&C 58:42) Dividam o fardo com seus pais, se puderem. E, acima de tudo, não deixem de confessar-se ao bispo, que está sempre a seu lado e disposto a ajudá-los.

Próximo conselho: *Sejam fiéis*.

Shakespeare escreveu: “A ti mesmo sê fiel, e se isso fizeres, tal qual a noite sucede o dia, não poderás ser falso com ninguém na vida”. (*Hamlet*, I, iii, 78–81) Vocês têm uma herança extraordinária. Muitos de vocês são descendentes dos pioneiros que morreram aos milhares devido a seu testemunho da veracidade desta obra. Se pudessem dirigir-se a vocês, eles suplicariam: “Sejam fiéis. Sejam leais. ‘Sempre fiéis [sua fé guardem], sempre valentes com ardor [lutem]’”. Eles diriam hoje: “Fé dos nossos pais, santa fé, até o fim te seremos fiéis”. (Ver *Hinos*, 183 e Hymns, 84.)

E, mesmo que não tenham antepassados pioneiros, vocês pertencem a uma Igreja que se tornou forte pela lealdade e amor inquebrantáveis de seus membros no decorrer das gerações. Como é magnífico pertencer a uma sociedade cujos objetivos são nobres, cujas realizações são notáveis e cujo trabalho é edificante, mesmo heróico. Sejam leais à Igreja em todas as circunstâncias. Prometo-lhes que as autoridades desta Igreja não os desencaminharão, mas os conduzirão pelos caminhos da felicidade.

Vocês que são membros desta Igreja devem-lhe lealdade. Esta Igreja é de vocês. Sua responsabilidade em sua esfera de ação é tão grande quanto a minha em minha área de atuação. A Igreja pertence a vocês tanto quanto pertence a mim. Vocês abraçaram o evangelho. Tomaram sobre si um convênio nas águas do batismo e renovam-no a cada vez que tomam o sacramento. Esses convênios aumentarão em magnitude quando vocês se casarem no templo. Vocês não podem tratá-los com leviandade. Eles

são por demais grandiosos. Esta é a própria obra de Deus, criada para levar a efeito a imortalidade e vida eterna de Seus filhos e filhas.

Andem com fé diante Dele, com a cabeça erguida, orgulhosos por pertencerem à grande causa e reino que foi restaurado na Terra nesta última dispensação da plenitude dos tempos. Por quê? Para trazer-lhes felicidade.

Sejam fiéis às suas próprias convicções. Vocês sabem o que é certo e o que é errado. Sabem quando estão fazendo o que devem fazer. Sabem quando estão canalizando forças para a causa correta. Sejam leais. Sejam fiéis. Sejam verdadeiros, amados companheiros, neste reino grandioso.

Quinto conselho: *Sejam humildes.*

Não há lugar para a arrogância em nossa vida. Não há espaço para a presunção. Não há lugar para o egocentrismo. Temos um grande trabalho a executar. Temos muito a realizar. Precisamos de orientação para adquirirmos instrução. Necessitamos de auxílio na escolha de um companheiro eterno.

O Senhor declarou: “Sê humilde; e o Senhor teu Deus te conduzirá pela mão e dará resposta a tuas orações”. (D&C 112:10)

Que promessa formidável recebemos nesta passagem. Se não formos pretensiosos, orgulhosos nem arrogantes, se formos humildes e obedientes, o Senhor nos guiará pela mão e responderá às nossas preces. Que coisa mais grandiosa poderíamos pedir? Não há nada que se compare a isso.

O Salvador, no admirável Sermão da Montanha, afirmou: “Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra”. (Mateus 5:5)

Acredito que os mansos e humildes sejam aqueles que são doutrináveis. Eles estão dispostos a aprender, prontos para ouvir os sussurros da voz mansa e delicada que os guiará na vida. Eles colocam a sabedoria do Senhor acima de sua própria sabedoria.

Por fim, chegamos ao último conselho: *Orem sempre.*

Vocês não conseguem fazer tudo sozinhos. Ao olhar esta vasta congregação, sei que vocês são jovens que oram, que se ajoelham e conversam com o Senhor. Vocês sabem que Ele é a fonte de toda a sabedoria.

Vocês precisam da ajuda Dele e têm consciência disso. Vocês não conseguem fazer tudo sozinhos. E, com o passar dos anos, cada vez mais se darão conta disso. Assim, vivam de modo a poderem, com a consciência tranqüila, conversar com o Senhor. Ajoelhem-se e agradeçam a Ele por Sua bondade para com vocês e expressem-Lhe os desejos justos de seu coração. O milagre de tudo isso é que Ele ouve. Ele atende. Ele responde—nem sempre como gostaríamos, mas não tenho a menor dúvida de que o faz.

Vocês têm uma enorme responsabilidade, rapazes e moças. Vocês são o produto de todas as gerações que os antecederam. Tudo o que vocês têm no corpo e na mente foi transmitido por seus pais. Um dia vocês também terão filhos e repassarão às gerações seguintes as qualidades físicas e mentais que receberam do passado. Não rompam a corrente de gerações de sua família. Mantenham-na vigorosa e forte. Muitíssimo depende de vocês. Vocês são por demais preciosos. Significam tanto para a Igreja. Ela não seria a mesma sem vocês. Atinjam seu potencial, com orgulho de sua herança como filhos de Deus. Voltem-se para Ele em busca de entendimento e orientação. Andem segundo Seus preceitos e mandamentos.

Vocês podem divertir-se. É claro que sim! Queremos que o façam. Desejamos que desfrutem a vida. Não queremos que sejam puritanos. Desejamos que sejam saudáveis e alegres, que cantem e dancem, que riem e sejam felizes.

Mas em tudo isso, tenham humildade e fé, e o céu lhes sorrirá.

Eu não poderia desejar-lhes nada melhor do que uma vida produtiva, com serviço dedicado e voluntário e contribuições para o conhecimento e o bem-estar do mundo em que vivem. E que o façam em espírito de submissão e fidelidade diante de Deus. Ele os ama. Nós os amamos. Queremos que sejam felizes e bem-sucedidos, que façam contribuições significativas para o mundo e para o progresso desta grande e majestosa obra do Senhor.

Bem, irmãos e irmãs, essa foi a “lição de casa” que lhes designei: sejam gratos, sejam inteligentes, sejam puros, sejam fiéis, sejam humildes, orem sempre.

Agora, para concluir, gostaria de oferecer-lhes uma oração.

Ó Deus, nosso Pai Eterno, como Teu servo, curvo-me perante Ti para orar em favor dos jovens espalhados por toda a Terra que estão reunidos hoje à noite em tantos locais. Suplico que os abençoes e favoreças. Rogo que os ouças quando erguerem a voz em oração a Ti. Por favor, guia-os serenamente pela mão no rumo que devem seguir.

Peço que os ajudes a trilhar os caminhos da verdade e retidão e que os protejas dos males do mundo. Abençoa-os para que sejam alegres nos momentos certos e sérios nos momentos certos, para que apreciem a vida e a desfrutem em sua plenitude. Abençoa-os para que se portem de maneira aceitável perante Ti, como Teus filhos e filhas queridos. Cada um deles é filho Teu, com capacidade de realizar coisas grandiosas e nobres. Mantém-nos no caminho elevado que conduz à realização. Salva-os dos erros que poderão destruí-los. Caso eles tenham pecado, perdoa-lhes as ofensas e leva-os de volta às veredas da paz e do progresso. Por essas bênçãos eu oro humildemente, com gratidão por eles, e invoco sobre eles Tuas bênçãos com amor e carinho. Em nome Dele que leva o peso de nossos pecados, sim, o Senhor Jesus Cristo. Amém.

AUXÍLIOS DIDÁTICOS

- Quais são os seis conselhos do Presidente Hinckley, e por que eles são importantes?
- Que princípios de liderança podemos aprender no discurso do Presidente Hinckley? (Ver particularmente sua oração pelos jovens.) Por que esses princípios são importantes?
- Por que a gratidão é tão importante para os servos do Senhor? O que o líder pode fazer para inspirar a gratidão ao Senhor?
- O Presidente Hinckley mencionou uma porteira e as dobradiças. O que as dobradiças representam na liderança? O que a porteira pode representar? Como essa ilustração nos ajuda como líderes?
- Como podemos manter-nos concentrados na educação de nossa mente e no desenvolvimento de nossas capacidades?
- Que conselho o Presidente Hinckley nos dá sobre os amigos? Por que esse conselho é importante?
- Quais são algumas das coisas que *devemos* e não *devemos* fazer mencionadas na seção “Sejam puros” do discurso do Presidente Hinckley?
- Por que a humildade é importante para a liderança no reino?
- Que papel tem a oração na liderança? Por quê?

APRENDER NOSSOS DEVERES COMO LÍDERES

“Portanto agora todo homem aprenda seu dever e a agir no ofício para o qual for designado com toda diligência.” (D&C 107:99)

PRINCÍPIO DE LIDERANÇA

Os líderes da Igreja e da família precisam compreender seus deveres para ajudar as pessoas a quem eles servem a receberem as bênçãos do evangelho.

CONCEITOS DA LIÇÃO

1. Os líderes são mais eficazes quando aprendem os deveres que acompanham seu chamado.

CONCEITO 1. OS LÍDERES SÃO MAIS EFICAZES QUANDO APRENDEM OS DEVERES QUE ACOMPANHAM SEU CHAMADO.

COMENTÁRIO

Em Doutrina e Convênios 107:99–100, o Senhor aconselha a todos que aprendam seu dever. Esses versículos se dirigem aos que servem nos ofícios do sacerdócio, mas o espírito desse conselho se aplica a todos os líderes. O Élder Richard L. Evans, que foi membro do Quórum dos Doze, ensinou: “Nossa família, a Igreja, a comunidade, a nação, o reino de Deus são mais bem servidos por pessoas bem-preparadas. A preparação e o conhecimento, juntamente com a fidelidade, são infinitamente melhores do que apenas a fidelidade. E aqueles que desistem por motivos triviais, aqueles que deixam de aprender, aqueles que não continuam a procurar aumentar sua competência estão, em minha opinião, falhando no cumprimento de seu dever”. (Conference Report, outubro de 1966, p. 55.)

Todo papel de liderança tem deveres específicos. Podemos aprender esses deveres em manuais, com nossos líderes, com outros que serviram no cargo, em reuniões de treinamento, por observação pessoal, buscando o Espírito, estudando as escrituras e orando.

Os chamados para cargos de liderança dão às pessoas a oportunidade de aprender e praticar diversas capacidades, tais como “avaliar as opções, programar, delegar e motivar as pessoas. Contudo,

todos os líderes da Igreja são incentivados a concentrarem-se principalmente nas pessoas, a apascentarem as ovelhas do rebanho do Senhor, a conhecer e amar os membros, a ouvir, a amar e ajudar nas necessidades pessoais. [O Presidente David O. McKay disse]: ‘É dever do líder (...) ensinar o membro a amar—não o líder ou o professor, mas a verdade do evangelho’. [Conference Report, outubro de 1968, pp. 143–144.] Para isso, os líderes são freqüentemente aconselhados a buscar os dons espirituais do discernimento e sabedoria”. (Cf. Lucas 12:12; D&C 84:85.) (em Daniel H. Ludlow, ed., *Encyclopedia of Mormonism*, 5 vols., 1992, 2:818.)

Os líderes precisam aprender seus deveres e o que os outros esperam deles. Por exemplo, um presidente de classe pode ter a responsabilidade de dar as boas-vindas à classe, reunir-se com o professor e outros líderes da classe para planejar atividades, treinar outros líderes da classe, comemorar o aniversário dos alunos, ajudar alunos que tenham dificuldades ou que não estejam freqüentando, etc.

Como líderes da família, os pais têm a responsabilidade de cuidar de seu próprio bem-estar e o de seus filhos. Seus deveres incluem as diretrizes relacionadas em “A Família: Proclamação ao Mundo”, (*Liahona*, janeiro de 1996, p. 114.)

Os líderes do sacerdócio e auxiliares têm a responsabilidade de ajudar as pessoas a quem eles servem a receberem as bênçãos do evangelho.

Seus deveres podem incluir dirigir reuniões, supervisionar o ensino familiar ou as professoras visitantes, apresentar relatório a outros líderes, aconselhar, entrevistar, preparar orçamentos, chamar pessoas para servir, dirigir projetos de serviço, e ajudar, de modo geral, sua organização a funcionar bem. A principal responsabilidade dos líderes do sacerdócio e auxiliares é apoiar e encorajar os pais em seu dever de ensinar o evangelho no lar.

Os líderes da Igreja e da família geralmente precisam desenvolver habilidades como estas:

- Avaliar as opções
- Tomar decisões
- Programar atividades
- Fazer orçamento
- Delegar responsabilidades
- Motivar
- Concentrar-se nas pessoas e não nas tarefas
- Comunicar-se com as pessoas a quem eles servem e com outros líderes
- Edificar
- Ouvir com empatia
- Conhecer e amar as pessoas
- Ajudar aqueles que têm necessidades pessoais
- Ensinar com amor as verdades do evangelho
- Usar dons espirituais como o discernimento e a sabedoria
- Trabalhar dentro dos limites impostos pela doutrina e as normas

SUGESTÃO DIDÁTICA

Pergunte a dois ou três alunos que tipo de trabalho seus pais fazem para sustentar a família. Ou, se seus alunos forem os cabeças da família, você pode perguntar-lhes que tipo de trabalho fazem. Discuta que aptidões, conhecimento ou atitude seu trabalho exige.

Saliente que todo membro deve preparar-se para tornar-se um líder na Igreja ou na família. Todo papel de liderança tem deveres específicos.

Pergunte por que é importante que os líderes aprendam seus deveres. Não seria suficiente os líderes serem apenas boas pessoas e procurarem ajudar os outros?

Aliste com os alunos alguns dos deveres de vários cargos de liderança na família e na Igreja. Discuta como aprendemos esses deveres.

Incentive os alunos a se esforçarem para aprender todos os seus deveres, sempre que forem colocados em um cargo de liderança.

Faça uma lista dos deveres da presidente da Sociedade de Socorro. Faça outra lista com os deveres do presidente do quórum de élderes. Saliente que poderíamos fazer listas semelhantes para cada cargo de liderança na Igreja e na família. Saliente como é importante que os líderes aprendam seus deveres para que possam ser servos úteis.

Analise algumas das maneiras pelas quais aprendemos nossos deveres como líderes.

Pergunte o que poderia impedir-nos de aprender nossos deveres como líderes e discuta como podemos vencer esses obstáculos.

Lembre aos alunos as grandes bênçãos que recebem aqueles que ajudam outros a achegarem-se a Jesus Cristo. (Ver D&C 18:15–16.)

RECURSOS PARA O PROFESSOR



Élder Dallin H. Oaks

Do Quórum dos Doze Apóstolos

“Parental Leadership in the Family” (Liderança dos Pais na Família), Ensign, junho de 1985, pp. 7–11

Agradeço esta oportunidade de falar aos pais da Igreja sobre sua liderança na família. Dirijo-me a todos os pais, sejam jovens ou idosos. Dirijo-me aos que precisam exercer seu papel de pai ou mãe sozinhos, e também aos que estão envolvidos como parceiros iguais num casamento feliz.

Nunca é demais salientar a importância dos pais e da família. A base do governo de Deus é a família eterna. Nossa doutrina começa com pais celestiais e nosso maior desejo é alcançarmos nós mesmos essa condição. O evangelho de Jesus Cristo é o plano de nosso Pai Celestial para benefício de Seus filhos espirituais. O plano do evangelho tornou-se possível pelo sacrifício de nosso Irmão mais velho. Como pais terrenos, participamos do plano do evangelho proporcionando um corpo terreno para os filhos espirituais de pais celestiais. Afirmamos solenemente que a plenitude da salvação eterna é uma questão de família. Podemos verdadeiramente dizer que o plano do evangelho teve início no conselho de uma família eterna, é implementado por meio de nossa família terrena e tem seu destino em nossa família eterna. Não

admira que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias seja conhecida como uma igreja centralizada na família.

Como pais em Sião temos a responsabilidade de ensinar o evangelho de Jesus Cristo à nossa posteridade, incluindo a necessidade de guardar os mandamentos de Deus e receber as ordenanças de salvação do evangelho.

Todos desejamos melhorar nosso desempenho como pais. Nenhuma tarefa é mais comum, mas nenhuma é mais importante que essa. O Presidente Joseph F. Smith deu-nos este conselho:

“Jamais devemos desanimar naquelas tarefas diárias que Deus ordenou a todo homem. Cada dia de trabalho deve ser recebido com um espírito de alegria e com o pensamento e a convicção de que nossa felicidade e bem-estar eternos dependem de fazermos bem o que precisamos fazer, aquilo que Deus nos designou como nosso dever.”

O Presidente Smith aplicou esse princípio ao trabalho dos pais da seguinte forma:

“Afinal de contas, fazer bem as coisas que Deus ordenou a todos os homens é a grandeza mais verdadeira. Ser bem-sucedido como pai ou mãe é maior do que ser um general ou estadista bem-sucedido.

O sucesso no emprego, mesmo que seja em um emprego importante, é apenas temporário, concluiu o Presidente Smith, ao passo que nosso sucesso como pais é “uma grandeza universal e eterna”. (*Gospel Doctrine*, 5ª edição, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1939, p. 285.)

Apesar da importância de nossa tarefa, vivemos numa época difícil para os pais. As pressões e dificuldades da vida moderna são um grande problema para nós. Vemos isso na triste definição de uma família como “um grupo de pessoas que possuem as chaves da mesma casa”.

As expressões populares “libertação feminina” e “libertação masculina” sugerem outros problemas. Esse tipo de libertação frequentemente propõe liberar os homens e as mulheres das responsabilidades familiares. Os homens ou as mulheres que abandonam ou negligenciam sua família podem estar liberados de suas responsabilidades, mas estão presos ao pecado. Sejam quais forem os resultados a curto prazo, ninguém jamais poderá alcançar a verdadeira libertação ou liberdade fugindo de responsabilidades eternas. A liberdade eterna exige o cumprimento consciencioso das responsabilidades familiares.

Ao estudarmos os sermões proferidos por nossos líderes no primeiro século da Igreja restaurada, chama-nos a atenção a pouca frequência com que eles falaram sobre as responsabilidades familiares. Inversamente, esse é um assunto muito frequente nas instruções atuais. Por que isso acontece?

Em minha infância na fazenda, toda noite era noite familiar, e não havia televisão para distrair-nos das atividades da família. Com exceção de umas poucas horas na escola, tudo que acontecia naquela época acontecia sob a direção da família. Geralmente saíamos da fazenda apenas duas vezes por semana, no sábado para compras e no domingo para a Igreja. Esse era o padrão de vida da maioria dos membros durante o primeiro século da Igreja restaurada. Nessas circunstâncias, havia pouca necessidade de se programar uma noite familiar regular. E havia pouca necessidade de se salientar a importância da família e das responsabilidades familiares.

Atualmente bem poucos de nossos jovens desfrutam das atividades centralizadas na família de antigamente. A vida urbana e o transporte moderno tornaram fácil para nossos jovens fazerem do lar um dormitório onde passam a noite e ocasionalmente fazem uma refeição, mas em que há pouca orientação para suas atividades. As atividades recreativas organizadas e o transporte de alta velocidade afastam os jovens da supervisão dos pais.

O modo como a maioria dos membros da Igreja trabalha para ganhar seu sustento também complica seu papel como pais. No passado, a família era uma unidade de *produção* econômica, organizada e disciplinada. Todos os meus quatro avós trabalharam no solo, dirigindo o trabalho de seus filhos na fazenda ou rancho da família. Toda a família trabalhava junta para produzir seu alimento, manter sua casa e gerar rendas para suas compras necessárias.

Hoje em dia, relativamente poucas famílias trabalham juntas na produção de renda. Nos tempos atuais, a maioria das famílias constitui uma unidade econômica de *consumo*, que não exige um alto nível de organização e cooperação. Nessas circunstâncias, é preciso um empenho específico dos pais para trabalhar com os filhos em tarefas comuns, mas é importante fazê-lo.

Uma das grandes influências que unia as famílias antigamente era a experiência de se esforçarem em conjunto para alcançar um objetivo comum: como cultivar uma região agreste ou estabelecer um negócio. Esse princípio

é tão importante que um comentarista sugeriu: “Se estiver faltando uma crise na família, contrate um lobo para uivar em sua porta”. (*Time*, 15 de dezembro de 1967, p. 31.) A maioria dos pais encontra crises suficientes sem precisar contratar mais nenhuma. Mas eles precisam identificá-las e organizar sua família num esforço conjunto para resolvê-las.

A família se une quando realiza coisas significativas em conjunto. Os filhos devem trabalhar juntos sob a liderança dos pais. Um emprego comum, mesmo em regime de tempo parcial, é válido. O mesmo se dá com uma horta da família. Projetos conjuntos para ajudar outras pessoas também são recomendáveis. A família pode estabelecer um fundo missionário perpétuo. Eles podem pesquisar e escrever a história da família e compartilhá-la uns com os outros. Podem organizar reuniões de família. Podem educar os membros da família em aptidões básicas da vida, inclusive a administração das finanças, a manutenção das propriedades ou no avançamento nos estudos em geral. O aprendizado de línguas é uma preparação útil para o trabalho missionário e a vida moderna. Os professores podem ser os pais ou avós ou outros membros mais distantes da família.

Alguns podem dizer: “Mas não temos tempo para isso”. Quanto ao tempo para fazer o que é verdadeiramente importante, sugiro que muitos pais descobrirão que podem ligar sua família se desligarem sua televisão. O aparelho de televisão fica ligado sete horas por dia, em média, nos lares dos Estados Unidos. (*USA Today*, 17 de maio de 1984.) Mais especificamente, um estudo de 1984 sobre o uso da televisão numa área predominantemente SUD mostrou que 70 por cento dos entrevistados—adultos em sua maioria—assistia à televisão por três horas ou mais a cada dia. Quase metade desse grupo assistia à televisão por cinco horas ou mais.

O Presidente David O. McKay ensinou:

“O lar é o lugar mais importante e eficaz para que os filhos aprendam as lições da vida: Verdade, honra, virtude, autocontrole o valor dos estudos, o trabalho honesto e o propósito e o privilégio da vida. Nada pode substituir o lar na criação e educação dos filhos, e nenhum outro sucesso pode compensar o fracasso no lar”. (*Family Home Evening Manual* 1968–1969, p. iii.)

Os pais são professores excelentes. Seu ensino mais eficaz é ministrado pelo exemplo. O círculo familiar é o lugar ideal para se demonstrar e

aprender a bondade, o perdão, a fé em Deus e todas as outras virtudes práticas do evangelho de Jesus Cristo.

O pai preside o lar e tem a responsabilidade final no governo do lar, mas evidentemente ambos os pais dividem a responsabilidade de criar os filhos. Ambos os pais ocupam um papel de liderança na educação dos filhos, e precisam aconselhar-se mutuamente e apoiar um ao outro. Nessa tarefa, os pais devem lembrar a maravilhosa ilustração do Presidente Kimball de uma vela e um espelho: “Há duas maneiras de se espalhar a luz: Ser a vela ou ser o espelho que a reflete. Os pais podem ser as duas coisas”. (Conference Report, conferência de área de Estocolmo, Suécia, 1974, p. 49.) Na sagrada tarefa de educar os filhos de Deus, os pais devem unir e combinar seus esforços para repelir os poderes das trevas da vida de seus filhos.

O círculo familiar também é a melhor organização para contra-atacar o egoísmo e a complacência com os próprios erros, que são temas repetidos obsessivamente e que parecem ser o canto da sereia da vida moderna. Ao contrário do egoísmo individualista que nos cerca, devemos procurar moldar nossa vida em família à semelhança do sacrifício pessoal de nosso Salvador. Ele nos ensinou a doar-nos a serviço do próximo. Em seu último grande sermão, o rei Benjamim disse a seu povo que ensinasse seus filhos “a andarem nos caminhos da verdade e da sobriedade; (...) [e] a amarem-se uns aos outros e a servirem-se uns aos outros”. (Mosias 4:15)

Não há relacionamento humano mais adequado a esses ensinamentos do que uma família em que os pais realmente amem os filhos e dêem a vida a serviço deles. Os pais devem ensinar os princípios do evangelho restaurado, especialmente o sacrifício expiatório de nosso Salvador Jesus Cristo. Os pais também devem ensinar os sacrifícios em menor escala que estão fazendo por sua própria família. Se isso for feito no espírito correto—pelo exemplo bem como por preceito—esse ensinamento deve ajudar os filhos a serem mais amorosos com seus pais e honrá-los mais. Isso deve também ajudar a preparar os filhos para quando eles próprios se tornarem pais.

Os pais ensinam e a família aprende fazendo coisas juntos.

A família deve orar em conjunto, ajoelhar-se à noite e pela manhã para agradecer as bênçãos e orar por coisas que preocupam toda a família.

A família deve adorar em conjunto, participando das reuniões da Igreja e dos devocionais da família.

A família deve estudar e aprender em conjunto. Isso deve incluir a leitura e debate em grupo das escrituras, e a análise em grupos de assuntos importantes, como o conhecimento prático necessário para se viver num mundo moderno.

A família deve trabalhar em conjunto, como sugerido anteriormente. Os membros da família também devem brincar juntos, de modo que experiências recreativas felizes estejam associadas às atividades da família.

A família deve reunir-se em conselho para tratar de todos os assuntos que preocupem a família e seus integrantes.

A família deve reunir-se para fazer as refeições. A hora da refeição é um momento natural para que a família se reúna e se comunique. É uma pena que essa oportunidade se perca em brigas de família ou fique fragmentada quando os membros da família apanham sua comida e se espalham pelos quatro cantos da casa, como se a cozinha fosse um balcão de lanchonete.

A família deve reunir-se para registrar tradições de família e experiências sagradas. Deve reunir-se também para ler esses registros a fim de fortalecer a família e seus membros individualmente. Como o Presidente Kimball nos lembrou: “Histórias inspiradoras de nossa própria vida e da vida de nossos antepassados (...) são ferramentas de ensino muito poderosas”, uma fonte de inspiração para nós e nossa posteridade. (*Ensign*, janeiro de 1982, p. 4.)

É um fato marcante que a noite familiar é o momento ideal para quase todo tipo de coisa que a família pode realizar em conjunto. É o lugar ideal para orar em família, aprender em família, aconselhar-se em família, brincar em família e até trabalhar em família. A maioria de nós sabe disso, mas me pergunto quantos estão realmente utilizando a noite familiar em todo o seu potencial. (...)

A magnitude de nossas responsabilidades como pais é revelada nesta declaração profética do Presidente Spencer W. Kimball:

“Tempo virá em que apenas aqueles que acreditam profunda e ativamente na família serão capazes de preservar sua família em meio ao mal que se reúne a nosso redor.” (*Ensign*, novembro de 1980, p. 4.)

Na tarefa supremamente importante de preservar nossa família, precisamos de toda ajuda de que pudermos dispor. Nesse trabalho, temos direito às bênçãos do céu e iremos recebê-las. Somos servos de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, e é o Seu encargo que seguimos ao procurarmos cumprir com nossas sagradas responsabilidades como pais em Sião. Que sejamos diligentes e abençoados em nosso empenho.

AUXÍLIOS DIDÁTICOS

- Quais são algumas das principais responsabilidades dos pais como líderes da família?
- Que motivos o Élder Oaks nos deu para seu comentário de que os antigos líderes da Igreja falavam menos do que os de hoje sobre as responsabilidades familiares?
- O que o Élder Oaks diz que a família pode fazer reunida?
- De acordo com o Élder Oaks, qual é o modo mais eficaz para os pais ensinarem?
- Quais são algumas das coisas que podemos fazer em família?
- O que os líderes podem fazer para fortalecer os pais e o lar como lugar de ensino do evangelho e como laboratório de aplicação prática dos ensinamentos do Salvador?

SERVIR AS PESSOAS A QUEM LIDERAMOS

“E ele lhes disse: Os reis dos gentios dominam sobre eles, e os que têm autoridade sobre eles são chamados benfeitores.

Mas não sereis vós assim; antes o maior entre vós seja como o menor; e quem governa como quem serve.

Pois qual é maior: quem está à mesa, ou quem serve? Porventura não é quem está à mesa? Eu, porém, entre vós sou como aquele que serve.” (Lucas 22:25–27)

PRINCÍPIO DE LIDERANÇA

Os líderes da Igreja e da família servem o Senhor ao servirem às pessoas a quem eles lideram.

CONCEITOS DA LIÇÃO

1. O Salvador era o líder perfeito e o servo perfeito.
2. Devemos aprender a ser líderes servos.
3. Podemos ser melhores líderes servos se compreendermos as necessidades das pessoas a quem servimos.

CONCEITO 1. O SALVADOR ERA O LÍDER PERFEITO E O SERVO PERFEITO.

COMENTÁRIO

Durante o ministério mortal de Jesus Cristo, a mãe de Tiago e João pediu certa vez que seus filhos fossem especialmente favorecidos. Jesus explicou: “Bem sabeis que pelos príncipes dos gentios são estes dominados, e que os grandes exercem autoridade sobre eles.

Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal;

E, qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo;

Bem como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos.” (Mateus 20:25–28)

Após Sua última ceia de Páscoa, Jesus lavou os pés de Seus Apóstolos e depois perguntou: “Entendeis o que vos tenho feito?

Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou.

Ora, se eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros.

Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também.

Na verdade, na verdade vos digo que não é o servo maior do que o seu senhor, nem o enviado maior do que aquele que o enviou.” (João 13:12–16)

Como observou o Élder Neal A. Maxwell, membro do Quórum dos Doze: “O líder servo perfeito é exemplificado por Jesus”. (*Even As I Am*, 1982, p. 62.) Jesus passou Seu ministério mortal curando, abençoando, ensinando e servindo a todos, sem distinção de cargo ou posição. Ele ministrou (serviu) às pessoas no tocante às suas mais profundas necessidades. O Salvador, em Seu sermão sobre o pão da vida, observou que muitas pessoas O seguiam por causa dos milagres que Ele tinha realizado. Outros O seguiam porque Ele lhes dera pão e peixe. O Salvador sabia que eles precisavam mais do que milagres e pão para nutrir seu espírito. Ele os convidou a “[comer] a carne do Filho do homem, e (...) [beber] o seu sangue”, prometendo-lhes: “Quem comer este pão viverá para sempre”. (João 6:53, 58) Pedro, falando pelos Doze, testificou que Jesus realmente declarou “as palavras de vida eterna”. (Versículo 68)

O Presidente James E. Faust, conselheiro na Primeira Presidência, ensinou: “As necessidades básicas da humanidade (...)—auto-estima, paz de consciência e felicidade pessoal—podem ser plenamente satisfeitas pela obediência fiel aos mandamentos de Deus. Isso é verdade para toda pessoa de todo país ou cultura”. (Conference Report, abril de 1995, p. 81; ou *Ensign*, maio de 1995, p. 62.)

SUGESTÃO DIDÁTICA

Leia com a classe Mateus 20:25–28; João 13:12–16 e pergunte: Como a liderança no reino de Deus difere da liderança no mundo? Discuta suas respostas. (Ver o comentário.)

Peça aos alunos que pesquisem as escrituras procurando exemplos de serviço prestado por Jesus ou um de Seus seguidores. Peça-lhes que procurem escrituras que expliquem a importância do serviço. Peça-lhes que leiam as escrituras que encontrarem.

Explique-lhes que Jesus “foi o exemplo perfeito” do conceito de um líder servo. Discuta como a Expição do Senhor é o maior ato de serviço que já foi realizado.

CONCEITO 2. DEVEMOS APRENDER A SER LÍDERES SERVOS.

COMENTÁRIO

Depois de Jesus Cristo, alguns dos melhores exemplos de servos líderes são os profetas e missionários antigos e modernos. O rei Benjamim ensinou a seu povo a importância do serviço: “Quando estais a serviço de vosso próximo, estais somente a serviço de vosso Deus”. (Mosias 2:17) Amon pôde ensinar ao rei Lamôni e seu povo porque ele primeiro se tornou seu servo. (Ver Alma 17–19.) O Élder Neal A. Maxwell disse o seguinte a respeito do Profeta Joseph Smith: “Se Joseph foi um líder servo? Sim, e há provas disso! Uma menina e o irmão estavam tendo dificuldade para atravessar um trecho de lama profunda a caminho da escola. O Profeta Joseph ‘abaixou-se e limpou a lama dos nossos sapatos, tirou o lenço do bolso e limpou nosso rosto manchado pelas lágrimas. Falou algumas palavras bondosas e animadoras e colocou-nos a caminho da escola, rejubilantes’. (*Juvenile Instructor*, 15 de janeiro de 1892, p. 67.)

“Ao fugir com Joseph de uma multidão enfurecida, contou um rapaz: ‘A doença e o medo roubaram-me as forças. Joseph teve de decidir se

me deixaria para ser capturado pela multidão, ou arriscar-se para prestar-me auxílio. Tendo escolhido ficar comigo, ele colocou-me em seus largos ombros e carregou-me, parando de vez em quando para descansar ao atravessar o pântano na escuridão. Várias horas depois saímos na única estrada existente e em pouco tempo chegamos a um local seguro. A força hercúlea de Joseph permitiu que ele [salvasse] minha vida’. (*New Era*, dezembro de 1973, p. 19.)” (Conference Report, outubro de 1983, p. 78; ou *Ensign*, novembro de 1983, p. 56.)

O Élder L. Tom Perry, do Quórum dos Doze, disse o seguinte a respeito do Presidente Howard W. Hunter: “A história da sua vida está cheia de relatos de determinação, realizações, fé e verdadeiro amor cristão. Ele é uma inspiração para todos nós. Ele é nosso profeta. Sentamo-nos a seus pés prontos para nos banquetear com a sabedoria desse verdadeiro e fiel servo e líder”. (*Liahona*, janeiro de 1995, p. 19.)

O Élder Neal A. Maxwell escreveu: “O líder servo perfeito é exemplificado por Jesus, e se quisermos tornar-nos semelhantes a Ele, também precisamos ser assim.

De fato, a própria utilidade de nossa vida depende de nossa disposição de servir ao próximo”. (*Even As I Am*, p. 62.)

Por outro lado, como observou o Élder Russell M. Nelson, dos Doze: “lutar para tornar-se mestre em vez de servo (...) pode destruir o espírito do trabalhador e a obra”. (*Liahona*, julho de 1996, p. 15.) O Presidente Gordon B. Hinckley escreveu: “Algumas de nossas melhores obras resultam do serviço ao próximo”. (*Standing for Something: Ten Neglected Virtues That Will Heal Our Hearts and Homes*, 2000, p. 161.)

O Élder Vauhgn J. Featherstone fez uma lista de qualidades e práticas úteis aos líderes servos. Consulte essa lista na seção de recursos para o professor da lição 1, p. 5.

SUGESTÃO DIDÁTICA

Entregue a cada aluno uma cópia da lista do Élder Featherstone das qualidades dos líderes servos. (Página 5) Discuta com os alunos algumas das qualidades e como o desenvolvimento dessas qualidades pode ajudar-nos a ser melhores líderes da Igreja e da família.

Separe a classe em pequenos grupos. Peça a cada grupo que leia Mosias 2. Explique-lhes que esse capítulo contém o início do último sermão do rei Benjamim a seu povo. Diga aos alunos que

observem maneiras pelas quais o rei Benjamim exemplificou a liderança de um servo e o que ele ensinou ao povo a respeito do serviço ao próximo. Quando tiverem terminado, discuta o que aprenderam sobre a liderança do servo na vida e ensinamentos do rei Benjamim.

CONCEITO 3. PODEMOS SER MELHORES LÍDERES SERVOS SE COMPREENDERMOAS AS NECESSIDADES DAS PESSOAS A QUEM SERVIMOS.

COMENTÁRIO

Os líderes são mais eficazes quando compreendem as necessidades das pessoas a quem eles servem. Algumas necessidades são comuns a todos. Se a fome atormenta o estômago, a mente tende a concentrar-se na necessidade de alimento. Da mesma forma, se a pessoa está doente ou necessitando de roupas, abrigo ou renda, pode ser difícil para ela concentrar-se em outras coisas.

Além das necessidades físicas, as pessoas têm necessidades espirituais, emocionais e mentais. As pessoas geralmente vivem melhor se tiverem bons amigos, o apoio da família, reconhecimento, um sentimento de que participam de um grupo ou causa digna e um sentimento de valor.

Algumas necessidades variam de acordo com a idade. Por exemplo: Os jovens geralmente sentem a pressão dos colegas e a necessidade de aceitação social de modo mais agudo que os idosos. Outras necessidades afetam todas as pessoas, independentemente de idade ou situação. Por exemplo: Todos precisamos saber que Deus Se importa com o que acontece em nossa vida.

Existem maneiras de aumentarmos nosso entendimento das necessidades das pessoas a quem servimos. Ao lermos, por exemplo, os relatos das escrituras sobre Jesus e Seus líderes servindo às pessoas, podemos fazer-nos perguntas como estas: Como foi que esse líder descobriu quais eram as necessidades das pessoas? Como as pessoas comunicaram suas necessidades ao líder? O que esse líder sabia sobre elas que o ajudou a descobrir quais eram suas necessidades? Que necessidades físicas esses líderes tiveram muitas vezes que atender antes de poderem ajudar as pessoas a satisfazerem suas necessidades espirituais?

Podemos instruir-nos sobre as necessidades das pessoas em geral lendo, observando, assistindo a cursos de liderança e orando. Também podemos refletir sobre nossas próprias necessidades e como as satisfazemos.

O Presidente Gordon B. Hinckley explicou: “Ao olharmos para Deus com amor e gratidão, e ao servirmos às pessoas sem que tenhamos uma recompensa evidente para nós mesmos, teremos um sentimento maior de serviço a nosso semelhante, pensaremos menos em nós mesmos e estenderemos mais a mão para ajudar as pessoas. Esse princípio do amor é a essência básica da virtude”. (*Standing for Something*, p. 9.)

SUGESTÃO DIDÁTICA

Discuta o texto do comentário. Você pode fazer perguntas como estas:

- Que necessidades devemos levar em conta ao trabalharmos para tornar-nos melhores líderes servos?
- Que necessidades particulares dos jovens devem ser levadas em conta por seus líderes?
- Que livros você considerou úteis para compreender as necessidades das pessoas?

Discuta experiências que o ajudaram a tornar-se mais cômico das necessidades das pessoas. Realize um debate em classe sobre as atividades missionárias de Amon. (Ver Alma 17–19.) Peça aos alunos que procurem o que Amon fez para compreender e atender às necessidades do rei Lamôni.

Você pode terminar lendo a declaração do Presidente Hinckley, no comentário.

RECURSOS PARA O PROFESSOR



Élder Vaughn J. Featherstone

Dos Setenta

Trechos de More Purity Give Me, 1991, pp. 11–14

O princípio da liderança por meio do serviço procede da própria fonte principal de toda verdade, que é Deus, o Pai Eterno, e chega até nós por intermédio do Senhor Jesus Cristo, o Filho Unigênito. Ambos foram exemplos máximos de liderança por meio do serviço. (...)

O convite do Mestre é um verdadeiro exemplo de liderança por meio do serviço. Ele disse: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve”. (Mateus 11:28–30)

Em Marcos vemos que os discípulos disputavam entre si acerca de quem seria o maior: “E ele, assentando-se, chamou os doze, e disse-lhes: Se alguém quiser ser o primeiro, será o derradeiro de todos e o servo de todos”. (Marcos 9:35) (...)

Os líderes servos ministram às pessoas, que são todas indivíduos criados à imagem de Deus, nosso Pai Todo-Poderoso. Os administradores, gerentes e líderes egocêntricos estão mais interessados nas regras, regulamentos, normas e programas. Para essas pessoas, os homens e as mulheres só são importantes enquanto lhes forem “úteis” para que alcancem suas metas.

Quantos gerentes, administradores e líderes teriam notado pessoas supostamente pouco importantes realizando coisas maravilhosas? “E, estando Jesus assentado defronte da arca do tesouro, observava a maneira como a multidão lançava o dinheiro na arca do tesouro; e muitos ricos deitavam muito.” (Marcos 12:41) Jesus estava atento a suas doações. Era um ato digno, e com isso muitas coisas boas seriam realizadas. Ele não desprezava o que foi doado. Muitos líderes atuais calculariam apenas o total do dinheiro que poderia ser usado para gerar mais rendas em quantidades significativas. Pouca importância dariam à viúva que se aproximou da arca do tesouro, sem dúvida um pouco envergonhada, insignificante, mal vestida e provavelmente trêmula e humilde. Ela colocou duas moedas, as menores usadas entre os hebreus. Duas moedas não eram o suficiente sequer para comprar um pão. Provavelmente ela sequer ousou erguer o rosto, com medo que alguém visse sua mísera doação e zombasse dela. Imagino que ela tenha-se afastado rapidamente para evitar a vergonha e o embaraço.

Jesus chamou Seus discípulos e disse-lhes: “Em verdade vos digo que esta pobre viúva deitou mais do que todos os que deitaram na arca do tesouro; porque todos ali deitaram do que lhes sobejava, mas esta, da sua pobreza, deitou tudo o que tinha, todo o seu sustento”. (Marcos 12:43–44)

Imagino que, de alguma forma, Ele que é o Mestre do céu e da Terra pôde transmitir ao coração da viúva a Sua terna e sincera gratidão pela dádiva por ela oferecida.



Élder M. Russell Ballard

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Trechos de “The Greater Priesthood: Giving a Lifetime of Service in the Kingdom”, Ensign, setembro de 1992, pp. 71, 73

Todos os que possuem o sacerdócio de Deus estão ligados por laços comuns de serviço. João Batista, como ser ressurreto, expressou esse conceito na sagrada ocasião em que restaurou o Sacerdócio Aarônico aos homens na Terra. Aquele mensageiro angelical vindo da presença de Deus, o mesmo que teve o privilégio de batizar o Salvador, dirigiu-se ao Profeta Joseph Smith e seu companheiro de trabalho, Oliver Cowdery, chamando-os de “meus conservos”. (D&C 13:1) Que maravilhoso exemplo de serviço humilde no reino de Deus!

Todo homem ou rapaz que possui o sacerdócio, independentemente do sacerdócio ou do ofício a que foi ordenado, é um *conservo* no trabalho do Senhor Jesus Cristo.

Embora eu tenha sido ordenado ao ofício de Apóstolo no Sacerdócio de Melquisedeque, os outros que foram ordenados a esse ofício e eu somos conservos, no trabalho do Senhor, do diácono ou élder recém-ordenado na Igreja.

Embora o Apóstolo Paulo tenha ensinado a verdade de que “pôs Deus na igreja, primeiramente apóstolos” (I Coríntios 12:28), ele também declarou que cada membro do corpo é necessário. Nenhum ofício do sacerdócio pode dizer aos de outros ofícios: “Não preciso de ti”, porque todos somos conservos no serviço do Senhor. (Ver versículos 14–28.) Nosso objetivo comum e mais importante é realizar a *Sua obra*. Todo portador do sacerdócio, agindo dentro dos deveres de seu chamado, é necessário para cumprir a obra do Senhor.

Repito, o ofício do sacerdócio não nos é conferido para elevar nossa posição, mas para que prestemos serviço. Todos somos *conservos* na Igreja de Jesus Cristo. (...)

O Presidente David O. McKay declarou: “Sacerdócio significa serviço. Isso é verdade até em sua fonte divina, como podemos concluir a partir desta sublime declaração: ‘Pois eis que esta é minha obra e minha glória: Levar a efeito a imortalidade e vida eterna do homem’. O serviço que conduz os filhos de Deus à redenção procede de Deus”. (*Pathways to Happiness*, Salt Lake City: Bookcraft, 1957, p. 231) (...)

(...) Convido-os a ponderar as seguintes palavras do Presidente Marion G. Romney:

“O serviço não é algo que suportamos aqui na Terra para que possamos alcançar o direito de viver no reino celestial. O serviço é o próprio elemento constituinte da vida exaltada no reino celestial.

Sabendo que o serviço é o que proporciona satisfação ao Pai Celestial e que desejamos com Ele habitar e ser como Ele é, por que precisamos ser ordenados a servir uns aos outros? (...) O serviço é a própria essência da Divindade.” (*Ensign*, novembro de 1982, p. 93.)

Irmãos, é uma bênção preciosa sermos portadores do sacerdócio de Deus e termos a oportunidade ilimitada de servir a nossos semelhantes. Sei que o Senhor Jesus Cristo vive e oro para que Deus os abençoe, jovens e idosos, com maior apreço pelo sacerdócio que possuem e com maior desejo de servir a seu próximo e seu Pai Celestial, em nome de Jesus Cristo. Amém.

AUXÍLIOS DIDÁTICOS

- Ao servirmos às pessoas, como podemos identificar e expressar gratidão pelo que elas fazem bem? (Ver o comentário do Élder Featherstone sobre a moeda da viúva.)
- Que efeitos positivos um sincero cumprimento pode ter sobre uma pessoa?
- Como você se sentiu quando seus esforços dignos não foram notados? O que você gostaria que tivesse acontecido?
- Em sua opinião, qual seria um equilíbrio adequado entre pessoas e programas?
- Escolha e discuta várias declarações do discurso do Élder Ballard que considere significativas.

APRENDER A LIDERAR COM CARIDADE

“Mas a caridade é o puro amor de Cristo e permanece para sempre; e para todos os que a possuírem, no último dia tudo estará bem.

Portanto, meus amados irmãos, rogai ao Pai, com toda a energia de vosso coração, que sejais cheios desse amor que ele concedeu a todos os que são verdadeiros seguidores de seu Filho, Jesus Cristo.” (Morôni 7:47–48)

PRINCÍPIO DE LIDERANÇA

A liderança semelhante à de Cristo é motivada pela caridade.

CONCEITOS DA LIÇÃO

1. A caridade é a mais elevada razão para nosso serviço como líderes.
2. Podemos aumentar nossa capacidade de liderar com caridade.

CONCEITO 1. A CARIDADE É A MAIS ELEVADA RAZÃO PARA NOSSO SERVIÇO COMO LÍDER.

COMENTÁRIO

A caridade é “a espécie de amor mais sublime, nobre e forte, não apenas afeição. O puro amor de Cristo. Ela nunca aparece [nas escrituras] com significado de esmola, boas ações ou benevolência”. (Bible Dictionary, “charity”, p. 632.) Ver também *Guia para Estudo das Escrituras*, Caridade, p. 33.

O Apóstolo Paulo ensinou que a caridade é maior do que qualquer outro ato de serviço ou dom espiritual: “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine.

E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.

E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria. (...)

O amor nunca falha; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá;

Porque, em parte, conhecemos, e em parte profetizamos;

Mas, quando vier o que é perfeito, então o que o é em parte será aniquilado. (...)

Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o amor.” (I Coríntios 13:1–3, 8–10, 13)

O Élder Dallin H. Oaks, membro do Quórum dos Doze, ensinou: “Precisamos não apenas *fazer* o certo. Precisamos também agir pelos *motivos certos*. As escrituras freqüentemente indicam a atitude mental adequada com as palavras *pleno propósito de coração* ou *real intenção*. (...)

(...) Se não agirmos pelos motivos certos, nossas ações não serão contadas como justas. (...)

Não há bênçãos para ações supostamente boas que são realizadas pelos motivos errados”. (*Pure in Heart*, 1988, pp. 15, 33; ver também Morôni 7:6–11.)

Em outra ocasião, o Élder Oaks sugeriu seis motivos pelos quais as pessoas servem:

1. “Por causa de riquezas ou honra.”
2. “Para ter boa companhia.”
3. “Por medo da punição.”
4. “Por senso de dever ou por lealdade.”
5. “Pela esperança de uma recompensa eterna.”
6. “Por amor a Deus e ao próximo.”

O Élder Oaks chama esse último motivo, a caridade, de “o mais elevado de todos. (...) É o que as escrituras chamam de ‘um caminho mais excelente’. (I Coríntios 12:31)” (Conference Report, outubro de 1984, pp. 14–16; ou *Ensign*, novembro de 1984, pp. 13–14.)

Os líderes da Igreja e da família precisam da orientação, visão e força que somente o Espírito do Senhor pode proporcionar, e esse Espírito fica impedido de agir quando nossos motivos para servir não são puros. Os líderes devem servir por caridade e não por motivos menos dignos.

SUGESTÃO DIDÁTICA

Pergunte aos alunos o que é mais importante, os motivos, os atos ou os resultados. Discuta suas respostas. Explique-lhes que as pessoas tendem a avaliar a virtude de suas ações em termos de resultados. (Por exemplo: Quanto dinheiro conseguiu juntar? Quantas pessoas você batizou?) Mas o Senhor olha o coração, ou os motivos de nossas ações. (Ver D&C 137:9.) O Élder Neal A. Maxwell, do Quórum dos Doze Apóstolos, explicou: “Tudo depende—do princípio ao fim—de nossos desejos. Eles moldam o padrão de nossos pensamentos. Nossos desejos, portanto, precedem nossas ações e estão no âmago de nossa alma”. (Conference Report, setembro–outubro de 1995, p. 28; ou *Ensign*, novembro de 1995, p. 23.)

Defina *caridade* e explique aos alunos que ela é a razão mais elevada para nosso serviço como líderes. (Ver o comentário.) Debata perguntas como estas a seguir, em classe ou em pequenos grupos:

- Quais são alguns motivos pelos quais podemos servir como líderes da família ou da Igreja? Todos são igualmente válidos?
- O que eu deveria fazer se meus motivos para servir como líder não são caridosos?
- Como posso aprender a amar as pessoas a quem sirvo?

CONCEITO 2. PODEMOS AUMENTAR NOSSA CAPACIDADE DE LIDERAR COM CARIDADE.

COMENTÁRIO

O Élder Dallin H. Oaks escreveu: “A exigência de que nossas boas ações precisam ser acompanhadas por bons motivos é muito sutil e difícil, na prática. (...)”

Para tornar-nos puros de coração—para alcançarmos a exaltação—precisamos mudar

nossas atitudes e prioridades para uma condição de espiritualidade, precisamos controlar nossos pensamentos, precisamos reformular nossos motivos e precisamos aperfeiçoar nossos desejos. Como isso pode ser feito?

O primeiro passo para alterar nossas atitudes e prioridades é encarar nossas próprias imperfeições e a necessidade que temos de mudar. (...)

Começamos questionando-nos. Despidendo-nos de todo fingimento e tirando as máscaras, analisando profunda e sinceramente nosso eu interior, devemos procurar identificar quais são nossas verdadeiras atitudes e prioridades. (...)

Buscamos a espiritualidade por meio da fé, arrependimento e batismo; pelo perdão mútuo; pelo jejum e oração; por intermédio de desejos justos e pensamentos e ações puros. Buscamos a espiritualidade pelo serviço ao próximo; pela adoração; banqueteados na palavra de Deus, nas escrituras e nos ensinamentos dos profetas vivos. Alcançamos espiritualidade fazendo e cumprindo nossos convênios com o Senhor, esforçando-nos conscientemente para guardar todos os mandamentos de Deus. A espiritualidade não é adquirida de repente. Ela é a conseqüência de uma série de escolhas certas. É a colheita de uma vida digna. (...)

Para alcançar espiritualidade, reformular nossos motivos e aperfeiçoar nossos desejos precisamos aprender a controlar nossos pensamentos. O profeta Alma ensinou a seu filho fiel Helamã: ‘Que todos os teus pensamentos sejam dirigidos ao Senhor, sim, que o afeto do teu coração seja posto no Senhor para sempre.’ (Alma 37:36) (...)

A maior de todas as motivações para qualquer ato é a caridade: o puro amor de Cristo. Adquirimos essa motivação de duas maneiras: (1) pedindo esse amor em oração e (2) prestando serviço.

Podemos alterar nossos motivos por meio da oração. (...)

Para aprender a servir pelo puro amor de Cristo, precisamos prestar serviço a Deus e a nosso próximo”. (*Pure in Heart*, pp. 18, 140–141, 144–145, 148.)

SUGESTÃO DIDÁTICA

Discuta com os alunos como podemos desenvolver pureza de coração e caridade para sermos melhores líderes. Aliste suas conclusões no quadro-negro. (Podem incluir mudança de

atitude, controle de nossos pensamentos e reconhecimento de nossas imperfeições. Ver comentário.)

Você pode pedir aos alunos que organizem um projeto de serviço por alguém da escola ou da vizinhança, lembrando a importância da caridade nesse empreendimento.

RECURSOS PARA O PROFESSOR



Irmão Stephen D. Nadauld

Trechos de *Principles of Priesthood Leadership*, 1999, pp. 102–106,

A Igreja está crescendo rapidamente num ambiente muito complexo e precisa ter uma liderança eficiente do sacerdócio. Liderança não é o mesmo que administração. A maior dificuldade para os líderes atuais do sacerdócio é fazer algumas coisas da maneira correta. Creio que há três coisas *certas* que se forem realizadas de modo fervoroso e diligente tornarão os líderes do sacerdócio muito capazes e eficazes para fazer o trabalho do Senhor progredir. São as seguintes:

I. Ensinar o Plano de Redenção.

Essa é a número um por três motivos. Primeiro, do ponto de vista espiritual, aprendemos em Alma 13 que todo portador do Sacerdócio de Melquisedeque recebeu a responsabilidade de ser um professor do plano de redenção. Segundo, sabemos pelo conhecimento secular que os líderes são aqueles que exemplificam os valores do grupo. Terceiro, em termos práticos, falar sobre a doutrina e princípios tem mais efeito na mudança do comportamento do que falar sobre o comportamento. [Ver Boyd K. Packer, *A Liahona*, janeiro de 1987, p. 18.]

II. Ministrare

Ministrar, servir e abençoar vidas são aspectos essenciais do evangelho e da liderança do sacerdócio. Como a caridade é a essência do comportamento cristão, aqueles que lideram precisam ter compreensão da caridade e praticá-la sinceramente. Quando os membros se derem conta de que o líder realmente os ama e se importa, eles terão maior disposição de serem liderados.

III. Ter Visão e Enfoque

Somente desenvolvendo, articulando e compartilhando uma visão atingível do futuro é que o líder do sacerdócio pode começar a levar o trabalho adiante de modo eficaz. Essa visão do que pode ser alcançado pelo quórum, ala ou estaca precisa ser condizente com a missão da Igreja e com a orientação da autoridade presidente. (...)

Essas são três atividades essenciais que definem a liderança, diferenciam os líderes dos administradores e possibilitam que eles sejam eficazes. (...) Os três conceitos e perguntas que os líderes deveriam fazer a si mesmos estão indicados por números romanos na figura 15. (...)

Figura 15

LÍDERES DO SACERDÓCIO EFICAZES

I. Ensinar o Plano de Redenção.

- Reservo um tempo para estudar e compreender os princípios do plano de redenção para que possa ensiná-los claramente?
- Ensino o plano a meus familiares, aos membros de meu quórum, ala ou estaca e aos meus amigos e vizinhos?
- Ensino o plano na reunião sacramental, nas reuniões de liderança, nas conferências da ala e estaca, e nas oportunidades que tenho de entrevistar e aconselhar as pessoas?

II. Ministrare

- Minha forma de ministrar é de natureza pessoal ou é apenas uma resposta a designações da organização?
- Se considero difícil preocupar-me sinceramente com os outros, o que posso fazer para mudar?
- Estou procurando seguir o exemplo do Salvador?

III. Ter Visão e Enfoque

- Compreendo a missão da Igreja?
- Que grupo poderia ajudar-me a ter uma visão atingível do que poderia ser feito?
- Quais são duas ou três coisas nas quais poderia concentrar-me?
- Como o progresso em direção aos resultados enfocados poderia ser medido?

(...) A liderança em qualquer empreendimento, inclusive o sacerdócio, é mais eficaz se prestarmos atenção a algo que darei o nome de “processo”. Precisamos pensar em como as coisas são feitas e como ocorrem as interações entre o líder do sacerdócio e os membros da estaca, ala ou quórum.

Como exemplo, imaginem uma mulher que enviuvou recentemente e que procura o bispo expressando sua tristeza por nunca mais poder orar na reunião sacramental. Quando o bispo perguntou por que ela achava que nunca mais lhe seria pedido que orasse na reunião sacramental, ela explicou: “Bispo, observei que o senhor sempre chama um marido e sua mulher para fazer as orações da reunião sacramental, e como meu marido morreu, parece-me que nunca mais terei essa oportunidade de novo.

Depois de pensar por alguns instantes, o bispo se deu conta de que o problema decorria de um processo mal-orientado: Quando a agenda da reunião sacramental estava sendo organizada por um membro do bispado, o costume era telefonar para um membro da família e pedir que duas orações fossem feitas. Um telefonema para duas orações era algo eficiente, mas naquele caso não era eficaz para abençoar a vida dos membros da ala.

O processo excluía pessoas e não incluía todas. Era eficiente, mas não eficaz. Creio que o líder eficaz aprende a gerenciar o processo ou as maneiras pelas quais a organização realiza as coisas. Ao cuidar do processo, o líder eficaz atende às necessidades manifestadas pelas pessoas que fazem parte de uma organização. Você já se fez as seguintes perguntas? Por que quero envolver-me em determinada organização; por que dedicar meu tempo e esforços para essa organização em vez de diversas outras? Que fatores de dedicação, paixão, entusiasmo ou ânimo me fazem querer fazer parte dessa organização e esforçar-me ao máximo? Pondere, entre outras coisas, estas seis necessidades ou fatores:

- Estar envolvido em algo que tenha um propósito
- Conhecer líderes e outros que se importam
- Compartilhar o progresso e sucesso
- Fazer parte de uma equipe
- Saber o que está acontecendo
- Divertir-se

Evidentemente, creio que as pessoas se filiam à Igreja porque ela é verdadeira. Mas será que elas se mostram comprometidas, entusiasmadas, animadas e permanecem? (...)

(...) A liderança no complexo ambiente e organizações atuais freqüentemente é melhor exercida por uma equipe de líderes do que por pessoas brilhantes e individualistas. Há variáveis demais, muitas informações, um número

excessivo de possibilidades e mudanças muito rápidas para que uma pessoa agindo sozinha consiga processar e administrar. (...)

(...) Esse princípio é verdadeiro em quase todos os nossos empreendimentos, e é verdadeiro em relação à Igreja. A liderança eficaz na Igreja exige uma abordagem em grupo e que seja dado atenção aos processos de grupo. (...)

Uma dificuldade para os líderes do sacerdócio da Igreja hoje em dia é reconhecer a diferença entre eficiência e eficácia. Sem dúvida é mais eficiente que um bispado ou presidência de estaca pondere uma questão e tome uma decisão sem buscar muitas informações ou sem fazer muitas análises. Há um tipo de decisão em que o sigilo e outras preocupações obrigam o líder do sacerdócio a agir sozinho para tomar as decisões ou, no máximo, aconselhar-se com seus dois conselheiros. Nesses casos, tanto a eficiência quanto a eficácia funcionam melhor numa ação individual e não em grupo. Mesmo nessas situações, os líderes sábios já sabem que a compilação de todas as informações possíveis, uma reflexão ponderada das alternativas possíveis e a realização de uma análise significativamente profunda são pré-requisitos para se receber inspiração do Senhor.

Existem, porém, muitas situações em que o líder do sacerdócio pode ser mais eficaz se considerar-se um líder de uma equipe. (...)

(...) Os membros da organização precisam participar da discussão, análise e da elaboração de possíveis soluções para que algo aconteça. Se o líder do sacerdócio quiser que algo aconteça, ele precisa ver-se como um líder de uma equipe. A devida liderança em equipe de uma ala é o conselho da ala. Na estaca, é o conselho da estaca. (...)

(...) O líder do sacerdócio eficaz é um líder de equipe. Todos da equipe são membros da Igreja e se importam com seu sucesso. Cada um recebe oportunidades iguais de expressar-se bem como de assumir parte da responsabilidade pelos resultados. Mas lembre-se de que liderar em equipe *não* significa tomar decisões por meio de voto ou de modo confuso, em que ninguém está encarregado de nada.

As decisões finais precisam ser tomadas pelos líderes ordenados e designados. Mas as melhores decisões serão tomadas pelos líderes que permitiram que o processo fornecesse informações e estimulasse a inspiração.

Comunicação participativa

É natural que as pessoas que pertencem a uma organização queiram saber o que está acontecendo. Esse sentimento pode ser ignorado pelos líderes ou pode ser usado para fortalecer o comprometimento e o entusiasmo das pessoas. O problema é que a comunicação com os membros do grupo leva tempo e exige muito esforço. Para um líder atarefado, essa pode não parecer uma utilização eficiente dos recursos disponíveis. E sempre há a dúvida pertinente sobre o que deve ser comunicado e o que pode ser melhor resolvido de modo confidencial. Toda organização enfrenta esses problemas, e a Igreja não é exceção.

Todos os líderes do sacerdócio são bastante aconselhados acerca da importância do sigilo ao lidarem com informações delicadas sobre a vida e conduta dos membros. Esse sigilo é essencial ao processo de arrependimento e precisa existir para que os líderes mantenham a confiança dos membros da Igreja. Nunca é demais salientar a importância desse princípio. Tendo dito isso, creio também que existem oportunidades para uma comunicação participativa adequada e conveniente que irá fortalecer o processo de liderança. O grande desafio dos líderes do sacerdócio é conseguirem identificar as questões que precisam ser comunicadas abertamente e depois empenharem-se em promover essa comunicação. (...)

(...) Todo esforço no sentido de se estabelecer processos participativos será recompensado abundantemente com maior dedicação e entusiasmo por parte dos liderados e dará ao líder capacidade para cumprir a missão da Igreja.

Espírito de equipe

Define-se *espírito de equipe* como uma atitude dedicada e entusiasmada por parte dos membros de um grupo em relação a seus propósitos, ao grupo e de uns para com os outros. O grupo que tem esse espírito cumpre seus propósitos e tem fortes laços com seus membros, sendo muito agradável e divertido fazer parte desse grupo. Os líderes sábios podem promover esses sentimentos de maneira adequada e então perceber uma nítida melhora no desempenho do grupo. A maioria dos times esportivos possui *espírito de equipe*. Ele existe em muitas organizações patrióticas, militares e empresariais de sucesso e geralmente é reconhecido como um fator importante nesse sucesso. Mas será que esse é um princípio adequado para se usar na Igreja? Por exemplo: Será que nós, como líderes da Igreja, desejamos

promover uma atitude competitiva em relação à atividade na Igreja e esperar uma dedicação que exclua todas as outras atividades ou associações? É adequado pensarmos na Igreja como algo divertido ou agradável de se fazer parte? (Conheço um líder da Igreja que diz que se você não está-se divertindo então não está fazendo as coisas da maneira certa. Creio que ele tocou num ponto importante.) (...)

A resposta não é a mesma para todo grupo e todo líder. Alguns líderes usam sua personalidade e seu interesse natural para promover a afinidade, o entusiasmo e o espírito. Outros se sentem desajeitados e pouco à vontade com essas abordagens. Embora o *espírito de equipe* possa ser um elemento importante no sucesso de um líder, não é necessário que o líder seja pessoalmente responsável por introduzi-lo e promovê-lo. Outras pessoas podem proporcionar esse espírito ao grupo. Um líder sábio incentivará o espírito e o entusiasmo de um conselheiro jovem e entusiasmado, do encarregado do comitê de atividades ou da presidência das Moças. Evidentemente, pode-se fazer mau uso do *espírito de equipe* e da diversão. (...) Contudo, o calor humano, o bom humor e a diversão, quando controlados e devidamente inseridos num contexto de reverência pelo Salvador e Sua obra, podem ser extremamente eficazes no processo de liderança. (...)

(...) Se um líder do sacerdócio estiver continuamente perguntando a si mesmo: Será que os membros de minha estaca, ala ou quórum sentem que fazem parte do que está acontecendo? Será que todos “vestiram a camisa”? Eles se sentem reconhecidos e incluídos? Estão-se divertindo e apreciando seu serviço e sua experiência na Igreja? Se ele fizer esse tipo de perguntas a si mesmo, estará ciente do processo, de modo geral. (...)

Para concluir, estou convencido de que um líder do sacerdócio pode ser eficaz se fizer umas poucas coisas da maneira certa. Um alicerce fundamental inabalável deve ser a retidão pessoal e a disposição de buscar o Espírito e ser ensinado por Ele. Com esse alicerce firmemente estabelecido, as coisas certas a serem feitas são: 1) ensinar o plano de redenção, 2) ministrar como faria o Salvador, 3) ter visão e concentrar essa visão num pequeno número de objetivos. Se além disso o líder prestar atenção aos processos necessários para envolver os membros e conquistar sua dedicação, ele será um líder maravilhosamente eficaz. O líder será feliz e bem-

sucedido, a vida dos membros será abençoada, e o trabalho do Senhor será levado adiante com direção e poder. (...)

Creio que nesse processo Deus nos abençoará com sabedoria, experiência, crescimento espiritual e sucesso em nossos chamados. Essa sem dúvida é minha esperança e oração para todo líder do sacerdócio.

AUXÍLIOS DIDÁTICOS

- De acordo com o irmão Nadauld, quais são as três atividades que diferenciam os líderes dos administradores?
- O que o irmão Nadauld chama de “processo”?
- Quais são as vantagens de incluir as pessoas a quem lideramos no processo de tomar decisões?
- Quando seria melhor que o líder agisse sozinho?
- Quais são algumas das características de um grupo que possua *espírito de equipe*?
- Que considerações são importantes para os líderes ao analisarem o *espírito de equipe* de seu grupo?
- Qual o alicerce que o irmão Nadauld recomenda que estabeleçamos para tornar-nos bons líderes?

A LIDERANÇA FREQUENTEMENTE REQUER SACRIFÍCIO

“E quem não toma a sua cruz, e não segue após mim, não é digno de mim.

Quem achar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a sua vida, por amor de mim, achá-la-á.”
(Mateus 10:38–39)

PRINCÍPIO DE LIDERANÇA

Os líderes da Igreja e da família precisam estar dispostos a fazer sacrifícios para ajudar as pessoas a quem eles servem.

CONCEITOS DA LIÇÃO

1. Jesus Cristo foi o exemplo do sacrifício em Seu serviço ao próximo.
2. Os líderes precisam estar dispostos a fazer sacrifícios por aqueles a quem eles servem.

CONCEITO 1. JESUS CRISTO FOI O EXEMPLO DO SACRIFÍCIO EM SEU SERVIÇO AO PRÓXIMO.

COMENTÁRIO

Jesus Cristo deixou o perfeito exemplo de sacrifício pelo próximo. Nenhuma dádiva foi maior do que a de Sua Expição. O Presidente Spencer W. Kimball disse o seguinte a respeito do Salvador: “Ele sempre foi o doador, raramente o que recebia. Ele nunca doou sapatos, calças ou um veículo; Ele nunca deu um perfume, uma camisa ou uma estola de pele. Seus dons eram de tal natureza que a pessoa que os recebia dificilmente poderia retribuir ou devolver seu valor. Suas dádivas eram muito raras: Visão para o cego, audição para o surdo, cura para o coxo; purificação para o impuro, saúde para o enfermo e vida para o morto. Suas dádivas eram oportunidade para o abatido, liberdade para o oprimido, luz nas trevas, perdão para o arrependido e esperança para o desesperado. Seus amigos Lhe deram abrigo, alimento e amor. Ele doou de Si mesmo, de Seu amor, Seu serviço, Sua vida. Os sábios do Oriente levaram-Lhe ouro e incenso. Ele deu-lhes, bem como a todos os mortais, a ressurreição, salvação e vida eterna. (...) Doar-se a si mesmo é uma dádiva santa”. (*The Teachings of Spencer W. Kimball*, org. Edward L. Kimball, 1982, pp. 246–247.)

SUGESTÃO DIDÁTICA

Peça a um aluno que leia Mateus 10:37–39 em voz alta e discuta o conceito de que ser um discípulo de Cristo exige sacrifício. Explique aos alunos que Jesus Cristo deu-nos o exemplo ao sacrificar-Se por nós. Peça aos alunos que digam alguns dos sacrifícios que Ele fez.

CONCEITO 2. OS LÍDERES PRECISAM ESTAR DISPOSTOS A FAZER SACRIFÍCIOS POR AQUELES A QUEM ELES SERVEM.

COMENTÁRIO

O Senhor pediu aos antigos líderes da Igreja que se perdessem a si mesmos em Seu serviço. Perto do início de Seu ministério mortal: “E, andando junto do mar da Galiléia, viu Simão, e André, seu irmão, que lançavam a rede ao mar, pois eram pescadores.

E Jesus lhes disse: Vinde após mim, e eu farei que sejais pescadores de homens.

E, deixando logo as suas redes, o seguiram”. (Marcos 1:16–18)

Levi (Mateus) também abandonou seus meios de subsistência para seguir o Mestre. (Ver Lucas 5:27–28.) Pedro e os outros Apóstolos também deixaram tudo para trás. (Ver Lucas 18:28.) Tanto Pedro quanto Paulo expressaram sua disposição de dar a vida por Ele. (Ver João 13:37; Atos 21:13.) O Salvador esperava que todos os Seus discípulos desenvolvessem uma atitude altruísta de uns para com os outros. (Ver Lucas 3:11; 9:23.)

O Senhor pede a todos os Seus santos que abandonem os caminhos do mundo e procurem tornar-se mais santos. Alma disse ao povo de Zarahemla: “E agora digo a todos vós que desejais seguir a voz do bom pastor: Afastai-vos dos iníquos, conservai-vos separados e não toqueis em suas coisas imundas”. (Alma 5:57; ver II Coríntios 6:17.) O Senhor pede a cada um de nós que apresentemos a Ele um coração quebrantado e um espírito contrito. (Ver exemplo em 3 Néfi 9:20.)

Os líderes da Igreja e da família precisam estar dispostos a fazer sacrifícios para ajudar as pessoas a quem eles servem. Em diversas ocasiões, eles podem ser chamados a doar de seu tempo, talento e recursos para abençoar a vida de outras pessoas. O Élder M. Russell Ballard, do Quórum dos Doze, explicou: “O sacrifício é uma demonstração de puro amor. Nosso amor pelo Senhor, pelo evangelho e por nosso semelhante pode ser medido pelo que estamos dispostos a sacrificar por eles”. (Conference Report, abril de 1992, p. 108; ou *Ensign*, maio de 1992, p. 76.)

Ao se sacrificarem pelas pessoas a quem eles servem, os líderes devem ter sempre em mente o conselho do rei Benjamim: “Porque não se exige que o homem corra mais rapidamente do que suas forças o permitam. E, novamente, é necessário que ele seja diligente, para que assim possa ganhar o galardão; portanto todas as coisas devem ser feitas em ordem”. (Mosias 4:27; ver também D&C 10:4.) O Élder Neal A. Maxwell, que na época era membro da Presidência dos Setenta, comentou: “Quando corremos mais rápido do que podemos, tornamo-nos ineficientes e cansados”. (*Deposition of a Disciple*, 1976, p. 58.)

SUGESTÃO DIDÁTICA

Peça aos alunos que contem ocasiões em que pessoas (seus pais e bispos, por exemplo) se sacrificaram para ajudá-los ou auxiliar outra pessoa. Pergunte que sacrifícios os missionários geralmente fazem para ajudar as pessoas a aceitar o evangelho.

Relacione no quadro-negro as coisas que os líderes da família e da Igreja podem ter que sacrificar para ajudar as pessoas a quem eles servem. Inclua coisas que os líderes precisam estar dispostos a compartilhar, como seu tempo e talentos. Inclua também fraquezas que eles precisam estar dispostos a abandonar, como uma atitude mundana. (Ver comentário.)

Discuta maneiras pelas quais os sacrifícios dos líderes beneficiam as pessoas a quem eles servem. Discuta como o Senhor abençoa os líderes que fazem esses sacrifícios.

Peça aos alunos que leiam Mosias 4:27 e expliquem como esse versículo se aplica aos líderes da família e da Igreja. Leia alguns trechos do comentário e explique aos alunos que os líderes não devem correr mais depressa do que são capazes no serviço ao próximo.

RECURSOS PARA O PROFESSOR



Élder Gordon B. Hinckley

Do Quórum dos Doze Apóstolos

The Loneliness of Leadership (A Solidão da Liderança), Brigham Young University Speeches of the Year (4 de novembro de 1969), pp. 3–6

(...) Há solidão em todos os aspectos da liderança. (...)

Sempre foi assim. O preço da liderança é a solidão. O preço de seguir a consciência é a solidão. O preço de seguir princípios é a solidão. Creio que isso é inevitável. O Salvador do mundo foi um homem solitário. Não conheço declaração mais marcada pela tristeza da solidão do que esta:

(...) As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça. (Mateus 8:20)

Não há imagem mais solitária na história da humanidade do que o Salvador na cruz, sozinho, o Redentor da humanidade, o Salvador do mundo, levando a efeito a expiação, o Filho de Deus sofrendo pelos pecados da humanidade. Ao pensar nisso reflito numa declaração de Channing Pollock.

Judas com suas trinta moedas de prata foi um fracasso. Cristo na cruz foi a maior personalidade de todos os tempos e da eternidade.

Joseph Smith

Joseph Smith também foi uma pessoa solitária. Sinto grande amor pelo menino que saiu do bosque e que depois daquela experiência jamais poderia ser o mesmo, que foi repreendido, perseguido e desprezado. Conseguem sentir a tristeza que existe nestas palavras do menino Profeta?

(...) Porque eu tivera uma visão; eu sabia-o e sabia que Deus o sabia e não podia negá-la nem ousaria fazê-lo; pelo menos eu tinha consciência de que, se o fizesse, ofenderia a Deus e estaria sob condenação. [JS—H 1:25]

Há poucas imagens mais tristes, ao menos em nossa história, do que a do Profeta sendo levado de barco a remo para a outra margem do rio Mississipi por Stephen Markham, sabendo que seus inimigos queriam tirar-lhe a vida, e depois alguns de seus próprios amigos o procuraram acusando-o de ter fugido. Ouçam sua resposta:

Se minha vida não tem nenhum valor para meus amigos, então ela não tem valor para mim. (History of the Church, 6:549, junho de 1844.)

A história da Igreja

Essa tem sido a história desta Igreja, meus jovens amigos, e espero que jamais nos esqueçamos disso. Isso foi o resultado da posição de liderança que nos foi imposta pelo Deus do céu, que fez acontecer uma restauração do evangelho de Jesus Cristo. Quando se declarou ser esta a única Igreja verdadeira e viva sobre a face da Terra, fomos imediatamente colocados numa posição de solidão, a solidão da liderança, da qual não podemos recuar nem fugir e que precisamos encarar com destemor, coragem e capacidade. Em nossa história, fomos expulsos, criticados, zombados, perseguidos e atacados. (...)

Relembro estas palavras de Paulo:

Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados.

Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; (II Coríntios 4:8-9)

A solidão de um missionário

Conversei ontem à noite com o pai de um missionário. Ele disse: Estive conversando com meu filho que está em outro país. Ele está arrasado; está desanimado. Sente-se solitário e amedrontado. O que posso fazer para ajudá-lo?"

Eu perguntei: "Há quanto tempo ele está lá?"

Ele respondeu: "Três meses".

Eu disse: "Creio que essa experiência é comum a quase todo missionário que está há três meses no campo. Raramente há um rapaz ou moça que é chamado para ir ao mundo com a grande responsabilidade de representar A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e que não sinta durante grande parte do tempo e com certeza nos primeiros meses de sua missão a terrível solidão dessa responsabilidade. Mas ele

também conhecerá, ao trabalhar no serviço do Senhor, a terna e maravilhosa companhia do Santo Espírito que alivia e elimina dele essa sensação de solidão".

O converso solitário.

O mesmo acontece com o converso. Estive pensando hoje pela manhã num amigo meu que conheci quando estava servindo em uma missão em Londres, há trinta e seis anos. Lembro-me de ele ter vindo ao nosso apartamento numa noite de chuva. Ele bateu à porta, e eu o convidei a entrar.

Ele disse: "Tenho que conversar com alguém. Estou sozinho. Estou arrasado".

E eu disse: "Qual é seu problema?"

Ele disse: "Quando me filiei à Igreja, há pouco menos de um ano, meu pai me mandou sair de casa e nunca mais voltar, e nunca mais voltei".

Ele prosseguiu: "Poucos meses depois, o clube de críquete do qual eu era membro tirou-me da sua lista de associados, os rapazes com quem cresci e com quem costumava ter grande amizade".

Depois, ele disse: "No mês passado, meu patrão me despediu porque eu era membro desta Igreja, e não consegui outro emprego e tive que pedir ajuda para instituições de caridade.

E na noite passada, a moça que namorei por um ano e meio disse que jamais se casaria comigo porque sou mórmon".

Eu disse: "Se isso lhe custou tanto, por que você não deixa a Igreja e volta para a casa de seu pai, para seu clube de críquete, para o emprego que tanto significava para você e para a moça por quem você acha estar apaixonado?"

Ele não disse nada por um longo tempo. Depois, cobriu o rosto com as mãos e chorou. Por fim, ergueu o rosto em meio as lágrimas e disse: "Eu não poderia fazer isso. Sei que esta é a verdade, e mesmo que me custasse a própria vida, jamais desistiria dela". Ele apanhou seu chapéu molhado, caminhou até a porta e saiu para a chuva, solitário, trêmulo, amedrontado mas resoluto. Ao observá-lo, pensei na solidão da consciência, na solidão do testemunho, na solidão da fé, e na força e consolo do Espírito de Deus.

A solidão do testemunho

Gostaria de concluir dizendo para vocês, rapazes e moças, que hoje estão reunidos nesta grande congregação: Isso é o que lhes está reservado. Vocês estão todos juntos aqui hoje. São todos semelhantes, todos pensam de forma semelhante. Mas estão sendo instruídos para sair para o mundo onde *não* haverá dez mil, vinte mil, vinte e cinco mil pessoas semelhantes a vocês. Não de sentir a solidão de sua fé.

Não é fácil, por exemplo, ser virtuoso quando todos a seu redor zombam da virtude.

Não é fácil ser honesto quando todos a seu redor estão interessados apenas em “levar vantagem” ou conseguir “dinheiro fácil”.

Nem sempre é fácil ser abastemio quando todos a seu redor zombam disso.

Não é fácil ser trabalhador quando todos a seu redor não acreditam no valor do trabalho.

Não é fácil ser uma pessoa íntegra quando todos a seu redor abandonam os princípios quando consideram conveniente.

A paz do Espírito

Gostaria de dizer para vocês hoje, meus irmãos e irmãs, que a solidão existe, mas uma pessoa como vocês precisa viver de acordo com sua consciência. O homem tem que viver de acordo com seus princípios. Tem que viver de acordo com suas convicções. Tem que viver de acordo com seu testemunho. A menos que ele o faça, será miserável, tremendamente miserável. E embora haja espinhos, desapontamentos, problemas e labores, sofrimento e dor, e muita solidão, haverá também paz, consolo e força.

Uma promessa e uma bênção

Gosto destas grandiosas palavras do Senhor dadas aos que iriam ensinar este evangelho.

Irei adiante de vós. Estarei a vossa direita e a vossa esquerda e meu Espírito estará em vosso coração e meus anjos ao vosso redor para vos suster. (D&C 84:88)

Creio que essa é uma promessa para cada um de nós. Creio nisso, sei disso. Presto testemunho de sua veracidade.

Deus os abençoe, meus queridos jovens amigos, vocês que têm uma nobre herança, vocês que são do convênio, vocês que são a maior esperança desta geração: rapazes e moças capazes e com consciência, liderança e imenso potencial.

Deus os abençoe para que caminhem destemidamente, mesmo que sozinhos, e conheçam no coração a paz que advém de moldar a vida nos princípios, a paz que “excede todo o entendimento”, é minha humilde oração, ao deixar com vocês meu testemunho da divindade desta obra sagrada. E como servo do Senhor, invoco sobre vocês todas as alegrias ao prosseguirem pela vida rumo a ricas e maravilhosas experiências, em nome de Jesus Cristo. Amém.

AUXÍLIOS DIDÁTICOS

- O que você acha que significa a frase “Há grande solidão na liderança”?
- Como podemos aprender a lidar com a solidão da liderança?
- O que pode compensar a solidão da liderança?
- O que podemos aprender com o Salvador acerca da solidão da liderança?
- O Presidente Spencer W. Kimball, comentando acerca de Mateus 10:39, observou que “quando nos perdemos, nós nos encontramos”, e acrescentou: “Na verdade, é mais fácil ‘encontrar-nos’ porque haverá muito mais de nós para ser encontrado!” (“Small Acts of Service”, *Ensign*, dezembro de 1974, p. 2.) Como esse princípio se aplica à liderança semelhante à de Cristo?

ABORDAR A LIDERANÇA COM ALEGRIA

“Portanto, amados irmãos, façamos alegremente todas as coisas que estiverem a nosso alcance.”
(D&C 123:17)

PRINCÍPIO DE LIDERANÇA

Devemos abordar a liderança com alegria.

CONCEITOS DA LIÇÃO

1. Os líderes da Igreja e da família devem liderar com “bom ânimo, otimismo e coragem”.

CONCEITO 1. OS LÍDERES DA IGREJA E DA FAMÍLIA DEVEM LIDERAR COM “BOM ÂNIMO, OTIMISMO E CORAGEM”.

COMENTÁRIO

Ter bom ânimo significa “ter uma disposição ou atitude feliz ou corajosa”. Essa frase aparece diversas vezes nas escrituras. Por exemplo, na véspera de Seu nascimento, o Senhor disse a Néfi, que estava perturbado: “Levanta a cabeça e tem *bom ânimo*; pois eis que é chegada a hora e esta noite será dado o sinal; e amanhã eu virei ao mundo para mostrar ao mundo que cumprirei tudo aquilo que fiz com que fosse dito pela boca de meus santos profetas”. (3 Néfi 1:13; grifo do autor.)

Jesus usou as palavras *ter bom ânimo* para encorajar um homem paraplégico e depois acrescentou: “perdoados te são os teus pecados”. (Mateus 9:2) Mais tarde, o Senhor disse essas palavras para acalmar Seus discípulos, que ficaram atemorizados ao verem Jesus caminhar sobre as águas, e acrescentou: “Sou eu, não temais”. (Mateus 14:27)

O Élder Harold B. Lee, que na época era membro do Quórum dos Doze, disse: “O Mestre encerrou seu último sermão registrado antes de Sua crucificação com as palavras: “Tenho-vos dito isto, para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tendo bom ânimo, eu venci o mundo.” (João 16:33)” (Conference Report, abril de 1966, p. 68.)

Em 1831, o Senhor confortou os santos, dizendo: “Tende bom ânimo, filhinhos; pois estou no vosso meio e não vos desamparei;

E sendo que vos humilhastes perante mim, as bênçãos do reino são vossas”. (D&C 61:36–37; ver D&C 68:6; 78:18; 112:4.)

O Élder Marvin J. Ashton, que na época era membro dos Doze, disse: “Precisamos liderar com bom ânimo, otimismo e coragem, se quisermos seguir para frente e para o alto”. (Conference Report, outubro de 1974, p. 56; ou *Ensign*, novembro de 1974, p. 41.) O Presidente Gordon B. Hinckley escreveu: “Sugiro que ao seguirmos pela vida ‘acentuemos o positivo’. Estou pedindo que procuremos com um pouco mais afinco o que é bom, que calemos a voz de insulto e sarcasmo, que cumprimentemos mais generosamente e apoiemos a virtude e o empenho”. (*Standing for Something: Ten Neglected Virtues That Will Heal Our Hearts and Homes*, 2000, p. 101.)

SUGESTÃO DIDÁTICA

Peça a vários alunos que descrevam a disposição demonstrada por um líder da Igreja ou da família que tenha influenciado sua vida de modo positivo. Saliente que os líderes eficazes são quase sempre positivos e alegres, quando estão com outras pessoas. Pergunte aos alunos como os líderes que mais os influenciaram demonstraram sua abordagem positiva ou alegre.

Leia Doutrina e Convênios 61:36 e ajude os alunos a compreenderem que o Senhor deseja que todos nós tenhamos “bom ânimo”.

Peça aos alunos que leiam 2 Néfi 4:17–35. Discuta perguntas como estas:

- Que razões tinha Néfi para não ter bom ânimo?
- Que razões ele tinha para ter bom ânimo?
- Que conjunto de motivos você considera mais fortes? Por quê?
- Como você acha que a atitude de Néfi expressada nesses versículos afetou sua liderança?
- Como podemos seguir o exemplo de Néfi em nossa própria liderança?

Escreva as palavras *Alegre* e *Temeroso* no quadro-negro. Discuta motivos pelos quais os líderes de hoje podem não ser alegres (como medo, estresse, problemas de saúde, fracassos, guerras, catástrofes naturais, problemas na escola ou no trabalho, inatividade de entes queridos ou amigos). Discuta motivos que os líderes de hoje têm para ser alegres (como a bondade das pessoas, beleza, as “boas novas” do sacrifício expiatório de Jesus Cristo, as realizações das pessoas ou nosso potencial como filhos do Pai Celestial). Aponte para as palavras no quadro-negro e diga: “Vocês podem escolher que tipo de líder desejam ser”.

Separe a classe em pequenos grupos. Peça a cada grupo que identifique duas ou três coisas que os líderes podem fazer para serem mais alegres em sua liderança. Peça a cada grupo que conte as suas sugestões para a classe. Elas podem incluir:

- “Cessai de dormir mais do que o necessário; recolhei-vos cedo, para que não vos canseis; levantai-vos cedo, para que vosso corpo e vossa mente sejam fortalecidos.” (D&C 88:124)
- Exercitar-se adequadamente e ter uma dieta equilibrada.
- Ouvir música inspiradora.
- Estudar as escrituras e outros bons livros.
- Aprender a perdoar às pessoas que o ofenderem, e esquecer a ofensa.
- Fazer aos outros o que deseja que lhe façam.
- Ser mais gratos. Contar suas bênçãos e agradecer ao Pai Celestial por elas.
- Tratar as pessoas com bondade e cortesia.
- Ser ativo na ala.
- Desenvolver um senso de humor saudável e adequado.

Incentive os alunos a terem “bom ânimo” ao liderarem.

RECURSOS PARA O PROFESSOR



Élder Joseph B. Wirthlin

Do Quórum dos Doze Apóstolos

“As Lições Aprendidas na Jornada da Vida”, A Liahona, maio de 2001, pp. 34–43

Não me é difícil recordar a época em que eu estava na faculdade. Eu gostava imensamente de muitos aspectos da vida universitária. Adorava aprender. Apreciava muito o espírito de companheirismo. E como adorava o futebol americano.

Meu sonho sempre fora jogar futebol americano em âmbito universitário e durante meus três primeiros anos de faculdade usei um uniforme vermelho e fui zagueiro.

Naquela época, o mundo estava à beira do caos. Forças políticas opostas agitavam-se e convulsionavam-se. A tensão só aumentava. As nações exaltavam-se umas contra as outras. Era como se todo o mundo rugisse como um borbulhante vulcão prestes a entrar em erupção. Antes do fim dessa crise, todas as nações e todos os povos viriam a sentir os efeitos daqueles dias tenebrosos.

Lembro-me do dia em que meu pai me procurou. Foi pouco depois do término do campeonato de futebol americano de 1936.

“Joseph”, disse ele, “você quer servir como missionário?”

Respondi que sim.

“Então, deve partir já”, advertiu ele. “Se esperar mais, nunca mais irá.”

Não queria acreditar no que ele dissera. Eu desejava continuar vivendo meu sonho de jogar futebol americano e formar-me na faculdade. Se eu aceitasse o chamado missionário, teria de abrir mão de tudo. Naquela época a missão durava trinta meses, e eu sabia que se partisse era bem provável que jamais voltasse a jogar futebol americano e talvez nem viesse a formar-me.

Mas eu sabia que meu pai estava dizendo a verdade. Meu bispo era Marion G. Romney (1897–1988), que mais tarde se tornou membro da Primeira Presidência da Igreja. Ele já havia

conversado comigo a respeito da missão, de modo que fui dizer-lhe que o momento havia chegado.

Poucos meses depois, embarquei no SS *Manhattan* e comecei uma longa viagem que me levaria bem para o centro da crise mundial. Fui chamado para a Missão Alemanha/Áustria.

Minha primeira área de trabalho foi Salzburgo, Áustria. Como havia poucos missionários na missão, pouco depois de minha chegada, meu companheiro foi transferido para outro distrito. Logo fiquei sozinho em Salzburgo, um jovem missionário num país estranho e novo.

Estava acontecendo ainda outra coisa que não mencionei: uma enorme tropa do Terceiro Reich de Hitler estava concentrando-se na fronteira, a menos de 30 quilômetros de Salzburgo. Em toda parte podia-se sentir uma crescente tensão no ar. Ninguém sabia se no dia seguinte os tanques alemães iriam invadir o território.

Lembro-me bem daqueles dias. Não acredito ter havido uma época em que me tenha sentido mais desanimado e perdido na vida. A missão foi difícil. Ninguém parecia ter tempo para mim ou para a mensagem que eu trazia. Eu me surpreenderia se houvesse naquela cidade inteira um número de membros suficiente para formar uma ala.

Por seis semanas, fiquei sozinho. Por seis semanas, aguardei a vinda de um companheiro. Por seis semanas, fiquei perguntando-me o que estaria fazendo se tivesse permanecido em Salt Lake City e continuado os estudos.

Embora parecessem intermináveis, aqueles dias e noites por fim passaram. Recebi um companheiro sênior e fizemos o melhor que podíamos naquelas circunstâncias para servir ao Senhor.

Naquele ano, com a chegada do Natal, eu e meu companheiro decidimos caminhar até Oberndorf, uma pequena vila localizada nos belos Alpes bávaros. Vocês devem saber que foi a beleza e o encanto daquele lugarejo que inspiraram Joseph Mohr a compor, em 1818, o admirável hino “Noite Feliz”. (*Hinos*, 126)

Na véspera do Natal, andamos até a vila e sentamo-nos calmamente por alguns instantes numa pequena e humilde igreja, ouvindo belos hinos no órgão. A clara noite de inverno, agradavelmente fria e revigorante, abateu-se sobre nós ao iniciarmos a viagem de volta. Caminhamos sob o firmamento estrelado, envoltos pela suave tranqüilidade da neve recém-

caída. Talvez tenha sido uma noite parecida com a que inspirou o sacristão Joseph Mohr a escrever mais de um século antes os versos de um dos cânticos mais queridos de toda a cristandade.

Durante o percurso, eu e meu companheiro conversamos sobre nossas esperanças e sonhos. Falamos de nossas metas e do que queríamos que acontecesse em nossa vida. Quanto mais conversávamos, mais determinados parecíamos em alcançar nossos objetivos. Ao caminarmos sob a claridade da lua cheia, ambos tomamos sérias resoluções.

Comprometi-me naquela noite a não desperdiçar meu tempo. Eu renovaria meus esforços para servir ao Senhor. Decidi que magnificaria qualquer chamado que recebesse no Reino do Senhor.

Aquela também foi a noite em que decidi com quem me casaria. Eu ainda não sabia seu nome, mas tinha em mente o tipo de jovem que seria: alguém que vivesse o evangelho e fosse espiritualmente forte. Cheguei até a descrevê-la para meu companheiro: ela teria 1,65 m de altura, olhos azuis e cabelos loiros. A irmã Wirthlin encaixa-se perfeitamente na descrição que fiz dela naquela época em que nem a conhecia. Assim, aquela noite foi muito importante para mim.

Passaram-se dois anos e meio e antes de que eu me desse conta, já estava de volta ao lar. Lembro-me de ter ouvido alguém mencionar um nome: Elisa Rogers, a jovem responsável pela organização de um baile para universitários no Hotel Utah. Havia algo de especial naquele nome. Senti que precisava conhecê-la.

Lembro-me da primeira vez que a vi. Fazendo um favor para uma amiga, fui até sua casa buscar a irmã dela para levá-la a um compromisso. Elisa abriu a porta, e eu não consegui tirar os olhos dela. Ali estava ela, linda, com 1,65 m, olhos azuis e cabelos loiros.

Ela também deve ter sentido algo, porque me disse: “Já se conhecemos”.

Imediatamente, ela deu-se conta de que cometera um erro gramatical ao dizer “se” em vez de “nos”. Para entenderem a extensão do problema, é preciso que saibam que Elisa estava formando-se em Letras.

Mesmo depois de todos esses anos, ela ainda se lembra do constrangimento que sentiu naquele momento. É claro que o fato de eu estar contando isso para vocês não a ajuda em nada a superar o trauma, mas creio que ela há de perdoar-me.

Passaram-se seis décadas desde aquele Natal em Oberndorf, quando tomei aquelas decisões. Muita coisa aconteceu ao longo desses anos. Minhas premonições a respeito do futebol americano concretizaram-se: nunca mais joguei. Mas formei-me na faculdade. Mesmo assim, nunca me arrependi de ter sido missionário e me comprometido a servir ao Senhor. Ao fazê-lo, minha vida encheu-se de aventuras, experiências espirituais e de uma alegria que transcende todo o entendimento.

Muitos de vocês talvez estejam passando por momentos de desânimo ou solidão na vida. Talvez estejam sentindo-se um pouco perdidos ou mesmo temerosos. Todo mundo já se sentiu assim uma vez ou outra. Todos já se perguntaram se virão a ter felicidade na vida.

Há mais de dois mil anos, Aristóteles postulou que todo aquele que vive tem o mesmo objetivo básico: ser feliz. (Ver *Nicomachean Ethics*, volume 1, capítulos 4 e 7.) Depois de oitenta anos de vida, comecei a ter alguma noção do que torna as pessoas felizes e bem-sucedidas. Gostaria de transmitir-lhes hoje cinco coisas que se forem levadas a sério e colocadas em prática irão proporcionar-lhes felicidade, sucesso, realização e a conquista de uma herança no reino celestial.

Ter Fé no Pai Celestial

Primeiro, tenham fé em seu Pai Celestial. Ele sabe quem vocês são. Ele ouve quando oram. Ele os ama e importa-Se com vocês. Ele quer o melhor para vocês.

Depois de servir por algum tempo em Salzburgo, fui transferido para Zurique, Suíça. Enquanto estava lá, o irmão Julius Billeter, membro da Igreja, procurou-me. Ele era genealogista profissional e disse ter visto muitas famílias chamadas Wirthlin em seu trabalho. Ofereceu-se para pesquisar minha ascendência. Escrevi para casa, e meu pai achou que aquela seria uma oportunidade maravilhosa. Assim, contratamos seus serviços.

Um ano depois, ele entregou-me um livro que tinha 36 cm de comprimento por 46 cm de largura e pesava 6,2 quilos. Nele havia quase seis mil nomes de meus antepassados. Era um volume inestimável para mim. Pouco antes de ser desobrigado como missionário, enviei por via marítima o precioso livro para casa, dentro de um baú junto com outros de meus pertences. Orei para que ele chegasse em segurança e para que a valiosa história de minha família não se perdesse.

Cheguei a casa antes do baú. Passaram-se várias semanas sem que ele aparecesse. Comecei a preocupar-me com a possibilidade de aquele livro insubstituível ter-se perdido. Seis meses depois de eu ter chegado a Salt Lake City, recebi um telefonema da estação de trem da cidade. Havia chegado um baú para mim. Corri para retirá-lo, mas quando o vi fiquei desolado. A fechadura do baú tinha sido arrombada.

Ergui a tampa e quando olhei para dentro fiquei ainda mais desalentado. Estava tudo encharcado de água do mar. E pior, era visível que alguém vasculhara meus pertences e roubara alguns deles.

Cuidadosamente, retirei várias peças de roupa em busca de meu livro precioso. Quando o encontrei, meu coração transbordou de alegria. Ele não apenas estava lá, mas os papéis estavam completamente secos! Sei que o livro foi preservado por intervenção divina.

O Salvador perguntou: “Não se vendem dois passarinhos por um ceitil?”

E nenhum deles cairá em terra sem a vontade de vosso Pai.

E até mesmo os cabelos da vossa cabeça estão todos contados. Não temais, pois; mais vales vós do que muitos passarinhos”. (Mateus 10:29–31)

Se salvar um livro da água do mar é algo digno da atenção celeste, quanto mais seu Pai Celestial não estará ciente de sua vida e suas necessidades?

Em certa ocasião, o Presidente Thomas S. Monson, atualmente primeiro conselheiro na Primeira Presidência, disse-me o seguinte: “Existe um poder celeste acima de todas as coisas. Em geral, quando as coisas acontecem, não é por fruto do acaso. Um dia, quando olharmos para trás e virmos as aparentes coincidências de nossa vida, perceberemos que não foram exatamente por casualidade que ocorreram”.

O Senhor conhece suas provações e vitórias e se vocês “[confiarem] no Senhor de todo o [seu] coração, e não [se estribarem] no [seu] próprio entendimento, [reconhecendo-o] em todos os [seus] caminhos, (...) Ele endireitará as [suas] veredas”. (Provérbios 3:5–6)

Estabelecer Metas Justas

Segundo, estabeleçam metas justas. Muitas coisas competem por sua atenção na jornada da vida. Haverá infinitas distrações. Pessoas e coisas tentarão atrair sua atenção como o canto da sereia, prometendo riqueza, prazer e poder.

O *sucesso* é uma palavra sedutora. Milhares de livros já foram escritos sobre o assunto, prometendo dinheiro, liberdade, lazer e luxo. Inúmeras pessoas oferecem fórmulas infalíveis para o acúmulo de fortunas. Por exemplo, atribuiu-se a J. Paul Getty um processo de três passos para o enriquecimento: “Acordar cedo. Trabalhar arduamente. Encontrar um poço de petróleo”.

Outras fórmulas mais práticas defendem variações sobre o mesmo tema: é preciso concentrar todos os pensamentos, sentimentos e ações nas metas. Convém desejar alcançá-las com todo ardor do coração. É preciso concentrar todos os pensamentos nos objetivos. Cumpre canalizar toda a energia na conquista dos desejos.

É claro que se forem aplicados para fins justos, esses métodos podem ser de grande valia. O problema é que na maioria dos casos a busca de riquezas, prazer e poder leva-nos a um lugar que pode à primeira vista parecer desejável, mas que ao chegarmos perto mostra sua verdadeira natureza. O preço do sucesso mundano costuma exigir que abduquemos de nosso direito de primogenitura. Aqueles que concordam com essa troca um dia se sentirão como Esaú, que ao dar-se conta do que perdeu “bradou com grande e mui amargo brado”. (Gênesis 27:34)

Outra armadilha em que tendemos a cair quando nos tornamos obcecados pelo sucesso é a de darmos crédito à força de nosso braço e ao poder de nossa mente, esquecendo-nos do Senhor que nos abençoou e nos fez prosperar.

Moisés disse aos filhos de Israel: “Havendo tu comido e fores farto, e havendo edificado boas casas, (...)”

E se tiverem aumentado os teus gados e os teus rebanhos, e se acrescentar a prata e o ouro, e se multiplicar tudo quanto tens, (...)”

Digas no teu coração: A minha força, e a fortaleza da minha mão, me adquiriu este poder. (...)”

Será, porém, que, se de qualquer modo te esqueceres do Senhor teu Deus, e se ouvires outros deuses, e os servires, e te inclinares perante eles, hoje eu testifico contra vós que certamente perecereis”. (Deuteronômio 8:12–13, 17, 19)

Crêem que poderão usar na próxima vida o dinheiro que ganharem nesta? Coloquem o Pai Celestial em primeiro lugar em sua vida. Comprometam-se a segui-Lo, a obedecer a Seus mandamentos e a esforçar-se todos os dias para

tornarem-se mais semelhantes a Cristo. Concentrem seus esforços na busca de riquezas celestiais. Caso não procedam assim, encontrarão frustrações e tristeza no final.

Isso nos remete à parábola do Salvador a respeito do homem que trabalhou muito para acumular riquezas. Ele tinha tantas posses que nem dispunha de um lugar grande o suficiente para guardá-las. Por isso, construiu grandes celeiros. Imaginava que assim que tivesse um local seguro para armazenar todas as riquezas poderia aposentar-se e levar uma vida de prazeres: comendo, bebendo e divertindo-se.

Mas quando terminou a obra, “Deus lhe disse: Louco! Esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?” (Lucas 12:20)

Uma pergunta desconcertante que o Salvador fez às pessoas de Sua época continua a ecoar pelos séculos até nossos dias: “Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma?” (Mateus 16:26)

Será que o dinheiro é necessariamente maléfico? Jacó, grande profeta do Livro de Mórmon, forneceu a resposta. Ensinou a seu povo: “Pensai em vossos irmãos como em vós mesmos; e sede amáveis para com todos e liberais com vossos bens, para que vossos irmãos sejam ricos como vós.

Mas antes de buscardes riquezas, buscai o reino de Deus.

E depois de haverdes obtido uma esperança em Cristo, conseguireis riquezas, se as procurardes; e procurá-las-eis com o fito de praticar o bem—de vestir os nus e alimentar os famintos e libertar os cativos e confortar os doentes e aflitos”. (Jacó 2:17–19)

Moisés disse ao povo de sua época: “Quando entre ti houver algum pobre, de teus irmãos, em alguma das tuas portas, (...) não endurecerás o teu coração, nem fecharás a tua mão a teu irmão que for pobre”. (Deuteronômio 15:7)

Empenhar-se para Alcançar as Metas

Terceiro, depois de terem traçado metas justas, empenhem-se com todas as forças para atingi-las. Nas palavras do Élder David O. McKay (1873–1970) quando integrava o Quórum dos Doze Apóstolos: “Reconheçamos (...) que o *privilégio de trabalhar* é uma *dádiva*, que a *capacidade* de trabalhar é uma *bênção*, que o *amor* ao trabalho constitui o *sucesso*”. (Conference Report, outubro de 1909, p. 94; grifo do autor)

O trabalho é uma terapia para a alma. O evangelho de Jesus Cristo é o evangelho do trabalho. A meu ver, muito da ociosidade que nos rodeia decorre de uma compreensão errônea da Expição do Senhor. Não podemos simplesmente sentar-nos indolentemente esperando alcançar sucesso nas coisas espirituais ou materiais. Precisamos fazer tudo a nosso alcance para atingir nossas metas, e o Senhor completará o que estiver faltando.

Lembrem-se das palavras do Presidente Gordon B. Hinckley: “A maior parte do trabalho do mundo não é realizado por gênios, mas por pessoas comuns que, com uma vida equilibrada, aprenderam a trabalhar de maneira extraordinária”. (“Our Fading Civility”, discurso inaugural do semestre na Universidade Brigham Young, 25 de abril de 1996, p. 15)

Quero falar-lhes de uma pessoa notável que assumiu a responsabilidade pela própria vida e chegou a ser alguém importante apesar de sua origem humilde. Seu nome é Dr. Ben Carson. Ele nasceu e foi criado em bairros pobres de Detroit. Cresceu sem a presença paterna. Sua mãe assumiu a responsabilidade de criar a família e transmitiu ao filho esse mesmo senso de dever.

O Dr. Carson conta que a mãe sempre dizia aos filhos: “Você tem cérebro?” Diante de uma resposta afirmativa, ela continuava: “Então você é capaz de pensar num modo de sair dessa situação. Não importa o que João, Maria ou qualquer outra pessoa tenha feito. Você tem cérebro, então encontre um meio de resolver seus problemas”.

O Dr. Carson conta:

“Comecei a entender que eu estava no comando da situação, que eu podia ir a qualquer lugar que quisesse e fazer tudo o que desejasse. A única pessoa que poderia realmente determinar ou limitar meu sucesso era eu mesmo. Quando compreendi isso, a sensação de vítima das circunstâncias desapareceu da minha vida. Deime conta de que não tinha de ficar sentado esperando que alguém fizesse algo por mim”. (“Seeing the Big Picture: An Interview with Ben Carson, M. D.”, *Saturday Evening Post*, julho/agosto de 1999, pp. 50–51)

O Dr. Carson não ficou sentado esperando que alguém fizesse algo por ele. Assumiu o controle de sua vida. Estudou muito na escola e saiu-se bem—bem o bastante para vir a tornar-se médico. Chegou a ser diretor do departamento de neurocirurgia pediátrica do Centro Infantil John Hopkins, em Baltimore, um hospital de renome

internacional. Em 1987, o Dr. Carson realizou a primeira cirurgia bem-sucedida de separação de gêmeos siameses unidos pela parte posterior da cabeça.

Sócrates declarou: “Os deuses vendem-nos todas as coisas em troca de nosso trabalho”. (Xenofonte, *Lembranças de Sócrates*, volume 2, capítulo 1, seção 20)

O Presidente Gordon B. Hinckley endossou esse pensamento: “Não há nada abaixo dos céus que substitua o trabalho produtivo. Trata-se do processo pelo qual os sonhos se tornam realidade. É o processo pelo qual visões ociosas se transformam em realizações dinâmicas.

É o trabalho que faz a diferença na vida. Ao expandirmos nossa mente e utilizarmos a habilidade de nossas mãos é que nos erguemos acima da mediocridade”. (Citado em “Pres. Hinckley Shares 10 Beliefs with Chamber”, *Church News*, 31 de janeiro de 1998, p. 3)

Magnificar os Chamados

Quarto, magnifiquem seus chamados e sejam membros fiéis da Igreja. Quando vamos à Igreja, cercamo-nos de pessoas que partilham do nosso comprometimento de obedecer aos mandamentos e seguir ao Salvador.

Alguns erroneamente imaginam a Igreja como um lugar no qual pessoas perfeitas se reúnem para dizer coisas perfeitas e ter pensamentos e sentimentos perfeitos. Eu gostaria de desfazer essa impressão. A Igreja é um lugar onde pessoas imperfeitas se congregam para ajudar a fortalecer umas às outras no esforço de voltar à presença do Pai Celestial. Cada um de nós percorrerá uma estrada diferente na mortalidade. Progrediremos em ritmos distintos. Pode ser que as tentações que aflijam seu irmão nem os incomodem.

Jamais menosprezem aqueles que sejam menos perfeitos do que vocês. Nunca se irrite porque alguém não fala tão bem quanto vocês, não lidera tão bem quanto vocês ou não costura, trabalha ou brilha tanto quanto vocês.

A Igreja é uma sociedade de melhoramentos mútuos que tem por objetivo ajudar todo filho de Deus a retornar a Sua presença. Uma maneira de medirem seu valor no Reino de Deus é perguntarem a si mesmos: “Como estou saindo-me no empenho de ajudar as pessoas a alcançar seu potencial? Apóio as pessoas na Igreja ou as critico?” Se vocês estiverem criticando-as, estarão criticando o reino de Deus. Se estiverem edificando-as, estarão edificando o reino.

Outro teste de seu valor no reino é perguntar a si mesmos se estão esforçando-se ao máximo para magnificar seu chamado na Igreja. Quando vocês magnificam seu chamado, não fazem apenas o mínimo necessário, mas desafiam a si mesmos a servir de todo o coração, poder, mente e força.

Se não têm um chamado na Igreja, convido-os a procurar o bispo e dizer-lhe que estão ansiosos para servir e trabalhar com ardor.

Quando vocês servirem fielmente, o Senhor estará a seu lado, e vocês sentirão Seu Espírito e Sua mão orientadora.

Há alguns anos, numa conferência geral, o Élder Boyd K. Packer, do Quórum dos Doze Apóstolos, contou a história de Joseph Millett, um membro pouco conhecido da Igreja.

Ele viveu nos primeiros anos da Igreja e cruzou as planícies com outros membros fiéis a fim de domar o deserto e encontrar um novo lar. Naquela época a comida era escassa. O inverno, em particular, era uma época difícil e em geral durava mais do que o alimento estocado.

Joseph Millett escreveu em seu diário: “Um de meus filhos veio dizer-me que a família do irmão Newton Hall estava sem pão naquele dia.

Dividi nossa farinha num saco para enviar ao irmão Hall. Pouco depois, o irmão Hall apareceu.

Eu disse: ‘Irmão Hall, vocês estão sem farinha?’

‘Estamos, irmão Millett.’

‘Bem, irmão Hall, tenho um pouco aqui neste saco. Dividi a nossa farinha para mandar para vocês. Seus filhos disseram aos meus que vocês estavam sem farinha.’

O irmão Hall começou a chorar. Ele disse que procurara outras pessoas, mas nada conseguira. Ele tinha ido até o bosque e orado ao Senhor, que o orientara a ir até Joseph Millett.

‘Bem, irmão Hall, não precisa devolver essa farinha. Se o Senhor a enviou para você, então não me deve nada.’ (...)

Nem consigo expressar como me senti bem ao ver que o Senhor sabia que havia uma pessoa chamada Joseph Millett”. (Diário de Joseph Millett, manuscrito, Arquivos do Departamento Histórico, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; citado por Boyd K. Packer, “A Tribute to the Rank and File of the Church”, *Ensign*, maio de 1980, p. 63.)

Este sentimento é maravilhoso: saber que o Senhor confia em nós e nos ama tanto a ponto de querer usar-nos para abençoar a vida de outras pessoas. Irmãos e irmãs, nosso Pai Celestial quer utilizá-los para esse mesmo fim. Ao magnificarem seus chamados e fazerem o bem, prometo que o Senhor derramará sobre vocês tantas bênçãos de satisfação e alegria que não haverá lugar suficiente para recebê-las.

Desfrutar a Jornada

Quinto, desfrutem a jornada. O povo de Deus é um povo alegre. Sabemos que há momentos de seriedade, reverência e devoção, mas também temos ciência de que possuímos os preciosos princípios da vida eterna.

Temos muitos motivos para sorrir, para ser felizes e até para rir.

Existem muitos que estão sempre esperando o momento em que serão felizes. “Se ao menos eu conseguisse formar-me, se conseguisse comprar um carro, se eu conseguisse casar-me. (...)” Para muitos, a felicidade está sempre um pouco mais adiante, num lugar inatingível. Sempre que subimos uma montanha, a felicidade está logo adiante, na próxima colina.

É terrível estar sempre esperando o porvir, sempre na dependência do amanhã, desculpando-nos por nosso presente por estarmos certos de que apenas no futuro estão as coisas que nos trarão satisfação.

Não esperem até amanhã. Não esperem o emprego certo, a casa certa, o salário certo, o tamanho de roupa certo. Sejam felizes hoje. Sejam felizes agora.

Abraham Lincoln disse: “A maioria das pessoas é tão feliz quanto decide ser”. (John Cook, org., *The Book of Positive Quotations*, 1997, p. 7)

Decidam ser felizes—mesmo que não tenham dinheiro, um rosto perfeito nem ganho o prêmio Nobel. Algumas das pessoas mais felizes que conheço não possuem nenhuma dessas coisas que o mundo insiste serem necessárias para nossa satisfação e alegria. E por que são felizes? Suponho que seja porque não escutam muito bem. Ou talvez escutem bem demais as coisas que o seu coração lhes diz. Elas maravilham-se com a beleza da Terra. Rejubilam-se com os rios, desfiladeiros e o canto das cotovias. Exultam com o amor da família, com os passos vacilantes de um bebê e o sorriso sábio e bondoso dos idosos.

Regozijam-se com o trabalho honesto, com as escrituras e com a presença do Espírito Santo.

Uma coisa sei com certeza: que o tempo de que dispomos aqui passa muito depressa. Não desperdicem mais seu tempo vendo a vida passar.

Querem um conselho? Aprendam a rir de si mesmos. Quando o Élder Matthew Cowley (1897–1953) foi chamado para o Quórum dos Doze Apóstolos, o Presidente J. Reuben Clark (1871–1961) convidou-o a seu escritório e orientou-o acerca de seu novo chamado. O Presidente Clark foi um dos grandes líderes e pensadores da Igreja. Desistiu do cargo de embaixador dos Estados Unidos no México para integrar a Primeira Presidência da Igreja. Era um homem acostumado a carregar nos ombros importantes responsabilidades.

Quando a entrevista do Élder Cowley com o Presidente Clark estava chegando ao fim, o Presidente Clark disse: “Agora, meu garoto, meu rapaz” [o Presidente Clark chamava todos os membros do Quórum dos Doze de rapaz] “agora, rapaz, não se esqueça da regra número seis”. O Élder Cowley perguntou: “Qual é a regra número seis?” O Presidente Clark respondeu: “Não se leve a sério demais”. O Élder Cowley indagou: “Quais são as outras cinco?” O Presidente Clark afirmou: “Não há outras”. (*Matthew Cowley Speaks* [1954], pp. 132–133)

Algumas pessoas se levam tão a sério que acham que não podem sentir-se completas até “se encontrarem”. Algumas abandonam a família, o emprego e os estudos, buscando descobrir quem são.

George Bernard Shaw disse: “A vida não consiste em descobrir quem somos, mas em tornar-nos aquilo que desejamos ser”. Não se preocupem em descobrir quem são, concentrem suas energias para criar o tipo de pessoa que almejam ser. Vocês descobrirão que, ao empenharem-se nessa jornada, não vão “encontrar a si mesmos”, mas é bem provável que fiquem agradavelmente surpresos e orgulhosos com a pessoa na qual se tornaram ao fim do caminho.

Não procrastinem nem mais um minuto. Todo momento é precioso. Decidam agora mesmo que transformarão sua vida em algo extraordinário!

Há pouco tempo, tive a oportunidade de retornar com a irmã Wirthlin ao local onde inicie a missão. Minha designação era organizar a

Estaca Salzburgo Áustria. De certo modo, foi como voltar para casa. Lembrei-me dos dias em que caminhei por aquelas ruas de paralelepípedos perguntando a mim mesmo se algum dia haveria membros suficientes para formar uma pequena ala naquele lugar. E lá estava eu, anos depois, organizando uma estaca. Meu coração encheu-se de emoção ao ver aquela congregação de membros fiéis e recordar o tempo que passara ali.

Ao olhar para trás, vejo que aqueles momentos de provação e solidão foram essenciais para fortalecer meu caráter e aumentar meu desejo de ter êxito. Aquela época de aparente fracasso foi uma das mais importantes da minha vida, pois preparou-me para coisas maiores que viriam depois.

Enquanto estava lá, viajei com minha esposa até Oberndorf. Caminhamos pela mesma estrada que eu e meu companheiro percorrêramos tantos anos antes. E ali, diante das majestosas montanhas e da incomparável beleza daquela pequena vila bávara, falei a ela mais uma vez sobre aquela noite silenciosa em que descrevi para meu companheiro a mulher com quem eu iria casar-me.

As resoluções que fiz naquela noite sagrada em Oberndorf, Áustria, foram uma força diretriz em toda a minha vida. Embora ainda tenha muito que aprender e realizar, fiz o melhor que pude para ter fé em Deus, para canalizar energias para as coisas importantes da vida, para trabalhar arduamente em tarefas justas, para magnificar os chamados que recebi na Igreja e para desfrutar a jornada.

Que vocês façam o mesmo para tornar sua vida algo digno de sua herança divina.

Testifico que o propósito de minha missão na longínqua Europa é o mesmo de hoje: testificar que temos um Pai Celestial amoroso e também Seu Filho Amado, Jesus Cristo, que nos proporcionou a grandiosa Expição. Presto testemunho de que Joseph Smith foi um profeta de Deus que recebeu a plenitude do evangelho eterno e estabeleceu a Igreja do Senhor na Terra nestes últimos dias. Testifico que Gordon B. Hinckley é nosso profeta, vidente e revelador hoje.

Ao empenharem-se para atingir metas justas, o Senhor estará com vocês e guiará seus passos. Ele quer que sejam felizes e bem-sucedidos. Deseja que se cheguem a Ele. Oro para que encontrem paz e alegria na jornada da vida.

AUXÍLIOS DIDÁTICOS

- Você concorda com o ponto de vista de Aristóteles de que o objetivo da vida é ser feliz? Explique sua resposta.
- De acordo com o Élder Wirthlin, quais são as “cinco coisas que se forem levadas a sério e colocadas em prática irão proporcionar-lhes felicidade, sucesso, realização e (...) uma herança no reino celestial”?
- Faça uma lista pessoal de coisas que lhe dão alegria e felicidade. Explique como essas coisas poderiam ajudá-lo a manter uma atitude positiva e alegre como líder.
- Encontre uma escritura que lhe dê bom ânimo.

ESTABELEECER PRIORIDADES

“Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam;

Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam.

Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração. (...)

Mas, buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.”
(Mateus 6:19–21, 33)

PRINCÍPIO DE LIDERANÇA

Os líderes devem planejar seu tempo tendo em vista a eternidade.

CONCEITOS DA LIÇÃO

1. Os líderes devem dar prioridade à vida eterna em vez das coisas deste mundo.
2. O equilíbrio é uma importante qualidade dos líderes da Igreja e da família.
3. Os líderes precisam aprender a organizar seu tempo.

CONCEITO 1. OS LÍDERES DEVEM DAR PRIORIDADE À VIDA ETERNA EM VEZ DAS COISAS DESTE MUNDO.

COMENTÁRIO

Em Seu Sermão da Montanha, Jesus ensinou: “Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam; (...)

Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração”. (Mateus 6:19, 21)

O Élder Delbert L. Stapley, que foi membro do Quórum dos Doze, explicou: “A renovação e santificação de nosso corpo pelo poder do Espírito Santo são alcançadas vivendo-se o evangelho. Nossos tesouros de boas obras que nos precedem estão edificando nossa mansão eterna. Projetar nosso pensamento na eternidade sob a influência do espírito ampliará nossa mente e nos dará uma clara visão do plano de Deus, que nos ajudará a traçar um curso real de volta à Sua presença. Mantenham sempre a eternidade em mente aqui na mortalidade e baseiem suas ações, julgamentos e decisões nas leis eternas de Deus. Devemos educar-nos não apenas para esta vida, mas também para a eternidade”. (Conference Report, setembro–outubro de 1967, p. 75.)

O Élder M. Russell Ballard, quando era membro dos Setenta, aconselhou: “Lembrem-se de que a eternidade é agora, e não um futuro distante e indefinido. Preparamo-nos a cada dia, neste exato momento, para a vida eterna. Se não estivermos preparando-nos para a vida, estaremos preparando-nos para outra coisa, talvez algo bem inferior”. (Conference Report, setembro–outubro de 1978, p. 100; ou *Ensign*, novembro de 1978, p. 66.)

O Presidente Harold B. Lee, quando era Conselheiro na Primeira Presidência, aconselhou: “A maioria dos homens não estabelece prioridades para guiá-los ao organizarem seu tempo, e a maioria dos homens esquece que a primeira prioridade deve ser a de manter sua própria força física e espiritual. Depois disso vem a família, depois a Igreja e só então a sua profissão—e tudo isso requer tempo”. (*The Teachings of Harold B. Lee*, ed. Clyde J. Williams, 1996, p. 615.)

O Élder Ballard, depois de ter-se tornado membro do Quórum dos Doze, acrescentou este conselho: “Primeiro, reflitam sobre sua vida e estabeleçam suas prioridades. Reservem, regularmente, algum tempo para pensar calma e profundamente sobre o rumo que seguem, e o que será preciso fazer para chegar ao seu destino.

Jesus, nosso grande exemplo, muitas vezes ‘retirava-se para os desertos e ali orava’. (Lucas 5:16) Precisamos fazer o mesmo vez por outra, a fim de nos rejuvenescer espiritualmente como fazia o Salvador. Anotem as tarefas que gostariam de executar todos os dias. Ao elaborar por escrito sua agenda diária, lembrem-se principalmente dos sagrados convênios que fizeram com o Senhor”. (Conference Report, abril de 1987, p. 15; ou *Ensign*, maio de 1987, 14.)

SUGESTÃO DIDÁTICA

Leia com os alunos Mateus 6:19–21; Lucas 12:13–21. Discuta o que essas escrituras nos ensinam sobre a importância relativa das coisas temporais e das coisas eternas. (Ver também o comentário.)

Peça aos alunos que relacionem atividades e preocupações que competem entre si para ocupar nosso tempo. Sua lista pode incluir estudar as escrituras, prestar serviço, trabalhar, fazer coisas com os amigos, passar um tempo com a família, exercitar-se, fazer o trabalho da escola e realizar atividades recreativas. Peça aos alunos que dêem um número a cada atividade da lista, da mais importante para a menos importante, e discuta o critério que usaram para classificar as atividades.

Certifique-se de que os alunos compreendam que às vezes precisamos deixar de lado até as prioridades mais importantes para atender a emergência, cumprir uma tarefa digna ou servir ao próximo. De modo semelhante, algumas prioridades que podem parecer menos importantes do ponto de vista eterno, como o trabalho da escola, pode ser muito importante para preparar-nos para nosso futuro serviço no reino de Deus. Em todas as nossas prioridades devemos manter nossa vida centralizada em Jesus Cristo e no evangelho.

CONCEITO 2. O EQUILÍBRIO É UMA IMPORTANTE QUALIDADE DOS LÍDERES DA IGREJA E DA FAMÍLIA.

COMENTÁRIO

O Presidente Ezra Taft Benson escreveu: “A respeito da preparação de Jesus para Sua missão, as escrituras declaram que Ele ‘crescia (...) em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens’. (Lucas 2:52) Isso abrange quatro áreas principais para o estabelecimento de metas: espiritual, mental, físico e social. ‘Portanto, que tipo de homens deveréis ser?’ perguntou o

Mestre. E Ele respondeu: ‘Em verdade vos digo que deveréis ser como eu sou’. (3 Néfi 27:27) Eis então uma meta para toda a vida: Caminhar em Seus passos, aperfeiçoar-nos em toda virtude, como Ele fez”. (*The Teachings of Ezra Taft Benson*, 1988, pp. 383–384.)

O Élder Spencer W. Kimball, que na época era membro do Quórum dos Doze, testificou: “O Salvador tinha uma personalidade agradável, era gentil, simpático, compreensivo e nunca fugia pela tangente, era perfeitamente equilibrado. Nenhuma excentricidade podia ser encontrada em Sua vida”. (*The Teachings of Spencer W. Kimball*, org. Edward L. Kimball, 1982, p. 13.)

O Élder Neal A. Maxwell, membro do Quórum dos Doze, ensinou: “Tendo em vista a heterogeneidade das fases da vida, o Senhor deseja equilíbrio em Seus discípulos bem como na Igreja como um todo. Não podemos concentrar-nos em um único aspecto de nossa vida. Além disso, ao crescermos ‘a raiz e a copa’ devem ter ‘a mesma força’, proporcionando-nos a capacidade de suportar tanto o calor quanto a tempestade. (Jacó 5:66)” (*If Thou Endure It Well*, 1996, p. 122.)

SUGESTÃO DIDÁTICA

Peça a um aluno que leia Lucas 2:52 em voz alta. Aliste no quadro-negro as palavras desse versículo que descrevam em que aspectos Jesus Cristo cresceu (*sabedoria, estatura, graça para com Deus e o homem.*) Ao lado dessas palavras escreva *mental, físico, espiritual e social*. (Ver comentário.) Peça aos alunos que discutam as dificuldades de se manter o equilíbrio nessas áreas.

Você pode discutir o conceito de que às vezes temos uma vida temporariamente “desequilibrada” por causa das circunstâncias. Por exemplo: Os alunos universitários podem ter que passar uma parte excepcionalmente grande de seu tempo estudando. Embora isso possa ser necessário por algum tempo, os estudantes não devem negligenciar por completo seu desenvolvimento em outras áreas de sua vida e personalidade. A programação de um bispo pode parecer “desequilibrada” às vezes, no sentido de que seus deveres em relação à ala podem impedi-lo de passar tanto tempo com a família como ele gostaria. Contudo, ele precisa fazer tudo a seu alcance para passar o tempo necessário com eles e depois confiar no Senhor para ajudá-lo a atender a suas necessidades.

CONCEITO 3. OS LÍDERES PRECISAM APRENDER A ORGANIZAR SEU TEMPO.

COMENTÁRIO

Os líderes da Igreja incentivam-nos a estabelecer prioridades condizentes com os princípios do evangelho. O Élder Richard G. Scott, do Quórum dos Doze, ensinou: “Coloque o Salvador, Seus ensinamentos e Sua Igreja no centro de sua vida. Certifique-se de que todas as suas decisões sejam condizentes com esse padrão”. (Conference Report, abril de 1991, p. 43; ou *Ensign*, maio de 1991, p. 34.) Mais tarde, o Élder Scott aconselhou: “Torne o Pai Eterno e Seu Filho Amado a prioridade mais importante de sua vida—mais importante do que a própria vida, mais importante até do que o cônjuge amado, os filhos ou qualquer outra pessoa nesta Terra. Faça com que a vontade Deles seja o seu maior desejo. Então, você receberá toda a felicidade de que necessita”. (Conference Report, abril de 1993, p. 43; ou *Ensign*, maio de 1993, p. 34.)

Em outra ocasião, o Élder Scott advertiu: “Parte [de nosso] teste [na mortalidade] consiste em encontrarmos tantas coisas aparentemente interessantes para fazer, que somos capazes de esquecer os propósitos principais de nossa passagem pela Terra. Satanás trabalha arduamente para que as coisas essenciais não aconteçam. (...)”

(...) Em seus momentos de reflexão, ao meditar sobre o evangelho, conseguem reconhecer o que é essencialmente importante na vida e o que não é. (...)

(...) Reflitam sobre as coisas que fazem em seu tempo livre, aquele no qual vocês têm a liberdade de escolher o que fazer. Vocês acham que esses momentos estão centralizados no que é realmente prioridade e de suma importância? Ou, mesmo que inconscientemente, ocupam sempre seu tempo com coisas triviais e atividades cujo valor é efêmero e não lhes ajudam a cumprir o propósito para o qual vieram à Terra? Reflitam sobre a vida, não apenas no que vai acontecer hoje ou amanhã. *Não desistam do que mais desejam na vida por causa de alguma coisa que vocês pensam querer agora.*

As coisas fundamentais devem ser feitas durante nosso período de teste na Terra. Elas devem ter total prioridade. Elas não devem ser sacrificadas por coisas de menor valor, mesmo que sejam realizações boas e dignas”. (*A Liahona*, julho de 1997, pp. 66–67.)

A maioria de nós sente às vezes que não há tempo suficiente para fazer tudo o que devemos ou que gostaríamos de fazer. Os chamados da Igreja, as obrigações referentes à família, o trabalho, os hobbies e assim por diante, todas essas coisas competem entre si para ocupar nosso tempo. O Élder Neal A. Maxwell, que na época era membro da Presidência dos Setenta, aconselhou-nos a usar nosso arbítrio “de modo que façamos as coisas que mais importam, para que essas coisas não sejam suplantadas pelas coisas que importam menos”. (*Deposition of a Disciple*, 1976, p. 58.) Os líderes da Igreja e da família precisam centralizar sua vida nos tesouros celestiais para que possam ajudar outros a fazerem o mesmo.

SUGESTÃO DIDÁTICA

Organizamos nosso tempo pelo mesmo motivo que fazemos um orçamento de nosso dinheiro: Para certificar-nos de que teremos o suficiente para usar nas coisas que mais precisamos e queremos.

Explique aos alunos que o primeiro passo para administrar nosso tempo é calcular quanto temos para gastar. Pergunte aos alunos quantas horas temos em uma semana. (168) Pergunte aos alunos que atividades eles precisam fazer a cada semana (trabalhar, ir para a escola, dormir, comer, etc.) e peça-lhes que alistem essas atividades numa folha de papel. Peça-lhes que escrevam ao lado de cada item quantas horas eles gastam nessa atividade por semana e subtraíam esse valor do total da semana. Por exemplo: Se eles passam 40 horas por semana trabalhando, têm 128 horas sobrando. Se gastam 8 horas por dia dormindo, restam-lhes 72 horas na semana. Se passam 3 horas na Igreja a cada domingo, restam-lhes 69 horas.

Quando os alunos calcularem o total, pergunte que atividades eles *gostariam* de fazer em seu tempo livre e peça-lhes que as escrevam em sua folha de papel. Peça-lhes que escrevam ao lado de cada item quantas horas eles acham que deveriam depender nessa atividade por semana e subtraíam esse valor do total da semana. (Se algumas atividades que eles gostariam de fazer já estão incluídas na lista de coisas que eles precisam fazer, peça-lhes que não subtraíam essas horas pela segunda vez.)

Saliente que as atividades às quais damos mais valor não são necessariamente as que ocupam a

maior parte de nosso tempo. Por exemplo, podemos passar apenas alguns minutos no dia orando, mas a oração pode ser a coisa mais importante que faremos naquele dia.

Agora entregue a cada aluno um calendário semanal genérico. Peça aos alunos que olhem para sua lista de atividades que eles *precisam* fazer e marquem essas atividades no calendário. Depois, peça-lhes que escrevam as atividades que *gostariam* de fazer no espaço restante.

Saliente a importância de dar a maior prioridade às atividades que consideram mais valiosas. Sugira que incluam em sua programação de cada semana um tempo para as metas do evangelho de proclamar o evangelho, redimir os mortos e aperfeiçoar os santos.

Diga aos alunos que como líderes precisamos organizar nosso tempo para podermos viver de acordo com os princípios do evangelho e ajudar os outros a fazer o mesmo.

Explique-lhes que um calendário pode ajudá-los a lembrar compromissos e outras tarefas e equilibrar todas as atividades que consideram valiosas. Saliente que um calendário é apenas uma das maneiras de se organizar o tempo, incentivando-os a encontrar uma forma que lhes seja conveniente.

RECURSOS PARA O PROFESSOR



Elder M. Russell Ballard

Do Quórum dos Doze Apóstolos

“Keeping Life’s Demands in Balance”, (Manter em Equilíbrio as Exigências da Vida) Conference Report,

abril de 1987, pp. 14–18; ou Ensign, maio de 1987, pp. 13–16

Reexaminar as prioridades da vida

Meus caros irmãos e irmãs, desde a última conferência geral tenho sentido em minha própria vida o poder das bênçãos do sacerdócio e a força da fé e orações dos membros da Igreja. Há muitos anos eu vinha dando bênçãos a outros. Tenho jejuado e orado por seu bem-estar e exercido minha fé pela recuperação deles. Recentemente, durante uma grave enfermidade, fui eu o receptor dessa fé, orações e bênçãos. Agradeço a vocês, irmãos e irmãs, as preces que ofereceram em meu favor.

Um de meus colegas disse-me que dessa doença viria algo de bom. Ele sugeriu que de vez em quando é bom enfrentar adversidade, particularmente se ela conduz à introspecção que nos faz avaliar nossa vida livre e honestamente. Foi o que fiz.

Na noite anterior à cirurgia, meus médicos aventaram a possibilidade de câncer. Quando fiquei sozinho, minha mente encheu-se de pensamentos sobre minha família e meu ministério. Encontrei conforto nas ordenanças do evangelho que me ligam à minha família, se formos fiéis. Reconheci que precisava reordenar algumas de minhas prioridades para realizar as coisas mais importantes para mim.

Muitas vezes precisamos de uma crise pessoal para reforçar em nossa mente aquilo que realmente valorizamos e amamos. As escrituras estão repletas de exemplos de pessoas que enfrentaram uma crise antes de aprenderem como servir melhor a Deus e ao próximo. Talvez se vocês, também, examinarem o coração e corajosamente avaliarem as prioridades na vida, descobrirão, como eu, que é preciso equilibrá-las melhor.

Todos nós necessitamos de um amplo e honesto auto-exame, da percepção interior do que e de quem queremos ser.

Reexaminar os convênios ajuda-nos a equilibrar as exigências da vida

Como sabem, enfrentar os complexos e variados desafios do dia-a-dia, que não é coisa fácil, pode frustrar o equilíbrio que buscamos. Muitas pessoas de bem que se importam realmente, fazem todo o empenho para manter o equilíbrio, mas às vezes se sentem impotentes e derrotadas.

Diz uma mãe de quatro filhos pequenos: “Em minha vida não existe equilíbrio algum. Sou totalmente consumida tentando criar meus filhos. Mal tenho tempo de pensar em outra coisa qualquer!”

Um jovem pai, sentindo o peso de ser o provedor da família, comentou: “Meu novo negócio exige todo meu tempo. Reconheço que estou negligenciando minha família, mas se eu puder agüentar só mais um ano, terei ganho dinheiro suficiente e então as coisas se acalmam”.

Diz um estudante secundário: “Escutamos tantos pontos de vista conflitantes que é difícil saber sempre o que está certo e o que é errado”.

E quantas vezes não ouvimos esta? “Ninguém sabe melhor que eu como o exercício é importante, mas simplesmente não me resta tempo para fazê-lo”.

Uma mãe sem marido disse: “Acho praticamente impossível fazer tudo o que tenho que fazer para administrar meu lar e dirigir minha família. Na verdade às vezes penso que o mundo espera demais de mim. Por mais que eu trabalhe e me esforce, nunca conseguirei satisfazer as expectativas de todos”.

Outra mãe de quatro filhos observou: “Minha luta se trava entre amor-próprio, confiança e senso de valor pessoal versus sentimento de culpa, depressão e desalento por não estar fazendo tudo o que dizem que devo fazer para merecer o reino celestial”.

Irmãos e irmãs, todos nós enfrentamos esses tipos de luta de tempos em tempos. São experiências humanas comuns. Muitas pessoas sentem o peso das exigências provenientes dos encargos paternos, familiares, profissionais, religiosos e cívicos. Manter todos eles devidamente equilibrados pode representar um verdadeiro problema.

Uma análise periódica dos convênios que fizemos com o Senhor irá ajudar-nos com nossas prioridades e equilíbrio na vida. Essa análise irá ajudar-nos a ver onde precisamos nos arrepender e mudar nossa vida para garantir que sejamos dignos das promessas que acompanham nossos convênios e ordenanças sagradas. Conquistar a própria salvação exige um bom planejamento e um esforço deliberado e valente.

Tenho algumas sugestões que espero sejam proveitosas para aqueles dentre vocês preocupados com equilibrar as exigências da vida. São sugestões muito simples, básicas; seus conceitos passam facilmente despercebidos se não tomarem cuidado. Incorporá-las em sua vida exigirá um forte comprometimento e disciplina pessoal.

Tenha uma perspectiva eterna ao estabelecer prioridades

Primeiro, reflitam sobre sua vida e estabeleçam suas prioridades. Reservem, regularmente, algum tempo para pensar calma e profundamente sobre o rumo que seguem, e o que será preciso fazer para chegar ao seu destino. Jesus, nosso grande exemplo, muitas vezes “retirava-se para os desertos e ali orava”. (Lucas 5:16) Precisamos fazer o mesmo vez por outra, a fim de nos rejuvenescer espiritualmente como fazia o Salvador. Anotem as tarefas que gostariam de

executar todos os dias. Ao elaborar por escrito sua agenda diária, lembrem-se principalmente dos sagrados convênios que fizeram com o Senhor.

Estabeleça metas de curto prazo razoáveis

Segundo, estabeleçam metas de curto prazo que sejam capazes de alcançar. Estabeleçam metas bem-equilibradas, nem demais, nem bem poucas, não demasiadamente altas nem muito baixas. Anotem suas metas realizáveis e trabalhem nelas de acordo com sua importância. Ao estabelecê-las, orem por orientação divina.

Como se lembram, Alma disse que gostaria de ser um anjo para poder “falar com a trombeta de Deus (...) [estremecer] a terra, e proclamar arrependimento a todos os povos!”. (Alma 29:1) Em seguida diz: “Mas eis que sou um homem e peço em meu desejo; porque deveria contentar-me com as coisas que o Senhor me concedeu (...)

Por que desejaria executar mais do que o trabalho para o qual fui chamado?” (Alma 29:3,6)

Torne-se financeiramente responsável e seguro

Terceiro, todo mundo enfrenta desafios financeiros na vida. Controlem, mediante um sábio orçamento, suas reais necessidades, comparando-as cuidadosamente com seus numerosos desejos. Um número excessivo de pessoas e famílias se endividaram demais. Tomem cuidado com as muitas ofertas tentadoras de empréstimos. É muito mais fácil tomar dinheiro emprestado do que devolvê-lo. Na segurança financeira não existem atalhos; não há esquema para ganhar dinheiro fácil que funcione. Provavelmente aqueles que se sentem impelidos a acumular “coisas” deste mundo são os que mais necessitam do princípio de equilíbrio na vida.

Não confiem seu dinheiro a terceiros sem uma minuciosa avaliação de qualquer investimento proposto. Nossa gente tem perdido dinheiro demais confiando em outras pessoas. Julgo que jamais teremos equilíbrio na vida a menos que nossas finanças estejam sob controle seguro.

Dizia Jacó, o profeta, ao povo: “Portanto não dependais dinheiro naquilo que não tem valor, nem vosso trabalho naquilo que não pode satisfazer. Ouvi-me atentamente e lembrai-vos das palavras que disse; e vinde ao Santo de Israel e fardai-vos daquilo que não perece nem pode ser corrompido; e deixai que vossa alma se deleite na abundância”. (2 Néfi 9:51)

Irmãos e irmãs, lembrem-se de pagar sempre o dízimo integral.

Estabeleça um bom relacionamento com seus familiares e amigos

Quarto, apeguem-se a seu cônjuge, filhos, parentes e amigos. Eles os ajudarão a manter a vida equilibrada. Numa recente pesquisa feita pela Igreja, adultos, nos Estados Unidos, foram solicitados a identificar uma ocasião em que foram muito felizes e a descrever a experiência. Foi-lhes pedido ainda que descrevessem uma vez em que foram muito infelizes. Na maioria dos casos, uma das coisas que os tornou muito felizes ou sumamente infelizes foi o relacionamento pessoal com outras pessoas. Saúde pessoal, emprego, dinheiro e outras coisas materiais mostraram-se muito menos importantes. Criem um bom relacionamento com seus familiares e amigos por meio da comunicação franca e honesta.

A comunicação gentil, carinhosa e atenciosa consegue manter um bom relacionamento matrimonial e familiar. Lembrem-se de que muitas vezes um olhar, aceno ou contato físico diz muito mais que palavras. O senso de humor e saber escutar são igualmente elementos vitais da boa comunicação.

Estude as Escrituras

Quinto, estudem as escrituras. Elas são a melhor fonte de que dispomos para nos manter em sintonia com o Espírito do Senhor. O estudo das escrituras foi um dos meios pelos quais obtive o conhecimento seguro de que Jesus é o Cristo. O Presidente Ezra Taft Benson tem exortado os membros da Igreja a fazerem do estudo do Livro de Mórmon um hábito diário e por toda a vida. O conselho do Apóstolo Paulo a Timóteo é muito bom para cada um de nós. Disse ele: “Que, desde a tua meninice sabes as sagradas Escrituras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus.

“Toda a escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça”. (II Timóteo 3:15–16)

Descanse, exercite-se e relaxe

Sexto, muitas pessoas, inclusive eu, acham difícil encontrar tempo suficiente para descanso, exercício e descontração. Precisamos reservar, na agenda diária, tempo para essas atividades se queremos levar uma vida saudável e equilibrada. A boa aparência física reforça nossa dignidade e respeito próprio.

Ensinar o evangelho uns aos outros

Sétimo, os profetas têm ensinado repetidamente que os familiares devem ensinar-se mutuamente o evangelho, de preferência na noite familiar semanal. Esta prática pode terminar facilmente se não tomarmos bastante cuidado. Não devemos perder essa oportunidade especial de ensinar “a doutrina do reino uns aos outros”, (D&C 88:77) que levará a família à vida eterna.

Satanás está sempre empenhado em destruir nosso testemunho, mas jamais terá poder para nos tentar ou perturbar além de nossa capacidade de resistir, quando estudamos o evangelho e vivemos seus mandamentos.

Ore com freqüência

Minha última sugestão é que oremos freqüentemente em família e individualmente. Os pais precisam exercer a necessária disciplina para dar exemplo e motivar os filhos a se reunirem regularmente para a oração familiar. Nossos jovens podem saber como tomar as decisões acertadas diariamente por meio da oração constante, sincera.

O Profeta Alma resumiu a importância da oração nestas palavras: “Mas que vos humilheis perante o Senhor e invoqueis seu santo nome e vigieis e oreis continuamente para não serdes tentados além do que podeis suportar; e serdes assim conduzidos pelo Santo Espírito, tornando-vos humildes, mansos, submissos, pacientes, cheios de amor e longanimidade”. (Alma 13:28) Quando estou espiritualmente sintonizado, percebo que é muito mais fácil equilibrar tudo em minha vida.

Faça todas as coisas com sabedoria e ordem

Irmãos e irmãs, há outras sugestões que poderiam ser acrescentadas além destas. Contudo, creio que nos concentrando em uns poucos objetivos fundamentais, é mais provável sermos capazes de atender às muitas exigências da vida. Lembrem-se de que qualquer excesso na vida pode nos desequilibrar, ao mesmo tempo que a falta das coisas importantes pode fazer o mesmo. O rei Benjamim aconselhou: “Vede que todas estas coisas sejam feitas com sabedoria e ordem”. (Mosias 4:27)

Muitas vezes, a falta de uma direção e metas claras faz-nos desperdiçar tempo e contribui para desequilibrar nossa vida. A vida que perde o equilíbrio se parece com um pneu malcalibrado

que torna difícil e perigoso o manejo do carro. Quando todos os pneus estão devidamente calibrados, o carro anda macio e seguro. O mesmo se dá com a vida. A passagem pela mortalidade pode tornar-se mais fácil para nós se procurarmos manter o equilíbrio. Nossa meta primordial deve ser buscar “a imortalidade e vida eterna”. (Moisés 1:39) Tendo isso por meta, por que não eliminar de nossa vida as coisas que reclamam e consomem nossos pensamentos, emoções e energias sem contribuírem para o alcance dela?

Ajude em vez de atrapalhar

Apenas uma palavra aos líderes da Igreja: Tenham muito cuidado para que aquilo que pedirem aos membros contribua para que conquistem a vida eterna. Para que eles possam equilibrar sua vida, os líderes da Igreja devem certificar-se de que não peçam tanto aos membros que não lhes reste tempo para realizar suas metas pessoais e familiares.

Faça o melhor possível a cada dia

Não faz muito tempo, uma de minhas filhas comentou: “Papai, às vezes fico imaginando se um dia vou conseguir chegar lá”. A resposta que lhe dei é a mesma que lhes daria se tivessem sentimentos semelhantes. Simplesmente façam o melhor possível todos os dias. Façam as coisas fundamentais e, antes de se darem conta, sua vida será cheia de entendimento espiritual que confirmará que o Pai Celeste os ama. Sabendo disso, a vida da pessoa será repleta de propósito e sentido, tornando mais fácil manter o equilíbrio.

Vivam cada dia com alegria no coração, irmãos e irmãs. Testifico humildemente que a vida pode ser maravilhosa, em nome de Jesus Cristo, amém.

AUXÍLIOS DIDÁTICOS

- O que podemos fazer para encorajar a nós mesmos e as pessoas a quem lideramos a reavaliar as prioridades e procurar ter equilíbrio na vida?
- Que papel pode desempenhar a adversidade para motivar-nos a reavaliar nossa vida?
- Quais você acha que deveriam ser as cinco ou seis maiores prioridades em sua vida? Essas prioridades mudam com a idade e a experiência de vida? Por que sim ou por que não? Quais prioridades são flexíveis?
- Faça uma lista de objetivos seculares e depois uma lista de objetivos espirituais. Combine as listas de acordo com as prioridades. Que lições podemos aprender nesse exercício?
- Que perigo existe em buscar alcançar metas espirituais ignorando as metas físicas?
- Discuta o conselho do rei Benjamim de que “todas estas coisas sejam feitas com sabedoria e ordem”. (Mosias 4:27)
- De que forma podemos, como líderes da Igreja, certificar-nos de que todos os programas e atividades ajudem a fortalecer as famílias e apoiar os pais em seu dever de ensinar o evangelho no lar, em vez de afastá-los desse dever?

HONRAR O SACERDÓCIO E AS MULHERES

“Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anunciéis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.” (I Pedro 2:9)

PRINCÍPIO DE LIDERANÇA

Os líderes da Igreja e da família devem trabalhar em harmonia com os princípios do sacerdócio.

CONCEITOS DA LIÇÃO

1. O reino de Deus é governado pelo sacerdócio.
2. Devemos honrar o sacerdócio, e devemos honrar as mulheres.
3. Os líderes devem respeitar aqueles que são chamados para presidir no reino do Senhor.

CONCEITO 1. O REINO DE DEUS É GOVERNADO PELO SACERDÓCIO.

COMENTÁRIO

O Presidente David O. McKay ensinou: “A maior proteção para a unidade e força da Igreja está no sacerdócio, quando o honramos e o respeitamos. Oh, meus irmãos—presidentes de estaca, bispos das alas e todos os que possuem o sacerdócio—Deus os abençoe em sua liderança, em sua responsabilidade de guiar, de abençoar, de consolar as pessoas que foram designados a presidir e aconselhar. Orientem-nos a procurarem o Senhor e buscarem inspiração de modo que vivam acima do que é inferior e baixo, que vivam numa esfera espiritual”. (Conference Report, outubro de 1967, p. 6.)

O Élder M. Russell Ballard, membro do Quórum dos Doze, explicou: “Ser portador do sacerdócio é mais do que apenas uma grande bênção. Implica também em responsabilidades importantes, como: zelar pela Igreja; honrar todas as mulheres, especialmente nossa esposa, nossa mãe, nossas filhas, nossas irmãs; visitar a casa de todos os membros, ‘exortando-os a orarem em voz alta e em segredo e a cumprirem todas as obrigações familiares’ [D&C 20:47] e ‘servir de testemunhas de Deus em todos os momentos e em todas as coisas e em todos os lugares’. [Mosias 18:9]” (*A Liahona*, janeiro de 1998, p. 43.)

O Élder Russell M. Nelson, do Quórum dos Doze, testificou: “Proclamamos a toda a humanidade estas verdades eternas: ‘O Sacerdócio de Melquisedeque tem o direito de presidir, e tem poder e autoridade sobre todos os ofícios da Igreja em todas as épocas do mundo’. (D&C 107:8) Esse poder possui ‘as chaves de todas as bênçãos espirituais da Igreja’. (D&C 107:18) Que possamos honrar integralmente esse sacerdócio”. (Conference Report, abril de 1993, p. 53; ou *Ensign*, maio de 1993, p. 41.)

SUGESTÃO DIDÁTICA

Peça a dois ou três alunos que trabalhem em organizações (por exemplo lojas ou empresas) que descrevam como elas são organizadas. Como as pessoas da organização recebem autoridade para realizarem seu trabalho?

Pergunte como a Igreja é estruturada e de onde ela recebe sua autoridade.

Você pode pedir a um voluntário que faça um diagrama de como uma ala, ramo ou estaca é organizado. Peça ao voluntário que explique o diagrama. Ou você pode convidar um missionário que retornou do campo para que descreva como é estruturada uma missão e quais as vantagens dessa organização para a realização do trabalho do Senhor.

Pergunte:

- Como os líderes do sacerdócio em diferentes níveis zelam pelos membros?

- Quão bem-sucedida seria a Igreja se a autoridade do sacerdócio fosse subitamente removida de seu meio? Por quê?

Explique aos alunos que de tempo em tempo o Senhor inspira os líderes da Igreja a fazerem mudanças na organização a fim de atender às necessidades de uma Igreja em expansão.

CONCEITO 2. DEVEMOS HONRAR O SACERDÓCIO, E DEVEMOS HONRAR AS MULHERES.

COMENTÁRIO

O Élder Russell M. Nelson explicou: “Esta é A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Aquele que permanece à testa da Igreja restaurada assim ordenou ao sacerdócio: ‘Que todo homem, porém, fale em nome de Deus, o Senhor, sim, o Salvador do mundo’. (D&C 1:20) Impressionante! Ele escolheu honrar-nos com o Seu sacerdócio. Assim, nós O honramos honrando o sacerdócio—tanto o seu poder como os seus portadores. Procedendo assim, homens, mulheres e crianças de todo o mundo serão abençoados. Honrar o sacerdócio nutre o respeito, o respeito promove a reverência, e a reverência convida a revelação”. (A *Liahona*, julho de 1993, p. 39.)

O Presidente N. Eldon Tanner, que foi Conselheiro na Primeira Presidência, disse: “Nenhum homem, jovem ou idoso, que seja portador do sacerdócio de Deus pode honrar esse sacerdócio sem honrar e respeitar as mulheres. Todo jovem deve estar preparado para proteger a virtude de uma mulher com sua vida, se necessário, e jamais ser culpado de cobiçar uma mulher ou fazer qualquer coisa que a degrade ou que resulte na perda da sua virtude. Toda moça tem todo o direito de sentir-se segura ao sair com um rapaz que seja portador do sacerdócio, sabendo que ele a respeitará e a protegerá de todas as maneiras”. (Conference Report, abril de 1973, p. 124; ou *Ensign*, julho de 1973, p. 95.)

O Presidente Spencer W. Kimball fez o seguinte lembrete: “Hoje à noite planejo falar aos irmãos do sacerdócio, que estarão congregados em centenas de locais, em todo o mundo, lembrando-os de que ‘temos todos sido abençoados com mulheres especiais em nossa vida, as quais têm-nos sido de profunda e duradoura influência. Sua contribuição tem sido e é importante para nós [os irmãos], e é algo que terá valor eterno para nós’. (Ver *Ensign*, novembro de 1979, p. 48.) Desejo ressaltar este pensamento nesta manhã. Não me é possível

expressar, com palavras, a elevada posição de honra e respeito que nossa esposa, mãe, irmãs e filhas ocupam na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias”. (A *Liahona*, março de 1980, p. 8.)

SUGESTÃO DIDÁTICA

Pergunte às irmãs o que os homens devem fazer para honrar seu sacerdócio e discuta suas respostas. Pergunte aos irmãos como os portadores do sacerdócio podem honrar as mulheres.

Que bênçãos as mulheres recebem por causa da autoridade do sacerdócio? (As respostas podem incluir as ordenanças do evangelho.)

Peça aos alunos que leiam D&C 121:34–46 e relacionem princípios de liderança que se aplicam a todos os líderes da Igreja e da família.

CONCEITO 3. OS LÍDERES DEVEM RESPEITAR AQUELES QUE FORAM CHAMADOS PARA PRESIDIR NO REINO DO SENHOR.

COMENTÁRIO

O Presidente David O. McKay aconselhou: “Reconheçam aqueles que os presidem e, quando necessário, procurem seu conselho. O próprio Salvador reconheceu essa autoridade na Terra. Vocês se lembram do que aconteceu com Paulo quando se aproximava de Damasco com documentos no bolso para prender todos os que acreditavam em Jesus Cristo. Uma luz subitamente brilhou sobre ele, e Paulo ouviu uma voz dizendo: ‘Saulo, Saulo, por que me persegues?’

E Saulo disse: ‘Senhor, que queres que eu faça?’ E disse-lhe o Senhor: Levanta-te, e entra na cidade, e lá te será dito o que te convém fazer’. (Atos 9:4, 6)

Ele poderia ter dito algumas palavras a Saulo explicando o que deveria fazer, mas havia um ramo da Igreja em Damasco, presidido por um homem humilde chamado Ananias, e Jesus reconheceu essa autoridade. (...)

Eis aqui uma lição para todos nós desta Igreja. Reconheçamos também a autoridade local. O bispo pode ser um homem humilde. Alguns de vocês talvez se considerem superiores a ele, e pode ser que sejam, mas ele recebeu de nosso Pai no céu a autoridade para dirigir. Reconheçam-na. Procurem seu conselho e o conselho de seu presidente de estaca. Se eles não puderem resolver suas dificuldades ou seus problemas, eles

escreverão para as Autoridades Gerais e conseguirão o conselho necessário. O reconhecimento da autoridade é um princípio importante”. (Conference Report, outubro de 1967, pp. 6–7.)

SUGESTÃO DIDÁTICA

Pergunte se alguém já assistiu a uma conferência geral. Se alguém tiver assistido, pergunte o que a congregação faz quando o Presidente da Igreja entra. (Eles se levantam e ficam em silêncio até que ele tome seu lugar.) Por que a congregação age dessa forma?

Debata as seguintes perguntas:

- Por que seria impróprio buscar o conselho de um amigo que é líder do sacerdócio de outra ala ou estaca, em lugar do líder de sua própria estaca ou ala?
- Que lições aprendemos com a experiência de Paulo em Atos 9:6? (Ver o comentário.)
- O presidente da estaca anuncia que um novo bispo será apoiado em sua ala no próximo domingo. Você conhece vários membros de sua ala que, em sua opinião, seriam excelentes bispos. Para sua surpresa, o presidente da estaca chama um homem que você não considerava um líder forte. O que você deve fazer? Por que é importante que sempre apoiemos aqueles que o Senhor chama?
- Um amigo seu tem uma pergunta sobre doutrina e está planejando escrever para uma Autoridade Geral porque acha que essa será a melhor fonte para se conseguir uma resposta. O que há de errado nesse plano?
- Por que é verdadeiro o antigo ditado: “Um grande líder também é um grande seguidor”?

RECURSOS PARA O PROFESSOR



Élder Russell M. Nelson

Do Quórum dos Doze Apóstolos

“Honoring the Priesthood” (Honrar o Sacerdócio), Conference Report, abril de 1993, pp. 49–53; ou Ensign, maio de 1993, pp. 38–41

Honrar o sacerdócio

Irmãos, relativamente pouco tem sido escrito sobre o tema do meu discurso.¹ Ainda assim, espera-se que cada um de nós tenha um bom

conhecimento dele. Estou falando de honrar o sacerdócio.

Esta é A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Aquele que permanece à testa da Igreja restaurada assim ordenou ao sacerdócio: “Que todo homem, porém, fale em nome de Deus, o Senhor, sim, o Salvador do mundo (...)”. (D&C 1:20) Impressionante! Ele escolheu honrar-nos com o Seu sacerdócio. Assim, nós O honramos honrando o sacerdócio—tanto o seu poder como os seus portadores. Procedendo assim, homens, mulheres e crianças de todo o mundo serão abençoados. Honrar o sacerdócio nutre o respeito, o respeito promove a reverência, e a reverência convida a revelação.²

O Presidente Ezra Taft Benson pediu-nos especificamente que sigamos os apropriados princípios do protocolo do sacerdócio, os quais, observou ele, “muitos de nós temos aprendido por meio de observação enquanto ouvimos nossos superiores hierárquicos”. Ele disse: “O protocolo é uma prática estabelecida há muito tempo, que prescreve completa deferência a (...) uma ordem de procedimentos corretos”.³ Citarei o Presidente Benson e outros líderes porque, como irão notar, grande parte da minha mensagem referir-se-á a este protocolo.

Tipos de organização

Há diferenças, tanto nas práticas como na organização, entre a Igreja do Senhor e as instituições humanas. Homens e mulheres podem criar associações entre si e ser governados por normas de aceitação recíproca. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, entretanto, não é uma democracia, nem uma república. É um reino—o reino de Deus na Terra. Sua Igreja é hierárquica, onde a autoridade maior se situa no topo. O Senhor dirige os Seus servos unguídos. Eles testificam a todo o mundo que Deus tem falado novamente. Os céus foram abertos. Um vínculo vivo foi formado entre os céus e a Terra em nossos dias.

Essa autoridade suprema é apoiada sobre um alicerce seguro que obedece a um padrão de organização estabelecido desde a antiguidade. Jesus Cristo é a principal pedra de esquina, com apóstolos e profetas, bem como todos os dons, poderes e bênçãos que caracterizaram a Igreja nos dias antigos. (Ver I Coríntios 12:28.)

Líderes e títulos

Há uma diferença entre os padrões de liderança das organizações seculares e os das instituições

espirituais. As organizações humanas são governadas por oficiais cujos títulos conotam posição ou realizações. Quando nos dirigimos a um oficial militar, juiz, senador, doutor ou professor, mencionamos o seu título. Prestamos a honra devida aos indivíduos que alcançaram tais posições.

Em contraste, o reino de Deus é governado pela autoridade do sacerdócio, que não é conferido para honra, mas para um ministério de serviço. Os títulos do sacerdócio não foram criados por homens; não existem para ornamento, nem expressam superioridade. Eles descrevem designações de serviço na obra do Senhor. Não somos chamados, apoiados e ordenados por nós mesmos, mas “por profecia e pela imposição de mãos, por quem possua autoridade, para pregar o evangelho e administrar suas ordenanças”. (Quinta Regra de Fé, ver também Hebreus 5:4.)

Os títulos pertencentes ao santo sacerdócio merecem nossa mais elevada consideração e respeito. Cada membro da Primeira Presidência deve ser mencionado e tratado como “Presidente”. (Ver D&C 107:22, 24, 29). O título *Presidente* também é usado quando nos referimos à presidência de uma estaca ou missão, ou a um presidente de ramo ou quórum do sacerdócio. O título *Apóstolo* é sagrado. Ele é dado por Deus e pertence somente àqueles que foram chamados e ordenados como “(...) testemunhas especiais do nome de Cristo no mundo todo”. (D&C 107:23) Um Apóstolo fala em nome daquele a quem representa como testemunha especial. Este título sagrado não é usado como forma de tratamento. Preferivelmente devemos usar o título de *Élder* ou *Irmão* ao nos referirmos a um dos Doze.

O título *bispo* também se refere a presidência; o bispo é o presidente do Sacerdócio Aarônico da ala e é o sumo sacerdote que preside as organizações da ala. Reverentemente nos referimos a ele como “o bispo”.

Élder é um título sagrado compartilhado por todos os portadores do Sacerdócio de Melquisedeque.

Um conselho abrangente

Permitam que lhes dê um conselho de natureza genérica, inicialmente no que se refere às Autoridades Gerais. Nós os reconhecemos como instrumentos nas mãos do Senhor, mesmo conhecendo sua natureza humana. Eles necessitam de cortes de cabelo, serviços de lavanderia e até de alguns lembretes ocasionais como qualquer um. Certa vez o Presidente Benson nos contou uma história para ilustrar o assunto. Ele disse:

“Orson F. Whitney (...) era um homem com um grande poder de concentração. Certo dia, em uma viagem de trem, ele estava tão preocupado que não percebeu o trem passar pela estação onde deveria descer. Assim, teve que pegar uma condução para voltar àquele ponto. Enquanto isso, o presidente de estaca continuava esperando (...) e finalmente chegou à conclusão de que algo devia ter acontecido e que o Irmão Whitney não viria para a reunião, e decidi começar a conferência. Ao aproximar-se, o Élder Whitney foi saudado pelas palavras do primeiro hino, ‘ó pobres corações, que desgarrados vagais (...)’”⁴

Honramos esses homens por causa de seu extraordinário chamado. Os seus atos oficiais são válidos na Terra e nos céus. Lembro-me muito bem da primeira vez em que estive com uma das Autoridades Gerais. Foi um sentimento indescritível. Embora eu fosse apenas um menino, imediatamente—quase instintivamente—me levantei. Até hoje me sinto da mesma maneira quando um dos Irmãos entra no recinto. Uma Autoridade Geral é um oráculo de Deus.

Freqüentemente mencionamos as *chaves* da autoridade do sacerdócio. Quinze homens que vivem hoje—a Primeira Presidência e os Doze— foram ordenados Apóstolos e receberam *todas* as chaves da autoridade do sacerdócio. O Presidente Gordon B. Hinckley explicou recentemente:

“Somente o Presidente da Igreja tem o direito de exercer a plenitude [dessas chaves]. Ele poderá delegar o direito de exercer várias delas a um ou mais dos seus Irmãos. (...)”

Tais prerrogativas foram concedidas pelo Presidente Benson aos seus conselheiros e aos Doze de acordo com as diversas responsabilidades a eles delegadas.”⁵

Por designação da Primeira Presidência e dos Doze, as Autoridades Gerais conferem as devidas chaves a presidentes de estaca e missão, que por sua vez conferem as chaves requeridas a bispos, presidentes de ramo e de quóruns.

A cada portador do sacerdócio é designado um líder amoroso, porque “(...) minha casa é uma casa de ordem, diz o Senhor Deus, e não uma casa de confusão”. (D&C 132:8)

Esta ordem estabelece também os limites da revelação. O Profeta Joseph Smith ensinou que “é contrário ao sistema de governo de Deus que um membro da Igreja, ou qualquer outra pessoa, receba instruções para alguém cuja autoridade seja maior do que a sua”.⁶ O mesmo princípio

estabelece que ninguém pode receber revelações para alguém que se encontre fora dos limites definidos da sua responsabilidade.

Honrar o sacerdócio significa também honrar o próprio chamado. Algumas regras que poderão ser úteis:

- **Aprender** a ouvir e aceitar conselhos. Procurar orientação dos líderes constituídos e aceitá-las de boa vontade.
- **Não falar** mal dos líderes da Igreja.
- **Não ambicionar** um chamado ou posição.
- **Não opinar** sobre quem deveria ou não ter sido chamado.
- **Não recusar** uma oportunidade de servir.
- **Não pedir** desobrigação. **Informar** os líderes sobre a mudança das circunstâncias na vida, certo de que os líderes pesarão todos os fatores quando, em espírito de oração, estiverem decidindo sobre o tempo adequado para a desobrigação.

Aquele que faz um chamado e aquele que o recebe tornam-se igualmente responsáveis. Citarei o Élder James E. Talmage:

“Aqueles por meio de quem o chamado veio a um homem (...) são indubitavelmente considerados responsáveis por seus atos como ele é pelos dele; e de cada um será requerida uma detalhada prestação de contas de sua mordomia, um relato completo do seu serviço ou da sua negligência, do uso ou do abuso na administração da confiança nele depositada.”⁷

Alguns aspectos do sacerdócio *não* estão vinculados a título ou posição. A autoridade para administrar uma bênção do sacerdócio, por exemplo, depende unicamente de ordenação e dignidade. O Senhor não privaria nenhum de Seus filhos de alguma bênção devido à falta de alguém com um chamado específico. Todo élder na Igreja possui o mesmo sacerdócio que o Presidente da Igreja.

Irmãos, lembrem-se, por favor: O mais alto grau de glória está à sua disposição somente por meio daquela ordem do sacerdócio ligada ao novo e sempiterno convênio do casamento. (Ver D&C 131:1–4.) Portanto, sua prioridade em honrar o sacerdócio consiste em honrar sua companheira eterna.

Um conselho específico

Agora serei mais específico no aconselhamento. **Maridos e pais:** com sua

querida companheira, moldem as atitudes em seu lar. Estabeleçam um padrão de oração. Orem regularmente e em voz alta por seus líderes do sacerdócio e das organizações auxiliares, locais e gerais. Sua atitude de cortesia em casa e de reverência na capela será copiada pelos membros de sua família. Ajudem os seus entes queridos a seguirem os canais apropriados quando procurarem orientação. Ensinem que o aconselhamento deve ser recebido de pais confiáveis e de líderes locais, e não das Autoridades Gerais. Nas duas últimas décadas, a Primeira Presidência publicou essencialmente a mesma carta seis vezes para reafirmar esta diretriz.

Pais, vocês compreendem o princípio da auto-suficiência *temporal* e procuram prover o armazenamento para um ano, em seu lar. Pensem também na necessidade de armazenamento de recursos *espirituais*—não apenas para um ano, mas para toda a vida—igualmente guardados no lar. Um pai digno deve ser sempre o primeiro a ter a oportunidade de abençoar os membros de sua família. Com o passar do tempo, os filhos poderão fazer retiradas desse reservatório espiritual, dignos de administrarem às suas próprias famílias e também a seus pais.

Agora para **os rapazes** que portam o Sacerdócio Aarônico (ou preparatório): Se o honrarem, prepararem-se para cumprir uma missão e estiverem dignos para serem chamados como missionários, eu lhes prometo: Irão então “falar em nome do Senhor Deus” e levar Sua luz para as almas que a procuram. Para elas serão como um anjo ministrador, que será para sempre lembrado com amor. (Ver D&C 13.)

Embora minhas próximas palavras sejam dirigidas aos amados **presidentes e bispos**, os princípios aplicam-se a todos. Quando aquele que os presidem entrarem em uma reunião que vocês estiverem presidindo, por favor, consultem-no imediatamente, pedindo-lhe instruções. Inteirom-se dos seus desejos. Concedam-lhe tempo adequado para transmitir sua mensagem. Uma comovente ilustração foi feita certa vez pelo Élder James E. Faust:

“Fiquei sabendo do pesar sofrido pelos membros de uma estaca deste vale quando sua presidência foi reorganizada. O oficial presidente era um dos apóstolos mais venerados, ímpar em toda a história da Igreja, [Élder] Le Grand Richards, já com mais de 90 anos, porém lúcido e alerta. Durante a conferência, os oradores locais

tomaram quase todo o tempo, deixando para o Élder Richards apenas dez ou quinze minutos. O que foi que ele fez? Estendeu o tempo? Não, ele prestou um breve testemunho e encerrou a reunião na hora certa.

Não que os membros da estaca quisessem que a reunião durasse mais do que o tempo regulamentar (...). No entanto, ficaram tristes por seus membros, que teriam outras oportunidades de ouvir os líderes locais, porém poderiam não ter, como na verdade não mais tiveram, a oportunidade de ouvir o seu querido Apóstolo. Resumindo, os oradores não respeitaram o oficial presidente.”⁸

Ninguém deverá usar da palavra depois que uma Autoridade Geral houver discursado. Depois que a reunião tiver terminado, presidentes e bispos, permaneçam ao lado de seu líder constituído até serem dispensados. Ele pode sentir-se inspirado a dar alguma instrução ou ensinamento adicional. E vocês poderão também evitar problemas. Por exemplo, se algum membro dirigir a seu líder uma pergunta que não deveria ser feita a ele, vocês estarão lá para responder a ela.

Agora, alguns comentários sobre o **sumo conselho** da estaca. Ele não tem presidente. Ele não tem autonomia e se reúne, mesmo quando dividido em comitês, a chamado e sob a direção da presidência da estaca. Ainda que os membros do sumo conselho possam assentar-se na ordem dos seus chamados para o conselho, nenhum deles tem ascendência sobre outro.

Em contraste, a **ascendência** é honrada entre os apóstolos ordenados—até mesmo ao entrar ou sair de uma sala. O Presidente Benson relatou-nos o seguinte:

“Há alguns [anos], o Élder Haight concedeu uma deferência especial ao Presidente Romney na sala superior do templo. O Presidente Romney estava-se demorando por alguma razão, e [Élder Haight] não queria precedê-lo na saída. Quando o Presidente Romney fez sinal para que [ele] saísse, o Élder Haight respondeu, ‘Não, Presidente, o senhor primeiro’.

Bem-humorado, o Presidente Romney respondeu, “O que há, David? Está com medo que eu roube alguma coisa?”⁹

Esta deferência de um apóstolo júnior para com um sênior está registrada no Novo Testamento. Quando Simão Pedro e João, o amado, correram para investigar a informação de que o corpo do Senhor crucificado fora levado do sepulcro, João, sendo mais jovem e mais ágil,

chegou primeiro, porém não entrou. Ele esperou o apóstolo mais antigo entrar primeiro. (Ver João 20:2–6.) A ascendência no apostolado tem sido há muito tempo o meio pelo qual o Senhor seleciona o Seu Sumo Sacerdote presidente.

Repreensão e arrependimento

Irmãos, estas questões são importantes. Há mais de um século e meio, o Senhor repreendeu severamente o Seu povo. Estas são as palavras:

“Em verdade, a condenação paira sobre vós, que fostes estabelecidos para conduzir a minha Igreja (...) e também sobre a Igreja; e é necessário que haja arrependimento e mudança entre vós, em todas as coisas, nos vossos exemplos diante da Igreja e perante o mundo, em todos os vossos modos, hábitos e costumes, e a maneira de vos saudardes; dando a cada um o respeito devido ao ofício, chamado e sacerdócio para os quais eu, o Senhor, vos indiquei e ordenei.”¹⁰

Se algum de nós também for culpado de tratar com leviandade estas coisas sagradas, que se arrependa e se decida honrar o sacerdócio e aqueles a quem o Senhor tem confiado Suas chaves.

Irmãos, proclamamos a toda a humanidade estas verdades eternas: “O Sacerdócio de Melquisedeque tem o direito de presidir, e tem poder e autoridade sobre todos os ofícios da igreja em todas as épocas do mundo (...)”. (D&C 107:8) Este poder possui “(...) as chaves de todas as bênçãos espirituais da igreja”. (D&C 107:18) Que possamos honrar integralmente este sacerdócio, eu oro em nome de Jesus Cristo, amém.

Notas

1. Talvez o leitor deseje consultar James E. Talmage, “The Honor and Dignity of Priesthood”, reproduzido por James R. Clark em *Messages of the First Presidency*, 6 volumes. (Salt Lake City: Bookcraft, 1965–1975), 4:305–309.
2. O Presidente George Q. Cannon disse: “[Honrar o Presidente da Igreja] nos motivará a nos achegarmos ao Pai e a vivermos de modo a receber Suas revelações para nós mesmos, para que o conhecimento que vem do Espírito esteja em nosso coração, para que a voz do verdadeiro Pastor seja conhecida por nossos ouvidos, para que quando a ouvirmos possamos reconhecê-la (...). Este é o privilégio dos santos dos últimos dias, e qualquer pessoa desta Igreja que não viver de modo a desfrutar este privilégio permanece muito aquém do que poderia ser”. (*Journal of Discourses*, 19:110)

3. “The Unique Commission of a General Authority”, (Reunião de Treinamento de Autoridades Gerais, 2 de outubro de 1985, p. 5.)
 4. “Comission”, p.1.
 5. Conference Report, outubro de 1992, p. 77; ou *Ensign*, novembro de 1992, p. 54.
 6. *Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, comp. Por Joseph Fielding Smith, p. 23.
 7. *Messages of the First Presidency*, 4:306.
 8. James E. Faust, “Um Setenta É uma Autoridade Geral”, Sessão Especial de Treinamento para os Setenta, 29 de setembro de 1987, p. 4.
 9. “Commission”, p. 9.
 10. *History of the Church*, 2:177.
- O que significa a expressão *chaves do sacerdócio*. Quem determina de quais chaves você será portador?
 - Que motivos você vê para cada item da lista de *Fazer e Não fazer* do Élder Nelson?
 - Quais das seguintes declarações você considera verdadeiras? (Explique sua resposta.)
 - Os líderes do sacerdócio são chamados para liderar o povo.
 - Os líderes do sacerdócio são chamados para servir às pessoas.
 - Os líderes do sacerdócio são pessoas normais como você e eu.
 - Discuta o papel de liderança das mulheres da Igreja.
 - Que qualidades as boas mães devem ter que podem influenciar seus filhos de modo positivo? Que papel de liderança sua maternidade desempenha no reino do Senhor?
 - Discuta Alma 56:47–48 com respeito à influência que as mães deixam em seus filhos.
 - Cite o nome de irmãs que tiveram uma influência positiva em sua vida (por exemplo: líderes da Primária, professoras da Escola Dominical ou professoras visitantes) e descreva o que cada uma delas fez por você.

AUXÍLIOS DIDÁTICOS

- Se você estiver presidindo uma reunião e de repente uma pessoa com autoridade para presidir superior à sua chega à reunião, o que você deve fazer?
- Analise a seguinte declaração: “Os líderes locais da Igreja são chamados para cargos tanto pelo que podem contribuir quanto pelo que podem aprender por intermédio de seu serviço”.

AJUDAR AS PESSOAS A OCUPAREM-SE ZELOSAMENTE

“Pois eis que não é conveniente que em todas as coisas eu mande; pois o que é compelido em todas as coisas é servo indolente e não sábio; portanto não recebe recompensa.

Em verdade eu digo: Os homens devem ocupar-se zelosamente numa boa causa e fazer muitas coisas de sua livre e espontânea vontade e realizar muita retidão.

Pois neles está o poder e nisso são seus próprios árbitros.” (D&C 58:26–28)

PRINCÍPIO DE LIDERANÇA

Os líderes podem ter que ajudar as pessoas a quem eles servem a “ocupar-se zelosamente numa boa causa”.

CONCEITOS DA LIÇÃO

1. Os líderes podem ter que encorajar as pessoas a quem eles servem a tornarem-se mais semelhantes a Cristo e ajudarem a edificar o reino de Deus.

CONCEITO 1. OS LÍDERES PODEM TER QUE ENCORAJAR AS PESSOAS A QUEM ELES SERVEM A TORNAREM-SE MAIS SEMELHANTES A CRISTO E AJUDAREM A EDIFICAR O REINO DE DEUS.

COMENTÁRIO

O papel dos líderes da Igreja e da família é ajudar as pessoas a tornarem-se mais semelhantes a Cristo e a edificarem o reino de Deus. O ideal seria que todos se “[ocupassem] zelosamente” dessas atividades, fazendo “muitas coisas de sua livre e espontânea vontade”. (D&C 58:27) Na prática, os líderes freqüentemente precisam prover alguma motivação.

Motivar significa encorajar, inspirar, ativar, influenciar, instar ou animar alguém a fazer boas obras. Vejam a lista de motivos que as pessoas têm para servir citada pelo Élder Dallin H. Oaks, pp. 38–39. Os líderes da Igreja e da família podem utilizar alguns desses motivos ao ajudarem as pessoas a se ocuparem zelosamente na aplicação prática dos princípios do evangelho.

O Élder Gene R. Cook, um membro dos Setenta, escreveu: “O amor é uma motivação divina; ele motiva o Senhor e portanto também nos motiva. Isso é particularmente verdade no tocante a nossa família”. (*Raising Up a Family to the Lord*, 1993, p. 176.)

Os líderes freqüentemente podem motivar as pessoas a quem eles lideram simplesmente lhes ensinando as verdades do evangelho. Muitos de nós somos motivados a fazer o bem pela nossa crença no Pai Celestial e Seu plano de salvação. O Élder Marion G. Romney, que na época era membro do Quórum dos Doze, ensinou: “A crença de um santo dos últimos dias de que a segunda vinda de Cristo está próxima deve motivá-lo a seguir com mais diligência os planos revelados pelo Senhor para a abolição das guerras e a eliminação da pobreza e da poluição. Ela deve incentivar seu desejo de adquirir instrução, em especial o conhecimento de Deus e da vida eterna”. (“Gospel Forum”, *Ensign*, janeiro de 1971, p. 16.)

De modo semelhante, os líderes podem motivar encorajando as pessoas a quem eles lideram a estudar as escrituras e as palavras dos profetas modernos. O Élder Parley P. Pratt, que foi membro do Quórum dos Doze, escreveu:

“Quando eu tinha sete anos de idade, minha mãe me dava aulas para ler nas escrituras; eu lia sobre José do Egito: seus sonhos, sua servidão, sua tentação e exaltação; sua bondade e afeto por seu pai e irmãos. Tudo isso me inspirou com amor, e com os mais nobres sentimentos já plantados no coração de um homem.

Eu li sobre Davi e Golias; sobre Saul e Samuel; sobre Sansão e os filisteus—todas essas coisas me inspiraram a odiar as obras dos malfetores e amar os homens bons e suas boas ações.

Depois disso, li sobre Jesus e Seus Apóstolos; e, oh, como eu Os amei! Como desejei cair aos pés de Jesus; adorá-Lo e oferecer minha vida por Ele.

Aos vinte anos de idade, li sobre a primeira ressurreição, conforme descrito pelo Apóstolo João, no capítulo 20 de Apocalipse; sobre como os mártires de Jesus e aqueles que guardaram Seus mandamentos viveriam e reinariam com Cristo por mil anos, enquanto que o restante dos mortos não voltaria a viver até que os mil anos tivessem terminado. Oh, que forte impressão isso deixou em minha mente; recolhi-me para o leito após uma noite estudando assim mas não consegui dormir. Senti um grande desejo e um inexprimível anseio de garantir para mim uma parte numa ressurreição assim tão gloriosa.” (*Autobiography of Parley P. Pratt*, 1985, p. 2)

Edificando sobre essas experiências com a Bíblia, o Élder Pratt veio a tornar-se um dos grandes líderes da Igreja desta dispensação.

O Profeta Joseph Smith advertiu os líderes contra o “injusto domínio”, ou seja, o uso injusto de sua autoridade. (D&C 121:39) “Quando nos propomos a encobrir nossos pecados ou satisfazer nosso orgulho, nossa vã ambição ou exercer controle ou domínio ou coação sobre a alma dos filhos dos homens, em qualquer grau de iniquidade, eis que os céus se afastam; o Espírito do Senhor se magoa e, quando se afasta, amém para o sacerdócio ou a autoridade desse homem. (...)”

“Nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido em virtude do sacerdócio, a não ser com persuasão, com longanimidade, com brandura e mansidão e com amor não fingido;

Com bondade e conhecimento puro, que grandemente expandirão a alma, sem hipocrisia e sem dolo”. (Versículos 37, 41–42)

Os líderes podem usar recompensas externas para motivar, mas devem fazê-lo com cautela. Uma recompensa externa refere-se àquela que não está diretamente relacionada com aquilo que está sendo recompensado, como, por exemplo, dar dinheiro a uma pessoa por ler as escrituras. Essas recompensas podem dar resultados, mas se usadas de modo insensato, podem prejudicar o amadurecimento espiritual da pessoa. Os elogios excessivos podem soar falsos ou manipulativos. As recompensas externas também podem diminuir a motivação interior da pessoa.

Os líderes podem motivar contando histórias e ensinamentos de Jesus Cristo. O Presidente Harold B. Lee, que na época era Conselheiro na Primeira Presidência, relacionou as seguintes maneiras pelas quais Jesus ilustrou bons princípios didáticos que também se aplicam à liderança:

“1. O Mestre tinha um amor verdadeiro por Deus e pelos filhos de Deus.

2. Ele tinha uma crença fervorosa em Sua missão de servir e salvar a humanidade.

3. Tinha uma compreensão clara e compassiva dos seres humanos e de suas necessidades vitais.

4. Era um estudioso constante e dedicado. Ele conhecia ‘a lei e os profetas’. Conhecia a história e as condições sociais de Sua época.

5. Podia discernir a verdade e era inabalável defensor dela.

6. Sua linguagem simples permitia que ouvintes de todas as classes e condições fossem tocados e se interessassem por Sua mensagem.

7. Sua capacidade criativa deu vida a Seus ensinamentos para todas as épocas.

8. Ele fez com que as pessoas tivessem fome e sede de retidão.

9. Inspirou a virtude ativa: um desejo de colocar o evangelho em prática por meio de serviço inspirador.

10. Demonstrou Sua fé vivendo-a constante e corajosamente.” (“And Ye Shall Teach”, *Ensign*, setembro de 1971, p. 5.)

SUGESTÃO DIDÁTICA

Explique aos alunos que os líderes frequentemente precisam ajudar as pessoas a amadurecerem no evangelho e aprenderem a servir de modo eficaz em seus chamados. Discuta alguns dos motivos pelos quais podemos estar servindo, tanto como líderes quanto como seguidores, e relacione-as no quadro-negro. Peça aos alunos que classifiquem esses motivos, do menos digno ao mais digno, e discuta as razões da classificação que eles deram para cada motivo.

Discuta Doutrina e Convênios 121:34–46. Identifique motivos e comportamentos encontrados nesses versículos que constituem injusto domínio, bem como os que caracterizam uma liderança justa. Saliente a importância de estarmos em sintonia com o Espírito Santo.

Discuta algumas das desvantagens de usarmos recompensas externas para motivar as pessoas a viverem os princípios do evangelho.

Relacione maneiras pelas quais Jesus Cristo demonstrou uma liderança perfeita. Peça aos alunos que apliquem as qualidades positivas discutidas nessas lições em seu cargo de liderança.

SUGESTÃO DIDÁTICA

Leia ou conte a história do Élder Hugh B. Brown sobre o pé de groselha que se encontra na seção Recursos para o Professor, abaixo. Peça aos alunos que analisem as motivações da vida do Élder Brown antes e depois dessa experiência.

RECURSOS PARA O PROFESSOR



Élder Hugh B. Brown

Do Quórum dos Doze Apóstolos

“O Pé de Groselha”, A Liahona, março de 2002, pp. 22–25

Às vezes nos perguntamos se o Senhor realmente sabe o que deve fazer conosco. Às vezes nos perguntamos se não sabemos melhor do que Ele o que devemos fazer e o que devemos tornarmos. Gostaria de relatar-lhes uma história. Tem a ver com um acontecimento em minha vida em que Deus me mostrou que *Ele sabia o que é melhor*.

Eu estava residindo no Canadá. Eu comprara uma fazenda que estava em más condições de conservação. Saí de casa certa manhã e vi um pé de groselha com mais de dois metros de altura. A planta estava em péssimo estado, sem flores nem frutos. Eu fora criado numa fazenda de frutas em Salt Lake antes de ir para o Canadá, e eu sabia bem o que deveria acontecer com aquele pé de groselha. Assim, peguei tesouras e podei-o até deixar apenas o tronco com algumas protuberâncias. Ainda estava amanhecendo, e tive a impressão de ver em cima de cada um daqueles nós algo parecido com uma lágrima, e achei que a groselheira estivesse chorando. Eu era um pouco ingênuo (e ainda não deixei totalmente de sê-lo) e olhei para ela e disse: “Por que você está chorando?” Tive a impressão de ouvir o pé de groselha dizer o seguinte: “Como você pôde fazer isso comigo? Eu estava crescendo de maneira tão maravilhosa. Eu estava quase tão frondosa quanto

a árvore de sombra e a árvore frutífera que estão do lado de dentro da cerca, e agora você me reduziu a isto. Todas as plantas do quintal vão olhar para mim com desprezo porque não me tornei o que deveria ter-me tornado. Como você teve coragem de fazer isso comigo? Achei que você fosse o jardineiro”. Isso é o que achei ter ouvido o pé de groselha dizer, e pensei tanto a respeito que respondi. Eu disse: “Olhe, minha pequena groselheira, eu *sou* o jardineiro, e sei o que quero que você seja. Eu não queria que você se tornasse uma árvore para dar frutos quaisquer ou sombra. Quero que você seja um pé de groselha e, algum dia, pequena groselheira, quando você estiver carregada de frutos, você vai dizer: ‘Obrigado, Sr. Jardineiro, por amar-me o bastante para podar-me. Obrigado, Sr. Jardineiro’”.

Passaram-se os anos, e fui parar na Inglaterra. Eu estava no comando de uma unidade de cavalaria do exército canadense. Meu posto era o de oficial no exército britânico-canadense. Eu muito me orgulhava de minha posição. E havia a oportunidade de eu ascender à patente de general. Eu já me submetera a todos os exames. Eu era o mais antigo. O único homem entre mim e a patente de general no exército britânico falecera, e recebi um telegrama de Londres que dizia: “Esteja em minha sala amanhã de manhã às 10h”. O telegrama vinha assinado pelo General Turner. Fui a Londres. Entrei respeitosamente na sala do general, prestei continência respeitosamente e ele fez o mesmo tipo de saudação que um oficial de patente mais elevada faz aos subalternos—algo como “Saia do caminho, verme desprezível!” Ele disse: “Sente-se, Brown”. Em seguida, ele disse: “Lamento muito não poder conceder-lhe a promoção. Você preenche os requisitos. Você foi aprovado em todos os exames. Você é o mais antigo. Você sempre foi um bom oficial, mas não posso promovê-lo. Você deve voltar ao Canadá e ser um oficial da área de treinamento e transportes”. Aquela patente pela qual eu orara e ansiara por dez anos de repente estava escapando-me pelos dedos.

Então, ele foi para outra sala para atender o telefone e, sobre sua mesa, vi uma folha com meus dados pessoais. Na parte inferior da folha estava escrito: “ESTE HOMEM É MÓRMON”. Naquela época, não éramos muito benquistos. Quando vi isso, compreendi o motivo de não ter sido promovido. Ele voltou e disse: “É só isso, Brown”. Prestei continência novamente, mas sem o entusiasmo inicial, e saí. Peguei o trem e voltei

para minha cidade, a quase 200 quilômetros de distância, com o coração partido e a alma cheia de amargura. E cada ruído dos vagões nos trilhos parecia dizer: “Você é um fracassado”. Quando cheguei ao quartel, estava tão amargurado que joguei minha boina na cama. Cerrei os punhos e agitei-os em direção ao céu, dizendo: “Como pudeste fazer isso comigo, Deus? Fiz tudo a meu alcance para qualificar-me. Não há nada que eu pudesse ou devesse ter feito que não fiz. Como fizeste isso comigo?” Meu ser era uma taça de fel.

Então ouvi uma voz e reconheci-a. Era minha própria voz, e ela dizia: “Eu sou o jardineiro. Sei o que quero que você faça”. A amargura saiu de minha alma, e caí de joelhos ao lado da cama para pedir perdão por minha ingratidão e amargura. Ao ajoelhar-me ali, ouvi alguém entoar um hino numa barraca próxima. Um grupo de rapazes mórmons reunia-se regularmente toda terça-feira à noite. Eu costumava reunir-me com eles. Sentávamos no chão e fazíamos uma reunião Mutual. Enquanto eu estava ajoelhado ali, orando pedindo perdão, ouvi-os cantar:

“Mas, quando o Cristo me chamar
A sendas que não trilhei,
Eu proclamarei com amor, ó Senhor:
‘Aonde mandares irei’.
(*Hinos*, 167)

Ao levantar-me de meus joelhos, eu era um homem mais humilde. E agora, quase 50 anos depois, dirijo-me a Ele e digo: “Obrigado, Sr. Jardineiro, por podar-me, por amar-me o bastante para ferir-me”. Hoje vejo que foi sábio eu não ter sido promovido a general naquela época, porque se isso tivesse acontecido, eu teria sido o oficial comandante de todo o oeste do Canadá, com um salário vitalício atraente, moradia e pensão, mas eu teria criado minhas seis filhas e dois filhos num ambiente de quartel. Sem dúvida, eles estariam casados fora da Igreja e acho que eu não teria aproveitado muito. Não que eu tenha aproveitado muito de qualquer maneira, mas saí-me melhor do que se o Senhor tivesse permitido que eu seguisse na direção que eu desejava.

Muitos de vocês vão ter experiências muito difíceis: decepções, desilusões, perdas, derrotas. Vocês serão testados e provados. Só quero que saibam que caso vocês não recebam o que acham que deveriam receber, lembrem-se de que Deus é o jardineiro. Ele sabe o que deseja que vocês se tornem. Submetam-se à vontade Dele. Sejam dignos de Suas bênçãos, e vocês as receberão.

AUXÍLIOS DIDÁTICOS

- Quais foram os fatores que motivaram o Élder Brown a mudar suas prioridades?
- Que princípios podemos tirar do discurso do Élder Brown para nossa própria vida?
- Que atitudes ajudam a permitir que o Senhor molde nossa vida?
- Como “uma atitude de gratidão” pode ajudar-nos a ser bons líderes?



Irmã Margaret D. Nadauld
Presidente Geral das Moças
“A Alegria de Ser Mulher”, A
Liahona, janeiro de 2001, pp.
17–19

As Mulheres Fiéis Têm uma Missão Gloriosa

Ser uma filha de Deus hoje em dia é uma bênção extraordinária. Temos a plenitude do evangelho de Jesus Cristo. Somos abençoadas por termos o sacerdócio restaurado na Terra. Somos guiadas por um profeta de Deus que possui todas as chaves do sacerdócio. Eu amo e reverencio o Presidente Gordon B. Hinckley e todos os nossos irmãos que são portadores do sacerdócio dignos.

Sou inspirada pela vida de mulheres boas e fiéis. Desde o princípio dos tempos o Senhor depositou substancial confiança nelas. Ele mandou-nos à Terra numa época como esta para realizarmos uma magnífica e gloriosa missão. Doutrina e Convênios ensina: “Mesmo antes de nascerem, eles, com muitos outros, receberam suas primeiras lições no mundo dos espíritos e foram preparados para nascer no devido tempo do Senhor, a fim de trabalharem em sua vinha para a salvação da alma dos homens”. (D&C 138:56) Que visão maravilhosa isso nos concede sobre o nosso propósito na Terra!

A quem muito é dado, muito é exigido. Nosso Pai Celestial quer que Suas filhas sejam virtuosas e vivam em retidão, para que possam realizar a missão de nossa existência e os Seus propósitos. Ele quer que tenham sucesso e irá ajudá-las quando buscarem Seu auxílio.

As Mulheres Receberam Qualidades Especiais

Muito antes do nascimento mortal foi determinado que as mulheres nasceriam como pessoas do sexo feminino; o mesmo ocorreu com as diferenças divinas entre homens e mulheres.

Gosto muito da clareza dos ensinamentos da Primeira Presidência e do Quórum dos Doze na proclamação da família. Eles declaram: “O sexo (masculino ou feminino é uma característica essencial da identidade e do propósito pré-mortal, mortal e eterno de cada um”.¹ Essa declaração nos ensina que toda garota era feminina em espírito muito antes de seu nascimento mortal.

Deus enviou as mulheres à Terra com aptidão extra em alguns atributos. O Presidente Faust observou que a feminilidade “é o adorno divino da humanidade e encontra sua mais nobre expressão (...) na sua capacidade de amar, sua espiritualidade, delicadeza, luminosidade, sensibilidade, gentileza, criatividade, encanto, graciosidade, dignidade e força sutil. Apesar de manifestar-se de forma diferente em cada menina ou mulher, cada uma de vocês possui essa feminilidade que faz parte de sua beleza interior”.²

Cuidar da Aparência Exterior

Nossa aparência exterior é um reflexo de quem somos interiormente. Nossa vida reflete aquilo que buscamos. Se de todo coração buscarmos verdadeiramente conhecer o Salvador e nos tornarmos mais parecidos com Ele, nós o conseguiremos, pois Ele é nosso Irmão divino e eterno. Porém, Ele é mais que isso. É nosso precioso Salvador, nosso querido Redentor. Como Alma perguntamos: “Haveis recebido sua imagem em vosso semblante?” (Alma 5:14)

Podem-se reconhecer as mulheres que são gratas por serem filhas de Deus mediante sua aparência exterior. Essas mulheres compreendem a responsabilidade que têm sobre o corpo e tratam-no com dignidade. Cuidam do corpo como o fariam com um templo sagrado, pois compreendem o ensinamento do Senhor: “Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?” (I Coríntios 3:16)

As mulheres que amam a Deus nunca ultrajariam ou desfigurariam um templo com pichações. Nem tampouco iriam escancarar as portas daquele sagrado e dedicado edifício, convidando o mundo a observá-lo. O corpo é ainda mais sagrado, pois não foi feito pelo homem. Foi criado por Deus. Somos os mordomos, os guardiões da honradez e pureza que o corpo trouxe consigo do céu. “Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo.” (I Coríntios 3:17)

As filhas de Deus que demonstram gratidão protegem seu corpo cuidadosamente, pois sabem que são o manancial da vida; reverenciam a vida. Elas não expõem o corpo para agradar o mundo. Conduzem-se com recato para agradar ao Pai Celestial. Sabem que Ele as ama muito.

Ministrar a Outras Pessoas

Podem-se reconhecer as mulheres que são gratas por serem filhas de Deus por seu modo de agir. Sabem que a tarefa dos anjos foi confiada às mulheres e desejam estar a serviço de Deus amando Seus filhos e ministrando a eles, chamando-os ao arrependimento, resgatando-os de circunstâncias perigosas, conduzindo-os na realização de Sua obra e declarando Suas mensagens.³ Compreendem que podem abençoar os filhos do Pai no lar, na vizinhança e em outros locais. As mulheres que são gratas por serem filhas de Deus glorificam Seu nome.

Magnificar os Dons

Podem-se reconhecer as mulheres que são gratas por serem filhas de Deus por suas habilidades. Elas cumprem seu potencial divino e magnificam os dons que receberam de Deus. São mulheres capazes e fortes que abençoam famílias, servem ao próximo e entendem que “a glória de Deus é inteligência”. (D&C 93:36) São mulheres que se apegam a virtudes duradouras a fim de tornarem-se tudo o que nosso Pai necessita que sejam. O profeta Jacó falou de algumas dessas virtudes ao dizer que seus “sentimentos [são] sumamente ternos e castos e delicados perante Deus, o que é agradável a Deus”. (Jacó 2:7)

Reverenciar a Maternidade

Podem-se reconhecer as mulheres que são gratas por serem filhas de Deus mediante sua reverência pela maternidade, mesmo que essa bênção lhes seja temporariamente negada. Nessas circunstâncias, sua influência para o bem pode ser uma bênção na vida das crianças que elas amam. Seu ensino exemplar pode refletir a voz de um lar fiel e fazer ecoar a verdade no coração de crianças que necessitam de fortalecimento.

As filhas de Deus que O amam são gratas e ensinam os filhos a amá-Lo sem reservas e sem ressentimento. São como as mães do jovem exército de Helamã, que possuía grande fé e “tinham sido ensinados por suas mães que, se não duvidassem, Deus os livraria”. (Alma 56:47)

Quando observamos mães gentis e tranqüilas em ação, vemos mulheres de grande força. A família pode sentir um espírito de amor, respeito e segurança quando estão por perto, pois buscam a companhia do Espírito Santo e Sua orientação. São abençoadas por sua sabedoria e discernimento. O marido e os filhos, cuja vida elas abençoam, irão contribuir para o equilíbrio das sociedades de todas as partes do mundo. As filhas de Deus que são gratas aprendem a verdade com a mãe, as avós e as tias. Ensinam às filhas a prazerosa arte de criar um lar. Buscam dar a seus filhos uma boa escolaridade e têm, elas mesmas, sede de conhecimento. Ajudam os filhos a desenvolver habilidades que possam usar para servir a outras pessoas. Sabem que o caminho que escolheram não é o mais fácil, mas sabem que seus melhores esforços serão absolutamente recompensados.

Compreendem o significado do que o Élder Neal A. Maxwell disse: “Quando a verdadeira história da humanidade for plenamente revelada, retratará os ecos das balas de canhões ou o soar educativo das cantigas de ninar? Os grandes armistícios feitos pelos militares ou a tranqüila pacificação das mulheres nos lares e na vizinhança? O que aconteceu à beira dos berços e nas cozinhas provar-se-á de maior poder controlador que o que aconteceu nos congressos?”⁴

As filhas de Deus sabem que a natureza maternal da mulher pode proporcionar bênçãos eternas e vivem de modo a cultivar esse atributo divino. Com toda certeza, quando uma mulher reverencia a maternidade, os filhos irão levantar-se e chamá-la bem-aventurada. (Ver Provérbios 31:28.)

Não Ser como as Mulheres do Mundo

As mulheres de Deus jamais podem ser como as mulheres do mundo. O mundo já tem muitas mulheres agressivas; precisamos de mulheres ternas. Já há muitas mulheres grosseiras; precisamos de mulheres gentis. Há muitas mulheres ríspidas; precisamos de mulheres refinadas. Existem muitas mulheres que têm fama e fortuna; precisamos de mais mulheres de fé. Já existe ambição bastante; precisamos de mais bondade. Existe orgulho suficiente; precisamos de mais virtude. Já temos popularidade demais; precisamos de mais pureza.

Oh, oremos com fervor para que toda moça cresça até a medida completa de seu maravilhoso potencial. Oremos para que sua mãe e pai mostrem-lhe o caminho certo. Que as filhas de Deus possam honrar o sacerdócio e apoiar os seus portadores dignos. Que elas possam compreender a grande capacidade que têm de ser fortes nas virtudes eternas que alguns ridicularizam neste mundo de liberação das mulheres.

Compreender e Nutrir Seu Potencial

Que as mães e pais possam compreender o grande potencial de realizar o bem que suas filhas herdaram de seu lar celestial. Precisamos nutrir sua delicadeza, sua predisposição maternal, sua espiritualidade e sensibilidade inatas e seu intelecto brilhante. Alegrem-se com o fato de que as meninas são diferentes dos meninos. Sejam gratas pela posição que elas ocupam no grandioso plano de Deus. E lembrem-se sempre do que disse o Presidente Hinckley: “Somente após a criação da Terra, após a separação do dia e da noite, após a divisão das águas e da porção seca, após a criação da vida vegetal e animal e após o homem ser posto sobre a Terra a mulher foi criada; e só então o trabalho foi dado por terminado e bom”.⁵

Pais, maridos e rapazes, que vocês consigam compreender tudo o que as mulheres são e podem vir a se tornar. Por favor, sejam dignos e honrem o santo sacerdócio de Deus que possuem, pois ele é uma bênção para nós todos.

Irmãs, não importa qual seja a sua idade, compreendam quem são, quem devem ser; tudo o que o próprio Deus, nas cortes celestiais, as preparou para que se tornassem. Que possamos utilizar com gratidão os inestimáveis dons que nos foram concedidos para elevar a humanidade a patamares mais altos de pensamento e a aspirações mais nobres. Eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

Notas

1. *A Liahona*, janeiro de 1996, p. 114.
2. “Ser Mulher: A Mais Elevada Posição de Honra”. *A Liahona*, julho de 2000, página 118.
3. Ver Bruce R. McConkie, *Mormon Doctrine*, 2^a ed. (1966) p. 35.
4. “As Mulheres de Deus”, *A Liahona*, outubro de 1978, p. 16.
5. “Our Responsibility to Our Young Women”, *Ensign*, setembro de 1988, p. 11.

AUXÍLIOS DIDÁTICOS

- Faça uma lista de expressões positivas usadas pela irmã Nadauld em seu discurso (por exemplo: “bênção extraordinária”, “sou inspirada”, “visão maravilhosa”). Que lição podemos nós, como líderes, aprender com essas expressões que podemos aplicar em nossa comunicação com as pessoas?
- Compare o potencial das declarações positivas e negativas para motivar as pessoas.
- De acordo com a irmã Nadauld, quais são alguns aspectos da aparência externa de uma pessoa justa? Por que eles são importantes para um líder?
- Por que esses aspectos são mais importantes do que a beleza física?
- Como podemos ajudar as pessoas a se darem conta de seu potencial divino?

O TRABALHO DE LIDERANÇA

“Ensina-os a nunca se cansarem de boas obras, mas a serem mansos e humildes de coração; pois esses acharão descanso para sua alma.” (Alma 37:34)

PRINCÍPIO DE LIDERANÇA

Os líderes da Igreja e da família precisam trabalhar diligentemente para ajudar a trazer almas para o Senhor e estabelecer Seu reino.

CONCEITOS DA LIÇÃO

1. Os líderes precisam trabalhar diligentemente para trazer almas ao Senhor.

CONCEITO 1. OS LÍDERES PRECISAM TRABALHAR DILIGENTEMENTE PARA TRAZER ALMAS AO SENHOR.

COMENTÁRIO

O Élder Bruce R. McConkie, que na época era membro dos Setenta, escreveu: “O trabalho é o grande princípio básico que torna todas as coisas possíveis, tanto nesta vida quanto na eternidade”. (*Mormon Doctrine*, 2ª ed., 1966, p. 847.) O Presidente Gordon B. Hinckley ensinou: “Nada verdadeiramente palpável se consegue sem trabalho. Nada acontece neste mundo até que haja trabalho. (...) É preciso haver trabalho”. (*Standing for Something: Ten Neglected Virtues That Will Heal Our Hearts and Homes*, 2000, p. 80.)

O Pai Celestial trabalha para salvar e exaltar Seus filhos. (Ver Moisés 1:39.) A Expição de Jesus Cristo torna isso possível, completando assim o trabalho do Pai. (Ver João 4:34; 5:17; 9:4.) Ele nos dá a oportunidade de ajudar-nos uns aos outros a retornar ao Pai. “Alguém disse muito bem: ‘Assim como queimar é uma propriedade do fogo, e resfriar é uma propriedade da neve, trabalhar é uma característica de Deus’. E nós somos Seus filhos”. (George Reynolds e Janne M. Sjodahl, *Commentary on the Book of Mormon*, org. Philip C. Reynolds, 7 vols., 1955–1961, 1:275.)

O trabalho dos líderes não apenas ajuda as pessoas ao longo de sua jornada mas também beneficia o próprio líder. “O trabalho dedicado ajuda a desenvolver os atributos da divindade: autodisciplina, perseverança, responsabilidade e integridade”. (Daniel H. Ludlow, ed., *Encyclopedia of Mormonism*, 5 vols., 1992, 4:1586.)

A humanidade teve sua primeira oportunidade de trabalhar quando o Senhor colocou Adão “no jardim do Éden para o lavrar e o guardar”. (Gênesis 2:15) A necessidade de trabalhar continuou quando Deus expulsou Adão do jardim. (Ver Gênesis 3:17–19.)

Se esperamos nos tornar líderes bem-sucedidos, precisamos estar dispostos a trabalhar arduamente. O Presidente Spencer W. Kimball explicou: “Precisamos fazer mais do que pedir excelência ao Senhor. O trabalho árduo precede a inspiração; é preciso esforço antes que haja excelência. Precisamos fazer mais do que orar pelos resultados (...), embora sem dúvida precisemos orar. Precisamos ponderar. Precisamos nos esforçar”. (*The Teachings of Spencer W. Kimball*, 1982, p. 402.)

Os líderes também devem ter em mente o conselho do rei Benjamim: “E vede que todas estas coisas sejam feitas com sabedoria e ordem; porque não se exige que o homem corra mais rapidamente do que suas forças o permitam”. (Mosias 4:27)

Pondere as seguintes declarações do Élder Neal A. Maxwell, quando era Assistente dos Doze:

“O trabalho extraordinário de Deus é realizado mais freqüentemente por pessoas comuns no aparente anonimato do lar e da família.” (*That My Family Should Partake*, 1974, p. 122.)

“Existe algo de sagrado no trabalho; mesmo nos tempos de fartura, ele é uma necessidade. Embora o trabalho não seja tudo na vida; ele pode, não obstante, manter-nos cômicos de nossas bênçãos.” (*Look Back at Sodom: A Timely Account from Imaginary Sodom Scrolls*, 1975, p. 10.)

Mais tarde, como membro da Presidência dos Setenta, o Élder Maxwell escreveu:

“Deus entrega pás e picaretas para os ‘eleitos’ porque eles estão dispostos a trabalhar arduamente. Pode ser que não sejam os melhores ou os mais capazes, mas são os mais dispostos.” (*Deposition of a Disciple*, 1976, p. 54.)

Depois que ele se tornou membro do Quórum dos Doze, o Élder Maxwell ensinou:

“Se ponderarmos a respeito do que traremos conosco na ressurreição, parece claro que teremos nossa inteligência, que não significa apenas nosso QI, mas também nossa capacidade de receber e aplicar a verdade. Nossos talentos, atributos e capacidades estarão conosco; sem dúvida também nossa capacidade de aprender, nosso nível de autodisciplina e nossa capacidade de trabalhar. Pode ser que nossa maneira específica de trabalhar não tenha um equivalente ali, mas a capacidade de trabalhar jamais se tornará obsoleta.” (*We Will Prove Them Herewith*, 1982, p. 12.)

“Embora estejamos corretos ao falar de ‘fé e obras’, a fé por si mesma (...) consiste de trabalho constante! É um trabalho a ser feito e um processo melhor realizado enquanto estamos não apenas ‘zelosamente ocupados’, mas também com ‘temor e tremor’. Caso contrário podemos perder nossa concentração em Cristo.” (*Lord, Increase Our Faith*, 1994, pp. 111–112.)

“Temos a clara meta de fazer do trabalho de Deus o nosso próprio trabalho, e não vice-versa.” (*If Thou Endure It Well*, 1996, p. 101.)

SUGESTÃO DIDÁTICA

Cante ou leia a letra de um hino relacionado ao trabalho (por exemplo: “Prolongue os Bons Momentos”, *Hinos*, nº 152; “Enquanto o Sol Brilha”, *Hinos*, nº 154, “Trabalhemos Hoje”, *Hinos*, nº 141, e “Nossa Lei É Trabalhar”, *Hinos*, nº 142.) Discuta o papel do trabalho na liderança da família e da Igreja.

Peça aos alunos que leiam Alma 26 procurando o trabalho que Amon e seus companheiros missionários realizaram antes de terem sucesso. Ajude os alunos a compreender que na liderança, bem como no trabalho missionário, os frutos são conseguidos com trabalho.

Separe sua classe em pequenos grupos e entregue a cada grupo uma ou mais declarações do Élder Neal A. Maxwell tiradas do comentário. Peça aos grupos que discutam as declarações e

depois peça a um membro de cada grupo que relate para a classe as suas observações. Comente e discuta, se for conveniente.

Saliente que o trabalho que fazemos em nossa família e em nossos chamados é o mais importante que faremos nesta vida. Por tratar-se do trabalho do Senhor, precisamos de Seu Espírito para termos sucesso.

Cante ou leia a letra de outro hino sobre a importância do trabalho.

RECURSOS PARA O PROFESSOR



Élder Mark E. Petersen

Do Quórum dos Doze Apóstolos

“The Image of a Church Leader” (Perfil de um Líder da Igreja), Ensign, agosto de 1980, pp. 5–8

“Que tipo de homens deveréis ser?” perguntou o Salvador a Seus doze discípulos nefitas, ao assumirem o ministério.

E qual foi a resposta àquela pergunta? “(...) Em verdade vos digo que deveréis ser como eu sou”. (3 Néfi 27:27)

Como Ele é! Pensem nisso! Jesus Cristo é nosso modelo.

E quando Ele esperava que aqueles irmãos adotassem Seu padrão de vida? Não foi para qualquer amanhã ou qualquer ano no futuro, mas, sim, imediatamente. Como Seus ministros, tinham responsabilidade desde aquele momento de refletir Sua imagem para toda a humanidade.

Essa é a chave do modo como todos nós deveremos conduzir Sua obra.

Mas, qual é a Sua obra? Ele disse que Sua obra e Sua glória é levar a efeito a imortalidade e vida eterna do homem. (Ver Moisés 1:39.) Mas, o que é vida eterna? É tornar-se como Deus. Porque nós somos Seus filhos, temos o potencial de realmente nos tornarmos perfeitos, como Ele é.

Essa oportunidade é oferecida a toda a humanidade, em todas as terras e climas. Mas precisa vir por meio da fé em Cristo. E como as pessoas conseguem essa fé? Paulo fez a mesma pergunta nestes termos: “Como (...) invocarão aquele em quem não creram? e como crerão naquele de quem não ouviram? e como ouvirão, se não há quem pregue?”

E como pregarão, se não forem enviados? (...)” (Romanos 10:14–15)

Nós somos Seus pregadores. Nós fomos devidamente enviados. Então, como conduziremos nosso ministério?

Ser Convertido

Nicodemos procurou Jesus à noite. Poderemos esquecer-nos do que o Senhor lhe disse? “(...) Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus”. (João 3:3)

Relacionamos este ensinamento de nascer da água e do Espírito com o batismo. Frequentemente nos satisfazemos com a explicação de um batismo na água apenas e não damos importância ao batismo do Espírito.

Recebemos confirmação pela imposição das mãos e é-nos dado o dom do Espírito Santo. Mas precisamos lembrar-nos de que nessa ordenança também recebemos uma nova vida. Se formos sinceros, literalmente nasceremos novamente. Num sentido bem real, tornamo-nos pessoas melhores e diferentes. Recebemos um novo coração. Despojamo-nos do homem pecador, como Paulo o descreve, e tomamos sobre nós o nome e a imagem de Cristo. (Ver Colossenses 3:9–10.)

Necessitamos desse novo nascimento a fim de que outros possam crer, por meio de nós, que, de fato, Jesus foi enviado do céu por Seu Pai, que Ele é o Salvador, e que somos Seus servos, autorizados para guiá-los no caminho da verdade. Esse é o início da salvação deles e uma extensão da nossa.

Devemos constantemente preservar o efeito de seu renascimento em nossa própria vida. Buscamos o renascimento para outros por meio de nosso ministério, mas não podemos dar algo que nós mesmos não possuímos. Se nossa casa não for propriamente estruturada, nós mal poderemos ser arquitetos e construtores efetivos na vida de outros.

Que tipo de homens deveremos ser? Deveremos ser como Ele é. (Ver 3 Néfi 27:27.)

O Senhor ensinou muitas coisas importantes que espera de Seus discípulos. Uma das lições mais profundas foi a de que deveríamos ser testemunhas vivas de que Ele é o Cristo, assim convencendo outras pessoas de que Seu Pai Celestial verdadeiramente O enviou ao mundo para Se tornar nosso Salvador.

E ao orar por Seus discípulos, também orou “(...) por aqueles que, pela sua palavra, hão de crer em mim. (...)”

Para que o mundo creia que tu me enviaste”. (João 17:20–21; grifo do autor.)

Essa é uma das definições mais precisas de nosso chamado divino que foi registrada. Que grandioso propósito! Que responsabilidade! Essas palavras deveriam ser nossa estrela guia. Mas, será que as compreendemos plenamente?

Elas são a base e a essência de nossa religião. Ninguém poderá ser salvo sem essa crença básica. Como líderes da Igreja, tudo o que dissermos e fizermos deve refletir essa grande verdade. Ele é o Filho de Deus. É divino. Foi enviado ao mundo por um decreto dos céus. Nós somos Seus representantes, Suas testemunhas, e Ele depende de nosso trabalho, para que o mundo acredite que Deus O enviou, e assim talvez muitos viverão Seu evangelho e serão salvos.

Ser um exemplo

Como Paulo disse a Timóteo, devemos ser exemplo dos que crêem, “(...) na palavra, no trato, no amor, no espírito, na fé, na pureza”. (I Timóteo 4:12)

Quanta atenção devemos dar à seção 4 de Doutrina e Convênios?

“E fé, esperança, caridade e amor, com os olhos fitos na glória de Deus, [qualificam uma pessoa] para o trabalho.

Lembrai-vos da fé, da virtude, do conhecimento, da temperança, da paciência, da bondade fraternal, da piedade, da caridade, da humildade, da diligência. (...)”

Porque eis que o campo já está branco para a ceifa; e eis que aquele que lança a sua foice *com vigor* faz reserva, de modo que não perece, mas traz salvação a sua alma.” (D&C 4:5–6, 4; grifo do autor.)

Nosso lar é uma pedra fundamental no reino de Deus. Uma vez que somos Seus servos, que tipo de vida familiar temos? O amor impera ali? Damos um exemplo cristão à nossa família para que eles também, por nosso intermédio, possam crer Nele?

Somos limpos e castos em nossos hábitos íntimos? Permitimos que o pecado ou imoralidade, mesmo secretamente, ergam barreiras contra o Espírito de Deus, conservando, assim, a santidade fora de nossa vida? Estamos dispostos a defender a virtude, a ponto de que ela seja mais valiosa do que nossa própria vida?

Estamos livres da hipocrisia? Temos atitudes diferentes de nossas atividades diárias, quando estamos na Igreja parecendo devotos ao nosso próximo?

Poderia qualquer pessoa justificar seus maus atos por causa do que fazemos ou dizemos? Ou nos levantamos acima de tais atitudes mundanas e inspiramos outros a atingirem coisas mais elevadas?

Como líderes, somos sempre o exemplo dos que crêem? Ou levantamos dúvidas na mente de outras pessoas por atitudes imperfeitas que possamos exibir?

Somos gentis e atenciosos com os outros? Somos honestos? Estão as nossas ações, de algum modo, em oposição à nossa imagem de servos de Deus?

Nós perdoamos? Somos justos? Lembramo-nos de que somos perdoados somente à medida que perdoamos os outros?

Praticamos a Regra de Ouro e fazemos aos outros o que queremos que os outros nos façam? Tudo isto se encaixa na imagem de um verdadeiro servo de Deus.

Nós somos pastores do rebanho de Deus. Esse rebanho certamente inclui tanto nossa família como outros membros da Igreja.

Sendo semelhantes a Cristo, ensiná-los-emos a serem também semelhantes a Ele. Sendo devotos, ensinar-lhes-emos devoção. Sendo capazes de seguir o programa, poderemos ensiná-los a seguir instruções.

Nós lhes ensinaremos o valor da inspiração do Espírito, compreendendo que sem ele não poderemos estar em sintonia com Deus. Se não estivermos em sintonia, seremos deixados com nossos insignificantes recursos, e qual o valor real deles?

Ser Unidos

Uma das características mais impressionantes do Senhor Jesus Cristo durante Seu ministério mortal era Sua unidade com Deus. Ele desejava sinceramente que Seus discípulos também entrassem naquele círculo de unidade. Era essencial para a missão. Antes de Seu sofrimento no Jardim do Getsêmani, orou para que Seus discípulos pudessem ser um assim como Ele e o Pai eram um. (Ver João 17:20–21.) E por meio de Joseph Smith, Ele disse: “(...) se não sois um, não sois meus”. (D&C 38:27)

Isso se tornou um padrão para Seus discípulos em toda parte. É o alicerce de todos os nossos sucessos. Sem isso, render-nos-íamos a Satanás.

Cristo é o Príncipe da Paz. Também devemos ser mensageiros da paz. O conflito pode destruir-nos, se permitirmos que ele se manifeste. É algo que pode atingir a Igreja seriamente. Destruíu a Igreja primitiva, e pode destruir-nos também. Nós nos recordamos do que o Senhor falou sobre discórdia?

“Não haverá disputas entre vós, como até agora tem havido. (...)”

Eis que esta não é minha doutrina, levar a cólera ao coração dos homens, uns contra os outros; esta, porém, é minha doutrina: que estas coisas devem cessar.” (3 Néfi 11:28, 30)

Lembramo-nos do que impediu o estabelecimento da Cidade de Sião nos dias do Profeta Joseph Smith? Joseph buscou o Senhor em oração, com o coração angustiado, por causa da expulsão de nosso povo do Condado de Jackson, Missouri. Em resposta, o Senhor disse isto sobre os santos:

“Eis que eu te digo: Havia desarmonias e contendas e invejas e disputas e concupiscência e cobiça entre eles; portanto, com essas coisas, corromperam suas heranças.

Foram vagarosos em atender à voz do Senhor seu Deus; portanto o Senhor seu Deus é vagaroso em atender a suas orações, em responder-lhes no dia de suas tribulações.

No dia de sua paz, trataram com leviandade meus conselhos; mas, no dia de suas tribulações, buscaram-me por necessidade.” (D&C 101:6–8) Há qualquer outro tratado, melhor do que este, sobre obediência?

Ser obediente

O Senhor deu uma importante parábola por meio do Profeta Joseph Smith, conclamando os santos a serem mais devotos, novamente mostrando como Ele espera que sigamos Suas instruções divinas. Disse Ele:

“Um certo nobre possuía um pedaço de terra muito bom; e disse a seus servos: Ide a minha vinha, sim, a esse pedaço de terra muito bom, e plantai doze oliveiras;

E coloquei atalaias ao seu redor e construí uma torre, para que se possa vigiar a redondeza; e um fique de atalaia na torre, a fim de que minhas oliveiras não sejam derrubadas quando vier o inimigo para saquear e tomar para si o fruto de minha vinha.

Ora, os servos do nobre fizeram o que seu senhor lhes ordenara e plantaram as oliveiras e construíram uma sebe ao redor e colocaram atalaias e começaram a construir uma torre.

E enquanto ainda estavam pondo seus alicerces, começaram a dizer entre si: E que necessidade tem meu senhor desta torre?

E consultaram-se por longo tempo, dizendo entre si: Que necessidade tem meu senhor desta torre, sendo que é tempo de paz?

Não poderia este dinheiro ser dado aos banqueiros? Pois não há necessidade destas coisas.

E enquanto discordavam entre si, tornaram-se muito preguiçosos e não deram ouvidos às ordens de seu senhor.

E durante a noite chegou o inimigo e derrubou a sebe; e os servos do nobre levantaram-se atemorizados e fugiram; e o inimigo destruiu o trabalho deles e derrubou as oliveiras.

Então, eis que o nobre, o senhor da vinha, chamou seus servos e perguntou-lhes: Ora, qual a causa deste grande mal?

Não devíeis ter feito o que vos mandei e—depois de haverdes plantado a vinha e construído a sebe ao redor e posto atalaias sobre seus muros—construído também a torre e posto um atalaia na torre e vigiado minha vinha, sem adormecer, para que o inimigo não vos atacasse?” (D&C 101:44–53)

Notem as dúvidas que foram levantadas pelos servos na vinha. Que necessidade tem o meu senhor desta torre? Que necessidade? Que necessidade?

Será que também temos essas dúvidas? Será que dizemos: Que necessidade tem a Igreja disso ou daquilo? Que necessidade? Que necessidade?

Quão vital é que tenhamos uma atitude de completa obediência às instruções recebidas e as cumpramos em todos os detalhes!

O Senhor também nos diz: “Portanto agora todo homem aprenda seu dever e a agir no ofício para o qual for designado com toda diligência”. (D&C 107:99) Devemos conhecer nosso chamado, e trabalhar com toda a inteligência de nossa mente, e com toda nossa força.

Ser devotado

Então, qual é a imagem de um líder da Igreja? Deve ser a mesma que têm todos os outros fiéis ministros de Cristo.

Pode ser diferente da imagem de uma Autoridade Geral? Pode ser diferente de um bom representante regional, de um bom presidente de estaca, de um bom bispo, de um bom presidente de missão, ou de um bom presidente do quórum dos élderes?

Não somos todos nós Seus servos escolhidos? Não estamos todos sob o mesmo convênio do sacerdócio? Temos algum privilégio especial? Deus faz (alguma) acepção de pessoas? (Ver Atos 10:34.)

Temos qualquer ambição de conseguir um lugar, posição, ou distinção na Igreja? É essa uma atitude cristã? E não é destituída de humildade?

A mulher de Zebedeu veio ao Senhor, buscando um lugar para Tiago e João acima daquele desfrutado pelos outros. O Senhor repreendeu-a por ter tais ambições injustificadas. “E, quando os dez ouviram isto, indignaram-se contra os dois irmãos.” (Mateus 20:24)

O Salvador, então, deixou claro que não devia haver injustiças entre eles e acrescentou: “Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal;

E, qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo.” (Mateus 20:26–27)

Em todos os casos, devoção ao dever é a senha.

Ser Produtivos

E também, o Senhor espera que sejamos produtivos. Ele nos ordena que devemos produzir muito fruto. Isso Ele ilustra com a parábola encontrada no décimo quinto capítulo de João, onde diz a Seus servos como conduzir Sua obra. Lá Ele estabelece a imagem de um verdadeiro servo de Deus.

Esse capítulo começa com uma parábola referente à vinha do Senhor. Ele diz que Seu Pai é o lavrador, ou o proprietário, e Ele compara a si mesmo à videira na vinha. Ele diz que nós—Seus trabalhadores—somos como os ramos da videira, e que somos nós que devemos produzir muito fruto na vinha do Senhor:

“Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador.

Toda a vara em mim, que não dá fruto, a tira; e limpa toda aquela que dá fruto, para que dê mais fruto.” (João 15:1–2)

Ele esboça uma figura que deveria ser familiar a todos nós. Fala sobre podar a vinha para fazê-la produzir mais. Em Sua vinha, Ele nos poda—Ele nos santifica, para que possamos produzir mais do Seu tipo de fruto.

Fala a seguir sobre os ramos que não produzem nada por se haverem separado da parte principal da vinha. E por que eles não produzem sob essas circunstâncias? Porque a seiva nutritiva, o fluido que dá vida, é eliminado, se o ramo está afastado da vinha. Este fato persuadiu o Senhor a dizer a Seus servos: “Estai em mim, e eu em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim”. (João 15:4)

E então Ele acrescenta: “Eu sou a videira; vós, as varas; quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto, porque sem mim nada podeis fazer”. (João 15:5)

Eis aqui uma grande lição. Enquanto estivermos próximos do Senhor e formos nutridos por Seu Espírito, daremos muitos frutos. Mas a menos que estejamos no Senhor e recebamos Sua força, não poderemos produzir mais, como todo ramo que é separado da árvore. Por isso Ele diz: “Sem mim nada podeis fazer”.

Para adicionar maior importância a este tema, o Senhor diz: “Nisto é glorificado meu Pai, que deis muito fruto; e assim sereis meus discípulos”. (João 15:8)

Mas há nesta escritura outra lição que devia preocupar-nos. No versículo 16, Ele diz:

“Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós, e vos nomeei (...)”. Para que propósito? “Para que vades e deis fruto (...)”

Ainda há mais. Não somente Ele nos escolheu, não apenas fomos ordenados para o propósito de produzir frutos, mas nós fomos também chamados e ordenados para assim trabalhar, a fim de que nosso *fruto permaneça*.

Notem as palavras: “Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós, e vos nomeei, para que vades e deis fruto, e o vosso fruto *permaneça* (...)”. (João 15:16; grifo do autor.)

O que isso significa? Simplesmente que devemos planejar e orar e trabalhar com o propósito de que não haja ninguém deixando a Igreja por causa de nossa negligência, ninguém perdendo o testemunho, ninguém se tornando inativo. *Nosso fruto deve permanecer*.

Assim o perfil de qualquer servo de Deus se torna uma questão de *atitude*. Como o homem pensa em seu coração, assim ele vai trabalhar.

Esta Igreja é o Reino de Deus. O mundo é Seu campo, ou Sua vinha. Nós somos Seus servos escolhidos. O sucesso poderá ser nosso somente se ficarmos bem próximos à videira. Se assim o fizermos, Ele nos dará uma promessa de ouro que é a mais desejável:

“Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito (...)”

Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor, do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor.

Tenho-vos dito isto para que o meu gozo permaneça em vós, e o vosso gozo seja completo.” (João 15:1–2, 4–5, 7–8, 10–11, 16)

AUXÍLIOS DIDÁTICOS

- De acordo com o Élder Petersen, qual é o ponto chave da liderança na Igreja?
- Por que precisamos estar convertidos para sermos um bom exemplo para os outros?
- Que relação existe entre o exemplo de um líder e a união do grupo?
- O que Doutrina e Convênios 4 nos ensina sobre a liderança?
- Que princípio de liderança foi exemplificado pelo Salvador pelo fato de Ele ser “um com Deus”? Como podemos aplicar esse princípio em nossa liderança?
- Que parágrafo do discurso do Élder Petersen você acha que melhor explica o princípio de liderança referente a ser produtivo? Explique sua resposta.

LIDERANÇA E CONSELHOS

“E os Deuses aconselharam-se entre si e disseram: Desçamos e formemos o homem a nossa imagem, segundo nossa semelhança.” (Abraão 4:26)

PRINCÍPIO DE LIDERANÇA

Os líderes podem ser mais eficazes se usarem os conselhos no processo de liderança.

CONCEITOS DA LIÇÃO

1. O Pai Celestial preside o “grande conselho presidente do universo”.
2. A Igreja é governada por conselhos.
3. Os conselhos de família são os conselhos básicos da Igreja.
4. Certos princípios permitem que os líderes contem com conselhos eficazes.

CONCEITO 1. O PAI CELESTIAL PRESIDE O “GRANDE CONSELHO PRESIDENTE DO UNIVERSO”.

COMENTÁRIO

O Pai Celestial usou conselhos no planejamento e criação deste e de outros mundos. O Élder Joseph Fielding Smith, que na época era membro do Quórum dos Doze, escreveu que Deus, o Pai, Jesus Cristo e o Espírito Santo “constituem uma Trindade ou Conselho Supremo”. (*Answers to Gospel Questions*, comp. Joseph Fielding Smith Jr., 5 vols., 1957–1966, 1:2.) O Élder L. Tom Perry, dos Doze, chamou a Trindade de “o grande conselho presidente do universo”. (Conference Report, abril de 1998, p. 28; ou *Ensign*, maio de 1998, p. 23.)

As escrituras declaram que “o Conselho do Eterno Deus de todos os outros deuses” se reuniu “antes que este mundo existisse” e fez planos em relação ao funcionamento do universo. (Ver D&C 121:31–32.) O Élder Joseph Fielding Smith escreveu: “No grande conselho do céu, Jesus Cristo aceitou voluntariamente a missão de Redentor. (...) Adão também foi escolhido nesse mesmo conselho para cumprir sua parte como progenitor da raça humana”. (*Answers to Gospel Questions*, 1:182.)

O Profeta Joseph Smith ensinou: “Todo homem que recebe o chamado para exercer seu ministério a favor dos habitantes do mundo, foi ordenado precisamente para esse propósito no Grande Conselho dos céus antes que este mundo

existisse”. (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, comp. por Joseph Fielding Smith, p. 357.)

SUGESTÃO DIDÁTICA

Peça aos alunos que leiam rapidamente Abraão 4–5 procurando quem planejou e criou a Terra. Peça-lhes que contem o que descobriram. (Observe palavras como *nós*, *eles*, *nossos* e *os Deuses*.)

Além de criar a Terra, que mais fez o conselho dos Deuses? (Ver o comentário.)

Ajude os alunos a compreenderem que o Pai Celestial deu o exemplo para os líderes quando usou conselhos no planejamento e criação deste e de outros mundos.

CONCEITO 2. A IGREJA É GOVERNADA POR CONSELHOS.

COMENTÁRIO

O Senhor governa Seu reino nesta Terra por meio de conselhos. O Élder M. Russell Ballard do Quórum dos Doze salientou que depois que o evangelho foi restaurado “a Igreja foi organizada em quóruns e conselhos, com várias presidências designadas para ‘administrar em assuntos espirituais’. D&C 107:8)” (*Counseling with Our Councils: Learning to Minister Together in the Church and in the Family*, 1997, p. 39.) Esses conselhos “coordenam e programam atividades, compilam informações, planejam programas ou eventos futuros e tomam decisões e resolvem problemas”. (Daniel H. Ludlow, ed., *Encyclopedia*

of Mormonism, 5 vols., 1992, 3:1141; *Counseling with Our Councils*, p. 5.) O propósito desses conselhos é ajudar “os filhos de Deus a desfrutarem todas as bênçãos do evangelho”. (*Counseling with Our Councils*, p. 10.) O Élder Ballard explicou:

“Ao longo dos anos, a forma e o formato do governo e administração da Igreja foram adaptados para atender às necessidades da época. Mas eles sempre se caracterizaram pelo uso de conselhos para proporcionar solidez e força contínuas. (...)”

(...) O conselho presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é a Primeira Presidência. Ela é formada pelo Presidente da Igreja e seus dois Conselheiros. (...)

Logo abaixo da Primeira Presidência em autoridade na Igreja está o Quórum dos Doze Apóstolos.” (*Counseling with Our Councils*, pp. 43–45.)

SUGESTÃO DIDÁTICA

Mostre fotografias da Primeira Presidência e do Quórum dos Doze. Explique aos alunos que esses conselhos, com a ajuda dos Setenta, lideram a Igreja. Discuta o que esses conselhos fazem para dirigir a Igreja e conduzir-nos a Cristo.

Discuta alguns dos conselhos que atuam nas estacas e alas.

CONCEITO 3. OS CONSELHOS DE FAMÍLIA SÃO OS CONSELHOS BÁSICOS DA IGREJA.

COMENTÁRIO

O conselho de família acontece quando os pais e os filhos se reúnem para ponderar importantes assuntos da família. O Élder M. Russell Ballard escreveu: “O conselho básico da Igreja é o conselho de família”. (*Counseling with Our Councils*, 154.) Os conselhos de família têm o mesmo propósito de outros conselhos da Igreja. (Ver o comentário referente ao conceito 2.)

O Élder Ballard escreveu sobre “o potencial do conselho de família para fortalecer os laços familiares, edificar a união da família e criar lembranças maravilhosas.

O Élder L. Tom Perry, do Quórum dos Doze Apóstolos explicou que (...) no conselho de família, (...) a mãe e o pai podem proporcionar treinamento em assuntos como ‘preparação para o templo, preparação missionária, administração do lar, finanças da família, desenvolvimento de

carreira, educação, envolvimento na comunidade, aprimoramento cultural, aquisição e manutenção de propriedades pessoais e da família, planejamento do calendário da família, utilização do tempo livre e designações de trabalho’. (...) (“For Whatsoever a Man Soweth, That Shall He Also Reap”, p. 9.)

(...) [O conselho de família] pode ajudar a criar ordem no lar, proporcionar um momento para curar sentimentos feridos, dar aos pais um importante instrumento para combater as influências externas e criar oportunidades de ensinar profundas verdades do evangelho.” (*Counseling with Our Councils*, pp. 148–149.)

SUGESTÃO DIDÁTICA

Discuta por que os conselhos de família são os conselhos básicos da Igreja. Discuta o que fazem os conselhos de família. (Ver o comentário.)

Peça aos alunos que contem ocasiões em que participaram de um conselho de família para tomar uma decisão importante ou cumprir uma tarefa importante.

Explique aos alunos que o Pai Celestial deu o exemplo de liderança usando conselhos. A Igreja é governada em todos os níveis por conselhos. Os membros da família também podem reunir-se em conselho para cumprir os propósitos da família.

CONCEITO 4. CERTOS PRINCÍPIOS PERMITEM QUE OS LÍDERES CONTEM COM CONSELHOS EFICAZES.

COMENTÁRIO

O Élder M. Russell Ballard disse: “Quando unimos esforços, criamos um sinergismo espiritual, que se traduz em maior eficácia decorrente de nossa ação conjunta ou cooperação, e cujo resultado é maior que a soma das partes individuais”. (Conference Report, outubro de 1993, p. 103; ou *Ensign*, novembro de 1993, p. 77.) Antes disso, o Élder Ballard disse que os líderes da família e da Igreja precisam “controlar e canalizar o poder espiritual por meio dos conselhos”. (Conference Report, abril de 1994, p. 32; ou *Ensign*, maio de 1994, p. 25.)

O Élder Ballard ensinou: “ ‘Quando os membros participam dos conselhos, aprendem sobre questões mais amplas referentes à organização. Eles vêem a liderança em ação, aprendem a planejar, analisar problemas, tomar decisões e coordenar o trabalho de diversas unidades menores da organização. A participação

nos conselhos ajuda a preparar os membros para futuras responsabilidades de liderança'. (“Priesthood Councils”, Ludlow, *Encyclopedia of Mormonism*, 3:1141–1142) (...)

Quando mais pessoas se sentem responsáveis pelo problema, mais pessoas estarão dispostas a fazer parte da solução. (...)

(...) Um dos grandes pontos fortes do sistema de conselhos é a flexibilidade que ele proporciona para se desenvolver e implementar soluções locais para problemas locais”. (*Counseling with Our Councils*, pp. 6, 15.)

O Élder Ballard sugeriu vários princípios importantes para liderar por meio de conselhos:

- Os líderes devem dar um senso de visão ou propósito ao conselho.
- Os conselhos devem dispor de tempo suficiente para discutir diferentes pontos de vista.
- Os líderes devem respeitar o arbítrio dos membros do conselho.
- Os líderes devem dar instruções claras e precisas.
- Os líderes devem delegar responsabilidades.
- Os líderes devem dar o exemplo para os membros do conselho.
- Os líderes devem servir com amor.

(Ver *Counseling with Our Councils*, pp. 23–36.)

O Élder Ballard também deu sugestões sobre como um conselho poderia trabalhar para resolver um problema:

- “O problema está claramente definido e especificado, mas o conselho não pode alongar-se nos pontos negativos.”
- “O líder do conselho controla o andamento do debate sem dominá-lo. Ele faz perguntas e pede opiniões, depois ouve atentamente.”
- “Os membros do conselho expõem seu ponto de vista como indivíduos e não apenas como representantes de suas respectivas organizações.”
- Os membros do conselho, em primeiro lugar, “identificam o resultado final desejado e depois determinam como alcançá-lo”.
- “Em suas deliberações, o conselho jamais se afasta muito da missão da Igreja: Trazer almas a Cristo por meio da proclamação do evangelho, o aperfeiçoamento dos santos e a redenção dos mortos.”

- “Os membros do conselho não podem esquecer a importância de sua influência e exemplo pessoais.”
- “Todos são convidados a dar a sua contribuição, mas a decisão final é deixada para o líder do conselho, que deve confiar mais na inspiração do que em sua opinião pessoal ao dirigir as decisões do conselho.”

(*Counseling with Our Councils*, pp. 165, 168.)

SUGESTÃO DIDÁTICA

Pergunte aos alunos o que significa sinergismo. (*Sinergismo* é quando o resultado final é maior do que a soma das partes.) Peça a um aluno que leia a declaração do Élder M. Russell Ballard sobre o sinergismo espiritual. (Ver o comentário.) Discuta por que esse princípio é verdadeiro em relação aos conselhos e faça uma lista de exemplos no quadro-negro.

Discuta princípios que os líderes devem ter em mente ao trabalhar com os conselhos. (Ver o comentário.) Crie uma situação de liderança hipotética e discuta como esses princípios poderiam ser aplicados.

Estude as sugestões do Élder M. Russell Ballard para os conselhos e incentive os alunos a aplicá-las em seus conselhos.

RECURSOS PARA O PROFESSOR



Élder M. Russell Ballard

Do Quórum dos Doze Apóstolos

“Strength in Counsel”, Conference Report, outubro de 1993, pp. 102–106; ou Ensign, novembro de 1993, pp. 76–78

Conselhos na Igreja do Senhor

(...) Deus reuniu um grande conselho no mundo pré-mortal para apresentar Seu glorioso plano para nosso bem-estar eterno. A Igreja do Senhor é organizada em conselhos, em todos os níveis, desde o Conselho da Primeira Presidência e o Quórum dos Doze Apóstolos, até os conselhos da estaca, da ala, do quórum, da organização auxiliar e da família.

O Presidente Stephen L. Richards disse:

“A sabedoria do governo da Igreja resume-se na utilização de *conselhos*. (...) Tenho experiência suficiente para saber o valor de um conselho.

Raramente se passa um dia sem que eu comprove (...) a sabedoria do Senhor na criação de conselhos (...) para governar Seu reino. (...)

Não hesito em assegurar-lhes que, quando vocês se reunirem em conselho da maneira esperada, Deus lhes dará as soluções para os problemas que enfrentam.” (Conference Report, outubro de 1953, p. 86.)

Como devem funcionar os conselhos

Como membro dos Doze, sirvo em diversos conselhos e comitês gerais da Igreja. Reúno-me com diversos líderes das auxiliares. Juntos, aconselhamo-nos, examinamos as escrituras e oramos pedindo orientação enquanto procuramos aprender como as auxiliares podem abençoar e fortalecer de modo mais eficaz os membros da Igreja.

Em muitos aspectos, os conselhos gerais da Igreja funcionam de modo muito parecido com os conselhos da estaca e ala. Todos os conselhos da Igreja devem incentivar a conversa franca e aberta, consultando-se e procurando manter a comunicação clara e concisa. Os conselhos devem discutir objetivos e preocupações, tendo a compreensão mútua por meta final. Os conselhos de estaca e ala são a ocasião ideal para que os líderes de todas as organizações conversem entre si e se fortaleçam. O enfoque principal das reuniões de conselho de estaca e ala deve ser coordenar atividades e deveres, não apenas marcar datas. Nessas reuniões, os líderes do sacerdócio e das auxiliares devem estudar juntos suas responsabilidades e descobrir maneiras de fazer com que os programas da Igreja ajudem os membros a viver o evangelho no lar. Nos dias atuais, as pessoas e famílias precisam do auxílio sábio e inspirado da Igreja para combater os males do mundo.

A contribuição das irmãs nas reuniões de conselho

Em recente reunião de conselho com as presidências das auxiliares femininas, as irmãs disseram-me que um número muito pequeno de mulheres da Igreja expressam interesse em receber o sacerdócio. Elas, porém, querem ser ouvidas e valorizadas, e desejam fazer contribuições significativas à estaca, ala e membros, para servir ao Senhor e ajudar no cumprimento da missão da Igreja.

Por exemplo, estivemos conversando, há pouco tempo, sobre a dignidade de nossos jovens para cumprir missão. A Presidente Elaine Jack disse:

“Élder Ballard, as irmãs da Igreja podem dar boas sugestões sobre como preparar melhor os jovens para a missão, se forem consultadas. Afinal de contas *somos* as mães desses jovens!” As sugestões das irmãs podem também ajudar na questão da freqüência ao templo e em muitos outros problemas com que os líderes do sacerdócio tenham que se defrontar.

Irmãos, rogo-lhes que procureis a contribuição vital das irmãs nas reuniões de conselho. Incentivem todos os membros do conselho a darem sugestões e idéias sobre como a estaca ou ala pode ser mais eficaz no trabalho de proclamar o evangelho, aperfeiçoar os santos e redimir os mortos.

Todos os membros do conselho devem participar

O ideal seria que todos os membros de qualquer conselho da Igreja ou da família pudessem relatar suas preocupações e sugerir soluções baseadas nos princípios do evangelho. Creio que a Igreja e as famílias seriam fortalecidas, se os presidentes de estaca e bispos utilizassem as reuniões de conselho para encontrar resposta para questões como melhorar as reuniões sacramentais, melhorar a reverência, concentrar a atenção nas crianças, fortalecer os jovens, ajudar os solteiros, incluindo os viúvos e divorciados, ensinar e integrar pesquisadores e membros novos, melhorar o ensino do evangelho e muitas outras semelhantes.

Durante o último semestre, realizamos reuniões especiais de treinamento em cada conferência de estaca para debater os padrões morais de nossos jovens. Os participantes eram membros dos conselhos de estaca e ala. Todas as questões dirigidas a mim na sessão poderiam ter sido debatidas de modo mais apropriado em uma reunião de conselho de ala. Contudo, os que raramente levantaram as questões sentiam ter a oportunidade de fazer perguntas, expressar suas preocupações e dar sugestões nas reuniões de conselho de suas alas.

Criar sinergismo espiritual nos conselhos

Nestes tempos perigosos, precisamos que os líderes da Igreja, homens e mulheres, se esforcem em conjunto, pois requer-se vigilância absoluta por parte dos que receberam o encargo de cuidar deste reino. Cada um de nós tem enormes responsabilidades, mas igualmente importante é a responsabilidade de nos reunirmos em conselho, num esforço conjunto de resolver os problemas e

abençoar todos os membros da Igreja. Quando unimos esforços, criamos um sinergismo espiritual, que se traduz em maior eficácia decorrente de nossa ação conjunta ou cooperação, e cujo resultado é maior que a soma das partes individuais.

O antigo ético Esopo costumava ilustrar a força do sinergismo mostrando uma vara e pedindo a um voluntário da platéia que tentasse quebrá-la. Naturalmente, o voluntário conseguia quebrar a vara facilmente. Então Esopo ia acrescentando outras varas até que o voluntário não mais conseguia quebrá-las. A moral da demonstração de Esopo era simples: Juntos podemos gerar sinergismo que nos torna muito mais fortes do que quando estamos sozinhos.

Ninguém deve ficar sozinho

Deus nunca deixou que Seus filhos ficassem sozinhos. As crianças têm os pais, e os pais têm a Igreja, as escrituras, os profetas e os Apóstolos vivos e o Espírito Santo para ajudá-los a compreender os princípios corretos e aplicá-los no desempenho de suas responsabilidades.

O Apóstolo Paulo ensinou que o Salvador organizou a Igreja de modo completo, com Apóstolos, profetas e outros oficiais e mestres para “o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo; até que todos cheguemos à unidade da fé”. (Efésios 4:12–13)

Paulo comparou os membros da Igreja e suas várias responsabilidades ao corpo:

“Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos (...)

Ma agora Deus colocou os membros no corpo, cada um deles como quis. (...)

Assim, pois, há muitos membros, mas um corpo.

E o olho não pode dizer à mão: Não tenho necessidade de ti; nem ainda a cabeça aos pés: Não tenho necessidade de vós. (...)

De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele”. (I Coríntios 12:14, 18, 20–21, 26.)

As escrituras nos ensinam claramente que apesar de termos diferentes chamados e estes mudarem periodicamente, todos esses chamados são importantes para o funcionamento da Igreja. Precisamos que os quóruns do sacerdócio assumam seu papel e cumpram seu dever

divinamente comissionado, assim como precisamos que a Sociedade de Socorro, a Primária, a Organização das Moças, a Escola Dominical e o comitê de atividades cumpram suas funções de vital importância. Precisamos também que os líderes e membros de todas essas organizações inspiradas trabalhem juntos, auxiliem-se mutuamente no que for preciso para o benefício de pessoas e famílias.

Sugestões para conselhos mais eficazes

Este não é o trabalho de determinado homem ou mulher; mas é o trabalho de Deus, que está centralizado na expiação do Senhor Jesus Cristo. Tenho algumas sugestões específicas que, se seguidas, creio poderem ajudar-nos a sermos mais eficazes em nossa família e em chamados na Igreja.

Primeiro, concentrem-se nos princípios fundamentais. Com toda certeza, aprendemos a respeito desses princípios fundamentais nesta conferência. Os que ensinam devem apresentar a doutrina pura. Ensinem pelo Espírito, utilizando as escrituras e o material didático aprovado. *Não* alonguem nem debatam assuntos especulativos e questionáveis. Estudem os ensinamentos desta conferência nas reuniões de noite familiar e nas conversas da família: elas fortalecerão seu lar. Num mundo repleto de pecado, conflito e confusão, podemos encontrar paz e segurança no conhecimento e cumprimento das verdades reveladas do evangelho.

Segundo, concentrem-se nas pessoas. Coordenar atividades e marcar datas de eventos é algo que precisa ser feito, mas muitas reuniões de conselho começam e terminam nesse ponto. Em lugar de uma longa lista de planos e relatórios das organizações, a maior parte do tempo da reunião de conselho deve ser utilizada para se considerar as necessidades dos membros. Ao fazê-lo, o sigilo é extremamente importante. Os membros do conselho devem guardar sigilo absoluto sobre todos os assuntos discutidos nas reuniões de conselho.

Terceiro, incentivem a livre expressão. Isso é essencial para que o propósito do conselho seja alcançado; os líderes e pais devem criar um ambiente que favoreça a franqueza, em que todas as pessoas se sintam importantes e todas as opiniões sejam valorizadas. O Senhor admoestou: “Cada um fale a seu tempo e todos ouçam suas palavras, para que quando *todos* houverem falado, *todos* sejam edificados por todos”. (D&C 88:122, grifo do autor.) Os líderes devem reservar um

tempo adequado para a reunião de conselho, lembrando-se de que devem ouvir pelo menos o tanto quanto falam.

Quarto, a participação é um privilégio. Esse privilégio é acompanhado de responsabilidades: responsabilidade de trabalhar dentro dos limites da organização, de estar preparados, de compartilhar, de defender vigorosamente o que consideramos ser o certo. Igualmente importante, porém, é a responsabilidade de apoiar e defender a decisão final do líder do conselho, mesmo que não concordemos plenamente com ela.

O Presidente David O. McKay contou-nos a respeito de uma reunião do Conselho dos Doze Apóstolos em que foi debatido um assunto de extrema importância. Ele e outros apóstolos sentiam fortemente que determinadas medidas precisavam ser tomadas e estavam preparados para expressar esse sentimento na reunião com a Primeira Presidência. Para sua surpresa, o Presidente Joseph F. Smith não os consultou, como de costume, sobre aquele assunto. Em vez disso, “ele ergueu-se e disse: ‘Essa é a vontade do Senhor’.

Apesar de não estar em completa harmonia com o que havíamos decidido (...)”, escreveu o Presidente McKay, “o Presidente dos Doze (...) foi o primeiro a erguer-se, dizendo: ‘Irmãos, proponho que esta se torne a opinião e a decisão deste Conselho’.

‘Reitero a proposta’, disse outro, e ela foi unânime. Não se passaram seis meses para que a sabedoria daquele líder fosse manifestada.” (*Gospel Ideals*, Salt Lake City: Improvement Era, 1953, p. 264).

Quando o líder do conselho chega a uma decisão, os membros do conselho devem apoiá-lo integralmente.

Quinto, liderem com amor. Jesus ensinou que o primeiro e maior mandamento é “amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento (...) E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. (Mateus 22:37, 39)

Os líderes do sacerdócio devem liderar com “persuasão, (...) longanimidade, (...) brandura e mansidão, (...) amor não fingido; (...) bondade e conhecimento puro”. (D&C 121:41–42) Esses são

os princípios que devem guiar nosso relacionamento com o próximo na Igreja de Jesus Cristo.

Os portadores do sacerdócio nunca devem esquecer que não têm o direito de usar a autoridade do sacerdócio como uma clava sobre a cabeça dos membros da família e nos chamados da Igreja. O Senhor disse a Joseph Smith que “quando nos propomos a encobrir nossos pecados ou satisfazer nosso orgulho, nossa vã ambição ou exercer controle ou domínio ou coação sobre a alma dos filhos dos homens, em qualquer grau de iniquidade, eis que os céus se afastam; o Espírito do Senhor se magoa e, quando se afasta, amém para o sacerdócio ou a autoridade desse homem”. (D&C 121:37)

Em outras palavras, qualquer homem que invoca os poderes especiais do céu para os próprios interesses egoístas e procura usar o sacerdócio em qualquer grau de injustiça, na Igreja ou no lar, simplesmente não compreende a natureza de sua autoridade. O sacerdócio destina-se ao serviço, não à opressão; à compaixão, não à coerção; ao cuidado, não ao controle. Os que discordam estão agindo fora dos limites da autoridade do sacerdócio.

Felizmente, a maioria de nossos pais e líderes do sacerdócio lideram com amor, assim como a maioria de nossas mães e líderes das auxiliares. A liderança fundamentada no amor é acompanhada de inacreditável poder. Ele é real e produz resultados duradouros na vida dos filhos do Pai Celestial.

Chegar a consenso e união

Que Deus os abençoe, irmãos, para que cheguem a um consenso e unidade inspirados ao se reunirem em conselho no intuito de servir uns aos outros. Somente assim a Igreja e as famílias começarão a se aproximar do pleno potencial de realização do bem entre os filhos de Deus na Terra.

Sei que Deus vive e que Jesus é o Cristo. Sei que podemos desempenhar melhor nosso trabalho reunindo-nos em conselho, com união e amor. Que sejamos abençoados ao fazê-lo é a minha humilde oração, em nome de Jesus Cristo, amém.



Élder M. Russell Ballard

Do Quórum dos Doze Apóstolos

“Counseling with Our Councils”, Conference Report, abril de 1994, pp. 31–34; ou Ensign, maio de 1994, pp. 24–26

Um motor bem regulado

Antes de ser chamado como Autoridade Geral, eu trabalhava no ramo de automóveis, como meu pai. Com o passar dos anos, aprendi a gostar do som e do desempenho de um motor bem regulado. Para mim, ouvir o leve ruído de um motor de um carro em marcha lenta ou o vigoroso ronco de um motor em plena capacidade, é quase como música. A potência que esse som representa é ainda mais emocionante. Não há nada que se compare à emoção de estar ao volante de um carro cujo motor tem um ótimo desempenho, com todas as partes funcionando em perfeita harmonia.

Por outro lado, nada é mais frustrante que um motor que não funciona direito. Por mais bela que seja a pintura, por mais confortável que seja o estofamento, se o motor não estiver funcionando bem, o carro não passa de uma carcaça cujo potencial não foi atingido. O motor de um automóvel pode funcionar com parte de seus cilindros, mas nunca irá tão longe, nem andar tão rapidamente, ou tão suavemente quanto o faria se estivesse devidamente regulado.

A ala de um único cilindro

Infelizmente, algumas alas da Igreja não estão usando todos os seus cilindros, havendo até mesmo as que estão tentando funcionar com um único cilindro. A ala que funciona com um só cilindro é aquela onde o bispo cuida de todos os problemas, toma todas as decisões e acompanha todas as designações. Assim, como o cilindro sobrecarregado de um motor, o bispo logo estará esgotado.

Os bispos carregam pesadas incumbências, Eles e somente eles, portam determinadas chaves e são os únicos que podem cumprir certas responsabilidades. Mas não são chamados para ser a única solução de todos os problemas de todas as pessoas. São chamados para presidir, liderar e estender o amor de Deus a Seus filhos. O Pai Celestial não espera que façam tudo sozinhos.

O mesmo ocorre com os presidentes de estaca, presidentes de quóruns do sacerdócio e de auxiliares e, até com pais e mães. Todos têm responsabilidades que exigem grande parte de seu tempo, talento e energia. Mas ninguém tem que fazer tudo sozinho. Deus, o Organizador Mestre, inspirou a criação de um sistema de comitês e conselhos. Se compreendido e posto em prática da maneira adequada, esse sistema irá diminuir a carga de todos os líderes, individualmente, e ampliar o impacto de seu ministério, por meio do auxílio conjunto de outras pessoas.

Fazer bom uso dos conselhos

Seis meses atrás, falei deste púlpito sobre a importância do sistema de conselhos da Igreja. Falei sobre o grande poder espiritual e a orientação inspirada que podemos obter com a realização adequada de conselhos de estaca, ala e família. O Espírito continua a prestar-me testemunho de que os conselhos devidamente realizados são vitais para o cumprimento da missão da Igreja. Por isso, estava ansioso para ver de que maneira minhas observações de outubro foram entendidas, particularmente por nossos fiéis e diligentes bispos.

Nas sessões de treinamento que realizei em vários locais, desde a última conferência geral, dei ênfase à realização de conselhos de ala. Como parte do treinamento, convidava um conselho de ala a participar. Apresentava ao bispo um problema teórico sobre uma família menos ativa e pedia-lhe que desenvolvesse, com o conselho de ala, um plano para a reativação da família.

Invariavelmente, o bispo assumia de imediato a liderança da situação e dizia: ‘Este é o problema, e isto é o que acho que precisa ser feito para resolvê-lo’. Em seguida, dava designações aos vários membros do conselho da ala. Era um bom exercício de delegação de responsabilidades, creio eu, mas nem sequer começava a utilizar a experiência e sabedoria dos membros do conselho para tratar do problema.

Por fim, pedia ao bispo que tentasse novamente, mas que, dessa vez, solicitasse idéias e sugestões aos membros do conselho, antes de fazer qualquer designação. Incentivava-o especialmente a pedir idéias às irmãs presentes. Quando o bispo abria a reunião aos membros do conselho, pedindo que todos dessem sua contribuição, era como se abrisse as comportas do céu. Um reservatório de inspiração e percepção

fluía entre os membros do conselho ao planejarem como integrar a família menos ativa.

Ao observar que a mesma cena se repetia vez após vez, nos últimos seis meses, decidi que seria útil falar novamente a respeito da importância dos conselhos. Não falo com a intenção de censurar os que não deram a devida atenção na última vez, mas porque a Igreja necessita urgentemente que os líderes, especialmente os presidentes de estaca e bispos, controlem e canalizem o poder espiritual por meio dos conselhos. Os problemas da família, ala e estaca poderão ser solucionados se buscarmos soluções à maneira do Senhor.

Por experiência própria, digo que vidas são abençoadas quando os líderes usam os comitês e conselhos com sabedoria. Eles fazem o trabalho do Senhor avançar com mais rapidez, como um bom carro no seu melhor desempenho. Os membros dos comitês e conselhos têm um objetivo comum. Juntos, podem trabalhar de maneira muito mais agradável ao servirem na Igreja.

Três comitês e conselhos de ala

Para o que pretendo expor, analisarei três dos comitês e conselhos de ala, que devem sempre seguir uma agenda previamente organizada.

O primeiro é o *comitê executivo do sacerdócio*. Os integrantes desse comitê são o bispado, o líder do grupo de sumos sacerdotes, o presidente do quórum de élderes, o líder da missão da ala, o presidente dos Rapazes, o secretário executivo da ala e o secretário da ala. Este comitê se reúne uma vez por semana, sob a direção do bispo, para avaliar os programas do sacerdócio da ala, que incluem o templo e a história da família, o trabalho missionário, bem-estar, ensino familiar e ativação de membros.

O segundo é o *comitê de bem-estar da ala*. Inclui o comitê executivo do sacerdócio e a presidência da Sociedade de Socorro. Este comitê se reúne pelo menos uma vez por mês, também sob a direção do bispo, para analisar as necessidades materiais dos membros da ala. Somente o bispo pode decidir o destino dos recursos de bem-estar, mas o comitê ajuda a cuidar dos pobres, planejando e coordenando o uso dos recursos da ala, inclusive tempo, talentos, aptidões, material e o serviço de solidariedade dos membros. Nesta e em outras reuniões de comitês e conselhos, freqüentemente são discutidos assuntos delicados, que exigem sigilo absoluto.

O terceiro é o *conselho da ala*. Inclui o comitê executivo do sacerdócio, a presidente da Sociedade de Socorro, o presidente da Escola Dominical, a presidente da Primária, a presidente das Moças e o encarregado do comitê de atividades. O bispo pode convidar outros para participar, se necessário. Este conselho se reúne pelo menos uma vez por mês, para correlacionar o planejamento de todos os programas e atividades da ala e analisar o progresso da ala no cumprimento da missão da Igreja. O conselho da ala reúne um grupo heterogêneo de líderes do sacerdócio e líderes das mulheres para que, juntos, possam ter uma visão ampla dos assuntos que afetam os membros da ala e da comunidade. O conselho estuda as sugestões dos mestres familiares e das professoras visitantes. (...)

Usar os conselhos para ajudar a reter os conversos

Uma das maiores preocupações das Autoridades Gerais é a falta de integração de alguns recém-conversos e dos membros menos ativos da Igreja. Se os conselhos de ala funcionarem como devem, cada pessoa recém-convertida será integrada, receberá visita de mestres familiares e professoras visitantes, e será chamada para um cargo adequado, poucos dias após o batismo. O membro menos ativo receberá um cargo, fazendo com que se sinta útil e amado pelos irmãos da ala. (...)

Tornar-se uma equipe para resolver problemas

Quando os presidentes de estaca e bispos permitem que os líderes do sacerdócio e das auxiliares, a quem o Senhor chamou para servir com eles, se tornem parte de uma equipe de resolução de problemas, coisas maravilhosas começam a acontecer. A participação dessas pessoas amplia a base das experiências e da compreensão, levando a melhores soluções. Vocês bispos, fortalecem os líderes da ala, dando-lhes a oportunidade de oferecer sugestões e ser ouvidos. Preparem futuros líderes, permitindo que eles participem e aprendam. Podem por meio desse envolvimento, aliviar bastante a sua carga. As pessoas que se sentem responsáveis por um problema têm mais disposição de ajudar na procura de uma solução, aumentando muito a possibilidade de sucesso.

Assim que os devidos conselhos estiverem organizados e os irmãos e irmãs tiverem plena oportunidade de participar, os líderes da ala e da

estaca poderão fazer mais do que apenas manter as organizações. Poderão dirigir seus esforços no sentido de encontrar maneiras de tornar este mundo um lugar melhor para se viver. Os conselhos de ala certamente podem abordar assuntos como violência de quadrilhas, segurança das crianças, decadência do padrão de vida urbano ou campanhas de limpeza da comunidade. Os bispos poderiam perguntar aos conselhos de ala: “Como podemos fazer algo significativo para a comunidade?” Esse tipo de pensamento e uma participação mais ampla na melhoria da comunidade são atitudes recomendáveis para os santos dos últimos dias.

Como os Apóstolos se reúnem em conselho

Venho servindo nos últimos oito anos e meio como membro de um conselho de doze homens. Viemos de ambientes diversos e trouxemos ao Conselho dos Doze Apóstolos um sortimento de experiências na Igreja e no mundo. Em nossas reuniões, nós não nos sentamos apenas, esperando que o Presidente Howard W. Hunter nos diga o que fazer. Aconselhamo-nos abertamente uns com os outros, ouvimos uns aos outros com profundo respeito pela capacidade e experiência que os irmãos trazem ao conselho. Debates uma imensa variedade de assuntos, desde a administração da Igreja até acontecimentos mundiais, e fazemo-lo de modo sincero e franco. As vezes debatemos assuntos durante semanas, antes de chegarmos a uma conclusão. Nem sempre concordamos durante o debate, mas quando a decisão é tomada, sempre terminamos unidos e determinados.

Ouvir e arrazoar nos conselhos

Este é o milagre dos conselhos da Igreja: ouvir uns aos outros e ouvir o Espírito! Quando nos apoiamos uns aos outros nos conselhos da Igreja, começamos a compreender como Deus toma homens e mulheres comuns e os transforma em líderes extraordinários. Os melhores líderes não são aqueles que se matam de tanto trabalhar, tentando fazer tudo sozinhos; os melhores líderes são os que seguem o plano de Deus e se *aconselham* com os seus *conselhos*.

“Vinde então”, disse o Senhor em uma dispensação passada, por intermédio do profeta Isaías: “e argüi-me”. (Isaías 1:18) Nesta última dispensação, Ele repetiu a admoestação: “Juntos arrazoemos para que compreendais”. (D&C 50:10)

Lembremos que o conselho básico da Igreja é o conselho familiar. Os pais e as mães devem aplicar diligentemente os princípios que mencionei em seu relacionamento mútuo e com os filhos. Fazendo isso, nossos lares poderão tornar-se um céu na Terra.

Irmãos e irmãs, trabalhem juntos, como nunca o fizemos, para cumprir nossas responsabilidades, a fim de descobirmos como tornar mais eficaz o uso do maravilhoso poder dos conselhos. Peço-lhes que ponderem tudo o que eu disse sobre este assunto em outubro passado, juntamente com tudo o que disse hoje. Testifico que podemos trazer toda a força do plano revelado por Deus, referente à liderança no evangelho, para o nosso ministério, ao nos aconselharmos uns com os outros. Que Deus nos abençoe para que permaneçamos unidos no trabalho de fortalecer a Igreja e seus membros, é minha oração em nome de Jesus Cristo. Amém.

AUXÍLIOS DIDÁTICOS

- Em que sentido a Igreja e a família são uma extensão do conselho pré-mortal no céu?
- Qual deve ser o “enfoque principal das reuniões de conselho de estaca e ala”?
- O que é “sinergismo espiritual”?
- Quais são algumas das preocupações que poderiam ser enfocadas pelos conselhos de estaca e ala?
- De acordo com o Élder Ballard, o que os melhores líderes da Igreja fazem em seus conselhos?

A IMPORTÂNCIA DE DELEGAR

“E tu dentre todo o povo procura homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que odeiem a avareza; e põe-nos sobre eles por maiores de mil, maiores de cem, maiores de cinquenta, e maiores de dez;

Para que julguem este povo em todo o tempo; e seja que todo o negócio grave tragam a ti, mas todo o negócio pequeno eles o julguem; assim a ti mesmo te aliviarás da carga, e eles a levarão contigo.” (Êxodo 18:21–22)

PRINCÍPIO DE LIDERANÇA

Os líderes sábios usam o princípio da delegação para ajudar as pessoas a quem eles servem a alcançar metas justas e tornar-se mais semelhantes a Jesus Cristo.

CONCEITOS DA LIÇÃO

1. Os líderes sábios delegam tarefas e responsabilidades significativas para as pessoas a quem eles lideram.

CONCEITO 1. OS LÍDERES SÁBIOS DELEGAM TAREFAS E RESPONSABILIDADES SIGNIFICATIVAS PARA AS PESSOAS A QUEM ELES LIDERAM.

COMENTÁRIO

Durante Seu ministério mortal, Jesus Cristo delegou responsabilidades a Seus discípulos e deu-lhes autoridade. Por exemplo: Ele encarregou Seus apóstolos de “[curar] os enfermos, [limpar] os leprosos, [ressuscitar] os mortos, [expulsar] os demônios”. (Ver Mateus 10:5–8.)

O Apóstolo Paulo escreveu: “E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores,

Querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo”. (Efésios 4:11–12)

O Élder Neal A. Maxwell, membro do Quórum dos Doze, explicou que depois da Ressurreição de Cristo, “os Doze (...) deram-se conta de que não tinham sido chamados para atender a necessidades físicas das pessoas, mas, sim, para divulgar a palavra de Deus por toda a Terra. Portanto, eles sabiamente delegaram o trabalho de bem-estar para outras pessoas. Por isso as necessidades das viúvas, que eram bem reais, foram atendidas, mas sem sacrificar os chamados mais elevados dos Doze. [Ver Atos 6:1–7.]” (*We Will Prove Them Herewith*, 1982, p. 110.)

O Profeta Joseph Smith foi um exemplo do princípio da delegação. O Élder Spencer J. Condie, membro dos Setenta, comentou: “Uma grande qualidade do Profeta era sua capacidade de delegar e desenvolver habilidades de liderança nas pessoas a seu redor”. (Conference Report, março–abril de 1990, p. 35; ou *Ensign*, maio de 1990, p. 28.) O Élder Dallin H. Oaks, do Quórum dos Doze, disse: “O bispo precisa saber delegar ou não suportará o peso de suas responsabilidades e poderá sentir-se frustrado ao ver tantos de seus deveres não cumpridos”. (*A Liahona*, julho de 1997, p. 24.)

A liderança da Igreja e da família pode ser tanto alegre quanto árdua. O Santo Espírito fortalece e renova os líderes, mas os líderes sábios delegam responsabilidades para as pessoas a quem eles servem, porque não podem fazer tudo sozinhos, e porque as pessoas crescem mais quando participam.

O Élder James E. Faust, que na época era membro do Quórum dos Doze, ensinou: “Um dos princípios que precisamos ter sempre em mente é que o trabalho do Senhor segue adiante por meio de designações. Os líderes recebem e dão designações. Essa é uma parte do extremamente necessário princípio de delegação”. (Conference Report, outubro de 1980, p. 50; ou *Ensign*, novembro de 1980, p. 34.)

O Élder Neal A. Maxwell, que na época era membro da Presidência dos Setenta, sugeriu os seguintes motivos pelos quais os líderes às vezes deixam de delegar:

“1. Preferimos fazer nós mesmos.

2. Não estamos realmente dispostos a usar nosso tempo e talentos para treinar outros para que eles possam ajudar.

3. Não gostamos de pedir ajuda a outras pessoas, esquecendo que receber ajuda faz parte do evangelho, da mesma forma que prestar auxílio ao próximo.

4. Sentimo-nos um pouco perturbados porque isso nos dá uma falsa sensação de sermos nobres.

5. Dizemos que ficamos preocupados com o ‘controle de qualidade’, quando uma tarefa é delegada, e muitas vezes há motivo para tal preocupação; em outras ocasiões, porém, não nos preocupamos com a má qualidade da tarefa executada, mas, sim, com que ela seja executada bem demais.”

O Élder Maxwell aconselhou: “A sensação que temos às vezes de sermos consumidos por nosso dever (...) pode ser evitada, ao menos parcialmente. (...) Podemos fazê-lo delegando mais, e assim desenvolvemos mais outras pessoas, inclusive nossos filhos, chegando por fim a reduzir nossos fardos desnecessários”. (*Wherefore Ye Must Press Forward*, 1977, pp. 99–100.)

O Élder Sterling W. Sill, que na época era Assistente dos Doze, escreveu: “Um líder não perde sua autoridade nem sua responsabilidade quando delega. (...) Ele precisa inspecionar, treinar, incentivar; precisa supervisionar a pessoa que recebeu a responsabilidade. (...) Delegação sem controle é irresponsabilidade”. (*Leadership*, 1958, p. 213.)

SUGESTÃO DIDÁTICA

Peça aos alunos que definam a palavra *delegar*. (“Confiar a alguém parte de nossa responsabilidade”.) Discuta como essa definição se aplica à liderança da Igreja e da família.

Peça aos alunos que procurem exemplos de delegação nas escrituras. Peça-lhes que contem exemplos de delegação bem-sucedida em sua família ou na Igreja. Discuta por que delegar é uma parte importante da liderança da família e da Igreja.

Separe a classe em pequenos grupos. Peça a cada grupo que discuta as vantagens e desvantagens de se delegar. Peça que apresentem suas conclusões e discuta-as em classe.

Peça aos alunos que pensem na importância de se delegar para uma liderança eficaz. Incentive-os a observarem como os líderes da Igreja e da família delegam responsabilidades. Peça que pensem em quais responsabilidades os líderes podem e não podem delegar, e o porquê.

Discuta algumas das características das pessoas que sabem delegar. Por exemplo, as pessoas que sabem delegar:

- Dão designações claras e específicas para as pessoas.
- Especificam o que deve ser feito, mas não exatamente como isso deve ser feito.
- Concedem autoridade para que as pessoas cumpram suas tarefas designadas.
- Treinam as pessoas, se necessário, nas aptidões que elas precisam desenvolver para terem sucesso.
- Proporcionam instrumentos e recursos necessários para que as pessoas tenham sucesso.
- Proporcionam a devida supervisão enquanto as pessoas procuram cumprir suas tarefas.
- Proporcionam incentivo e apoio sinceros às pessoas quando elas têm sucesso.
- Colocam-se à disposição para dar conselhos e orientação.
- Proporcionam oportunidades para que as pessoas apresentem um relatório de suas tarefas designadas.

Discuta o que os líderes podem fazer para que as responsabilidades delegadas sejam cumpridas. Peça aos alunos que leiam Êxodo 18:13–27. Discuta perguntas como estas:

- Que preocupações tinha Jetro em relação à liderança exercida por Moisés?
- Como Moisés reagiu às preocupações de Jetro?
- O que podemos aprender acerca da liderança com esse acontecimento na vida de Moisés?

Leia a seguinte declaração do Presidente Ezra Taft Benson, proferida quando ele era Presidente do Quórum dos Doze: “Esta é a organização do Senhor por meio da qual agimos. Estamos lidando com voluntários, que são filhos de nosso Pai, a quem Ele ama, a despeito de suas fraquezas e erros. Não podemos forçar, coagir ou intimidar ao delegarmos responsabilidades. Para sermos eficazes, precisamos buscar e conseguir o Espírito se quisermos delegar com sabedoria”. (*God, Family, Country: Our Three Great Loyalties*, 1974, p. 130.)

RECURSOS PARA O PROFESSOR

**Presidente N. Eldon Tanner**

*Primeiro Conselheiro na
Primeira Presidência*

*“The Message: Leading as the
Savior Led”, New Era, junho
de 1977, pp. 4–7*

A fim de que alguém possa ser um líder ou professor bem-sucedido (e usarei esses termos indiferentemente) dentro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, é importante que compreenda e tenha pleno entendimento de que é um filho espiritual de Deus, e que as pessoas que lidera são também filhos espirituais de Deus. É importante também que aqueles a quem ele lidera saibam e compreendam que *eles* são filhos espirituais de Deus, e saibam quão importante é esse conhecimento para sua vida. Eles devem reconhecer que Deus está interessado neles, deseja que vivam da maneira correta, e está pronto a responder às suas orações e ajudá-los, sempre que seja possível, caso eles escutem.

Alguém já disse que a liderança denota certa coragem. Trata-se, afinal de contas, da tarefa de abrir o caminho, ir primeiro, ficar diante da multidão, da congregação, de um público de milhares de pessoas anônimas, ou o duro olhar de um único que duvida.

Todo indivíduo é um líder ou influencia a vida de outras pessoas, mesmo que não se aperceba disso. A pergunta é: Que tipo de líder ele será? Qual a influência que exercerá?

Cada um deve tomar sua própria decisão com respeito ao tipo de líder que será. Deve estar determinado a ser um líder que diga como Jesus: “Vem, e segue-me”, e “como eu vos fiz, façais vós também”, sabendo que está guiando as pessoas no caminho da verdade e retidão. Esse deve ser o objetivo final de todo líder.

Para liderar como Jesus liderou, é preciso enfrentar muitos desafios. Um dos primeiros passos ao enfrentá-los é compreender que Cristo é um modelo da liderança correta; e que, à medida que estudamos o relato de Sua vida nas escrituras, e os Seus ensinamentos, eles se tornam estudos de caso de liderança divina. Guiar como Ele guiou requer que pesquisemos e entendamos as escrituras e que as apliquemos em nossa vida. Como disse Néfi, devemos “[aplicar] todas as escrituras a nós” (1 Néfi 19:23); e como

disse o Senhor: “Porque vivereis de toda palavra que sai da boca de Deus”. (D&C 84:44)

Em 3 Néfi lemos:

“E bem-aventurados são todos os que sofrem perseguição por amor ao meu nome, porque deles é o reino dos céus.

E bem-aventurados sois vós, quando os homens vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa.

Porque muito vos regozijareis e muito vos alegrareis, porque grande será a vossa recompensa no céu; pois assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.

Em verdade, em verdade vos digo que eu vos concedo serdes o sal da terra; mas se o sal perder o sabor, com que será a terra salgada? O sal então para nada mais prestará, senão para ser lançado fora e pisado pelos homens.

E eis que vos dei a lei e os mandamentos de meu Pai, a fim de que acrediteis em mim e de que vos arrependais dos vossos pecados e de que venhais a mim com um coração quebrantado e um espírito contrito. Eis que tendes os mandamentos diante de vós e a lei está cumprida.

Portanto vinde a mim e sede salvos; pois em verdade vos digo que, a não ser que guardéis os meus mandamentos que agora vos dei, de modo algum entrareis no reino dos céus.” (3 Néfi 12:10–13, 19–20)

Quando Cristo veio à Terra para salvar a humanidade, a fim de que pudessem voltar a viver novamente com seu Pai Celestial, Ele não disse: “Obedecereis a algumas leis, mas a outras não obedecereis”. Com relação aos mandamentos, Ele não disse: “Este eu cumprirei e aquele não”. A despeito de sua experiência, dor e sofrimento no Jardim do Getsêmani, Ele perseverou até o fim e deu Sua vida, para que os homens pudessem ter a imortalidade e vida eterna.

É extremamente importante que aprendamos a obedecer e guardar os mandamentos de Deus. Foi dito que a obediência não é uma característica do escravo, mas, sim, uma das qualidades primordiais de um líder.

Algumas pessoas deixam de se tornar grandes líderes, porque não aprenderam a seguir instruções—mesmo os ensinamentos de Jesus Cristo. A fim de guiarmos como Jesus, devemos, antes de mais nada, aprender a seguir a Cristo, conforme Ele seguiu Seu Pai nos céus. Temos de

manter em mente aquelas metas eternas às quais me referi, e, como filhos espirituais de Deus, tornar-nos mais e mais semelhantes a Ele, até que sejamos perfeitos. Não vamos somente crer em Cristo, mas segui-Lo. Adoremo-Lo e sejamos sempre obedientes a Seus ensinamentos.

Quando perguntaram a Joseph Smith como governava tão bem o seu povo, ele respondeu: “Ensino-lhes os princípios corretos e eles governam-se a si mesmos”. Essa é a essência da abordagem do Senhor com respeito à liderança, implicando que devemos assegurar-nos de que ensinamos princípios corretos com um testemunho e compreensão do evangelho. Compreender os princípios do evangelho dará muito mais liberdade e proporcionará muito mais crescimento que o mero treinamento em técnicas.

Quando perguntaram qual era a diferença entre um condutor de ovelhas e um pastor, um homem explicou que o primeiro toca as ovelhas para a frente, mas o pastor as lidera. Alguém disse: “Os homens são como espaguete. Se você vai na frente e puxa, eles seguem atrás; mas se você fica atrás e empurra, eles se embolam todos”.

Um líder na Igreja é também um professor, e um dos maiores instrumentos para o ensino é o exemplo, o instrumento que Cristo sempre usou. Um sábio observou: “Seus atos falam tão alto que não consigo ouvir o que está dizendo”. Embora possamos não estar cientes disso, o que ensinarmos pelo exemplo se tornará mais persuasivo que aquilo que intencionalmente ensinarmos por preceito, e deixará muito mais impressões naquele que aprende.

Para sermos um líder ou professor eficiente, devemos mostrar amor, e realmente amar a pessoa que tentamos ensinar. Nenhum poder é tão persuasivo como a força do amor. Cristo amou a todos—o fraco, o pecador, o justo. Por vezes, aqueles que mais necessitam ser amados são os que parecem menos merecer amor. Embora possamos não apreciar ou aprovar o que alguém faz, devemos, ainda assim, mostrar amor a essa pessoa.

Muitas vezes um líder necessita ter paciência e compreensão. Ele não pode sempre agir impetuosamente, e nunca deve reagir com violência. Nem todas as pessoas podem seguir o seu ritmo. Disse o Presidente Joseph F. Smith:

“Nos líderes, a impaciência excessiva e os pensamentos melancólicos são quase imperdoáveis, e às vezes, é necessário tanta

coragem para esperar como para agir. Espera-se, pois, que os líderes do povo de Deus e o próprio povo, não sintam que devem ter de imediato uma solução para cada problema que surge e perturba o curso normal de sua vida.” (*Gospel Doctrine*, Deseret Book Co., 1939, p. 156.)

Outro passo importante na liderança é delegar. Quem recebe a delegação, deve receber uma mordomia significativa. Designar a mordomia é o dever do líder. Cada indivíduo deve aceitar a mordomia designada e comprometer-se a realizar suas tarefas, conforme foi ensinado. Deve receber autoridade, juntamente com a responsabilidade. Dizem que Sócrates afirmou: “Qualquer dever que me designes, preferiria mais depressa morrer, a esquecê-lo”.

Um líder jamais deve tentar fazer o trabalho daquele a quem deu uma designação. Como disse o Presidente Harold B. Lee: “Deixe que eles façam tudo o que puderem, e você permaneça atrás, para ensiná-los *como* fazer. Penso que aí está o segredo do crescimento: estabelecer responsabilidades e então ensinar nosso povo a *como cumpri-las*”.

Dê-lhes liberdade para realizar suas tarefas. Nunca os critique, mas louve o sucesso e incentive os esforços.

Devemos fazer com que cada um compreenda a grande importância de seu chamado. Um líder nunca deve ser alguém a quem nos referimos como ‘o chefe’, mas conforme ensinou o Salvador, alguém que serve com o povo. Ele disse: “O maior dentre vós será vosso servo”. (Mateus 23:11) E deu-nos o grande exemplo, quando lavou os pés de Seus discípulos. Ele também disse que “(...) O que a si mesmo se exaltar será humilhado; e o que a si mesmo se humilhar será exaltado”. (Mateus 23:12)

Lembro-me de ouvir o Presidente Grant dizer frequentemente que jamais daria uma designação a alguém, de um trabalho que ele próprio não estaria apto a fazer.

Um bom líder preocupa-se com o bem-estar de seus seguidores, ou daqueles a quem serve. Quando servi como oficial de gabinete do governo da província de Alberta, Canadá, tinha muitas decisões difíceis a tomar. Sempre perguntava a mim mesmo: “O que será melhor para a província, para o povo que será atingido pela decisão, e para os empregados do departamento?” Eu também debatia os problemas com os líderes das diferentes divisões do departamento, particularmente os mais atingidos, e fazia-os

sentir que estavam aceitando pelo menos alguma responsabilidade, seguindo-se o fato de que eu sempre me dirigia ao Senhor buscando orientação, e a recebia, e assim era capaz de tomar decisões que não poderia assumir de outra forma.

Como líderes, devemos compreender o que o Senhor disse: “Pois eis que esta é minha obra e minha glória: Levar a efeito a imortalidade e vida eterna do homem”. (Moisés 1:39) Ele também disse: “Portanto, como sois agentes, estais a serviço do Senhor; e tudo o que fazeis de acordo com a vontade do Senhor é negócio do Senhor”. (D&C 64:29)

Sim, nós, como líderes, *estamos* empenhados no serviço do Senhor, e devemos dar estrita atenção ao crescimento individual de cada um, ensinando princípios corretos e tentando guiar cada indivíduo a se preparar para a imortalidade e vida eterna. Devemos fazer isso por exemplo e preceito, e então estar preparados para ajudá-los e apoiá-los em seus esforços, mas devemos deixar que tomem suas próprias decisões, e governem-se a si mesmos, de acordo com o livre-arbítrio que é seu dom.

Lembre-mos das palavras do Senhor a Joseph Smith, com relação à mordomia: “O Senhor requer que todo mordomo preste contas de sua mordomia, tanto nesta vida como na eternidade”. (D&C 72:3)

Quando um líder dá uma designação, deve ser claramente compreendida. O âmbito da responsabilidade deve ser esclarecido, e então o indivíduo deverá estar livre para agir e cumprir sua designação, recebendo um tempo determinado para relatório de progresso ou final. Um relatório deve ser sempre prestado ao líder, e este deve esperar essa prestação de contas.

Na administração da Igreja, a ferramenta básica para a prestação de contas é a entrevista pessoal. Se o relacionamento entre o entrevistado e o entrevistador for como deve ser, esta pode ser uma experiência recompensadora para ambas as partes, onde há oportunidade para se fazer uma auto-avaliação, e onde o diálogo deve ser aberto e construtivo. É a oportunidade ideal para se oferecer e receber auxílio e assistência.

Minha experiência na política e no mundo dos negócios assim como na Igreja tem ressaltado esta grande necessidade de delegação adequada de autoridade, acompanhamento e prestação de contas.

Devemos considerar os sete passos e guiá-los por Cristo na delegação.

Primeiro, a organização da Igreja que Cristo estabeleceu foi estruturada no sistema de delegação de autoridade.

Segundo, ao delegar, Jesus não fazia as designações parecerem fáceis; fazia-as parecerem emocionantes e desafiadoras.

Terceiro, Jesus fazia com que aqueles a quem chamava conhecessem e compreendessem inteiramente seus deveres.

Quarto, Jesus depositava total confiança nas pessoas a quem delegava responsabilidades, como Seu Pai havia feito com Ele.

Quinto, Jesus emprestava Sua lealdade àqueles a quem chamava, e esperava lealdade deles como recíproca.

Sexto, Jesus esperava muito daqueles a quem delegava responsabilidade, e estava preparado para dar muito.

Sétimo, Jesus ensinou que aquele que lidera, deve acompanhar o progresso do liderado, e deve receber uma prestação de contas das responsabilidades conferidas, elogiando ou reprovando, caso necessário, com amor. (...)

George Washington em seu último discurso para os cidadãos de seu país, advertiu-os a não pensarem que poderiam ter uma grande democracia sem uma profunda e duradoura fé em Deus. (...)

Winston Churchill salientou: “Precisamos dar-nos conta de que a chama da ética cristã ainda é nosso maior guia. (...) O cumprimento dos deveres espirituais em nossa vida diária é vital para nossa sobrevivência”.

Em essência (...) eles estão dizendo a mesma coisa: Nossa única esperança de grandeza está em seguirmos o exemplo de Cristo. Para ser grandes líderes, então, precisamos fazer o seguinte:

Primeiro, enxergar em nosso Salvador o perfeito exemplo de liderança.

Segundo, aceitar o papel de mestre e servo.

Terceiro, pesquisar as escrituras para encontrar os princípios corretos.

Quarto, orar buscando orientação, ouvir, e seguir a orientação recebida.

Quinto, ajudar o indivíduo a desenvolver-se no autogoverno.

Sexto, responsabilizar as pessoas por suas tarefas.

Sétimo, elogiar e reconhecer devidamente.

Oitavo, dar exemplo pessoal concreto daquilo que ensinar.

Nono, dar ouvidos às palavras do Presidente da Igreja, que é um profeta de Deus, e seguir seu conselho e exemplo.

AUXÍLIOS DIDÁTICOS

- De acordo com o Presidente Tanner, o que um líder precisa fazer para delegar devidamente?
- Como um líder deve fazer para designar responsabilidades às pessoas e determinar como elas irão cumprir essas responsabilidades?
- Que papel têm as entrevistas pessoais em relação à prestação de contas das responsabilidades designadas? Quais são alguns aspectos de uma boa entrevista pessoal?

PRINCÍPIOS REFERENTES AO PROCESSO DE TOMAR DECISÕES

Em verdade eu digo: Os homens devem ocupar-se zelosamente numa boa causa e fazer muitas coisas de sua livre e espontânea vontade e realizar muita retidão.

Pois neles está o poder e nisso são seus próprios árbitros. E se os homens fizerem o bem, de modo algum perderão sua recompensa.” (D&C 58:27–28)

PRINCÍPIO DE LIDERANÇA

A capacidade de tomar decisões é necessária para liderarmos como Cristo o fez.

CONCEITOS DA LIÇÃO

1. Os líderes precisam ser capazes de tomar decisões sábias.

CONCEITO 1. OS LÍDERES PRECISAM SER CAPAZES DE TOMAR DECISÕES SÁBIAS.

COMENTÁRIO

“Tomar decisões é provavelmente a coisa mais importante que as pessoas fazem na vida”, ensinou o Presidente Ezra Taft Benson, quando era Presidente do Quórum dos Doze. “Nada acontece até que alguém tome uma decisão. (...)”

Felizmente, a capacidade e o julgamento necessário para tomar decisões são coisas que podem ser adquiridas”. (*God, Family, Country: Our Three Great Loyalties*, 1974, p. 145.) Ver na seção Recursos para o Professor algumas sugestões do Presidente Benson sobre como aprender a tomar decisões sensatas.

SUGESTÃO DIDÁTICA

Discuta o conceito de que os líderes precisam tomar decisões sábias para ajudar as pessoas a achegarem-se a Cristo. Explique aos alunos que todos podemos melhorar nossa capacidade de tomar decisões sábias.

Escolha vários pontos que, em sua opinião, é importante tomar decisões como líder (ver a seção Recursos para o Professor) e discuta-os em classe.

Separe a classe em pequenos grupos. Peça a cada grupo que invente uma situação hipotética em que um líder da Igreja ou da família precise tomar uma decisão. (Por exemplo: Um bispado pode estar preocupado com o fato de os membros

da ala não estarem chegando às reuniões no horário, ou uma família pode estar em dúvida sobre onde passar as férias.)

Peça a cada grupo que troque sua situação hipotética com outro grupo. Peça aos grupos que apliquem os princípios referentes ao processo de tomar decisões que foram discutidos e tomem uma decisão e elaborem um plano de ação. Peça a cada grupo que relate sua decisão e seus planos e explique como chegaram a essa decisão.

RECURSOS PARA O PROFESSOR



Presidente Ezra Taft Benson

Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos

“Suggestions on Making Decisions” (Sugestões sobre Como Tomar Decisões), em God, Family, Country: Our Three Great Loyalties, 1974, pp. 143–153

Nossas decisões fizeram de nós o que somos hoje. Nosso destino eterno será determinado pelas decisões que ainda viremos a tomar.

As decisões sensatas são degraus na escada de nosso progresso. São os tijolos com os quais construímos nossa vida. As decisões são elementos do sucesso. Para as pessoas e instituições, elas marcam o caminho do progresso. A mente de um indivíduo ou a mente coletiva do conselho, comitê ou junta de diretores

decide quais serão o estado presente e a direção futura do indivíduo ou instituição.

As decisões sábias mostram o caminho para o progresso.

Vivemos num mundo iníquo. Não temos lembrança de uma época em que o adversário tenha estado tão bem organizado e com tantos emissários trabalhando para ele. Como povo, enfrentamos dias difíceis em que todos somos pressionados a tomar decisões, tanto os jovens quanto os idosos.

Na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, temos que tomar decisões de vital importância. Nosso povo—os chefes de família, pais, filhos—precisa tomar decisões importantes. É preciso ajuda, e ela está disponível.

Como igreja, possuímos as verdades e ordenanças salvadoras que proporcionarão salvação e exaltação aos membros da raça humana. Portanto, é da maior importância que os líderes da Igreja tomem decisões corretas e guiem não só as pessoas sob sua liderança nos caminhos da verdade e retidão para que cumpramos nossas metas, mas também nossa família, alas, estacas, missões, a Igreja e o mundo.

Se quisermos tomar decisões corretas, como Cristo teria feito, precisamos em primeiro lugar viver de modo que possamos ter acesso àquele poder invisível, sem o qual ninguém pode tomar as melhores decisões.

Uma das grandes decisões desta época foi quando o menino Joseph Smith resolveu seguir a admoestação de Tiago: “E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada. Peça-a, porém, com fé, em nada duvidando; porque o que duvida é semelhante à onda do mar, que é levada pelo vento, e lançada de uma para outra parte”. (Tiago 1:5–6)

A própria salvação de milhões de homens e mulheres na dispensação da plenitude dos tempos depende dessa decisão! Precisamos lembrar que os indivíduos realmente importam e que as decisões que tomam influenciam muito a vida de outras pessoas.

Além das fontes celestiais, é importante também dar-nos conta de que o esforço e os talentos individuais são necessários não apenas para solucionar os problemas cotidianos da Igreja, mas também para proporcionar crescimento e desenvolvimento das pessoas que precisam tomar decisões.

Há alguns princípios orientadores que irão auxiliar os líderes da Igreja a tomar decisões tanto em sua própria vida pessoal quanto na importante responsabilidade que têm de liderar outras pessoas até sua meta final de exaltação no reino de Deus.

O maior empreendimento na vida de qualquer pessoa é tomar decisões. Embora uma das maiores dádivas de Deus ao homem seja o livre-arbítrio ou o direito de escolha, Ele também concedeu ao homem a responsabilidade por essas escolhas. Podemos escolher o bem ou o mal. Colocamos nossa própria vida no rumo do sucesso ou do fracasso. Podemos não apenas escolher nossas metas finais, mas também determinar e decidir por nós mesmos, em muitos casos, os meios pelos quais atingiremos essas metas, e por nossa diligência ou falta dela determinamos a rapidez com que serão alcançadas. Isso exige esforço e energia individuais e não acontecerá sem que haja oposição ou conflito.

Tomar decisões é provavelmente a coisa mais importante que as pessoas farão na vida. Nada acontece até que alguém tome uma decisão. Até o próprio mundo surgiu como resultado das decisões de Deus. Deus disse: “(...) No princípio criei o céu e a Terra”, “Haja luz; e houve luz”, “Haja um firmamento no meio da água; e assim foi feito. (...)” (Moisés 2:1, 3, 6.)

Felizmente, a capacidade e o julgamento necessários para tomar decisões são coisas que podem ser adquiridas. Certos métodos e práticas podem proporcionar-nos maior capacidade nas oportunidades diárias, semanais ou mensais para tomarmos decisões.

Há alguns princípios básicos recomendados e utilizados por especialistas nesse campo. É de conhecimento geral que existem cinco passos fundamentais no processo de tomar decisões:

1. Definir o problema, sua abrangência e significado:
 - a. Que tipo de problema temos?
 - b. Qual é seu fator crítico?
 - c. Quando temos que resolvê-lo?
 - d. Por que temos que resolvê-lo?
 - e. O que será necessário para resolvê-lo?
 - f. Qual é a vantagem ou benefício que teremos ao resolvê-lo?
2. Coletar fatos, analisá-los e utilizá-los.

3. Desenvolver e avaliar possíveis soluções para se chegar a conclusões.
4. Colocar a decisão em prática com planejamentos e controles.
5. Acompanhar os resultados das decisões e ações.

As decisões devem basear-se em princípios corretos e fatos. Um conhecimento minucioso dos princípios e fatos envolvidos no problema específico geralmente nos conduz a uma decisão fácil e correta. Um conhecimento minucioso dos fatos envolvidos em um problema de bem-estar, por exemplo, ao serem ponderados juntamente com os princípios fundamentais do bem-estar, conduzirá o bispo à resposta correta naquele caso específico. Um dos elementos mais básicos do processo de tomar decisões, portanto, é estar de posse dos fatos e compreender e conhecer os princípios básicos envolvidos.

Como outro exemplo, um bispo pode sentir que sua ala deveria estar tendo melhor desempenho no trabalho do templo. Como ele toma uma decisão a respeito desse problema? Em primeiro lugar, ele deve procurar conhecer os fatos, fazendo muitas perguntas e descobrindo as respostas. Quantas recomendações existem entre os membros de minha ala? Como esse número está dividido entre sumos sacerdotes, (...) élderes e irmãs? (...) Como minha ala (...) está-se saindo em relação às outras alas da estaca? Mesmo que tenha um desempenho melhor que as outras alas, isso é bom o suficiente? Quão importante é esse trabalho, afinal de contas? (Ver Malaquias 4:5-6.) Por que toda a Terra seria amaldiçoada se Elias não tivesse trazido as chaves de selamento que ele possuía?

Depois de discutir o problema e sua solução com seus conselheiros e com o líder do grupo de sumos sacerdotes, e talvez com todo o comitê executivo da ala, o bispo então decidiria um curso de ação. Ele escreveria os vários passos necessários para a implementação do curso de ação decidido, colocaria o programa em prática fazendo designações e delegando responsabilidades, e depois acompanharia os resultados.

Pessoalmente, a decisão de recusar um cigarro ou bebida alcoólica oferecidos será fácil de ser tomada se a pessoa dispuser dos fatos, compreender os princípios e conceitos da Palavra de Sabedoria envolvidos e tiver decidido em sua mente que irá apoiar e defender esse princípio revelado por Deus.

Da mesma forma, se uma pessoa compreender o princípio, ela já saberá qual é a decisão certa quando tiver de enfrentar um problema que envolva a moralidade [sexual]. Quando estiver sob a pressão do momento, precisará apenas ter firmeza de caráter para tomar a decisão que já sabe ser a correta.

Uma das melhores maneiras para os líderes compreenderem os princípios corretos é terem um profundo conhecimento e entendimento das escrituras e do devido manual. A maioria das situações já aconteceu antes, talvez muitas vezes, e já foram determinadas normas e procedimentos para lidar com o problema em questão. É sempre sábio, portanto, consultar e conhecer as instruções já existentes e as normas da Igreja referentes às questões que forem surgindo.

As decisões devem ser tomadas no momento certo. Muitas vezes, a indecisão acerca de certo ponto já é na realidade uma decisão na direção contrária. Precisamos resolver o que faremos. Elias disse à antiga Israel: “Até quando coxearéis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-o, e se Baal, segui-o. Porém o povo nada lhe respondeu”. (I Reis 18:21)

Josué defendeu esse princípio ao reunir todos os anciãos e juízes das tribos de Israel em Siquém e dizer-lhes, de fato, que tomassem uma decisão naquele momento. Ele disse: “Porém, se vos parece mal aos vossos olhos servir ao Senhor, escolhei hoje a quem sirvais; se aos deuses a quem serviram vossos pais, que estavam além do rio, ou aos deuses dos amorreus, em cuja terra habitais; porém eu e a minha casa serviremos ao Senhor”. (Josué 24:15)

Algumas pessoas têm a intenção de tomar uma decisão, mas nunca chegam a fazê-lo. Elas têm a intenção de pintar o celeiro, consertar a cerca, remover as máquinas antigas ou demolir o velho galpão, mas a hora de tomarem a decisão nunca chega.

Alguns de nós enfrentamos situações semelhantes em nossa vida pessoal. Temos a intenção de pagar um dízimo integral, de começar a cumprir a Palavra de Sabedoria ou fazer nossa primeira visita de ensino familiar logo no começo do mês. Contudo, sem uma decisão propriamente dita seguida de sua implementação, passam-se as semanas e os meses, mas *nada* acontece. Podemos continuar tendo esse tipo de boas intenções até o fim da vida mortal. Portanto, essa indecisão torna-se nossa decisão de não fazer aquelas coisas certas, embora tivéssemos as

melhores intenções a esse respeito. O Senhor aparentemente percebeu essa fraqueza de Seus filhos ao dizer: “Portanto, se credes em mim, trabalhareis enquanto é hoje”. (D&C 64:25)

Colete os fatos, depois decida prontamente. Não use algumas frases feitas a que recorrem certas pessoas como desculpa para adiar decisões como: “Quero resolver isso amanhã depois de uma noite bem dormida”. Não tomamos decisões enquanto estamos dormindo. Contudo, não tirem conclusões apressadas nem julguem precipitadamente. Conheçam os fatos, estejam seguros de quais são os princípios básicos e avaliem as conseqüências. Depois, decidam!

O profeta Joel reconheceu o princípio do momento oportuno para tomar as decisões, como os líderes do sacerdócio devem fazer hoje, porque tal como naquela época, a iniquidade impera em toda parte. Precisamos tomar decisões sensatas. Joel disse: “Lançai a foice, porque já está madura a seara; vinde, descei, porque o lagar está cheio, e os vasos dos lagares transbordam, porque a sua malícia é grande. Multidões, multidões no vale da decisão; porque o dia do SENHOR está perto, no vale da decisão”. (Joel 3:13–14)

As decisões a que Joel se referia são aquelas que conduzem à exaltação eterna. Que possamos ajudar a mostrar o caminho.

As decisões sábias geralmente são tomadas depois de muito trabalho, esforço e empenho fervoroso. A resposta do Senhor para a tentativa mal-sucedida de Oliver Cowdery deixa isso bem claro: “Mas eis que eu te digo que deves estudá-lo bem em tua mente; depois me deves perguntar se está certo e, se estiver certo, farei arder dentro de ti o teu peito; portanto sentirás que está certo”. (D&C 9:8)

Começemos, portanto, dizendo que buscar sinceramente nosso Pai Celestial, tendo fé que Ele responderá nossas orações, é um início tranquilizador. Joseph Smith também disse que o Senhor não tirará água de um poço seco, portanto devemos fazer nossa parte. Muitas vezes nosso empenho em tomar uma decisão correta exige muita energia, estudo e paciência.

Eis algumas sugestões eficazes que os líderes podem usar para ajudá-los a decidir corretamente que medidas devem ser tomadas.

1. O problema foi claramente entendido? Muito freqüentemente nossos líderes não definem o que precisa ser decidido. O problema precisa ser expresso claramente por escrito.

2. O problema definido é real? Nosso líder está tratando os sintomas ou as causas? Por exemplo: Um presidente de estaca estava preocupado com o ensino familiar em sua estaca e queria tomar algumas decisões para melhorá-lo. Os registros mostravam que a cada mês menos famílias estavam sendo visitadas. O presidente da estaca estava preocupado com os mestres familiares sem se dar conta de que não estava falando com os bispos e líderes de quórum sobre o ensino familiar e sua importância. O problema real não era o baixo índice de ensino familiar; a dificuldade era a falta de comunicação adequada entre o presidente da estaca e seus subalternos. Assim que o presidente da estaca se deu conta do problema e o corrigiu, o ensino familiar melhorou muito em sua estaca.

3. O problema “parece” correto? Na Igreja, estamos aptos a receber inspiração e devemos buscá-la, então nosso Pai Celestial nos fará saber se o problema com o qual nos preocupamos exige uma decisão de nossa parte. A inspiração é um aspecto importante no processo de tomar decisões.

4. Diagnostique o problema. O problema precisa ser analisado e dividido em partes. O bom senso determina que os pontos que exigem uma decisão devem ser escritos e cada aspecto do problema deve ser alistado. Avalie a situação como um todo, consultando, sempre que possível, as experiências passadas e presentes. Mantenha a mente aberta.

5. Avalie as alternativas existentes. O juiz Benjamin Nathan Cardozo, da Suprema Corte [dos Estados Unidos] disse: “Existe dentro de cada um de nós um padrão a seguir que dá coerência e orientação para nossos pensamentos e ações”. Os fatos escolhidos precisam ser cuidadosamente avaliados e relacionados em sua ordem de importância, da melhor forma que pudermos. Nossa principal preocupação deve ser o modo como os santos serão afetados.

6. Ore e jejue pedindo inspiração. “Aconselha-te com o Senhor em tudo que fizeres e ele dirigirá-te à para o bem”. (Alma 37:37) Depois de uma avaliação adequada da situação, a oração e o jejum precisam ser utilizados como passo final antes da decisão. Procure ouvir a resposta. Freqüentemente oramos sem ouvir a resposta.

7. Tome a decisão. “O processo de tomar decisão é um negócio solitário”, disse meu bom amigo Clarence B. Randall, ex-presidente da Inland Steel Company, “e quanto mais elevado for

o nível de responsabilidade, mais intensa é a solidão”. Depois dos seis passos previamente mencionados, contudo, a maioria das decisões de nossos irmãos do sacerdócio será a melhor possível.

8. Determine como cumprir a decisão.

Imediatamente após a decisão deve vir a ação. Os procedimentos para o cumprimento da decisão precisam ser alistados e designações precisam ser feitas.

9. Acompanhe e reavalie. Um bom irmão disse: “Se uma decisão veio por inspiração, por que então reavaliar?” As situações mudam, e com essa mudança vem a necessidade de reavaliar e, às vezes, de começar todo o processo de tomar decisão de novo. Seja qual for o caso, o acompanhamento para ver se o trabalho está sendo realizado é uma parte essencial do procedimento.

Nossos companheiros de trabalho tomarão melhores decisões em seu chamado se seguirem esses nove passos. Mas lembrem-se, embora o Senhor nos ajude a tomar decisões, Ele espera que façamos nossa parte.

Que testes poderiam ser aplicados a um curso de ação proposto, uma decisão pendente? Aqui estão seis deles:

1. Ele poderia retardar ou prejudicar o progresso espiritual ou moral?

2. Poderia criar lembranças tristes ou perturbadoras?

3. É contrário à vontade revelada ou aos mandamentos de Deus? “Eu, o Senhor, estou obrigado quando fazeis o que eu digo; mas quando não o fazeis, não tendes promessa alguma”. (D&C 82:10)

4. Poderia prejudicar alguma pessoa, família ou grupo?

5. A decisão torna a pessoa ou o envolvido melhor em relação às leis de Deus? Por exemplo, se cumprimos a Palavra de Sabedoria, receberemos a promessa de que “[encontraremos] sabedoria e grandes tesouros de conhecimento, sim, tesouros ocultos”. (D&C 89:19)

6. Essa ação específica poderia resultar em uma bênção? “Há uma lei, irrevogavelmente decretada no céu antes da fundação deste mundo, na qual todas as bênçãos se baseiam—E quando recebemos uma bênção de Deus, é por obediência à lei na qual ela se baseia”. (D&C 130:20–21)

Para concluir, gostaria de oferecer os dez pontos seguintes a serem considerados pelos líderes como auxílios para tomarem uma decisão sábia:

1. Peça a orientação do Senhor ao tomar decisões.

2. Você sentiu um ardor no peito depois de ter tomado a decisão?

3. Ela está de acordo com as palavras dos profetas, ou seja, dos Presidentes da Igreja, em especial do Presidente vivo?

4. Algumas decisões são uma simples questão de fazer um bom julgamento e depois tomar a decisão. Em Doutrina e Convênios, por exemplo, o Senhor disse aos líderes da Igreja que não importava se viajariam por terra ou mar, contanto que cumprissem sua missão. (Ver D&C 61:22.)

5. Existem uns poucos casos em que a decisão não pode ser tomada imediatamente, porque o Senhor deseja apresentar outros fatores à pessoa que irá tomar a decisão. Nesse caso, o homem precisa aprender a esperar pelo Senhor, como Ele disse: “Aquietai-vos, e sabeis que eu sou Deus”. (Salmos 46:10)

6. Nas decisões de crucial importância, o jejum combinado com a oração pode trazer grande esclarecimento espiritual.

7. Embora seja geralmente aconselhável procurar ter uma visão a longo prazo da decisão que você irá tomar, às vezes o Senhor irá inspirá-lo a tomar apenas uma decisão temporária que conduzirá a um resultado que só Ele conhece. Nunca devemos hesitar em tomar tais decisões. Wilford Woodruff [o quarto Presidente da Igreja] teve que tomar várias decisões assim que o fizeram dizer: “Não sei, exceto que o Senhor me ordenou”. [Ver Moisés 5:6.] Néfi voltou para Jerusalém sem saber exatamente qual seria seu plano de ação.

8. O Presidente Harold B. Lee, em seu livro *Decisions for Successful Living*, p. 45, conta sobre um líder da Igreja que, ao procurar tomar uma decisão sobre determinada questão, dizia a si mesmo: “O que Jesus faria nessa situação?” Isso significa, evidentemente, que o homem conhecia Jesus suficientemente bem por meio do estudo e de uma vida digna de modo a poder fazer essa pergunta inteligentemente.

9. A pessoa deve sempre consultar o Espírito ao tomar decisões. Em outras palavras, deve

manter a porta aberta no caso de o Espírito desejar indicar outro curso de ação diferente do que a pessoa teria tomado naturalmente. Brigham Young disse certa vez que desejava fazer algo, mas o Espírito o orientou a fazer outra coisa.

10. É sempre bom saber o que outros líderes da Igreja fizeram ao tomar decisões sobre questões semelhantes. Esse é o motivo, ao menos em parte, pelo qual o Profeta Joseph manteve um registro de diversas reuniões. Portanto, devemos estudar os registros, os profetas e a história da Igreja.

Estamos participando de um trabalho no qual não podemos falhar—seja no processo de tomar decisões ou em outra coisa—desde que façamos nossa parte. O Senhor não nos permitirá fracassar. Este é o Seu trabalho. Fomos chamados a trabalhar com Seus filhos, e Ele os ama. Este é o Seu programa, Sua autoridade, e Ele irá magnificar-nos, sim, muito além de nossa capacidade natural, quando necessário. Sei disso e agradeço a Deus por esse inestimável conhecimento e bênção.

AUXÍLIOS DIDÁTICOS

- Que comentários do Presidente Benson nos ajudam a compreender quão importantes são as decisões sábias para nossa vida eterna?
- Quais dos “cinco passos fundamentais no processo de tomar decisões” parece mais importante para você em seu desenvolvimento como líder? Explique sua resposta. (*Nota:* Se você usar essa pergunta na sala de aula, pergunte algo menos pessoal, como: “Por que cada um desses cinco passos é importante no processo de tomar decisões?”)
- Por que é importante que as decisões sejam baseadas em “princípios corretos e fatos”?
- Como podemos testar nossas decisões para saber se são corretas?

REALIZAR REUNIÕES BEM-SUCEDIDAS

“E suas reuniões eram dirigidas pela igreja, segundo as manifestações do Espírito e pelo poder do Espírito Santo; porque se o poder do Espírito Santo os levava a pregar ou a exortar ou a orar ou a suplicar ou a cantar, assim o faziam.” (Morôni 6:9)

PRINCÍPIO DE LIDERANÇA

O propósito das reuniões da Igreja e da família deve ser o de ajudar as pessoas a tornarem-se mais semelhantes a Cristo.

CONCEITOS DA LIÇÃO

1. Realizamos reuniões da Igreja e da família para ajudar as pessoas a alcançarem metas dignas e achegarem-se a Jesus Cristo.
2. Podemos aprender a planejar e dirigir reuniões eficazes.

CONCEITO 1. REALIZAMOS REUNIÕES DA IGREJA E DA FAMÍLIA PARA AJUDAR AS PESSOAS A ALCANÇAREM METAS DIGNAS E ACHEGAREM-SE A JESUS CRISTO.

COMENTÁRIO

Durante Seu ministério mortal, Jesus Cristo reuniu-Se freqüentemente com Seus discípulos e outras pessoas. (Ver Mateus 5:1; Marcos 2:2; Lucas 4:14–15; João 6:3.) Ele também Se reuniu com Seus seguidores nas terras do Livro de Mórmon depois de Sua Ressurreição. (Ver 3 Néfi 12.) Em nossa dispensação, Ele instruiu Joseph Smith e os santos a “se [reunirem] amiúde”. (D&C 20:55)

O Bispo Robert L. Simpson, que na época era Conselheiro no Bispado Presidente, disse: “Ao esforçar-nos para conhecer Deus, o Pai, e Seu Filho Jesus Cristo, precisamos procurar conhecer as obras-padrão da Igreja; precisamos assistir às reuniões conforme estabelecido por nossos profetas atuais, para que nosso coração e mente se tornem plenos dos ensinamentos da verdade e o espírito do testemunho prestado por outros e, de tempos em tempos, por nós mesmos, ao sermos chamados ou nos sentirmos inclinados a fazê-lo. Assim, edificaremos um testemunho, uma convicção de que Deus vive”. (*The Powers and Responsibilities of the Priesthood*, Brigham Young University Speeches of the Year, 31 de março de 1964, p. 3.)

O Presidente Spencer W. Kimball ensinou: “Evitem a tendência de acumular muitas reuniões no Dia do Senhor. Quando realizarem suas

reuniões regulares, façam com que sejam tão espirituais e eficazes quanto for possível. As reuniões não precisam ser realizadas às pressas, porque podem ser planejadas de modo a permitir que seus propósitos sagrados sejam cumpridos sem dificuldade”. (Conference Report, abril de 1981, p. 62; ou *Ensign*, maio de 1981, p. 45.)

SUGESTÃO DIDÁTICA

Pergunte aos alunos: Por que temos tantas reuniões na Igreja e com nossa família? De que modo algumas reuniões são mais eficazes que outras?

Leia a seguinte declaração do Presidente Ezra Taft Benson: “A freqüência fiel às reuniões da Igreja traz bênçãos que não podemos receber de nenhuma outra maneira”. (Conference Report, abril de 1986, p. 56; ou *Ensign*, maio de 1986, p. 44.) Peça aos alunos que relacionem algumas reuniões importantes da Igreja e expliquem como a freqüência a essas reuniões pode trazer-nos bênçãos.

Diga aos alunos que há reuniões obrigatórias e reuniões que são úteis, porém não obrigatórias. Há reuniões em que adoramos e reuniões em que planejamos atividades. Há reuniões formais e informais. Há reuniões em que todos são bem-vindos e outras em que apenas aqueles que cumprem um padrão de dignidade podem freqüentar. Explique aos alunos que os líderes que realizam qualquer uma dessas reuniões podem usá-las para ajudar as pessoas a atingirem metas dignas e achegarem-se a Cristo. (Ver o

comentário.) Ao planejar e realizar reuniões e atividades, os líderes devem tomar cuidado para não interferir no lar, que é o lugar mais eficaz para se ensinar e aprender o evangelho.

CONCEITO 2. PODEMOS APRENDER A PLANEJAR E REALIZAR REUNIÕES EFICAZES.

COMENTÁRIO

Os líderes da Igreja planejam e realizam diversas reuniões. Elas podem ser dedicadas à adoração, instrução ou planejamento. Os profetas modernos ensinam que as famílias devem reunir-se semanalmente na reunião de noite familiar. Nessa reunião, os pais e filhos encorajam uns aos outros a viverem os princípios do evangelho e discutem assuntos da família.

Um passo inicial no planejamento de uma boa reunião envolve a compreensão de seu propósito. Por exemplo: Um bispo que esteja planejando uma reunião sacramental deve compreender que o propósito dessa reunião é tomar o sacramento, adorar, aprender o evangelho, realizar ordenanças como a confirmação, cuidar dos assuntos da ala e fortalecer espiritualmente os membros. Quando os líderes compreendem o propósito de uma reunião, podem procurar a melhor forma de alcançar esse objetivo.

O Élder M. Russell Ballard, do Quórum dos Doze, deu os seguintes conselhos em relação às reuniões em geral:

- “Cuidem para que a agenda anotada (...) enfoque principalmente as pessoas em vez de os programas.
- Os propósitos da reunião devem estar claros e ela deve começar e terminar no horário.
- Reserve tempo suficiente para discutir as necessidades das pessoas.
- Depois de ouvir cuidadosa e sinceramente as recomendações dos presentes, tome uma decisão ou faça uma designação que resulte num curso de ação específico e mensurável.
- Tome decisões em espírito de oração.
- Peça a alguém que “assuma a responsabilidade pela designação e ‘volte e apresente relatório’ numa data combinada”.
- Quando uma designação for delegada, ela deve ser geralmente comunicada em termos de ‘o que’ em vez de ‘como’; ou seja, a pessoa que recebe a designação será responsável pelo resultado alcançado, em vez de ser obrigada a usar determinados métodos específicos”.

(*Counseling with Our Councils: Learning to Minister Together in the Church and in the Family*, 1997, pp. 124–125.)

SUGESTÃO DIDÁTICA

Usando o texto do comentário e sua própria experiência, discuta como planejar e realizar reuniões eficazes na Igreja e na família. Separe a classe em pequenos grupos. Peça a cada grupo que elabore um esboço de uma página para ajudá-los a planejar e realizar reuniões. Peça aos grupos que expliquem seu esboço.

RECURSOS PARA O PROFESSOR



Presidente Boyd K. Packer
Presidente Interino do Quórum dos Doze Apóstolos A Ordem Não Escrita das Coisas, reunião devocional da Universidade Brigham Young, 15 de outubro de 1996

Dirijo-me a vocês hoje como professor. Penso na influência que teve um professor que conheci há mais de cinquenta anos. Como freqüentemente acontece, a influência daquele professor não se centralizava no assunto que ele ensinava. O Dr. Schaefer era professor de matemática na Universidade Estadual de Washington em Pullman, Washington. Ele tinha uma aparência impressionante. Não me lembro de seu primeiro nome, mas jamais esquecerei a primeira coisa que disse no primeiro dia em que o vimos.

Isso foi durante a Segunda Guerra Mundial. Estávamos no curso de treinamento para pilotos e tínhamos sido enviados à universidade, segundo nos informaram, para um curso rápido de meteorologia, clima, navegação, física, aerodinâmica e outros assuntos técnicos.

A pressão era enorme porque aqueles que não passassem no curso seriam eliminados do programa de pilotos. Eu estava competindo com cadetes, muitos dos quais tinham formação universitária; alguns deles haviam recebido treinamento avançado, ao passo que eu mal tinha conseguido escapar do curso secundário.

O Dr. Shaefer iria conduzir-nos dos conceitos básicos da matemática até o cálculo em questão de apenas algumas semanas. Achei que era um esforço inútil, até aqueles primeiros minutos da primeira aula. Ele começou a aula dando este

anúncio: “Embora muitos de vocês já tenham freqüentado alguns cursos na faculdade e até cursos avançados em relação ao que vamos estudar, meu propósito será ensinar os iniciantes. Peço a vocês que conhecem o assunto que sejam pacientes enquanto eu ensino os conceitos básicos aos que ainda não o conhecem”. Incentivado pelo que ele disse e mais ainda pelo modo como ele ensinava, consegui passar no curso com razoável facilidade. De outra forma teria sido impossível.

Quando decidi tornar-me professor, o exemplo do Dr. Schaefer me inspirou a dar o melhor de mim para ensinar verdades simples e básicas da forma mais compreensível que eu podia. Aprendi como é difícil simplificar as coisas.

Anos depois da guerra, voltei à Universidade Estadual de Washington e encontrei o Dr. Schaefer. Evidentemente, ele não se lembrava de mim. Eu era apenas um das muitas centenas de cadetes que estudaram com ele. Agradei pelo que ele me havia ensinado. A matemática e o cálculo já há muito tinham sido esquecidos, mas não o seu exemplo como professor.

Portanto, seguindo esse exemplo, quero hoje contar-lhes algo sobre a Igreja. As coisas que irei contar não estão explicadas nas escrituras, embora sejam condizentes com os princípios ensinados nas escrituras.

Um princípio é uma verdade eterna, uma lei, uma regra que você pode adotar para guiá-lo ao tomar decisões. De modo geral, os princípios não são explicados em detalhes. Isso lhes dá a liberdade de adaptá-lo e encontrar seu modo de compreender uma verdade eterna, um princípio, de modo a que seja uma âncora em sua vida.

As coisas que irei contar-lhes também não estão explicadas em seus manuais. Mesmo que estivessem, a maioria de vocês não tem manuais—não os manuais do Sacerdócio de Melquisedeque e da Sociedade de Socorro e outros—porque eles são entregues somente aos líderes.

Falarei sobre o que chamo de “a ordem não escrita das coisas”. Minha lição poderia receber o título de “Coisas Comuns a Respeito da Igreja que Todo Membro Deveria Saber”. Embora sejam coisas muito comuns, elas são muito importantes! Supomos que todos, de alguma forma, já conhecem todas as coisas comuns. Se vocês as conhecem, devem tê-las aprendido por meio da observação e experiência, porque elas não

estão escritas em lugar nenhum e não são ensinadas nas aulas. Portanto, ao prosseguirmos, se vocês estão entre aqueles que já conhecem tudo, sejam pacientes enquanto eu ensino aqueles que não as conhecem. Tirem uma soneca.

O alicerce básico do conhecimento e testemunho nunca muda: O testemunho de que Deus, o Pai, vive; que Jesus é o Cristo; que o Espírito Santo nos inspira; que houve uma restauração; que a plenitude do evangelho e a mesma organização que existiram na Igreja primitiva nos foram revelados. Essas coisas são ensinadas em toda parte e sempre: Em nossas salas de aula, nas escrituras, nos manuais e em tudo que fazemos.

A doutrina fundamental e as instruções sobre a organização da Igreja são igualmente encontradas nas escrituras. Além disso, há outra fonte de conhecimento em relação ao que faz a Igreja funcionar: Aprendemos por meio da experiência e observação. Se vocês aprenderem essas coisas que não estão escritas, a ordem não escrita das coisas, estarão melhor qualificados para serem líderes. E vocês serão líderes. Os cargos mais importantes de liderança estão no lar: O pai, a mãe, a esposa, o marido, o irmão mais velho e a irmã mais velha.

Depois disso, na Igreja, há mais cargos de liderança e oportunidades de ensino disponíveis do que em qualquer outro lugar na Terra.

Embora as coisas de que falarei não estejam escritas, elas são realmente muito fáceis de serem aprendidas. Estejam apenas alertas à ordem não escrita das coisas e tenham interesse nelas, e vocês descobrirão que poderão aumentar sua capacidade e seu valor perante o Senhor.

Antes de dar-lhes alguns exemplos dessa ordem não escrita das coisas, gostaria de lembrar-lhes algo que o Senhor disse: “Minha casa é uma casa de *ordem*, diz o Senhor Deus”. (D&C 132:18; grifo do autor.) E Ele disse a Seu profeta: “E vede que todas estas coisas sejam feitas com *sabedoria* e *ordem*; porque não se exige que o homem corra mais rapidamente do que suas forças o permitam. E, novamente, é necessário que ele seja diligente, para que assim possa ganhar o galardão; portanto todas as coisas devem ser feitas em *ordem*”. (Mosias 4:27; grifo do autor.)

Paulo disse aos coríntios que “*tudo*” deveria ser feito “decentemente e com ordem”. (Ver I Coríntios 14:40; grifo do autor.) Voltaremos a esse conceito daqui a pouco.

As coisas que vou contar-lhes não são tão rígidas a ponto de fazerem com que a Igreja desmorone, caso não sejam estritamente observadas. Mas elas estabelecem um padrão de dignidade e ordem que melhorará nossas reuniões, aulas e atividades. Se vocês as conhecerem e compreenderem, elas melhorarão muito a sua vida.

Nossas reuniões devem ser realizadas de um modo que os membros sejam espiritualmente renovados e permaneçam em sintonia com o Espírito ao enfrentarem as dificuldades da vida. Devemos estabelecer condições nas quais os membros possam, por meio de inspiração, resolver seus próprios problemas. Existem coisas simples que ajudam nesse sentido, e coisas que atrapalham. Alma ensinou “que por meio de coisas pequenas e simples que as grandes são realizadas; e pequenos meios muitas vezes confundem os sábios”. (Alma 37:6)

Meu primeiro exemplo dessa ordem não escrita das coisas é algo bem simples: Aquele que preside numa reunião deve sentar-se no púlpito e perto da pessoa que está dirigindo a reunião. É um pouco difícil presidir uma reunião da congregação. Aquele que preside é responsável por realizar a reunião e tem o direito e a responsabilidade de receber inspiração e pode ser inspirado a adaptar ou corrigir algo que acontece na reunião. Isso vale tanto para uma reunião de uma organização auxiliar presidida pelas irmãs quanto para qualquer de nossas reuniões.

Um presidente de estaca novo às vezes pergunta: “Eu preciso sentar-me no púlpito em toda reunião da estaca? Não posso sentar-me com minha família?” Eu lhe digo: “Enquanto você presidir, deve sentar-se no púlpito”. Fico tentado a dizer, mas não digo: “Eu não posso ter esse privilégio; por que você o teria?”

Outro exemplo: Se observarem a Primeira Presidência, verão que o primeiro conselheiro sempre se senta à direita do presidente; e o segundo conselheiro, à esquerda. Essa é uma demonstração de como fazer as coisas “decentemente e com ordem”, como Paulo disse. Geralmente, mas nem sempre, se o líder presidente falar, será no final da reunião. Nessa ocasião, podem ser dados esclarecimentos e feitas correções. Tive esta experiência muitas vezes no término das reuniões: “Bem, o irmão ou a irmã fulano de tal disse isso e isso, mas tenho certeza que quis dizer isto e isto”.

Outro exemplo: Não aspiramos a chamados na Igreja, tampouco pedimos para ser desobrigados. Somos chamados a cargos na Igreja por inspiração. Mesmo que o chamado seja feito de modo inadequado, não é sábio recusarmos o chamado. Precisamos pressupor que o chamado veio do Senhor. A quinta regra de fé diz que um homem precisa “ser chamado por Deus, por profecia e pela imposição de mãos, por quem possua autoridade, para pregar o Evangelho e administrar suas ordenanças”.

Se algumas circunstâncias dificultarem sua permanência no cargo, vocês têm a liberdade de consultar o líder que os chamaram. Não nos chamamos nem nos desobrigamos. Às vezes um líder ou professor gosta tanto da preeminência de um cargo de presidência que, mesmo depois de servir por muito tempo, não quer ser desobrigado. Esse é um sinal de que estava na hora dessa pessoa ser desobrigada.

Devemos agir da mesma forma como quando fomos chamados. Devemos aceitar o chamado e aceitar a desobrigação feita pela mesma autoridade.

Quando o Presidente J. Reuben Clark foi chamado como segundo conselheiro na Primeira Presidência, depois de ter servido muitos anos como primeiro conselheiro, ele disse o seguinte na Assembléia Solene em que apoiamos a nova Primeira Presidência: “No serviço do Senhor, não importa *onde* servimos, mas, sim, *como* o fazemos. Na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, assumimos o cargo para o qual fomos devidamente chamados, e não o buscamos nem o recusamos”. [Conference Report, abril de 1951, p. 154; grifo do autor.] A Igreja aprendeu uma lição muito valiosa sobre a ordem não escrita das coisas.

Aprendi há muitos anos que não escolhemos onde servir: Apenas atendemos ao chamado. Logo depois de casar-me, fui chamado como secretário adjunto da estaca. Meu bispo não queria desobrigar-me do cargo de professor do curso de Doutrina do Evangelho. Ele disse-me que eu tinha muito mais a oferecer como professor do que numa designação muito pouco visível como a de secretário adjunto da estaca. Mas ele sabia que, pela ordem não escrita das coisas, o presidente da estaca era quem presidia, e seu chamado tinha precedência.

Não tenho como contar-lhes tudo que aprendi nesse chamado. Pude ver como funcionava uma presidência. Testemunhei a revelação agindo no chamado e desobrigação de líderes da estaca e ala. Ao observar nosso presidente de estaca, aprendi por observação e experiência muitas coisas que não estão no manual. Eu estava nesse chamado quando conheci pela primeira vez alguns membros dos Doze e outras Autoridades Gerais que vinham para a conferência. Foi uma época de treinamento na ordem não escrita das coisas.

Eu estava certa vez num avião com o Presidente Kimball que, creio eu, serviu por 19 anos como secretário da estaca. Um membro que morava na estaca na época estava no avião. Ele me disse: “Se eu soubesse que nosso secretário da estaca se tornaria Presidente da Igreja, eu o teria tratado muito melhor”.

O irmão Kimball estava na verdade servindo como segundo conselheiro na presidência da estaca quando o secretário da estaca se mudou. Eles chamaram um secretário e aquele secretário mudou-se. O irmão Kimball tinha assumido a responsabilidade. O irmão Melvin J. Ballard foi assistir a uma conferência e disse: “Você não devia ser segundo conselheiro e secretário da estaca ao mesmo tempo. Escolha qual prefere ser”.

O irmão Kimball não estava acostumado a ter uma escolha. Ele queria que o Irmão Ballard lhe dissesse em qual cargo ele deveria ficar, mas o Irmão Ballard disse: “Não. Você escolhe”. Então o Irmão Kimball disse: “Tenho uma máquina de escrever. [Muito poucas pessoas tinham máquina de escrever naquela época.] Conheço o sistema. Creio que posso fazer uma contribuição maior se continuar como secretário da estaca”. E foi o que aconteceu.

Naquela época, o secretário da estaca recebia um pequeno auxílio de custo, uma pequena quantia mensal, suponho que para comprar suprimentos. Uma irmã, que o conhecia muito bem, escreveu dizendo: “Spencer, estou surpresa com você. Aceitar um chamado só porque há dinheiro envolvido”. Depois, ela disse: “Se você não mudar de atitude, dentro de dois meses acabará apostatando da Igreja”. Ora, ela estava um pouco equivocada em seu julgamento!

Um exemplo: Em certa ocasião, o Élder Harold B. Lee presidiu nossa conferência de estaca. Entre as sessões, almoçamos na casa do Presidente Zundell. Donna e eu chegamos um pouco tarde porque fomos para casa ver como estavam nossos filhos pequenos. O Élder Lee tinha ido até o carro

para apanhar algo e estava na calçada quando chegamos. Estávamos sem dúvida muito emocionados por podermos conversar pessoalmente com um Apóstolo e apertar sua mão. Ele apontou para casa e disse, falando da presidência da estaca ali reunida: “Eles são grandes homens. Nunca deixe de aprender com homens como eles”. Um Apóstolo me ensinou algo sobre a ordem não escrita das coisas.

Há tanto que aprender observando líderes experientes nas alas e estacas onde vocês moram. Há muito que aprender ouvindo os irmãos e irmãs mais velhos que tiveram a experiência de toda uma vida na escola das coisas não escritas.

Outro exemplo: Há uma ordem de coisas a respeito de onde devemos procurar conselhos ou bênçãos. É simples: Devemos ir a nossos pais. Quando eles já não estiverem mais conosco, se for para solicitar uma bênção, então podemos procurar nosso mestre familiar. Para conselhos, vocês procuram seu bispo. Ele pode decidir enviá-los para seu líder hierárquico: o presidente da estaca. Mas não procuramos as Autoridades Gerais. Não escrevemos para as Autoridades Gerais pedindo conselho ou supondo que alguém que esteja num cargo mais proeminente dará uma bênção mais inspirada. Se pudermos ensinar isso na Igreja, teremos grande poder sobre nós.

O Presidente Joseph F. Smith ensinou que se houver alguém doente num lar e ali estiverem presentes “apóstolos ou mesmo membros da primeira presidência da Igreja, (...) o pai está ali. É seu direito e dever presidir”. (*Gospel Doctrine*, p. 286.)

Existe uma exceção autorizada, passando pelo bispo, o presidente de estaca, a Autoridade Geral e todos os demais em nossa linha de autoridade. Trata-se da oração ao nosso Pai Celestial. Se fizermos isso, na maioria dos casos resolveremos nossos próprios problemas.

Outro princípio: A revelação na Igreja é vertical. Geralmente se restringe aos limites administrativos ou geográficos ou aos limites da designação da pessoa que foi chamada. Por exemplo: Um bispo que estiver procurando resolver um problema não receberá revelação aconselhando-se com um bispo de outra ala ou estaca que seja seu parente ou com que ele trabalhe no escritório.

Aprendi por experiência que a revelação vem de cima e não dos lados. Por mais experiente, idoso ou espiritual que pareça alguém que esteja ao lado, é melhor ir para cima seguindo os devidos

canais de comunicação.

Princípio: Uma qualidade fundamental de um bom líder é ser um bom seguidor. Ao reunir-me com alguns bispos, um bispo novo e esforçado me perguntou certa vez: “Como faço com que as pessoas me sigam? Chamei nove irmãs para serem a presidente da Primária, e nenhuma delas aceitou”. Havia um clima agradável e de bom humor na reunião, de modo que essa foi uma oportunidade de ensino ideal. Respondi que duvidava que ele tivesse “chamado” qualquer daquelas nove irmãs. Provavelmente ele apenas pediu para elas ou as convidou.

Eu lhe disse que se ele tivesse orado sinceramente e consultado seus conselheiros a respeito de quem deveria presidir a Primária, a primeira irmã teria aceitado o chamado. Poderia acontecer que ele descobrisse na entrevista algum motivo que tornasse pouco aconselhável ou conveniente que aquela irmã servisse, liberando-a do chamado. Mas sem dúvida isso não aconteceria mais do que uma ou duas vezes. Se muitas irmãs recusaram o chamado, então algo estava fora de ordem, da ordem não escrita das coisas.

Como havia um bom espírito na reunião, eu lhe disse: “Bispo, sei algo a seu respeito. Você não é um bom seguidor, certo? Não é você que sempre questiona o que o presidente da estaca pede aos bispos?” Os outros bispos presentes começaram a rir baixinho e fizeram que sim com a cabeça: ele era essa pessoa. Ele riu e disse que achava que eu estava certo. Eu disse: “Talvez o motivo pelo qual seus membros não seguem seu líder seja porque você não segue os seus. Uma qualidade essencial de um líder da Igreja é ser um fiel e leal seguidor. Essa é apenas a ordem das coisas, a ordem não escrita das coisas”.

Quando eu era jovem, o Élder Spencer W. Kimball veio assistir a nossa conferência e contou esta experiência que ele teve. Quando ele era presidente de estaca em Safford, Arizona, havia uma vaga para o cargo de superintendente dos Rapazes da estaca, como era chamado o cargo na época. Ele saiu de seu escritório, certo dia, seguiu pela rua e encontrou o dono de uma loja, com quem teve esta conversa. Ele disse: “Jack, você gostaria de ser o superintendente da organização dos Rapazes da estaca?”

Jack respondeu: “Ah, Spencer, não está pensando em mim”.

Spencer respondeu: “É claro que estou. Você se dá muito bem com os jovens”. Ele tentou convencê-lo, mas o homem recusou.

Mais tarde, naquele mesmo dia, depois de pensar bastante em sua tentativa mal-sucedida e lembrando então que Jacó tinha dito no Livro de Mórmon: “Tendo primeiramente recebido essa missão do Senhor” (Jacó 1:17), ele voltou a falar com Jack. Chamando-o de “irmão” e dizendo seu sobrenome, ele disse: “Temos um cargo vago na estaca. Meus conselheiros e eu conversamos a esse respeito e oramos sobre isso por algum tempo. No domingo, ajoelhamo-nos e pedimos inspiração ao Senhor sobre quem deveria ser chamado para esse cargo. Recebemos a inspiração de que você deveria ser chamado. Como servo do Senhor, estou aqui para fazer esse chamado”.

Jack disse: “Bem, Spencer, se você colocar as coisas nesses termos. (...)”

“Bem, estou pondo as coisas nestes termos.”

Vocês sabem o resultado. É útil seguir a devida ordem das coisas, até mesmo a ordem não escrita.

Tenho em minha escrivadinha uma carta de um irmão que me perturbou muito por não ter sido chamado devidamente a um cargo. Ele aceitou o chamado e estava disposto a servir, mas disse que o bispo não consultou primeiro a sua esposa e fez outras coisas indevidas no chamado.

Quando eu lhe respondi, tentei ensinar-lhe algo sobre a ordem não escrita das coisas com respeito a sermos um pouco pacientes com a maneira como as coisas são feitas na Igreja. Na primeira seção de Doutrina e Convênios lemos: “Que todo homem (...) fale em nome de Deus, o Senhor, sim, o Salvador do mundo”. (D&C 1:20) Eu lhe disse que ele poderia um dia vir a ser um bispo, sobrecarregado com os problemas da ala e com um fardo extra de preocupações pessoais, e sugeri que ele oferecesse agora o que gostaria de receber quando estivesse nessa situação.

Outro ponto da ordem não escrita das coisas: Os bispos não passam a responsabilidade de organizar as reuniões para os membros. Eles não devem deixar que as famílias façam os acertos referentes a funerais ou despedidas de missionários. Não está na devida ordem das coisas os membros ou os familiares acharem-se no direito de decidir quem falará ou por quanto tempo. Evidentemente as sugestões são adequadas, mas o bispo não deve entregar a reunião para que eles a organizem. Estamos preocupados com os desvios que estão acontecendo em nossas reuniões.

Os funerais podem e devem ser espiritualmente muito tocantes. Eles estão-se tornando reuniões informais de família realizadas

diante dos membros da ala. Frequentemente o Espírito é afastado por piadas ou experiências engraçadas, num momento que deveria ser dedicado ao ensino das coisas do Espírito, sim, de coisas sagradas.

Quando a família insiste para que vários membros da família falem num funeral, ouvimos falar no falecido, em vez de ouvirmos falar da Expição, da Ressurreição e das promessas consoladoras reveladas nas escrituras. Não é impróprio que um membro da família fale num funeral, mas se o fizer, seu discurso deve ser condizente com o espírito da reunião.

Eu disse aos meus irmãos que são Autoridades Gerais que se no dia do meu funeral alguém falar a meu respeito, eu me levantarei e o corrigirei. O evangelho deve ser pregado. Não conheço nenhuma reunião em que a congregação esteja mais pronta a receber revelação e inspiração do orador do que num funeral. Somos privados desse privilégio por não compreendermos a ordem das coisas—a ordem não escrita das coisas—referente à administração da Igreja e o recebimento do Espírito.

Nossos bispos não devem passar a outros a responsabilidade pela reunião. Isso também se aplica às despedidas de missionários. Estamos profundamente preocupados por elas estarem-se tornando um tipo de reunião de família perante os membros da ala. O profundo ensino e aprendizado espiritual que poderiam acontecer estão sendo perdidos. Esquecemo-nos de que se trata de uma reunião sacramental e que o bispo preside.

Existem muitas coisas que eu poderia dizer sobre usar nossas melhores roupas no domingo. Sabem o que isso significa? Costumava ser assim. Hoje vemos roupas menos formais e até relaxadas em nossas reuniões, até na reunião sacramental, o que propicia um comportamento informal e relaxado.

Incomoda-me ler no programa da reunião sacramental que o Zé, a Bete e o Dani irão participar. Não deveria ser José, Elisabete e Daniel? Incomoda-me que me peçam apoio para o Beto ou o Tonho ou o Tião para o sumo conselho. Eu digo: Será que não podemos colocar o nome completo da pessoa nesse importante registro? Há uma formalidade, uma dignidade, que estamos perdendo, e com grande prejuízo. Isso tem algo a ver com o que Paulo disse sobre fazermos as coisas “decentemente e com ordem”.

Bem, há muito que eu gostaria de dizer-lhes sobre a ordem não escrita das coisas, mas essas coisas vocês precisam aprender por si mesmos. Se pudermos apenas deixá-los atentos para que comecem a observar, comecem a receber esse treinamento, então vocês saberão como a Igreja deve funcionar e por que as coisas acontecem dessa forma. Descobrirão que isso está de acordo com os princípios descritos nas escrituras. Se vocês apenas “[entesourarem] sempre em [sua] mente as palavras de vida”, o Senhor os abençoará e lhes mostrará “na hora precisa” o que terão de dizer e fazer. (D&C 84:85) Aprendam esse grande padrão: os ensinamentos que recebemos ao observar e participar.

Pouco depois de a Espanha ter sido aberta para a pregação do evangelho, estive em Barcelona. Dois dos primeiros missionários enviados para a Espanha foram a Barcelona para abrir a cidade. Eles pediram quarenta cadeiras ao Presidente Smith Griffin. Ele estava em Paris, na época, e não sabia por que eles queriam quarenta cadeiras, pois não havia membros ali. Ele hesitou ao pensar nos gastos, mas achou que deveria encorajar os missionários, de modo que aprovou as quarenta cadeiras.

Quando chegamos ao salão de reuniões, que ficava no andar de cima de uma loja, as quarenta cadeiras estavam todas ocupadas. Havia pessoas de pé. Os élderes haviam organizado tudo para que seu primeiro converso, um homem de meia idade que trabalhava num mercado de peixe, dirigisse a reunião. Observamos os élderes ensinando o que ele deveria fazer, às vezes se levantando para sussurrar-lhe ao ouvido.

O irmão Byish dirigiu a reunião com nervosismo e com a ajuda dos élderes. Então, quando ele se levantou para encerrar, o Espírito do Senhor desceu sobre ele, e ele pregou com grande poder e durante bastante tempo. Foi um testemunho inspirado, um momento inesquecível. Os dois jovens élderes, ambos conversos da América do Sul, de alguma forma tinham aprendido algo sobre a ordem não escrita das coisas. Estavam colocando a Igreja em devida ordem em Barcelona. Hoje há quatro estacas naquela cidade.

É assim que acontece. O Senhor usa santos comuns para fazer Sua obra ir adiante.

*Não é estranho que príncipes e reis
E palhaços que trabalham no circo
E pessoas comuns como você e eu*

*Sejamos os construtores da eternidade?
Cada um recebe um saco de ferramentas,
Uma massa sem forma e um livro de regras,
E cada um precisa construir antes que a vida
se acabe,
Uma pedra de tropeço ou um degrau para
cima.*

—R. L. Sharpe, “Stumbling—Block or Stepping Stone”

A Igreja progredirá, e ela progride simplesmente porque as pessoas comuns aprendem, observando, ensinando e tendo experiências. Na maioria das vezes, aprendemos porque somos motivados pelo Espírito. Um dia, é claro, vocês que são jovens hoje irão liderar a Igreja. Se nesse meio tempo vocês aprenderem e estudarem a ordem não escrita das coisas, o poder do Senhor estará com vocês até o final para que possam ser servos úteis.

Presto testemunho de que esta é a Sua Igreja, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, e como disse o Senhor, que todos “[falem] em nome de Deus, o Senhor, sim, o Salvador do mundo”. (D&C 1:20)

Presto esse testemunho e invoco essa bênção sobre vocês, em nome de Jesus Cristo. Amém.

AUXÍLIOS DIDÁTICOS

- Como aprendemos coisas importantes sobre a Igreja que não estão nas escrituras nem nos manuais da Igreja?
- Por que acham que seremos mais valiosos para a obra do Senhor se aprendermos a “ordem não escrita das coisas”?
- Por que a pessoa que preside a reunião se senta no púlpito durante a reunião?
- Por que não é adequado que um líder da Igreja peça para ser desobrigado de um chamado?
- Por que o bispo não deve procurar o bispo de outra ala pedindo conselhos sobre como resolver um problema de sua ala?
- Quem deve planejar a reunião sacramental em que missionários de partida para o campo e seus familiares irão falar? Por quê?

INTROSPECÇÃO

“Pergunto-vos: Podereis naquele dia olhar para Deus com um coração puro e mãos limpas? Pergunto-vos: Podereis levantar os olhos, tendo a imagem de Deus gravada em vosso semblante?” (Alma 5:19)

PRINCÍPIO DE LIDERANÇA

A introspecção ajuda os líderes a conduzirem pessoas a Jesus Cristo.

CONCEITOS DA LIÇÃO

1. A introspecção é importante para os líderes da Igreja e da família.

CONCEITO 1. A INTROSPECÇÃO É IMPORTANTE PARA OS LÍDERES DA IGREJA E DA FAMÍLIA.

COMENTÁRIO

Os líderes devem refletir regularmente sobre sua dignidade de serem guiados pelo Espírito e sobre quão bem estão colocando em prática os bons princípios de liderança. As escrituras ensinam a importância da introspecção. Néfi refletiu: “E por que eu cederia ao pecado por causa de minha carne? Sim, por que sucumbiria a tentações, para que o maligno tivesse lugar em meu coração a fim de destruir minha paz e afligir minha alma? Por que estou irado por causa de meu inimigo?” (2 Néfi 4:27) Alma disse ao povo de Zarahemla: “Haveis nascido espiritualmente de Deus? Haveis recebido sua imagem em vosso semblante? Haveis experimentado esta poderosa mudança em vosso coração? (...)”

E agora, eis que eu vos digo, meus irmãos, se haveis experimentado uma mudança no coração, se haveis sentido o desejo de cantar o cântico do amor que redime, eu perguntaria: Podeis agora sentir isso?” (Alma 5:14, 26) O jovem Joseph Smith estava refletindo sobre suas “fraquezas e imperfeições” e orava ao Senhor pedindo perdão quando o Anjo Morôni lhe apareceu pela primeira vez. (Ver Joseph Smith—História 1:28–33.)

Os líderes e profetas modernos da Igreja também ensinaram a importância da introspecção. O Presidente Gordon B. Hinckley, quando era Conselheiro na Primeira Presidência, aconselhou: “Toda reunião sacramental deveria ser um banquete espiritual, um tempo de meditação e introspecção, um tempo para cantar hinos de louvor ao Senhor, um tempo de renovar

nossos convênios com Ele e nosso Pai Eterno, um tempo para ouvir a palavra do Senhor com reverência e apreço”. (A *Liahona*, janeiro de 1983, p. 81.)

O Élder Russell M. Nelson, um membro do Quórum dos Doze, ensinou: “O pescador sábio inspeciona regularmente sua rede. Se for detectado algum defeito, ele a conserta sem demora. Um velho ditado ensina que ‘é melhor prevenir do que remediar’. A revelação nos dá instruções semelhantes. O Senhor disse: ‘Lembra-te, pois, de onde caíste, e arrepende-te, e pratica as primeiras obras’. (Apocalipse 2:5)

Se formos sábios, avaliaremos nossa integridade pessoal todos os dias. Identificaremos toda fraqueza e a corrigiremos. De fato, temos a obrigação de fazê-lo. (...)

A oração pessoal é um bom momento para introspecção. A oração matutina pode incluir um pedido para que sejamos honestos, castos, virtuosos ou que simplesmente possamos servir ao próximo. À noite, pode haver outra rápida avaliação dessas qualidades. Oramos pedindo a preservação de nossa integridade espiritual, e depois nos esforçamos para isso. Se for descoberta alguma imperfeição, devemos começar prontamente o processo de reparação que impedirá uma desintegração maior da qualidade espiritual ameaçada.

O melhor modo de se fazer a auto-avaliação é em pequenos passos, perguntando a nós mesmos:

- O que fazemos quando cometemos um erro? Admitimos nosso erro e nos desculpamos, ou o negamos e culpamos outra pessoa?

- O que fazemos quando estamos num grupo em que idéias ou atividades erradas estejam sendo promovidas? Apoiamos o erro com nosso silêncio ou nos erguemos para defender o certo?
- Somos totalmente sinceros com nosso patrão, ou não somos tão leais assim?
- Guardamos o Dia do Senhor, obedecemos à Palavra de Sabedoria, honramos pai e mãe?
- (...) Como reagimos quando ouvimos alguém falar mal do ungido do Senhor? Honramos todos os [nossos convênios]? Ou permitimos exceções e racionalizamos nosso comportamento para adequar-nos a nossas preferências preconcebidas?
- Como honramos nossa palavra? As pessoas podem confiar em nossas promessas? (...)

(...) O devido diagnóstico é essencial para um tratamento adequado. O Senhor deu-nos esta extraordinária certeza: 'E porque viste a tua fraqueza, serás fortalecido até que te sentes no lugar que preparei nas mansões de meu Pai'. (Éter 12:37) Mas desejar forças não nos torna fortes. É preciso fé e trabalho para fortalecer a integridade.

Conhecemos o processo de auto-reparação que se chama arrependimento." ("Integrity of Heart", *Ensign*, agosto de 1995, p. 21.)

SUGESTÃO DIDÁTICA

Explique aos alunos o significado de *introspecção* ("exame que alguém faz dos próprios pensamentos e sentimentos". *Dicionário Novo Aurélio*, "introspecção".) Discuta por que a introspecção é importante para os líderes da Igreja e da família.

Peça aos alunos que citem momentos de introspecção nas escrituras. (Ver I Reis 19:4–13; Mateus 4:1–11; e exemplos do comentário.) Discuta como a introspecção freqüentemente é seguida de uma bênção.

Leia para os alunos o comentário do Presidente Gordon B. Hinckley sobre a introspecção nas reuniões sacramentais. Discuta algumas das perguntas que o Élder Russell M. Nelson sugeriu que fizéssemos durante nossa introspecção.

Diga aos alunos que é importante que os líderes reflitam sobre seu relacionamento com o Senhor, suas responsabilidades, as pessoas a quem eles servem, etc. Discuta com os alunos as perguntas que podemos fazer a nós mesmos ao

pensarmos sobre nossa dignidade e nosso chamado como líderes. Sugira que desenvolvam o hábito de refletirem a respeito de perguntas assim.

RECURSOS PARA O PROFESSOR



Presidente Spencer W. Kimball

Presidente da Igreja

"Jesus: The Perfect Leader"
(*Jesus: O Líder Perfeito*),
Ensign, agosto de 1979, pp.
5–7.

Há muito mais o que falar sobre a extraordinária liderança do Senhor Jesus Cristo do que caberia num simples artigo ou livro; quero, porém, destacar aqui uns poucos atributos e habilidades que demonstrou com tanta perfeição. Esses mesmos atributos e qualidades são importantes para todos nós, se quisermos ter sucesso como líderes em qualquer ponto significativo.

Princípios imutáveis

Jesus sabia quem era e por que estava neste planeta. Com isso, podia conduzir com força em lugar de incerteza ou fraqueza.

Jesus operava baseado em princípios ou verdades fixas, em lugar de ir estabelecendo regras pelo caminho. Assim, Seu estilo de liderança era não apenas correto mas também constante. Hoje existem muitos líderes do mundo que parecem camaleões; mudam de cor e pontos de vista conforme a situação, o que só serve para confundir os companheiros e seguidores, que não sabem ao certo que curso está sendo seguido. Aqueles que se apegam ao poder em detrimento dos princípios, muitas vezes acabam fazendo qualquer coisa para não perder esse poder.

Jesus repetiu diversas vezes: "Vem, segue-me." Seu programa era "façam o que Eu faço", em lugar de "façam o que Eu digo". Sua imensa capacidade inata teria permitido que Ele Se exibisse de modo admirável, mas com isso deixaria Seus seguidores bem para trás. Ele andava e trabalhava com aqueles a quem devia servir; não liderava a distância; não tinha medo de amigos íntimos; não temia a proximidade dos outros. O fermento da verdadeira liderança não pode influenciar positivamente as pessoas a menos que estejamos ao lado daqueles a quem devemos servir.

Jesus mantinha-Se virtuoso e, assim, quando Sua proximidade permitia que alguém tocasse a bainha de Suas vestes, Dele fluía virtude. (Ver Marcos 5:24–34.)

Compreender o Próximo

Jesus era um líder ouvinte. Como amava os outros com amor perfeito, ouvia sem ares de superioridade. Um grande líder ouve não só os outros, mas também a sua própria consciência e os sussurros de Deus.

Jesus era paciente, súplice, amoroso. Quando Pedro feriu o servo do sumo sacerdote com a espada, cortando-lhe a orelha direita, disse Jesus: “(...) Põe a tua espada na bainha” (João 18:11), sem se mostrar zangado e calmamente curou a orelha do servo. (Ver Lucas 22:51.) Sua repreensão a Pedro foi bondosa, porém firme.

Como Jesus amava a Seus seguidores, podia ser franco com eles. Às vezes reprovava Pedro, porque o amava; e Pedro, sendo um grande homem, progredia com essas reprimendas. Em Provérbios, existe um versículo maravilhoso que todos nós deveríamos ter em mente:

“Os ouvidos que atendem à repreensão da vida farão a sua morada no meio dos sábios.

O que rejeita a instrução menospreza a própria alma, mas o que escuta a repreensão adquire entendimento.” (Provérbios 15:31–32.)

Sábio é o líder ou o seguidor que consegue agüentar a “repreensão da vida”. Pedro conseguia, por saber que Jesus o amava e assim Jesus foi capaz de treinar Pedro para um lugar de muita responsabilidade no reino.

Jesus via o erro do pecado, mas também conseguia ver o pecado como algo decorrente de profundas necessidades insatisfeitas do pecador. Isso Lhe permitia condenar o pecado sem condenar a pessoa. Nós podemos demonstrar amor ao próximo, mesmo quando somos chamados a corrigi-lo. Precisamos ser capazes de perscrutar sua vida com suficiente profundidade para ver as causas fundamentais de seus insucessos ou falhas.

Liderança abnegada

A liderança do Salvador era abnegada. Ele colocava a Si mesmo e Suas necessidades em segundo plano, servindo aos outros além do que era Seu dever, incansável, amorosa e eficientemente. Muitos problemas do mundo de hoje são resultado do egoísmo e egocentrismo de

muitos que exigem demais da vida e dos outros, para satisfazer às suas próprias necessidades. É exatamente o oposto dos princípios e práticas adotados tão perfeitamente por aquele perfeito exemplo de liderança que foi Jesus de Nazaré.

A liderança de Jesus acentuava a importância de se ter discernimento no relacionamento com o próximo, sem procurar dominá-lo. Ele preocupava-Se com a liberdade de escolha de Seus seguidores. Ele próprio, naqueles momentos de suprema importância, teve de escolher voluntariamente passar pelo Getsêmani e ser pendurado na cruz do Calvário. Ensinou-nos que sem liberdade não pode haver um verdadeiro progresso. Um dos problemas da liderança manipulativa é que ela não provém do amor ao próximo, mas da necessidade de usá-los. Esses líderes se concentram em suas próprias necessidades e desejos, não nas necessidades alheias.

Jesus tinha visão de problemas e pessoas. Era capaz de calcular cuidadosamente o efeito e a repercussão de Suas palavras, não apenas sobre aqueles que O ouviam no momento, mas também sobre aqueles que as leriam dois mil anos mais tarde. É muito freqüente os líderes seculares procurarem resolver problemas procurando aliviar o sofrimento presente, mas criando com isso dificuldades e padecimento futuros ainda maiores.

Responsabilidade

Jesus sabia como envolver Seus discípulos no processo da vida. Encarregava-os de coisas importantes e específicas, para que se desenvolvessem. Outros líderes procuravam ser tão competentes em todas as coisas que faziam tudo sozinhos, dando poucas oportunidades de crescimento para as outras pessoas. Jesus confia em Seus seguidores o suficiente para compartilhar Seu trabalho com eles, a fim de que possam crescer. Essa é uma das maiores lições de Sua liderança. Se afastarmos as outras pessoas para que o trabalho seja realizado mais depressa e perfeitamente pode ser que a tarefa seja feita, sem dúvida, mas desprovida do tão importante desenvolvimento e progresso dos seguidores. Por saber que esta existência tem um propósito e que fomos colocados neste planeta para trabalhar e crescer, o crescimento torna-se um dos grandes propósitos da vida, além de um meio. Podemos corrigir os outros de maneira carinhosa e produtiva, quando cometem erros.

Jesus não tinha medo de ser exigente com os que liderava. Sua liderança não era condescendente nem fraca. Teve coragem de mandar Pedro e os outros abandonarem as redes de pesca para O seguirem, não depois da temporada de pesca ou após a pescaria seguinte, mas naquele exato momento! Imediatamente! Jesus mostrava às pessoas que confiava nelas e em suas possibilidades e assim podia ajudá-las a novos e maiores feitos. Muitos líderes do mundo são condescendentes e, em muitos aspectos, desprezam a humanidade porque tratam as pessoas como se precisassem ser protegidas e mimadas para sempre. Jesus acreditava em Seus seguidores, não apenas pelo que eram, mas pelo que podiam tornar-se. Embora alguns vissem Pedro como um simples pescador, Jesus viu nele um vigoroso líder religioso—corajoso e forte—que deixaria sua marca em grande parte da humanidade. Se amarmos as pessoas, poderemos ajudá-las a progredir, fazendo-lhes exigências razoáveis, porém reais.

Jesus dava às pessoas verdades e tarefas condizentes com sua capacidade. Não as assoberbava com mais do que eram capazes de fazer, mas o suficiente para que se empenhassem e progredissem. Preocupava-Se com os aspectos básicos da natureza humana e como provocar mudanças permanentes, e não simples modificações transitórias.

Prestação de contas

Jesus ensinou que teremos de prestar contas não só de nossos próprios atos, mas também de nossos pensamentos. É importante que nos lembremos disso. Vivemos numa época que ressalta a “garantia de isenção de responsabilidade”, mesmo em relação ao comportamento humano. Naturalmente, a responsabilidade não é possível sem princípios fixos. O bom líder lembra-se de que é responsável perante Deus, bem como perante aqueles a quem lidera. Exigindo responsabilidade de si próprio, está em melhor posição para exigir que os outros sejam responsáveis por sua conduta e desempenho. As pessoas tendem a conduzir-se de acordo com o padrão estabelecido por seus líderes.

Bom Uso do Tempo

Jesus ensinou também a importância de usar-se o tempo com sabedoria. Isso não quer dizer que não devamos jamais ter um tempo de folga, pois precisamos de tempo para meditar e descansar; mas não deve haver desperdício de

tempo. A maneira como administramos nosso tempo é extremamente importante, e podemos fazê-lo muito bem, sem sermos ansiosos ou importunos. O tempo não pode ser reciclado. Quando um momento se foi, é para sempre. A tirania das trivialidades é que ela desvia a atenção das pessoas e momentos que realmente importam. As trivialidades rouba-nos momentos importantes, e deixamos muito freqüentemente que essas coisas dominem nossa vida. A administração sábia do tempo é na verdade a administração sábia de nossa própria vida.

Liderança secular

As pessoas a quem mais amamos, admiramos e respeitamos como líderes da família humana são justamente aquelas que possuem, em muitos aspectos, as qualidades demonstradas por Jesus nesta vida e em Sua liderança.

Inversamente, os líderes que tiveram a mais trágica influência sobre a humanidade são precisamente aqueles que não tinham quase nenhum dos atributos do Homem da Galiléia. Jesus era abnegado, eles eram egoístas. Jesus preocupava-Se com a liberdade, eles preocupavam-se com o domínio. Jesus preocupava-Se com o serviço ao próximo, eles preocupavam-se com sua posição. Jesus atendia às reais necessidades das pessoas, eles preocupavam-se apenas com suas próprias necessidades e desejos. Jesus preocupava-Se com o desenvolvimento de Seus discípulos, eles procuravam manipular os mortais. Jesus era cheio de compaixão equilibrada com justiça, eles freqüentemente se mostravam rudes e injustos.

Provavelmente nenhum de nós seja um perfeito exemplo de líder, mas todos podemos envidar um esforço consciente na direção desse grande ideal.

Nosso potencial

Um dos grandes ensinamentos do Homem da Galiléia, o Senhor Jesus Cristo, é o de que todos nós temos imenso potencial. Instando-nos a sermos perfeitos como nosso Pai Celeste é perfeito, Jesus não estava zombando ou caçoando, mas ensinando-nos uma poderosa verdade a respeito de nossas possibilidades e potencial. É uma verdade quase que assombrosa demais para nosso entendimento. Jesus, que não podia mentir, procurava com isso fazer-nos avançar no caminho da perfeição.

Ainda não somos perfeitos como Jesus mas, a menos que aqueles que nos rodeiam possam

observar nosso esforço e progresso, não poderão ver-nos como um exemplo a seguir e considerarmos-nos pouco responsáveis com respeito ao que precisa ser feito.

Todos têm muito mais oportunidades de fazer o bem e de ser bons do que jamais conseguem aproveitar. Essas oportunidades estão por toda parte. Seja qual for o tamanho de nossa esfera de influência, bastaria melhorarmos apenas um pouco nosso desempenho para que fosse ampliado. Existem muitas pessoas esperando ser influenciadas e amadas; basta que tenhamos vontade de melhorar nosso desempenho.

É preciso lembrar que os mortais que encontramos nos estacionamentos, escritórios, elevadores e outras partes, são uma porção da humanidade que Deus nos mandou amar e servir. Pouco nos aproveitará falar da fraternidade humana, se não conseguirmos considerar os que nos cercam por toda parte como nossos irmãos e irmãs. Se nossa porção de humanidade nos parecer pequena ou nada fascinante, devemos lembrar-nos da parábola em que Jesus nos ensina que grandeza nem sempre é um fator de tamanho ou padrão, mas da qualidade de vida de alguém. Se aproveitarmos bem nossos talentos e oportunidades que nos cercam, Deus não deixará de notar. E aqueles que aproveitam bem as oportunidades que lhes foram dadas receberão ainda mais!

As escrituras contêm maravilhosos estudos de caso de líderes que, embora não sendo perfeitos como Jesus, realizaram grandes coisas. Lê-los, com frequência, faria muito bem a todos nós. Esquecemo-nos de que as escrituras nos apresentavam com séculos de experiência em liderança e, mais importante ainda, com os princípios fixos segundo os quais deve operar a verdadeira liderança para o sucesso. As escrituras são o manual de instruções para o aspirante a líder.

O líder perfeito

Não hesito em citar algumas das realizações de Jesus Cristo para aqueles que procuram ser líderes bem-sucedidos.

Se quisermos ter muito sucesso, eis nosso padrão. Todas as qualidades nobres, perfeitas e belas da maturidade, força e coragem são encontradas naquele homem. Quando uma grande multidão, armada até os dentes, veio para aprisioná-lo, ele os encarou resolutamente e disse: “A quem buscais?”

A multidão, estarecida, mumurou Seu nome: “A Jesus Nazareno”.

“Sou eu”, respondeu Jesus de Nazaré, com orgulho e coragem, e com poder: Os soldados “recuaram, e caíram por terra.”

Pela segunda vez, Ele disse: “A quem buscais?” E quando disseram Seu nome, Ele disse: “Já vos disse que sou eu; se, pois, me buscais a mim, deixai ir estes [os Seus discípulos]”. (João 18:4-8)

Talvez o mais importante que se possa dizer a respeito de Jesus Cristo, mais importante que tudo o que já foi dito, é que Ele vive. Ele realmente incorpora todas as virtudes e atributos de que falam as escrituras. Conseguindo compreender isso, conheceremos a realidade central do homem e do universo. Se não aceitarmos essa verdade e realidade, então não teremos os princípios firmes ou verdades transcendentais para viver a vida com felicidade e serviço. Em outras palavras, acharemos muito difícil ser um líder importante sem reconhecer a realidade do líder perfeito, Jesus Cristo, e deixá-Lo ser a luz que ilumina nosso caminho!

AUXÍLIOS DIDÁTICOS

- O que disse o Presidente Kimball sobre os líderes que mudam sua postura para adequar-se à situação?
- Por que é importante que os líderes sirvam às pessoas a quem eles lideram?
- O que os líderes devem ouvir, além das vozes das pessoas a quem eles lideram?
- O que os líderes que amam as pessoas a quem eles lideram podem realizar que os outros líderes não conseguem?
- De que maneiras a liderança manipulativa serve apenas aos propósitos do líder? Por que é errado que os líderes da Igreja e da família ajam dessa forma?
- Como as pessoas se beneficiam quando seus líderes delegam tarefas a elas?
- O que Jesus Cristo ensinou aos líderes com respeito ao modo de ver as pessoas a quem eles lideram?
- Para quem os líderes deverão prestar contas?
- O que o Presidente Kimball quis dizer com a “tirania das trivialidades”?
- Escolha um líder do mundo que você admire e identifique ocasiões em que essa pessoa demonstrou algumas das qualidades de liderança de Jesus Cristo.
- De acordo com o Presidente Kimball, como podemos tornar-nos líderes melhores?

A IGREJA DE
JESUS CRISTO
DOS SANTOS
DOS ÚLTIMOS DIAS



36180 059